

**BESTSELLER
INTERNACIONAL**

RECOMENDADO PELO
**THE NEW YORK
TIMES**

UMA FAMÍLIA

MATTIAS
EDVARDSSON

QUASE
NORMAL

**ATÉ ONDE SERIA CAPAZ DE IR SE A SUA FILHA
FOSSE ACUSADA DE ASSASSINATO?**

SUMA



M. T. EDVARDSSON

**UMA FAMÍLIA
QUASE NORMAL**

Tradução de
CARMO FIGUEIRA





Prólogo

O tribunal distrital fica no centro de Lund, na diagonal oposta à esquadra da polícia, a um saltinho da Estação Central. As pessoas que moram em Lund passam muitas vezes pelo tribunal, mas, na sua maioria, vão ocupadas com as suas vidas e nunca lá entram. Até há muito pouco tempo, isto aplicava-se também a mim.

Agora estou sentado num banco junto à sala 2, e o monitor à minha frente informa-me que está a decorrer o julgamento de um caso de homicídio.

A minha mulher está lá dentro, atrás daquela porta. Antes de entrarmos no edifício do tribunal e passarmos pela segurança, parámos nas escadas exteriores e abraçámo-nos. Ela apertou-me as mãos com tanta força que até tremeram, e disse-me que agora o caso já não estava nas nossas mãos, que seria outra pessoa a decidir. Ambos sabíamos que isso não era inteiramente verdade.

Do altifalante soa um estampido, e sou acometido por uma sensação pungente de náusea. Ouço o meu nome. Chegou a minha vez. Vacilo ao levantar-me do banco e um segurança abre-me a porta. Acena-me com a cabeça, mas a sua expressão não revela nenhum pensamento nem emoção. Aqui não há lugar para essas coisas.

A sala 2 é maior do que eu esperava. A minha mulher está encolhida entre as pessoas que estão a assistir. Parece cansada, exausta. Tem vestígios de lágrimas nas faces.

Passado um momento, vejo a minha filha.

Está pálida e mais magra do que me lembrava; tem o cabelo fino e emaranhado e olha para mim com olhos tristes. Tenho de fazer um esforço enorme para não correr para ela, abraçá-la e segredar-lhe ao ouvido que o papá está aqui e não vou abandoná-la até que tudo isto acabe.

O juiz que está a presidir à sessão cumprimenta-me, e a minha primeira impressão dele é favorável. Parece estar alerta, mas há nele qualquer coisa de sensível. Parecia ter ao mesmo tempo empatia e autoridade. Não me parece que os jurados se oponham à sua decisão, quando a tomar. Mas, mais importante do que isso, é o facto de eu saber que também é pai.

Como sou um parente próximo da ré, não sou autorizado a fazer o juramento. Sei que o tribunal tem de ouvir o meu depoimento, sabendo que, neste caso, a ré é minha filha. Mas também sei que a pessoa que sou e, além disso, a minha profissão, significam que o tribunal vai considerar credível aquilo que eu disser.

O juiz presidente dá a palavra ao advogado de defesa. Respiro fundo. O que estou prestes a dizer afectará muitas vidas por muitos anos. O que estou prestes a dizer poderá decidir tudo.

Ainda não decidi o que vou dizer.

PRIMEIRA PARTE

O PAI

*Dizer a verdade dá uma grande
satisfação íntima; o trabalho honesto
recompensará sempre quem o faz.*

PROVÉRBIOS 12:14,

New American Standard Bible

Éramos uma família perfeitamente normal. Tínhamos empregos interessantes e bem pagos e um grande círculo de amigos. Mantínhamo-nos activos nos nossos tempos livres, graças à nossa paixão pelo desporto e pela cultura. Às sextas-feiras, comprávamos comida feita e jantávamos a ver os Ídolos, passando pelas brasas no sofá antes de a votação acabar. Aos sábados, almoçávamos no centro da cidade ou num centro comercial. Assistíamos a um jogo de andebol ou íamos ao cinema; gostávamos de beber uma garrafa de vinho com bons amigos. Todas as noites, adormecíamos aninhados um no outro. Os domingos eram passados na floresta ou num museu, em longas conversas ao telefone com os nossos pais ou enroscados no sofá com um romance. Acabávamos muitas vezes as noites de domingo sentados na cama, rodeados de papéis, pastas e computadores, a preparar a semana de trabalho. Às segundas à noite, a minha mulher ia fazer ioga, e às quintas, eu jogava basquetebol. Tínhamos uma hipoteca que amortizávamos pontualmente; reciclávamos o lixo, nunca nos esquecíamos de fazer pisca, não excedíamos o limite de velocidade e devolvíamos sempre os livros à biblioteca dentro do prazo.

Este ano tirámos férias tarde: do princípio de Julho a meados de Agosto. Depois de alguns Verões encantadores em Itália, tínhamos passado os últimos anos a viajar no Inverno para podermos passar o Verão a descansar em casa e a dar pequenos passeios ao longo

da costa para visitar amigos e familiares. Desta vez, também alugámos uma casinha na ilha de Orust.

Stella passou o Verão quase todo a trabalhar na H&M. Andava a juntar dinheiro para fazer uma longa viagem à Ásia, no Inverno. Ainda tenho esperança de que consiga fazê-la.

Poder-se-ia dizer que eu e Ulrika nos redescobrimos mutuamente neste Verão. Parece um cliché, chega a ser piroso; ninguém acredita que seja possível apaixonarmo-nos novamente pela nossa mulher ao fim de vinte anos de casamento. Como se os anos que passámos a criar uma filha fossem apenas um aparte da nossa história de amor. Como se isto fosse aquilo por que sempre esperámos. Seja como for, é o que sinto.

Os filhos são um emprego a tempo inteiro. Quando são bebés, esperamos que se tornem independentes e passamos o tempo com medo que fiquem asfixiados com qualquer coisa ou que caiam de cara no chão. Depois, vem a creche e ficamos preocupados por não estarmos a vê-los, por poderem cair de um baloiço ou por o médico lhes descobrir uma doença qualquer. Depois, começam a escola, e receamos que não se adaptem, que não façam amigos, e passamos o tempo à volta dos trabalhos de casa, das lições de equitação, dos jogos de andebol e das festas de pijama. Entram para o liceu, e aparecem ainda mais amigos, mais festas e conflitos, mais conversas com directores de turma, mais viagens para ir buscá-los ou levá-los. Preocupamo-nos com as drogas, com a bebida, com as más companhias, e a adolescência passa como uma telenovela a cento e noventa quilómetros à hora. Até que, de repente, temos à nossa frente um filho adulto e pensamos que finalmente as preocupações vão acabar.

Pelo menos, neste Verão, conseguimos passar longos períodos sem nos preocuparmos com Stella. A vida familiar nunca nos parecera tão harmoniosa. Depois, tudo mudou.

Stella fez dezoito anos em Agosto, numa sexta-feira — eu tinha reservado uma mesa no nosso restaurante favorito. Sempre adorámos a Itália e a cozinha italiana, e há um restaurante pequeno no bairro de Väster que tem pratos divinos de pasta e piza. Esperava ter uma noite tranquila e acolhedora com a minha família.

— *Una tavola per tre* — disse à empregada com olhos de veado e um *piercing* no nariz. — Adam Sandell. Tenho uma reserva para as oito horas.

Ela olhou ansiosamente à sua volta.

— Um segundo — respondeu, afastando-se pelo restaurante movimentado.

Ulrika e Stella voltaram-se para mim, enquanto a empregada barafustava com os colegas, gesticulando e fazendo caretas.

Afinal, a pessoa que tinha anotado a minha reserva, fizera-o por engano para quinta-feira.

— Pensávamos que vinham ontem — disse a empregada, coçando a nuca com a caneta. — Mas vamos arranjar uma solução. Dêem-nos cinco minutos.

Foi preciso outro grupo levantar-se, para os empregados trazerem uma mesa extra para a sala de jantar. Eu, Ulrika e Stella estávamos especados no meio do restaurante apinhado, a tentar fingir que não reparávamos nos olhares aborrecidos que nos eram lançados de todas as direcções. Estive quase para levantar a voz e dizer que a culpa não era nossa, o restaurante é que se tinha enganado.

Quando finalmente a nossa mesa ficou pronta, apressei-me a esconder a cara atrás da ementa.

— As minhas desculpas, as minhas desculpas — disse-nos um homem de barba grisalha, provavelmente o dono do restaurante. — Vamos compensá-los, evidentemente. A sobremesa é por conta da casa.

— Não tem problema — tranquilizei-o. — Toda a gente se engana.

A empregada tomou nota das bebidas que pedimos.

— Um copo de vinho tinto? — perguntou Stella.

Olhou para mim a pedir autorização. Voltei-me para Ulrika.

— É um dia especial — respondeu a minha mulher.

Acenei com a cabeça para a empregada, a dar o meu consentimento.

— Um copo de vinho tinto para a menina que faz anos.

Depois de comermos, Ulrika deu a Stella um cartão com um desenho de Josef Frank.

— Um mapa?

Fiz um sorriso maroto.

Saímos do restaurante a seguir Stella e, ao virar a esquina, lá estava o presente dela, que eu tinha estacionado ali à tarde.

— Mas, papá, eu disse-te... isto é caro demais!

Boquiaberta, levou as mãos à cara.

Era uma *Vespa Piaggio* cor-de-rosa. Tínhamos estado a ver uma parecida na Internet umas semanas antes, e era cara, mas tinha acabado por conseguir convencer Ulrika de que devíamos comprá-la.

Stella abanou a cabeça e suspirou.

— Porque é que nunca ouves o que te digo, papá?

Levantei uma mão e sorri.

— Basta dizeres «obrigada».

Sabia que o que Stella mais queria era dinheiro, mas não tinha graça nenhuma dar dinheiro. Com a *Vespa*, poderia deslocar-se fácil e rapidamente até ao centro da cidade para ir trabalhar ou sair com amigos. Em Itália, todos os adolescentes têm uma *Vespa*.

Stella abraçou-nos e agradeceu-nos várias vezes, depois, voltámos todos para o restaurante, mas, não sei bem porquê, sentia-me desapontado.

A empregada trouxe-nos *tiramisu* como compensação, e todos concordámos que não conseguíamos comer mais nada. Mas,

depois, acabámos por comê-lo todo.

Pedi *limoncello* com o meu café.

— Tenho de ir andando — disse Stella, agitando-se na cadeira.

— Já?

Vi as horas. Eram nove e meia.

Stella cerrou os lábios e continuou a inclinar-se para a frente e para trás na cadeira.

— Só mais um bocadinho — concedeu. — Dez minutos.

— É o dia do teu aniversário — disse-lhe. — E a loja só abre amanhã às dez, não é?

Stella soltou um suspiro.

— Amanhã não vou trabalhar.

Não ia trabalhar? Ela trabalhava sempre ao sábado. Aliás, tinha sido assim que tinha conseguido entrar para a H&M. Um gancho de fim-de-semana tinha dado lugar a um emprego de Verão e a mais horas de trabalho.

— Estive a tarde toda com dores de cabeça — disse, num tom evasivo. — Uma enxaqueca.

— Então, ligaste a dizer que estavas doente?

Stella acenou com a cabeça. Não havia problema nenhum, garantiu-me. Havia outra rapariga que não se importava de fazer os turnos das outras.

— Não foi isso que te ensinámos — disse-lhe, quando Stella se levantou e tirou o casaco das costas da cadeira.

— Adam — disse Ulrika.

— Mas porquê essa pressa toda?

Stella encolheu os ombros.

— Tenho coisas combinadas com a Amina.

Acenei com a cabeça e disfarcei o meu descontentamento. Eram os dezoito anos, pensei.

Stella deu um longo e sincero abraço a Ulrika. Mas eu apenas consegui soerguer-me antes de ela pôr os braços à minha volta, e o

nosso abraço foi desajeitado e tenso.

— E a *Vespa*? — perguntei.

Stella olhou para Ulrika.

— Nós levamo-la para casa — prometeu a minha mulher.

Quando Stella saiu, Ulrika limpou os lábios devagar com o guardanapo e sorriu para mim.

— Dezoito anos — disse. — Como o tempo passa depressa.

Eu e Ulrika estávamos completamente exaustos, quando chegámos a casa naquela noite. Sentámo-nos nos nossos respectivos cantos do sofá a ler, ao som da voz de Leonard Cohen.

— Continuo a achar que ela devia ter-se mostrado mais agradecida — comentei. — Sobretudo depois do incidente com o carro.

O incidente com o carro — já tinha nome.

Ulrika fez um som de desinteresse e nem sequer levantou os olhos do livro. Lá fora, o vento tinha aumentado ao ponto de fazer as paredes rangerem. O Verão estava a suspirar pesadamente, a ganhar fôlego; Agosto estava quase a chegar ao fim, mas isso não me importava. O Outono sempre me atraiu, aquela sensação de começar de novo, como a primeira fase de um novo amor.

Quando, um pouco mais tarde, pousei o meu romance, Ulrika já estava a dormir. Levantei-lhe a cabeça com todo o cuidado e pus-lhe uma almofada por baixo. Ela mexeu-se e, por um momento, pensei em acordá-la, mas, em vez disso, retomei a minha leitura. Pouco depois, as letras foram ficando desfocadas e os meus pensamentos começaram a perder-se. Adormeci com um grande peso no peito por causa do fosso que se tinha criado entre mim e Stella, entre as pessoas que outrora fôramos e as pessoas em que nos tínhamos tornado, entre as imagens que eu tinha de nós os dois e a realidade tal como era agora.

Quando acordei, Stella estava levantada no meio da sala. Andava para trás e para diante sob o suave luar que lhe iluminava a cabeça e os ombros.

Ulrika também tinha acordado e esfregava os olhos. Passado pouco tempo, a sala encheu-se com o som de um choro, soluços e respiração ofegante.

Sentei-me direito.

— O que é que aconteceu?

Stella abanou a cabeça, enquanto as lágrimas lhe corriam sem parar pela cara abaixo. Ulrika abraçou-a e, quando os meus olhos se adaptaram à escuridão, apercebi-me de que Stella tremia.

— Não foi nada — respondeu.

Depois, saiu da sala com a mãe, e eu fiquei sozinho com uma sensação de vazio inquietante.

2

Éramos uma família perfeitamente normal, depois, tudo mudou.

Construir uma vida demora muito tempo, mas basta um instante para tudo desabar. São precisos muitos anos — décadas, talvez uma vida inteira — para nos tornarmos as pessoas que verdadeiramente somos. O caminho é quase sempre sinuoso, e acho que há uma razão para isso, para que a vida seja construída por meio de tentativas e erros. Somos moldados e criados pelas nossas provações.

Contudo, tenho dificuldade em entender a razão de ser do que aconteceu à nossa família neste Outono. Sei que é impossível compreender tudo e também que há coisas que são superiores a nós, mas não consigo descobrir um significado mais profundo para tudo o que aconteceu nas últimas semanas. Não consigo explicar, nem a mim mesmo, nem às outras pessoas.

Talvez aconteça o mesmo com toda a gente, mas acho que, pelo facto de ser pastor da Igreja da Suécia, tenho maior obrigação de assumir a responsabilidade pela minha visão do mundo do que a generalidade das pessoas. Habitualmente, as pessoas não têm qualquer problema em questionar a minha filosofia de vida. Querem saber se acredito mesmo em Adão e Eva, que Jesus nasceu de uma virgem, que caminhou sobre a água e ressuscitou os mortos.

No princípio da minha vida cristã, era frequente assumir uma atitude defensiva e discutir as opiniões de quem me questionava.

Por vezes, argumentava que a ciência é apenas mais uma religião entre muitas. E claro que tinha dúvidas; de vez em quando, sentia-me vacilar nas minhas convicções. Mas, hoje em dia, estou seguro da minha fé. Aceitei a bênção de Deus e deixo que Ele me ilumine. Deus é amor. Deus é desejo e esperança. Deus é o meu refúgio e o meu amparo.

Gosto de dizer que não sei, mas acredito. Quando uma pessoa começa a acreditar que *sabe*, tem de ter cuidado. Acho que a vida é uma aprendizagem constante.

Como acontece praticamente com toda a gente, considero-me uma boa pessoa. Pode parecer que sou arrogante ou que me armo em importante ou superior. Mas não é nada disso que quero dizer. Sou uma pessoa com muitos defeitos, uma pessoa que já cometeu imensos erros. Estou perfeitamente consciente disso e sou o primeiro a admiti-lo. O que eu quero dizer é que ajo sempre com boa intenção, com amor e carinho. Sempre quis fazer o que estava certo.

A semana que se seguiu ao décimo oitavo aniversário de Stella não foi muito diferente de qualquer outra. No sábado, eu e Ulrika fomos de bicicleta a casa de uns amigos do outro lado da cidade. É uma das vantagens de Lund: é tão pequena que bastam vinte minutos para ir de bicicleta de uma ponta à outra da cidade.

Aproveitei a oportunidade para fazer uma pergunta ponderada sobre o que tinha acontecido na noite anterior, mas Ulrika garantiu-me que Stella não se tinha metido em sarilhos, que era um problema com um rapaz qualquer, uma daquelas coisas que costumam acontecer aos dezoito anos. Não precisava de me preocupar.

No domingo, falei ao telefone com os meus pais. Quando se falou de Stella, disse que ultimamente quase nunca estava em casa, o que levou a minha mãe a recordar-me como eu tinha sido na adolescência. É tão fácil perder a perspectiva das coisas.

Na segunda-feira, tive um funeral de manhã e um batizado à tarde. Tenho uma profissão muito estranha, em que a vida e a morte se cruzam a todo o momento. À noite, Ulrika foi ao ioga e Stella fechou-se no quarto.

Na quarta-feira, celebrei um casamento encantador de um casal já idoso da nossa congregação, que se tinha conhecido durante o luto dos seus antigos companheiros. Foi um momento que me comoveu verdadeiramente.

Na quinta-feira, torci um tornozelo a jogar basquetebol. Um grande amigo meu do andebol, Anders, que agora era bombeiro e pai de quatro filhos, pisou-me sem querer. Apesar da lesão, consegui continuar em campo até ao fim do jogo.

Na sexta-feira de manhã, quando ia de bicicleta para o emprego, sentia-me cansado. Depois de almoço, fiz o funeral de um homem com apenas quarenta e dois anos de idade. Cancro, claro. Não consigo habituar-me à ideia de que pessoas mais novas do que eu podem morrer. A filha dele tinha escrito um poema de despedida, mas não conseguiu dizê-lo até ao fim, com a voz embargada pelas lágrimas. Não consegui deixar de pensar em Stella.

Na sexta-feira à noite, senti-me invulgarmente cansado após uma longa semana. Fiquei à janela a ver o fim de Agosto desaparecer no horizonte. A solenidade do Outono estava à porta. O fumo dos últimos grelhados ao ar livre ia desaparecendo em colunas ondulantes sobre os telhados, e as almofadas eram retiradas das cadeiras dos jardins.

Pude finalmente tirar o meu colarinho clerical e limpei o suor do pescoço. Quando me encostei ao parapeito da janela, atirei sem querer a nossa foto de família ao chão.

O vidro ficou rachado, mas voltei a pô-la no mesmo sítio. Na fotografia, que tem pelo menos dez anos, tenho um ar saudável e um olhar algo brincalhão. Lembrei-me de que nos tínhamos rido imediatamente antes de o fotógrafo tirar a fotografia. Ulrika está a

sorrir com a boca aberta, e, à nossa frente, está Stella, com as bochechas coradas, duas tranças e uma *T-shirt* com o *Rato Mickey*. Fiquei muito tempo junto da janela a olhar para a fotografia e com um nó a formar-se na garganta pela torrente de recordações que ela evocava.

Depois de tomar duche, fiz um guisado com lombinhos de porco e chouriço. Ulrika tinha comprado uns brincos novos, umas pequenas penas de prata, e acompanhámos a refeição com um vinho da África do Sul. Depois rematámos o serão com palitos de *pretzel* e um jogo de *Trivial Pursuit* no sofá.

— Sabes onde está a Stella? — perguntei, enquanto me despia no quarto. Ulrika já se tinha metido na cama e puxado a roupa até ao queixo.

— Ia ter com Amina. Não tinha a certeza se vinha dormir a casa.

Disse esta última frase como se fosse um pormenor sem importância, embora Ulrika saiba exactamente o que eu penso sobre a nossa filha *poder* não vir dormir a casa.

Vi as horas; eram onze e um quarto.

— Ela chega quando tiver de chegar — acrescentou Ulrika.

Lancei-lhe um olhar furioso. Às vezes, acho que ela diz certas coisas só para me provocar.

— Vou mandar-lhe uma mensagem — disse-lhe.

Escrevi, então, a Stella a perguntar se tencionava vir dormir a casa. Como seria de esperar, não obtive resposta.

Com um suspiro profundo, enfiei-me na cama. Ulrika virou-se de imediato para o meu lado e deslizou a mão para a minha anca. Beijou-me no pescoço, enquanto eu olhava fixamente para o tecto.

Sei que não devia preocupar-me. Nunca fui do tipo neurótico quando era novo. Só comecei a sentir ansiedade quando tive uma filha, e parece que aumenta a cada ano que passa.

Quando se tem uma filha de dezoito anos, há duas opções: ou uma pessoa anda constantemente preocupada ou se recusa a

pensar em todos os riscos que aparentemente ela gosta de correr. É tão-só uma questão de autodefesa.

Pouco depois, Ulrika já dormia sobre o meu braço. A sua respiração quente deslizava pela minha face como uma sucessão de pequenas ondas. De vez em quando, parecia assustar-se, fazendo um movimento rápido, eléctrico, mas rapidamente era de novo envolvida pelo sono.

Fiz um esforço para adormecer, mas tinha a cabeça ocupada com pensamentos. A minha exaustão tinha dado lugar a um estado de actividade cerebral frenética. Pensei em todos os sonhos que tivera ao longo dos anos, muitos dos quais tinham mudado e outros que ainda tinha esperança de realizar. Depois, pensei nos sonhos de Stella e vi-me obrigado a aceitar uma verdade dolorosa — não sabia o que a minha filha queria para a sua vida. Alega teimosamente que nem *ela própria* sabe. Sem planos, sem estrutura. Tão diferente de mim. Quando acabei o liceu, tinha uma ideia muito clara de como seria a minha vida.

Sei que não posso influenciar Stella. Ela tem dezoito anos e toma as suas próprias decisões. Ulrika disse certa vez que amar é deixar ir, deixar a pessoa que amamos voar para longe, mas a sensação que muitas vezes tenho é que Stella se limita a bater as asas, sem nunca levantar voo. Eu tinha imaginado que tudo fosse diferente.

Mesmo estando tão cansado, não conseguia adormecer. Virei-me de lado e verifiquei o telemóvel. Tinha recebido uma resposta de Stella. *Estou a ir para casa agora.*

Faltavam cinco minutos para as duas quando ouvi a chave na fechadura. Ulrika chegara-se para a beira da cama do seu lado, de costas para mim. Ouvi Stella a andar no andar de baixo; água a correr na casa de banho, passos rápidos até à casa da máquina de lavar, mais água a correr. Pareceu-me uma eternidade.

Por fim, ouvi as escadas a ranger sob os seus passos. Ulrika assustou-se. Debrucei-me para olhar para ela, mas aparentemente continuava a dormir.

Sentia-me assaltado por sentimentos contraditórios. Por um lado, estava aborrecido por Stella ter feito com que me preocupasse; por outro lado, estava aliviado por ela estar finalmente em casa.

Levantei-me e abri a porta do quarto no preciso instante em que Stella ia a passar, só com a roupa interior vestida e o cabelo molhado e emaranhado na nuca. As suas costas formaram uma faixa brilhante sob a luz ténue, quando abriu a porta do quarto.

— Stella? — chamei.

Sem responder, entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

— Boa noite — ouvi-a dizer lá de dentro.

— Dorme bem — sussurrei.

A minha menina estava em casa.

3

No sábado de manhã, dormi até mais tarde. Ulrika estava de roupão, sentada à mesa do pequeno-almoço, a ouvir um *podcast*.

— Bom dia.

Tirou os auscultadores e prendeu-os no pescoço.

Embora tivesse dormido até mais tarde do que era habitual, ainda me sentia desorientado e entornei um bocado de café em cima do jornal.

— Onde está a Stella?

— A trabalhar — respondeu Ulrika. — Já tinha saído quando acordei.

Tentei secar o jornal com um pano da loiça.

— Deve estar exausta — comentei. — Passou metade da noite na rua.

Ulrika sorriu para mim.

— Tu também não estás com um ar muito enérgico.

O que queria ela dizer com aquilo? Sabia perfeitamente que eu não conseguia dormir quando Stella não estava em casa.

Tínhamos sido convidados para um almoço tardio em casa dos nossos amigos Dino e Alexandra, em Trollebergsvägen. Um almoço tardio significava bebidas alcoólicas, por isso, fomos de bicicleta para a cidade. Quando chegámos ao Pavilhão Desportivo, vi um carro da polícia; cinquenta metros mais à frente, na rotunda perto da Escola Polhem, vi mais dois. Um deles tinha a luz rotativa ligada.

Três polícias subiam rapidamente da estação de metro Rådmandsgatan.

— O que terá acontecido? — comentei com Ulrika.

Deixámos as bicicletas no pátio e subimos as escadas para o apartamento. Alexandra e Dino estavam à nossa espera no vestíbulo. Prescindimos da conversa de circunstância. Há muito tempo que não nos víamos. Estava tudo bem?

— Amina não está em casa? — perguntou Ulrika.

Alexandra hesitou.

— Tinha um jogo, mas não estava a sentir-se lá muito bem.

— Não imagino o que possa ser — disse Dino. — Não me lembro de ela alguma vez ter faltado a um jogo de andebol.

— Provavelmente é uma simples constipação — aventou Alexandra.

Dino fez uma careta. Talvez tivesse sido eu o único a reparar.

— Desde que ela se ponha boa até a escola começar — disse Ulrika.

— Lá isso é verdade. Ela não falta à escola, nem que esteja com quarenta graus de febre — concordou Alexandra.

Ulrika deu uma gargalhada.

— Vai ser uma médica fantástica. Não conheço ninguém tão trabalhador e aplicado como Amina.

Dino estava inchado que nem um peru.

E tinha motivos para estar orgulhoso.

— E como está Stella? — perguntou.

Claro que era uma pergunta perfeitamente razoável. Mas acho que hesitei um pouco demais até responder.

— Está boa — disse, por fim.

Ulrika fez um sorriso de concordância. Pensando bem, talvez a minha resposta não estivesse longe da verdade. A nossa filha tinha andado muito bem disposta durante o Verão.

Sentámo-nos na varanda fechada a deliciar-nos com as *pitas* e mini *pierogis* de Dino.

— Já sabem do crime? — perguntou Alexandra.

— Do crime?

— Sim, aqui perto, junto à Escola Polhem. Encontraram um corpo esta manhã.

— A polícia — disse Ulrika. — Então, é por isso...

Foi interrompida pelo chiar da porta da marquise. Atrás de nós, Amina espreitou pela pequena abertura, de olhos vidrados, exaustos e sem cor, parecia um espectro.

— Oh, querida, estás com um aspecto horrível — disse Ulrika, com uma total falta de tacto.

— Eu sei — gemeu Amina; parecia estar a agarrar-se à porta da marquise para não cair.

— Volta para a cama.

— Deve ser uma questão de tempo até Stella ficar no mesmo estado — disse-lhe. — Porque vocês foram sair juntas ontem à noite, não foram?

A expressão de Amina gelou. Foi apenas meio segundo, talvez décimas de segundo, mas a expressão de Amina gelou, e eu percebi imediatamente o que isso significava.

— Fomos — tossicou Amina. — Espero que ela esteja bem.

— Vá, agora volta para a cama — disse Ulrika.

Amina fechou a porta e arrastou-se até à sala.

Mentir é uma arte que poucas pessoas dominam.

4

Se não fossem as nossas filhas, talvez eu e Ulrika nunca nos tivéssemos tornado amigos de Alexandra e Dino.

Amina e Stella tinham seis anos quando entraram para a mesma equipa de andebol. A maioria das colegas de equipa era um ano mais velha do que elas, mas não se notava. Desde cedo, tanto Amina como Stella revelaram um espírito ganhador. Eram fortes, obstinadas e imparáveis. Amina, ao contrário de Stella, tinha um dom pouco habitual para executar estratégias e jogadas planeadas.

Nos primeiros treinos, eu e Ulrika ficámos sentados nas bancadas no calor intenso do ginásio a ver a nossa filha dar tudo de si. Era raro vê-la tão livre e feliz como no campo de andebol. Dino era o treinador da equipa das raparigas; era extremamente dedicado, apaixonado e generoso e tratava as pequenas jogadoras de andebol com todo o amor. Mas havia um problema: a sua linguagem corporal. Os seus gestos e expressões explodiam de alegria, quando alguma das miúdas fazia uma boa jogada, mas expressava a sua zanga com a mesma liberdade, se alguma coisa corresse mal. Naturalmente, isso preocupava-me tanto a mim como a Ulrika, e falávamos do assunto a seguir a todos os treinos. Sugerí que falássemos com os outros pais ou talvez com a direcção do clube. Gostávamos muito de Dino como treinador. Talvez o problema fosse apenas ele não se aperceber de como a sua linguagem corporal podia ser interpretada.

— É melhor falar pessoalmente com ele — sugeriu Ulrika, e, no fim do treino seguinte, foi ter com Dino que, segundo se dizia, tinha sido noutros tempos um excelente jogador de andebol.

Fiquei para trás, enquanto Dino ouvia Ulrika. Até que, a certa altura, ele disse:

— Pareces ter jeito para isto? Queres colaborar comigo?

Ulrika ficou tão surpreendida que não conseguiu responder. Por fim, quando conseguiu falar, apontou para mim e disse que eu é que percebia de andebol e que daria um ótimo treinador adjunto.

— Está bem — respondeu Dino, olhando para mim. — Estás contratado.

Como se costuma dizer, o resto já se sabe. Fomos levando a equipa de vitória em vitória, percorremos metade da Europa e trouxemos para casa tantos troféus e medalhas que não cabiam na estante de Stella.

Amina e Stella rapidamente ficaram em sintonia em campo. Amina passava a bola a Stella com subtiliza e inteligência e Stella libertava-se da linha sem nunca desistir até a bola estar dentro da baliza. Mas esse instinto de vencedora tinha as suas desvantagens. Stella tinha apenas oito anos quando as coisas correram mal, pela primeira vez. Durante um jogo em Fäladshallen, Amina passou-lhe a bola com toda a facilidade e ela ficou sozinha à frente da guarda-redes, mas falhou o lance. Rápida como uma flecha, apanhou a bola quando esta fez ricochete e atirou-a com toda a força à cara da guarda-redes de uma distância de três metros.

Como seria de esperar, foi o caos. O treinador e os pais da outra equipa invadiram o campo e atiraram-se a Stella e a mim.

Não o tinha feito por mal. Stella nunca dirigia a sua raiva contra ninguém a não ser contra si própria. Nervosa por ter falhado o golo, tinha simplesmente reagido de forma impulsiva. Mais do que arrependida, ficou destroçada.

— Desculpem. Foi sem pensar.

Esta frase tornou-se recorrente. Quase um mantra.

Dino costumava dizer que Stella era a sua pior inimiga. Se aprendesse a dominar-se, não haveria quem a parasse.

Mas ela tinha uma enorme dificuldade em controlar as emoções.

Tirando isso, era fácil gostar de Stella. Era ponderada e tinha um forte sentido de justiça; era enérgica e alegre.

Pouco depois, Amina e Stella já viviam numa simbiose total, mesmo fora do campo de andebol. Estavam na mesma turma, compravam roupa igual, ouviam a mesma música. E Amina era uma boa influência para Stella. Era encantadora e expedita, meiga e ambiciosa. Quando Stella começava a descarrilar, Amina estava sempre pronta a trazê-la para a realidade.

Quem me dera que eu e Ulrika tivéssemos levado os problemas de Stella mais a sério. Que tivéssemos reagido mais cedo. Tenho vergonha de o admitir, mas, segundo parece, o nosso maior obstáculo foi o nosso orgulho. Tanto eu como Ulrika considerávamos que era um falhanço total recorrer às instituições da sociedade. Pode parecer egoísta, mas, ao mesmo tempo, é algo de muito humano e não pode ter sido apenas por desconhecimento. Tínhamos exigido muito de nós próprios para sermos os melhores pais que podíamos ser, mas não conseguimos estar à altura das exigências que estabelecemos.

Talvez as coisas pudessem nunca ter chegado tão longe como chegaram.

5

Quando regressámos de bicicleta, depois de sairmos de casa de Alexandra e Dino, os carros da polícia ainda estavam na escola. Era assustador que uma coisa daquelas pudesse acontecer ali tão perto. Aparentemente, o corpo tinha sido encontrado num parque infantil por uma mãe madrugadora, que tinha levado os filhos a brincar ali. Arrepiei-me só de pensar nisso.

Ulrika saltou da bicicleta na rampa de acesso à garagem e dirigiu-se apressadamente para a porta.

— Não vais pôr-lhe o cadeado? — perguntei.

— Tenho de ir fazer chichi — balbuciou Ulrika, enquanto procurava as chaves na mala.

Levei a sua bicicleta pelo caminho empedrado e arrumei-a ao lado da minha, debaixo do telheiro de metal. Apercebi-me de que me tinha esquecido de tapar o grelhador e encontrei a tampa no telheiro.

Quando entrei em casa, Ulrika estava parada nas escadas.

— A Stella ainda não está em casa. Liguei-lhe, mas não atende.

— De certeza que ficou a trabalhar até mais tarde — retorqui. — Sabes que elas não podem andar com os telemóveis.

— Mas é sábado. A loja já fechou há horas.

Não me tinha lembrado disso.

— Deve ter ido a um sítio qualquer com uma amiga. Hoje à noite, vamos ter outra conversa com ela. Tem de se lembrar de nos avisar.

Pus o braço à volta de Ulrika.

— Fiquei com uma sensação terrível — disse Ulrika. — Quando vi todos aqueles carros da polícia. Um crime? Aqui?

— Eu sei. Também fiquei perturbado.

Sentámo-nos no sofá, e vi as notícias mais recentes no telemóvel, lendo-as em voz alta para Ulrika.

A vítima era um homem de trinta e tal anos, ali das redondezas. A polícia estava a ser muito reservada em relação ao sucedido, mas um dos jornais vespertinos dizia que uma mulher que vivia ali perto tinha ouvido pancadaria e gritos junto à sua janela durante a noite.

— Este tipo de coisas não acontece por acaso — comentei, como se fosse eu o especialista, e não Ulrika. — Tenho a certeza de que foram bêbedos ou drogados. Ou um crime cometido por um gangue.

Ulrika respirava calmamente, encostada ao meu ombro.

Mas eu não dizia aquilo para aliviar a sua ansiedade. Estava convencido de que era mesmo verdade.

— Estava a pensar fazer carbonara.

Levantei-me e dei-lhe um beijo na cara.

— Já? Acho, que neste momento, não consigo comer nem uma folha de alface.

— É comida para ser apreciada. — Sorri. — A boa comida demora a ser feita, querida.

Enquanto o bacon fritava no azeite da Campânia, cuidadosamente escolhido por mim, Ulrika desceu as escadas a toda a pressa.

— A Stella esqueceu-se do telemóvel.

— O quê?

Começou a andar, muito agitada, entre o balcão da cozinha e a janela.

— Estava em cima da secretária dela.

— Que estranho. — A carbonara estava num ponto crítico que não me permitia desviar os olhos dela. — Esqueceu-se dele?

— Esqueceu. Não ouviste o que eu disse? Estava na secretária dela! — Ulrika estava quase a gritar.

Não era nada habitual Stella deixar o telemóvel em casa, mas também não havia motivo para dramatizar. Mexi rapidamente a carbonara, ao mesmo tempo que baixei o lume.

— Esquece a comida — disse Ulrika, puxando-me pelo braço. — Estou muito preocupada. Acabei de ligar para Amina, mas ela também não atende.

— Está doente — disse-lhe, apercebendo-me de que a carbonara ia ser um desastre.

Bati com a colher de pau na bancada e tirei a frigideira do lume.

— Talvez tenha deixado o telemóvel em casa de propósito — sugeri, tentando combater o que sentia avolumar-se no meu peito. — Sabes perfeitamente que a chefe tem andado atrás dela por causa disso.

Ulrika abanou a cabeça.

— Não, a chefe não tem andado atrás dela. Avisou todo o pessoal que não podiam andar com os telemóveis no trabalho. De certeza que não acreditas que a Stella fosse deixar voluntariamente o telemóvel em casa, pois não?

Não, claro que não parecia nada provável.

— Deve ter-se esquecido dele. Devia estar cheia de pressa, hoje de manhã.

— Vou ligar às amigas dela — disse Ulrika. — Ela não faria isto.

— Não era melhor esperares mais um bocado?

Continuei a argumentar, dizendo que as tecnologias modernas nos tinham habituado muito mal a ter acesso constante à nossa filha e a sabermos sempre onde ela estava. Não havia motivo para ficar tão preocupada.

— Tenho a certeza de que ela vai entrar de rompante por aquela porta a qualquer momento.

Mas, ao mesmo tempo, comecei a sentir-me um pouco enervado. Ser pai significa nunca poder estar descansado.

Quando ouvi os degraus da escada a ranger sob os passos de Ulrika, aproveitei para ir à lavandaria.

Bingo! De certeza que não era apenas uma coincidência? Abri a porta da máquina de lavar e tirei a roupa molhada. Umas calças de ganga escuras que tive de virar do direito para confirmar que eram de Stella. Um *top* preto que também era dela. E a blusa branca com flores no bolso do peito. O seu *top* preferido naquele Verão. Tinha a blusa numa mão e estava à procura de um cabide. Foi então que reparei.

A blusa preferida de Stella. A manga direita e a parte da frente estavam cheias de manchas escuras.

Levantei os olhos para o tecto e rezei uma oração em silêncio, apesar de saber que Deus não tinha nada que ver com aquilo.

6

Ao longo dos anos, tenho-me deparado várias vezes com a ideia falsa de que acreditar no determinismo é uma consequência simples e natural do facto de acreditar em Deus, como se devesse considerar que o meu livre-arbítrio é limitado por Deus. Nada pode estar mais longe da verdade, como é evidente. Acredito que o homem é a imagem viva de Deus. Acredito no homem.

Às vezes, quando encontro pessoas que dizem que não acreditam em Deus, pergunto-lhes qual é o deus em que não acreditam. E acontece muitas vezes descreverem-me um deus em que definitivamente eu também não acredito.

Deus é amor. É maravilhoso encontrar alguém a quem sentimos que pertencemos. Tanto pode ser Deus como outro ser humano. Até podem ser ambos.

Eu e Ulrika éramos novos quando nos conhecemos e, desde então, não houve outra alternativa. Era o nosso primeiro ano em Lund. Graças ao meu sonho profundo mas ingénuo de ser actor, entrei para o grupo de teatro da associação de estudantes de Wermlands, e Ulrika mudou-se para as residências da associação de estudantes nesse mesmo ano, no Inverno. Era o tipo de pessoa que atrai as atenções sem ocupar demasiado espaço, que brilha sem cegar.

Enquanto eu tentava combater o meu sotaque de Blekinge e livrar-me das borbulhas na cara, Ulrika deambulava por todas as

zonas possíveis e imaginárias da universidade, como se cada uma fosse perfeita para ela. Enquanto eu andava pela cidade a colar cartazes que diziam *No EC, No Bridge*, Ulrika tornou-se a representante legal da associação de estudantes e tirou as melhores notas em todos os exames de Direito.

Ainda nesse ano, mais tarde, quando nos cruzámos na mesma festa de final do ano, finalmente arranjei coragem. Para minha grande surpresa, Ulrika parecia gostar da minha companhia. Não demorou muito até passarmos todo o tempo juntos.

— Não posso acreditar que vais ser pastor — disse Ulrika, nessa primeira noite. — Podias ir para Psicologia ou para Ciências Políticas ou...

— Ou para Teologia.

— Mas porquê? — Ulrika olhou para mim como se eu estivesse a pedir que me amputassem um membro saudável. — És de Småland, hum? Está-te no sangue?

— Sou de Blekinge. — Dei uma gargalhada. — E os meus pais não têm praticamente nada que ver com isto. A não ser o facto de me terem posto na catequese, claro, mas acho que só fizeram isso para terem *babysitting* grátis.

— Então, não tiveste uma educação cristã?

Dei mais uma gargalhada.

— Na verdade, até entrar para o liceu, fui um ateu convicto. Fui membro da Juventude Comunista Revolucionária durante uns tempos. Passava a vida a citar Marx e queria libertar o mundo da religião. Mas, com a idade, uma pessoa deixa-se desses dogmas. Com o tempo, comecei a ter cada vez maior curiosidade pelas diferentes maneiras de ver a vida.

Gostava da forma como Ulrika me observava, como se eu fosse um enigma que queria resolver.

— Mas depois aconteceu uma coisa — continuei. — No meu último ano do liceu.

— O quê?

— Tinha saído da biblioteca e ia para casa quando ouvi uma mulher a gritar. Estava no porto, à beira da água, aos saltos e a acenar com os braços. Fui a correr ter com ela.

Ulrika inclinou-se para a frente e abriu mais os olhos.

— A filha dela tinha caído à água gelada. Estavam lá mais duas crianças. Estavam no cais, a gritar. Não tive tempo para pensar. Atirei-me imediatamente à água.

Ulrika susteve a respiração, mas eu abanei a cabeça. Não estava a contar-lhe aquilo para me apresentar como um grande herói.

— E, nesse preciso momento, aconteceu qualquer coisa. No exacto segundo em que mergulhei na água. Na altura, não percebia bem o que era, mas agora já sei. Era Deus. Senti a presença Dele.

Ulrika ia acenando com a cabeça, pensativa.

— Foi como se uma luz brilhante iluminasse a água escura. Vi a menina e agarrei-a. O meu corpo encheu-se de força — nunca me senti tão forte, tão determinado, não havia nada que pudesse impedir-me de salvar aquela criança. Fi-lo praticamente sem esforço. Foi como se uma força sobrenatural içasse a menina para o cais e a ressuscitasse com a minha respiração. A mãe e as irmãs estavam ao meu lado, a gritar, quando a água começou a sair da boca da menina, e recuperou os sentidos. Ao mesmo tempo, Deus saiu do meu corpo, e eu voltei ao meu estado habitual.

Ulrika pestanejou algumas vezes, boquiaberta.

— Então, ela salvou-se?

— Acabou tudo em bem.

— Incrível! — exclamou, dirigindo-me aquele seu sorriso deslumbrante. — E a partir daí, ficaste a saber?

— Não sei nada — retorqui com firmeza. — Mas acredito.

Na noite daquele sábado em que as nossas vidas estavam prestes a mudar, voltei-me para Deus. Estava preocupado com a blusa manchada que estava na máquina de lavar. Tomei a decisão rápida de não dizer nada a Ulrika. Aquelas manchas podiam ser de qualquer coisa, não tinham necessariamente de significar algo importante e não havia motivo nenhum para deixar Ulrika ainda mais ansiosa. Em vez disso, fechei os olhos e pedi a Deus que tomasse conta da minha menina.

Estava encostado à bancada da cozinha, a rodar um copo de uísque cor de âmbar na mão, quando Ulrika desceu a escada a toda a pressa.

— Acabei de falar com a Alexandra — disse, ofegante. — Acordou Amina. Ao que parece, ficou muito chocada quando soube que Stella não voltou para casa.

— O que é que ela disse?

— Parece que não sabe nada.

Bebi o uísque de um trago.

— Será que devemos ligar para as colegas dela da H&M? — perguntei.

Ulrika pôs o telemóvel de Stella em cima da bancada.

— Já tentei. Só tem gravado o número da Benita, e ela diz que não sabe quem esteve a trabalhar hoje.

Suspirei e murmurei qualquer coisa entredentes. A minha ansiedade tinha laivos de irritação. Seria possível que Stella não soubesse aquilo por que estava a fazer-nos passar? Que não soubesse como estávamos preocupados com ela?

Quando o telemóvel começou a vibrar em cima da bancada, precipitámo-nos os dois para ele. Eu fui mais rápido e carreguei na tecla verde.

— Está lá?

Do outro lado, uma voz masculina, grossa, um tanto cautelosa.

— Estou a ligar por causa da *Vespa*.

— Da *Vespa*?

A minha cabeça estava num turbilhão.

— A *Vespa* que está à venda — disse o homem.

— Aqui não há nenhuma *Vespa* à venda. Deve ter-se enganado no número.

O homem pediu desculpa, mas disse que não se tinha enganado. Tinha visto na Internet o anúncio de uma *Vespa* para vender, com aquele número associado. Uma *Piaggio* cor-de-rosa.

Resmunguei qualquer coisa sobre um engano e desliguei.

— Quem era?

Ulrika parecia ansiosa.

— Ela quer vender a *Vespa*.

— O quê?

— A Stella pôs um anúncio.

Sentámo-nos no sofá. Ulrika enviou uma mensagem para um grupo de pessoas a pedir que lhe respondessem, caso tivessem alguma informação sobre Stella. Servi-me de outro uísque e Ulrika pousou o *iPhone* de Stella na mesa à nossa frente. Ficámos ali sentados sem tirar os olhos dele, e, sempre que vibrava, dávamos um salto. O tempo parecia parar enquanto Ulrika deslizava o polegar sobre o ecrã.

Algumas amigas de Stella responderam; umas pareciam ligeiramente preocupadas, mas a maioria apenas dizia que não sabia de nada.

Quando pesquisei o número de Stella no Google, encontrei imediatamente o anúncio. Tinha mesmo posto a *Vespa* à venda. O seu presente de aniversário. O que teria ela em mente?

— E se eu fosse à procura dela na bicicleta?

Ulrika franziu o nariz.

— Não é melhor ficarmos aqui?

— Isto não pode voltar a acontecer. Será que ela não percebe a preocupação que nos causa?

Ulrika estava quase a chorar.

— Será que devemos avisar a polícia? — perguntou.

— A polícia?

Parecia-me um exagero. De certeza que não podia ter acontecido nada de tão grave.

— Tenho alguns contactos — disse Ulrika. — Ao menos, podem manter os olhos bem abertos.

— Isto é ridículo! — Levantei-me. — Que tenhamos sequer de... Estou tão...

— Psiu! — exclamou Ulrika, com um dedo no ar. — Ouviste?

— O quê?

— Um toque.

Fiquei pregado ao chão, a observá-la. Estávamos os dois terrivelmente preocupados. Passado pouco tempo, um toque prolongado ecoou pela casa.

— O telefone fixo? — disse Ulrika, levantando-se.

Nunca ninguém ligava para o telefone fixo.

Não planeámos ter a Stella. Foi uma bebé desejada, bem-vinda; ansiosamente esperada e amada muito antes de respirar pela primeira vez. Mas não foi planeada.

Ulrika tinha acabado de fazer o Mestrado em Direito e ia começar a estagiar quando, uma noite, se sentou à minha frente, pôs as mãos sobre as minhas e me olhou profundamente nos olhos. Foi com um sorriso contido que me deu a notícia fantástica, mas avassaladora.

Faltava-me um ano para acabar o curso e mais um ano como coadjutor. Morávamos num estúdio em Norra Fäladen e sobrevivíamos à custa de empréstimos; a nossa situação estava longe de ser a ideal para trazer uma criança ao mundo. Claro que me apercebi de que Ulrika estava com dúvidas; havia uma hesitação ansiosa por detrás da efervescente alegria inicial, mas demorou uma semana inteira até conseguirmos dizer a palavra «aborto», em voz alta.

Ulrika estava preocupada com os aspectos práticos. O dinheiro, a casa, os nossos cursos e as nossas carreiras. Podíamos perfeitamente esperar alguns anos para começar uma família; não havia necessidade nenhuma de nos apressarmos.

— Com amor, vamos conseguir fazer tudo — disse-lhe, aproximando os lábios da sua barriga.

Ulrika fez alguns cálculos financeiros; entretanto, eu comprei umas botinhas que diziam «O meu pai é o maior.»

— Não és contra o aborto, pois não? — perguntara-me Ulrika durante os nossos primeiros dias de paixão inebriante, cinco anos antes, pouco depois de sairmos da residência de estudantes, em Wermlands.

— Claro que não — respondi.

Tinha a certeza de que a minha fé em Deus a enchia de dúvidas e medos. Era a maior ameaça à nossa relação incipiente e frágil.

— Nunca sonhei casar com um pastor — dizia Ulrika, às vezes. Não para me magoar, nem por sombras. Era apenas um comentário irónico aos misteriosos caminhos do Senhor.

— Não faz mal — respondia eu. — Nunca sonhei casar com uma advogada.

Nem por uma única vez pensámos seriamente em não ter o bebé. Ao mesmo tempo, eu ia introduzindo algumas dúvidas nas minhas conversas com Ulrika para dar a ideia de que mantinha todas as opções em aberto. No entanto, não demorou muito até estarmos em sintonia na nossa decisão.

Antes do nascimento, tivemos aulas e treinámos a respiração juntos. Ulrika tinha enjoos matinais, e eu massajava-lhe os pés inchados.

Quando faltava uma semana para acabar o tempo, Ulrika acordou-me às quatro da manhã. Estava aos pés da cama, embrulhada num cobertor.

— Adam! Adam! Rebentaram-me as águas!

Apanhámos um táxi para o hospital, e era como se eu não percebesse o que estava a acontecer, o que estava em jogo e o que podia correr mal até ao momento em que vi Ulrika deitada numa maca à minha frente a contorcer-se de dores, enquanto a enfermeira-parteira calçava umas longas luvas de borracha. Parecia

que eu tinha escondido todos os meus medos e ansiedades num recanto muito fundo e, de repente, tinham vindo todos ao de cima.

— Têm de fazer alguma coisa!

— Sente-se, pai — disse uma enfermeira.

— Tenha calma — aconselhou a enfermeira-parteira. — Vai correr tudo bem.

Ulrika respirava rápido e fundo e praguejava. Sempre que tinha uma contracção, impelia o corpo para cima, a gritar e a torcer-se para um lado e para o outro.

Segurei-lhe a mão com força. Não serviu de nada; todo o seu corpo tremia.

— Vamos ter de tirar o bebé cá para fora — disse a enfermeira-parteira.

— Vais conseguir, querida. — Beije a mão de Ulrika.

Ela ficou hirta e com o corpo tenso que nem uma mola. A sala mergulhou no mais profundo silêncio, e eu quase conseguia sentir a torrente de dores que lhe atravessava o corpo.

Ulrika impeliu a pélvis para cima.

— Ajuda-me, santo Deus!

E a enfermeira-parteira puxava, puxava, e Ulrika dava gritos cavos por entre grandes estremeções. Eu tentava segurá-la e, ao mesmo tempo, jurava a Deus que nunca Lhe perdoaria se aquilo não acabasse bem.

O silêncio abateu-se sobre nós como um manto. Se Deus estalasse os dedos naquele momento, certamente o ouviríamos. Foi o segundo mais longo da minha vida. Estava em jogo tudo o que significava alguma coisa. Não conseguia pensar, mas, mesmo assim, sabia que aquele instante seria o culminar de tudo. Sob um silêncio pesado.

Depois, quando espreitei, vi-o. Um montinho ensanguentado e azulado numa toalha. A princípio, não percebi o que era. Logo em

seguida, a sala encheu-se com o choro de bebé mais belo que eu já ouvira.

De repente, veio-me à ideia o rosto de Stella quando me precipitei para a cozinha atrás de Ulrika. Embora a nossa filha já tivesse dezoito anos, o rosto que eu visualizava sempre era o de uma criança.

Ulrika pegou no auscultador do telefone, pendurado na parede. Durante o telefonema, não tirei os olhos dela uma única vez.

— Era Michael Blomberg — disse-me, depois de desligar.

— Quem? O advogado?

— Acabou de ser nomeado para representar Stella. Ela está na esquadra.

O meu primeiro pensamento foi que Stella tivesse sido vítima de um crime. Só esperava que não fosse nada de grave. Até tive tempo para pensar que não fazia mal se ela tivesse sido roubada ou agredida. Tudo menos violada.

— Temos de ir para lá, já — disse Ulrika.

— O que é que aconteceu? — Lembrei-me do telefonema inusitado e do anúncio na Internet.

— É por causa da *Vespa*?

Ulrika olhou-me como se eu fosse maluco.

— Esquece o raio da *Vespa*!

A caminho da porta, esbarrou com o meu ombro.

— O que disse Blomberg? — perguntei, mas ela não respondeu.

Ulrika arrancou o casaco do bengaleiro e dirigiu-se para a porta, mas, de repente, deu meia-volta.

— Só tenho de fazer uma coisa — disse, voltando para dentro de casa.

— Vá lá, o que é que o Blomberg disse?

Fui atrás dela até à cozinha. Quando chegou à porta, voltou-se e esticou os braços, impedindo-me de entrar.

— Espera aqui. Já venho!

Apanhado de surpresa, fiquei à porta a contar os segundos. Ulrika voltou daí a pouco e deu-me um encontrão ao passar por mim.

— O que é que foste fazer?

Mais uma vez, ocorreu-me o rosto de Stella. O riso sem dentes, as covinhas nas bochechas. E pensei em tudo o que desejara para ela que nunca se realizara.

É tão fácil acreditar que o melhor está sempre para vir. Tenho a sensação de que é um erro profundamente humano. Até o próprio Deus nos ensina a ansiar por qualquer coisa.

Porque será que nunca pensamos em como o tempo passa depressa, enquanto vai passando?

A primeira palavra de Stella foi «abba». Usava-a tanto para mim como para Ulrika. Hoje, a maioria dos suecos associa a palavra à música *pop*, mas na língua de Jesus, o aramaico, significa «pai».

No Outono, passei quatro meses encantadores de licença de paternidade com Stella, e vi a sua personalidade a formar-se todos os dias. Os outros pais do grupo de crianças da nossa congregação diziam muitas vezes que ela era a definição da menina do papá. Acho que só percebi o que isso significava tarde demais. Em certa medida, toda a minha vida foi vivida com a consciência das coisas extraordinárias que podia ter dito se me tivessem ocorrido a tempo. Não consegui aproveitar um único momento. Tive sempre um *timing* terrível.

Estou condenado a ansiar.

Estávamos parados à entrada. Eu tinha a mão na fechadura. Ulrika tremia da cabeça aos pés.

Porque é que Michael Blomberg tinha telefonado? O que estava Stella a fazer na esquadra?

— Diz-me — pedi a Ulrika.

— Só sei o que o Michael disse.

Michael Blomberg. Há vários anos que não ouvia aquele nome. Blomberg não era conhecido apenas nos círculos legais. Tinha feito carreira como um dos principais advogados de defesa do país e tinha representado os réus num sem-número de casos importantes. O seu retrato aparecia várias vezes nos jornais e era convidado pela televisão como comentador especializado. Também era o homem que tinha dado a mão a Ulrika e a preparara para o sucesso que obtivera como advogada de defesa.

Ulrika estava com dificuldade em respirar. Os seus olhos dardejavam como pássaros assustados.

Tentou passar por mim para sair, mas segurei-a, envolvendo-a com os meus braços.

— A Stella está presa.

Ouvi o que ela disse, as palavras chegaram até mim, mas era-me impossível compreendê-las.

— Deve haver um engano qualquer — disse-lhe.

Ulrika abanou a cabeça. Passado um momento, deixou cair a cabeça no meu peito e o telemóvel no chão.

— É suspeita de homicídio — murmurou Ulrika.

Fiquei petrificado.

A primeira coisa em que pensei foi na blusa manchada de Stella.

*

Ulrika chamou um táxi e saímos à pressa para a rua. Depois de passarmos pelo ponto de reciclagem, largou-me a mão.

— Espera — disse, tropeçando entre os contentores de reciclagem.

Fiquei parado no passeio e ouvi-a tossir e vomitar.

Passado pouco tempo, apareceu um táxi.

— Como é que te sentes? — sussurrei-lhe, enquanto púnhamos os cintos no assento de trás.

— Uma merda — disse Ulrika, tossindo para a mão.

Depois, começou a escrever no telemóvel com os dois polegares, enquanto eu abria a janela para sentir o ar fresco na cara.

— Pode ir um pouco mais depressa? — perguntou Ulrika ao motorista, que resmungou qualquer coisa antes de pôr o pé no acelerador.

O meu espírito voltou-se para Job. Seria este o meu julgamento?

Ulrika explicou-me que Michael Blomberg estava à nossa espera na esquadra.

— Porquê ele? — perguntei. — Não é uma coincidência demasiado grande?

— Ele é um advogado extremamente talentoso.

— Pois, mas que hipóteses temos?

— Às vezes, acontecem coisas, querido. Não podes controlar tudo.

Não quer dizer que não gostasse de Blomberg. Não gosto de falar mal das outras pessoas dessa forma. A experiência diz-me que, quando não gostamos de alguém por motivos tão vagos, muitas vezes, o problema é nosso.

Dei uma gorjeta ao motorista e tive de correr pelas escadas da esquadra, pois Ulrika já estava a abrir a porta.

Blomberg estava à nossa espera no átrio. Já quase me tinha esquecido de como ele era grande. Parecia um urso a andar na nossa direcção, com o casaco a abanar à volta da barriga. Estava bronzeado e tinha uma camisa azul e um fato caro, e o cabelo penteado para trás e encaracolado no pescoço.

— Ulrika — disse, mas dirigiu-se a mim e deu-me um aperto de mão, antes de abraçar a minha mulher.

— O que é que se passa, Michael?

— Tenham calma — disse ele. — Acabámos de concluir o interrogatório e este pesadelo vai acabar em breve. A polícia tirou conclusões extremamente precipitadas.

Ulrika deu um suspiro profundo.

— Stella foi identificada por uma jovem — disse Blomberg.

— Identificada?

— Talvez tenham ouvido dizer que foi encontrado um corpo num parque infantil perto de Pilegatan?

— E acham que Stella estava lá? Em Pilegatan? — interpelei-o.
— Tem de haver um engano qualquer.

— É exactamente isso. Mas esta rapariga mora no mesmo prédio onde morava o homem que foi assassinado e diz que viu lá a Stella ontem à noite. Acha que a conhece da H&M. E é tudo o que parece que os investigadores têm.

— Isso é ridículo. E ela pode estar presa por motivos tão pouco consistentes?

Pensei na noite anterior e tentei lembrar-me dos pormenores. Tinha estado na cama acordado, sem conseguir dormir, à espera

dela; Stella tinha finalmente chegado a casa e tomado um duche antes de se enfiar no quarto.

— Ela foi detida? — perguntou Ulrika.

— Qual é a diferença? — perguntei.

— A polícia pode prender uma pessoa, mas para a manter presa tem de haver um procurador do Ministério Público a ordenar a sua detenção — explicou Blomberg. — O polícia que a interrogou tem de informar o advogado de serviço e Stella será libertada. Garanto-vos. Isto não passa de um engano.

Pareceu-me demasiado confiante, exactamente como me lembrava dele, e isso preocupou-me. De certeza que qualquer pessoa tão livre de dúvidas não presta atenção aos pormenores e não se empenha a fundo.

— Mas porquê tanta pressa em prendê-la? — perguntei. — Se não têm mais nenhuma prova?

— Este caso é uma batata quente. — Blomberg suspirou. — A polícia quer agir depressa. Acontece que a vítima não é uma pessoa qualquer.

Voltou-se para Ulrika e baixou ligeiramente a voz.

— É Christopher Olsen. O filho de Margaretha.

Ulrika susteve a respiração.

— O filho... o filho de Margaretha?

— Quem é Margaretha? — perguntei.

Ulrika nem olhou para mim.

— O nome da vítima é Christopher Olsen — disse Blomberg. — A mãe dele é a Margaretha Olsen, uma professora de Direito Criminal.

Professora? Encolhi os ombros.

— O que é que isso tem que ver com o caso?

— Margaretha é muito conhecida nos círculos legais — disse Blomberg. — O filho também era muito conhecido em vários círculos. Um homem de negócios de sucesso, proprietário de imóveis; faz parte de vários conselhos de administração.

— E o que interessa isso? — perguntei, cada vez mais irritado.

Ao mesmo tempo, lembrei-me das minhas próprias palavras, de que aquele tipo de coisas só acontece a alcoólicos e drogados. Era uma ideia muito preconceituosa, mas também era baseada nas evidências empíricas e nas estatísticas. Às vezes, é preciso fechar os olhos às exceções para não nos deixarmos enganar.

— Talvez não devesse ter importância — disse Blomberg. Mas lendo nas entrelinhas, era óbvio que *tinha* importância, e que ele não tinha a certeza se havia algo de errado nisso.

— O filho de Margaretha Olsen! — exclamou Ulrika. — Que idade tem... tinha ele?

— Trinta e dois anos, acho. Ou trinta e três. Foi um golpe violento com uma arma aguçada. A polícia não quer revelar pormenores. Durante o interrogatório, mostraram-se interessados sobretudo no paradeiro de Stella ontem ao fim da tarde e à noite.

Ontem ao fim da tarde e à noite?

— Quando é que o homem foi assassinado? — perguntou Ulrika.

— Não sabem ao certo, mas a testemunha ouviu discussões e gritos ontem, quando passava pouco da uma da manhã. Estavam acordados quando Stella chegou a casa? — Ulrika voltou-se para mim e eu acenei com a cabeça.

Tinha estado deitado, às voltas na cama, sem conseguir adormecer. A mensagem que tinha mandado, sem receber uma resposta. Portanto, a minha preocupação não tinha sido infundada. Lembrei-me de que Stella tinha chegado a casa e que a tinha ouvido na casa de banho e na lavandaria. A que horas teria sido?

— Tem de haver alguém que possa dar-lhe um álibi — disse-lhes. Ulrika e Blomberg olharam para mim.

Michael Blomberg ofereceu-se para nos levar a casa. Ao cair a noite, naquele dia do final do Verão, o tempo permitia que as pessoas andassem de mangas curtas, passeando pelas ruas de Lund, como se nada tivesse acontecido, umas a passearem os cães, outras, em grupo, outras a irem ou a virem de casa ou a andarem sem destino, pessoas que trabalhavam nos turnos da noite e também pessoas com insónias. A vida quotidiana não ia parar só porque as nossas vidas tinham sofrido um abalo.

Quando parou à nossa porta, Blomberg perguntou se podia ajudar-nos em mais alguma coisa. Disse que podia ficar connosco mais algum tempo.

— Não há necessidade — garanti-lhe.

Ulrika ficou na rampa de acesso à garagem a falar com ele por um momento, enquanto eu fui a toda a pressa para a casa de banho. Sentia o corpo a arder e a boca seca como papel. Bebi água directamente da torneira e passei uma esponja pela testa.

Já passava da meia-noite quando fui à cozinha e dei com Ulrika sentada com a cabeça apoiada nas mãos. Apesar da hora e da minha oposição, começou a ligar para todos os contactos que tinha na polícia, para alguns jornalistas e advogados, qualquer pessoa que pudesse saber alguma coisa ou que pudesse ajudar. Sentei-me à sua frente na Internet à procura de informações sobre o

acontecimento em Pilegatan, sobre Christopher Olsen e a sua mãe professora.

De vez em quando, olhava para o relógio. Os minutos iam-se arrastando.

Ao cabo de uma hora, não consegui ficar mais tempo sentado.

— Porque é que ninguém nos responde? Quanto tempo é que isto pode demorar?

— Vou ligar para o Michael — disse Ulrika, levantando-se.

Ouvi as escadas rangerem e Ulrika fechar a porta do seu escritório. Fiquei a matutar, com a cabeça feita em água e as comichões da ansiedade a percorrerem-me a pele.

Atravessei a cozinha sem destino, fui até à entrada e voltei para trás. Tinha o telemóvel na mão, quando ele tocou.

— Daqui fala Amina.

Soluçava e pigarreou.

— Amina? Aconteceu alguma coisa?

— Desculpe — disse. — Menti.

Tal como eu desconfiava. Afinal, ela não tinha estado com Stella, na sexta-feira. Tinham falado em sair, mas não tinham chegado a fazê-lo.

— Não sabia o que havia de dizer quando me perguntaram — continuou. — Menti, mas fi-lo pela Stella. Pensei que talvez... Queria falar primeiro com ela.

Compreendi-a. Não havia razão para me zangar com ela. Era uma mentira inofensiva.

— Mas deve haver alguém que possa dar-lhe um álibi — acrescentou Amina, desesperada. — Isto é uma loucura completa!

E, na verdade, era surreal. Mas, ao mesmo tempo, estava a tornar-se cada vez mais claro que aquela era a realidade. Imaginei Stella fechada numa cela fria e esquálida onde punham assassinos e violadores.

Ulrika desceu as escadas a correr.

— O procurador ordenou que Stella ficasse em prisão preventiva — disse.

— Prisão preventiva?

Tinha o coração aos saltos e fiquei coberto de suores.

— Vão mantê-la na prisão.

— Como é que isso é possível? Não há provas!

— Pode ter que ver com a investigação. Coisas que a polícia quer verificar antes de a libertar.

— Se tem um álibi?

— Por exemplo.

Não sabia o que havíamos de fazer. O meu corpo estava num turbilhão. Não conseguia estar muito tempo sentado. Tinha de me levantar e andar de um lado para o outro. Andava pela casa como um zombie, percorrendo-a toda de peúgas.

Quando o sol lançou os primeiros raios hesitantes no horizonte, continuávamos sem saber nada. A falta de sono estava a deixar o meu cérebro confuso.

Por fim, Blomberg ligou-nos. Fiquei diante de Ulrika na cozinha, de respiração suspensa.

As suas respostas foram breves e ditas entredentes. Ficou com o auscultador encostado ao ouvido mesmo depois de o telefonema ter terminado.

— O que é que ele disse? — perguntei.

Ulrika olhava-me, mas o seu olhar estava fixo noutro ponto qualquer.

— Temos de sair de casa.

A sua voz soou fina como uma teia de aranha, prestes a quebrar-se.

— O quê? O que é que se passa?

— A polícia está a vir para cá. Vão revistar a casa.

Pensei imediatamente na blusa manchada. De certeza que não podia ser sangue. Era evidente que tinha de haver uma explicação

plausível. Devia ser o que Blomberg dissera: decisões precipitadas e mal-entendidos.

Stella jamais seria capaz... ou seria?

Fui à lavandaria e levantei a pilha de roupa sob a qual tinha metido a blusa. As minhas mãos imobilizaram-se.

Tinha desaparecido.

— O que estás a fazer? — perguntou Ulrika da cozinha. — Temos de ir embora.

Procurei desesperadamente nas outras pilhas de roupa, mas não encontrei nada. O estendal estava vazio. A blusa tinha desaparecido.

— Despacha-te — gritou Ulrika.

O futuro era sempre brilhante, quase cegava de tão ofuscante, como o sol de Inverno por entre a neblina ondulante. Não tínhamos preocupações, apesar de ainda não entrevermos os nossos caminhos. Lembro-me de Stella, com dentes de leite e totós.

Depois, lembro-me de uma reunião muito perturbadora da professora com os pais, na pré-primária, quando Stella tinha cinco anos.

A professora, que se chamava Ingrid, começou por falar de todas as actividades, exercícios e jogos educativos que tinham feito durante o Outono e o Inverno. Em seguida, respirou fundo, folheou aleatoriamente os papéis que tinha à sua frente, parecendo não saber ao certo onde focar o olhar.

— Alguns pais e crianças têm-se mostrado preocupados — disse, sem olhar para nós. — Por vezes, Stella mostra-se muito dominadora e fica... zangada, se as coisas não correm como ela quer.

Claro que aquilo não era novidade para mim, embora eu ache que tínhamos esperança de que não fosse tão óbvio na escola como em casa. Senti-me imediatamente envergonhado e fiquei na defensiva ao saber que outros pais tinham andado a opinar sobre a minha filha.

— Tenho a certeza de que não deve ser nada de muito grave. Stella tem cinco anos.

Ingrid acenou com a cabeça.

— Alguns pais falaram com o director da escola — disse Ingrid. — É importante que Stella seja ajudada em relação a isso, tanto na escola como em casa.

— O quê? Quem são esses pais? — perguntou Ulrika.

— Pode dar-nos um exemplo? — pedi. — O que é que a Stella faz de errado?

Ingrid folheou os seus documentos.

— Por exemplo, nos jogos de interpretação de personagens, quando as crianças brincam ao faz-de-conta, a Stella quer sempre controlar os outros.

Ulrika encolheu os ombros.

— Não é bom haver alguém que assume o papel de líder?

— Sabemos que, às vezes, Stella é dominadora — contrapus. — A questão é saber até que ponto devemos tentar reprimi-lo. Como Ulrika disse, pode ser muito bom ter qualidades de líder... ser uma impulsionadora, motivadora.

Ingrid não parava de coçar a sobrancelha direita.

— Na semana passada, Stella disse que era igual a Deus. As outras crianças tinham de lhe obedecer, porque ela era igual a Deus, e Deus manda em tudo.

Senti os olhos de Ulrika a perfurar-me. Stella tinha passado bastante tempo comigo na igreja; tinha mostrado interesse pelo meu trabalho e estava sempre a levantar questões existenciais, mas nem me passava pela cabeça dar-lhe um conjunto de soluções nem de respostas inequívocas. Além disso, jamais abordaria a onnipotência de Deus, nem mesmo quando a minha filha não estivesse presente.

— Vamos falar com a Stella — respondi, com alguma brusquidão.

Quando íamos no carro a caminho de casa, Ulrika baixou intencionalmente o volume do rádio, batendo com o dedo no *tablier*.

— É uma loucura as opiniões que as pessoas têm sobre os filhos dos outros.

— Não vale a pena preocuparmo-nos — retorqui, tornando a pôr o som mais alto. — Ela só tem cinco anos.

Não fazia a menor ideia de como o tempo passaria depressa.

No domingo à tarde, estava sentado numa sala espartana na esquadra da polícia, à espera de ser interrogado. Deram-me um café forte numa caneca; os minutos iam passando dolorosamente devagar, e estava cheio de comichões na pele.

A inspectora-chefe apareceu, finalmente; chamava-se Agnes Thelin e vinha com uma expressão conciliadora. Disse que sabia exactamente como eu devia estar a sentir-me. Tinha dois filhos mais ou menos da idade de Stella.

— Sei que está a sentir-se assustado e triste.

—Não usaria essas palavras.

Acima de tudo, estava zangado. Pode parecer estranho, pelo menos vendo agora as coisas em retrospectiva, mas provavelmente eu ainda estava em estado de «choque». Tinha posto o medo e a tristeza de lado e estava concentrado na minha sobrevivência e na sobrevivência da minha família. Eu havia de arranjar uma maneira de nos livrar de tudo aquilo.

— Anda à procura de quê? — perguntei.

— Como disse?

— Andaram a revistar a nossa casa. Neste preciso momento, os polícias andam a vasculhar todas as nossas coisas.

A inspectora-chefe Thelin acenou com a cabeça.

— Andamos à procura de provas forenses, que podem ser coisas muito diferentes. É possível que encontremos alguma coisa que seja

vantajosa para a Stella, que corrobore a sua história. Ou podemos não encontrar nada. Estamos a tentar perceber o que aconteceu.

— A Stella não tem nada que ver com isto — afirmei.

Agnes Thelin tornou a acenar com a cabeça.

— Vamos fazer uma coisa de cada vez. Pode começar por nos dizer o que fez na sexta-feira passada?

— Estive quase todo o dia na igreja.

— Na igreja?

Disse-o de uma forma que parecia ser o último sítio da terra onde iria.

— Sou pastor — expliquei.

Agnes Thelin ficou a olhar-me de boca aberta por um momento, depois, recompôs-se e mexeu nos documentos que tinha com ela.

— Portanto, estive... a trabalhar?

— Tive de presidir a um funeral, nessa tarde.

— Um funeral, muito bem. — Anotou qualquer coisa. — A que horas voltou para casa?

— Por volta das seis, acho.

Disse-lhe que tinha tomado um duche e feito carne de porco guisada e depois tinha jantado com Ulrika. Depois de comermos, jogámos *Trivial Pursuit* no sofá e, em seguida, fomos para a cama. Stella esteve a trabalhar até às sete e um quarto e tinha planeado encontrar-se com uma amiga no centro da cidade depois disso.

Agnes Thelin perguntou-me se tinha contactado com Stella, nessa noite, e disse-lhe que lhe tinha mandado um SMS, mas não me lembrava de qual tinha sido a sua resposta nem sequer se respondera.

— É costume a Stella não responder às mensagens?

Encolhi os ombros.

— Também tem filhos adolescentes.

— Mas agora estamos a falar da Stella.

Expliquei-lhe que não era nada invulgar acontecer. Com frequência, acabava por responder mais cedo ou mais tarde, mas geralmente mais tarde. Às vezes, muito mais tarde. Também acontecia que a resposta, quando chegava, se limitasse a um *smiley* ou a um polegar levantado.

— Quem era a amiga?

Tive de engolir em seco.

— Como assim?

— Quem era a amiga com quem a Stella tencionava encontrar-se? A amiga com quem ia sair?

Fiquei a olhar fixamente para a mesa.

— A Stella tinha dito à minha mulher que ia encontrar-se com uma amiga sua, chamada Amina. Mas perguntámos à Amina, e elas não se encontraram na sexta-feira.

— O que acha que levou Stella a mentir?

As palavras que escolhia estavam a deixar-me furioso.

— Ela não mentiu. Amina disse-nos que tinham combinado encontrar-se, mas depois tinham mudado de planos.

— E o que acha que Stella fez em vez de se encontrar com a amiga?

Não respondi. Para quê estar a especular? De certeza que aquilo que eu pensava ou deixava de pensar não tinha grande importância.

— Sabe o que ela fez em vez de se encontrar com a amiga? — perguntou Agnes Thelin.

Era uma pergunta mais razoável.

— Não.

Agnes Thelin tornou a mexer nos papéis, sem dizer nada. Provavelmente, foram apenas alguns segundos, mas foi tempo suficiente para que o silêncio parecesse significativo.

— Que tipo de telemóvel tem a Stella? — perguntou a inspectora-chefe.

Expliquei-lhe que era um *iPhone*, mas que eu baralhava sempre os modelos. Mas era branco; pelo menos, isso eu podia dizer-lhe.

— Ela tem mais de um telemóvel? — perguntou Agnes Thelin.

— Mais do que um? Não.

Era óbvio que a polícia iria encontrar o telemóvel em nossa casa e levá-lo como prova. Por um momento pensei se devia dizer a Thelin que Stella se tinha esquecido do telemóvel em casa, mas decidi não o fazer. Iria parecer estranho uma rapariga de dezoito anos esquecer-se do telemóvel. Como se desse a entender que havia algo de errado.

— Sabe se Stella tem acesso a *spray* pimenta?

— *Spray* pimenta? Como o que a polícia usa?

— Exactamente. A Stella tem um *spray* desses?

— Claro que não. Isso nem sequer é legal, pois não? — Senti-me nauseado.

— A que horas se deitou na sexta-feira? — perguntou-me Agnes Thelin.

— Às onze, talvez um pouco mais tarde.

— E adormeceu logo?

— Não, não conseguia adormecer.

— Então, ficou acordado muito tempo?

Enchi o peito de ar. Tinha a cabeça num turbilhão. Imagens indistintas de Stella ainda pequenina, uma adolescente orgulhosa, uma adulta. A minha menina. A nossa família: Ulrika, Stella e eu. A fotografia no parapeito da janela.

— Fiquei acordado, à espera da Stella. Acho que por muito que os nossos filhos cresçam, nunca deixamos de nos preocupar com eles.

Agnes Thelin acenou com a cabeça. Achei que concordava.

O que aconteceu a seguir é difícil de explicar.

Não o tinha planeado. Tinha vindo para o interrogatório com a intenção de partilhar tudo o que sabia. Nem por uma vez pensei em

desviar-me um milímetro que fosse da verdade.

— Então, estava acordado quando a Stella chegou a casa? — Agnes Thelin tinha uns olhos grandes e convidativos.

— *Mmhmm*.

— Desculpe?

— Estava — respondi, num tom mais convicto. — Estava acordado quando Stella chegou a casa.

— Faz alguma ideia das horas que eram?

— Sei exactamente que horas eram.

O que é uma mentira? Da mesma forma que há diferentes tipos de verdade, deve haver diferentes tipos de mentira. As mentiras inofensivas, por exemplo — nunca tive vergonha de as dizer. Sempre achei que é melhor uma mentira bondosa do que uma verdade amarga.

Mas claro que, neste caso, era diferente.

— Era um quarto para a meia-noite, quando Stella chegou a casa.

A inspectora-chefe Thelin olhou fixamente para mim, e o Oitavo Mandamento andou às voltas no meu estômago, como se fosse uma serpente. A Bíblia diz que quem mente deve morrer. Mas, ao mesmo tempo, o meu Deus é justo e misericordioso.

— Como é que sabe isso? — perguntou Agnes Thelin. — Com tanta exactidão, quero eu dizer.

— Vi as horas.

— Em que relógio?

— No meu telemóvel.

Há um versículo nos Evangelhos que diz que uma casa dividida não poderá subsistir. Apercebi-me de que me tinha esquecido da minha família. Tinha-a negligenciado. Tomado tudo por adquirido. Não tinha sido o pai nem o marido que devia ter sido.

Ainda não sabia nada sobre o que tinha acontecido quando o tal homem fora morto no parque infantil de Pilegatan, mas havia uma

coisa que eu sabia com toda a certeza: a minha filha não é uma assassina.

— E tem a certeza de que foi Stella quem chegou a casa? — perguntou Agnes Thelin.

— Claro que tenho.— O que eu quero dizer é se não podia ter ouvido outra coisa qualquer?

Sorri com um ar de confiança. Por dentro, estava desfeito.

— Tenho a certeza. Falei com ela.

— Falou com ela? — exclamou Agnes Thelin. — O que é que ela disse? Reparou em alguma coisa de especial?

— Não. Limitámo-nos a dizer boa noite.

Agnes Thelin recusava-se a tirar os olhos de mim.

A serpente tornou a enrolar-se na minha barriga. Uma sensação avassaladora de que eu não era aquela pessoa, era outra pessoa qualquer que estava a dizer todas aquelas coisas na sala de interrogatório abafada.

Na primeira carta para Timóteo, São Paulo escreve que alguém que não cuida dos seus, especialmente dos da sua própria família, tem negado a fé em Jesus. Eu não tinha sabido cuidar suficientemente bem da minha família. E agora tinha a oportunidade de corrigir os meus erros.

Pensei: «É isto que as famílias fazem. Protegem-se uns aos outros.»

Depois do interrogatório, liguei para Ulrika. Tinha acabado de passar por casa, mas a polícia ainda lá estava.

— Eles estão mesmo convencidos de que a Stella fez qualquer coisa — disse-lhe. — Isto é um pesadelo!

— O que é que disseste à polícia? — queria saber Ulrika.

— Disse-lhes que sei exactamente a que horas Stella chegou a casa na sexta-feira. Expliquei-lhes que estava acordado e falei com ela.

Ulrika ficou um momento sem dizer nada.

— Que horas eram? — perguntou.

Respirei fundo. Detestava mentir. Principalmente à minha família. Mas não havia outra opção. Não podia arrastar Ulrika para aquilo. Ela não sabia; estava a dormir quando Stella chegara a casa. Como poderia eu dizer-lhe que tinha mentido à polícia?

— Um quarto para a meia-noite — respondi-lhe.

Não me senti tão mal como temia. Como se a minha própria resistência se desvanecesse um pouco mais de cada vez que repetia a mentira.

Ulrika explicou-me que ia encontrar-se com um investigador da polícia seu conhecido. De momento, não havia nada que eu pudesse fazer. Não fazer nada quando havia tanto para fazer. Caminhei rapidamente até Bantorget. Estava um sol tão intenso que me obrigou a baixar os olhos. As vozes à minha volta pareciam

estridentes e acusadoras. Acelerei o passo. Era como se toda a cidade estivesse cheia de olhares fixos em mim.

*

Tenho a convicção inabalável de que não há nada tão difícil como ser pai. Todos os outros relacionamentos têm uma saída de emergência. Podemos deixar um amante, e a maioria das pessoas fá-lo a certa altura, se o amor acaba, se as pessoas se afastam ou se intimamente já não se sentem bem com isso. Podemos deixar amigos e conhecidos ao longo da vida, e familiares também, até irmãos e pais. Podemos deixá-los e seguir em frente e conseguir ter uma vida boa. Mas nunca podemos renunciar a um filho.

Ulrika e eu éramos jovens e inexperientes quando Stella nasceu. Acho que sabia que ia ser difícil, mas a nossa angústia estava ligada sobretudo a coisas mundanas, como a falta de sono, a dificuldade em dar de mamar, ou a doença. Demorámos bastante tempo a perceber que a maior dificuldade em ser pai ou mãe é algo completamente diferente.

Cresci numa família enraizada nos valores dos anos 70 de liberdade e solidariedade. Quase não existiam regras nem exigências. O bom senso e os valores morais intrínsecos eram suficientes.

— Sentes-te bem com isso? — perguntou-me o meu pai quando tinha dez anos, e me apanhou a puxar os cabelos à minha irmã com tanta força que fiquei com autênticas mechas na mão.

Foi o suficiente para me fazer chorar de vergonha e culpa.

Tentei fazer o mesmo com Stella algumas vezes.

— Sentes-te bem com isso? — perguntei-lhe, quando o director da escola ligou a dizer que tinha atirado o chapéu de outra menina para o telhado da escola.

Stella ficou a olhar para mim.

— O meu coração não sente nada. Só está a bater.

Durante quase dez anos, eu e Ulrika tentámos dar um irmão ou uma irmã a Stella. Havia alturas em que a nossa vida girava inteiramente em volta disso, consumindo toda a nossa energia. Íamos à guerra, ambos armados com a pior espécie de determinação em vencer. Dizíamos para nós próprios que um pequeno sinal de mais no teste de gravidez era a solução para tudo.

Não conseguíamos ver o que nos estava a acontecer, que estávamos a cair num poço de culpa, vergonha e imperfeição.

Nos últimos dois anos, embrenhámo-nos tanto na nossa batalha contra a natureza e um contra o outro que provavelmente nos esquecemos daquilo por que estávamos a lutar. Li relatos de soldados nas trincheiras na Primeira Guerra Mundial que acabavam por se esquecer contra quem estavam em guerra e começavam a disparar sobre os seus conterrâneos.

Nesse domingo, a tarde já ia longa quando finalmente a polícia saiu de nossa casa. Quando para lá voltei, Ulrika estava a ser interrogada pela inspectora-chefe, Agnes Thelin, e senti um nó no estômago quando abri a porta e andei devagar a percorrer as várias divisões. Não podia queixar-me de negligência por parte da polícia; eram poucos os vestígios que tinham deixado e dificilmente perceptíveis. Mas a sensação de que a minha vida privada tinha sido invadida era uma verdadeira tortura.

Andei pelo primeiro andar e fui ver a lavandaria, o vestíbulo e a sala; cheguei ao ponto de abrir a salamandra e espreitar lá para dentro. Depois, fui ao andar de cima, ao quarto de Stella. Fiquei parado à porta por um momento, admirado por me parecer tão vazio. A polícia devia ter levado muitos dos seus pertences.

Fiquei parado junto à janela do nosso quarto durante algum tempo, a olhar para a moldura que tinha partido. Deslizei o indicador

sobre a fotografia e senti-me bem com isso. Não há nada mais importante do que a família.

Lá fora, o crepúsculo invadia o ar com uma fina camada de escuridão. Os meus olhos seguiram a fileira reluzente de candeeiros de rua que se afastava em direcção ao horizonte, e pensei em como a misericórdia surge diante do doente. Os justos seguem o seu caminho.

Reparei que alguns vizinhos estavam no meio da rua, a apontar para a nossa casa. Fechei os estores com brusquidão. E, no momento em que o fazia, decidi ligar para o director da paróquia a dizer que ia ficar de baixa por doença. Pareceu-me que lamentava sinceramente a minha situação; disse-me algumas palavras para me reconfortar e aconselhou-me a ficar em casa todo o tempo que precisasse, sem me preocupar com a congregação.

Quando liguei para Ulrika, já o seu interrogatório tinha terminado.

— Não é tão simples como Blomberg começou por pensar — disse ela.

A sua voz parecia chegar-me em ondas entrecortadas. Não percebia se era a ligação que estava má ou se era Ulrika que estava prestes a desatar a chorar.

— Como assim?

Ouvi alguns estalidos na linha e a voz de Ulrika a arfar.

— A polícia deve ter encontrado alguma coisa em nossa casa. O procurador acabou de propor que ela fique em prisão preventiva.

O escritório de Michael Blomberg ficava no terceiro andar de um dos edifícios com mais categoria de Klostergatan, muito perto do Grand Hotel. Na segunda-feira de manhã, eu e Ulrika estávamos à porta. A falta de sono era bem visível na cara da minha mulher. Embora eu também não tivesse pregado olho durante as últimas quarenta e oito horas, o meu cansaço era o menor dos meus problemas. Havia demasiadas coisas dentro de mim.

Serviram-nos café sob o tecto alto de estuque floreado, enquanto Blomberg se dirigia para nós, de polegares nos bolsos de trás e com passos apressados, dados em sapatos de cabedal reluzentes.

— A audiência para deliberação da prisão preventiva vai ser à uma da tarde.

Senti um nó no estômago. Finalmente, iríamos poder ver Stella.

— A polícia encontrou uma pegada no local do crime — continuou Blomberg, coçando o pescoço. — Dum sapato do mesmo tamanho do de Stella e com o mesmo padrão na sola.

Apertei o braço de Ulrika.

— Só isso? — perguntei. — É a única prova? Encontraram alguma coisa quando revistaram a nossa casa?

— É demasiado cedo para dizer. Algumas das coisas que trouxeram de vossa casa foram enviadas para o laboratório para uma análise forense.

— Mas isso não costuma ser demorado? — perguntei.

— Bastarão alguns dias para se obter respostas — disse Blomberg. — Estamos perante aquilo a que se chama prisão preventiva para investigação. Em termos mais claros, significa que vão manter Stella na prisão até a polícia ter os resultados do laboratório. Não é preciso muito para alguém ficar preso por uma suspeita razoável.

— Só por causa de uma pegada?

Blomberg olhou para Ulrika como se achasse que estava na altura de ela intervir. Como se o seu dever fosse explicar as coisas ao estúpido do marido.

— Na minha opinião, têm de estar preparados para que a Stella permaneça na prisão.

Parecia tão agoirento. Tão resignado. Olhei para Ulrika, que se limitou a acenar com a cabeça a confirmá-lo. O que é que estava a acontecer?

— Quem é o procurador? — perguntou Ulrika.

— Jenny Jansdotter.

— Dizem que é boa. Uma das melhores.

Era difícil para mim perceber se aquilo era uma vantagem ou uma desvantagem para nós. Nunca tinha precisado de me imiscuir nos aspectos legais relacionados com a privação de liberdade. Felizmente, a maioria das pessoas nunca tem motivos para isso. Apesar de ser casado com uma advogada, os meus conhecimentos, quando muito, eram básicos. Agora, já sabia as ínfimas provas que eram precisas para manter uma pessoa na prisão. Tinha ouvido, muitas vezes, o contrário — polícias desesperados por o suspeito ter sido libertado antes de terem a oportunidade de o prender, a opinião generalizada de que o sistema judicial sueco estava corrompido e preferia proteger os direitos dos suspeitos e condenados a enfrentar o sofrimento das vítimas. Exigências de penas mais pesadas e medidas mais severas. Eu já tinha trabalhado em prisões e tinha partilhado igualmente dessas opiniões. Nunca

tinha havido nada que me fizesse ver as coisas de outra perspectiva.

— Pior ainda, a procuradora tem uma testemunha. A vizinha — disse Blomberg, inclinando-se sobre a secretária para ler no documento. — My Sennevall.

Parecia tão calmo que poderia dizer-se que era um facto que tínhamos simplesmente de aceitar. Ele não devia estar furioso? Desejoso de poder agir?

— A testemunha — contrapus. — Como é que ela pode ter tanta certeza de que a pessoa que viu era Stella? Não a conhece.

— Diz que a reconheceu da H&M.

— Reconheceu-a? — murmurei.

Ulrika deu-me uma cotovelada.

— O que diz Stella?

Blomberg pigarreou e passou a mão pelo cabelo. Mais uma vez, falou directamente para Ulrika. A cada segundo que passava, ficava mais convencido da sua incompetência.

— Depois de a loja fechar, Stella foi com umas colegas ao restaurante Stortorget. Comeram e beberam um ou dois copos de vinho. Por volta das dez e meia, Stella saiu do restaurante. Todas as colegas o confirmaram. Não disse para onde ia, mas todas acharam que ia de bicicleta para casa.

— Mas não foi?

— Stella diz que foi de bicicleta até ao Tegnér's e parou em mais alguns *pubs* da cidade. Não se lembra exactamente onde esteve a cada hora.

Ulrika e eu entreolhámo-nos. Não parecia um álibi muito sólido. Pelo contrário, parecia evasivo, o tipo de argumento que uma pessoa culpada utilizaria. Porque não tinha ela feito um esforço para se lembrar de mais pormenores?

— Tem de haver mais alguma coisa de que se lembre — disse eu.

— Deve haver outras pessoas que a tenham visto. Ela conhece

meia cidade.

Blomberg olhou de relance para Ulrika, cuja resposta foi espreguiçar-se e olhar para a grande janela atrás dele.

— Sabemos mais alguma coisa sobre a cronologia dos acontecimentos? — perguntou. — Essa testemunha, Sennevall, disse que ouviu gritos e pancadaria por volta da uma da manhã?

— Sim, é verdade. Os primeiros relatos referiam apenas que tinha sido depois da uma da manhã, mas agora estão à espera do relatório do médico legista antes de determinarem uma hora.

Ulrika olhou para mim.

— Se concluir que Christopher Olsen morreu à uma da manhã, isso significa que Stella tem um álibi.

— Exactamente.

Vi tudo a andar à roda.

— E não é um álibi qualquer — acrescentou o advogado-vedeta, com um sorriso presunçoso. — Todas as pessoas com quem falei dizem que és a honestidade em pessoa, Adam.

Engoli a custo.

A audiência realizou-se logo a seguir ao almoço. Eu já tinha passado pelo tribunal da comarca de Lund centenas de vezes, por aquela fachada invulgar com o revestimento exterior de ardósia irregular e os pormenores em cobre, o pequeno relógio da torre na frontaria. Mas era a primeira vez que transpunha as suas portas e era obrigado a esvaziar os bolsos. Fiquei à entrada como se fosse um crucifixo, enquanto um segurança me revistava com palmadinhas de alto a baixo. Depois de entrarmos, Ulrika e eu sentámo-nos num banco no corredor à espera. O ar estava pesado.

De cada vez que a porta se abria, levantávamo-nos de um salto, assustando os seguranças, que a certa altura se viram obrigados a aconselhar-nos calma.

Finalmente, Stella chegou, ladeada por dois agentes fardados. Parecia suspensa, um fantasma débil entre dois guardas corpulentos. Nem sequer olhou para nós. Ulrika correu para ela e abraçou-a, mas depressa foi afastada por um dos guardas.

— Stella! Querida!

Tentei abrir caminho à força por entre os guardas para tocar na minha menina, mas um deles abriu os braços musculados e bloqueou-me a passagem.

— Isto vai acabar num instante, Stella — disse Ulrika.

Stella estava pálida, com grandes olheiras, e havia nela qualquer coisa que eu nunca tinha visto. Estava resignada. A exaustão que transparecia do seu rosto era a que se vê em pessoas que cederam, que se abandonaram ao seu destino ou, neste caso, ao sistema. Pessoas que dizem: «Façam de mim o que quiserem.» Vê-se nos seus olhos que toda a vida lhes foi roubada.

Já vi outras pessoas que capitularam. Pessoas tão vazias de qualquer objectivo e vontade que nem conseguem ter força para fazer mal a si próprias.

Quando levaram Stella para a sala de audiências, mergulhei num limbo de incerteza. Ainda me sinto a pairar, a lutar pela vida, a procurar desesperadamente alguma estabilidade.

A sala de audiências não era maior do que uma sala de estar. O juiz presidente estava a folhear alguns documentos, quando nos sentámos na galeria. Blomberg puxou uma cadeira para Stella que, quando tentou sentar-se, parecia estar desfeita, como se o seu corpo já não fosse articulado, e Blomberg teve de a segurar com as duas mãos.

Ulrika e eu apertámos a mão um do outro. A nossa menina estava apenas a cinco metros de nós, e nem nos deixavam tocar-lhe.

A procuradora entrou, com uns saltos altos que se faziam ouvir em toda a sala. Passos ágeis e roupa cara, jóias a tilintar ao pescoço e no pulso, o corpo de uma ginasta: pequeno, magro, em boa forma e de pernas arqueadas. Os óculos eram quadrados, com armações pretas, e o cabelo estava solto, sem um único fio fora do sítio. Dispôs os seus documentos sobre a mesa em três pilhas impecavelmente direitas, endireitou as pontas com as unhas pintadas de vermelho-rubi e, em seguida, cumprimentou Blomberg e Stella com um aperto de mão.

Quase não tive tempo para perceber que a audiência tinha começado, quando o juiz determinou que seria à porta fechada, e

um oficial de diligências explicou que eu e Ulrika tínhamos de sair.

— É a minha menina! — gritei-lhe na cara.

O guarda lançou um olhar surpreendido ao meu colarinho clerical.

O amor é uma das tarefas mais difíceis do homem. Não sei se Jesus compreendeu o que estava a exigir à humanidade quando pediu que amássemos o próximo como a nós mesmos.

É possível continuar a amar um assassino?

Enquanto estava sentado fora da sala de audiências, durante a primeira sessão, este pensamento foi-se tornando cada vez mais forte. Já tinha tentado obrigar-me a equacioná-lo, mas agora era a primeira vez que me debruçava longamente sobre ele. A ideia de que Stella podia ser culpada.

As nódoas na blusa. Podiam ser umas nódoas quaisquer. Mas porque é que ninguém tinha visto Stella? Alguém que pudesse dizer onde ela tinha estado, o que tinha estado a fazer. Havia um vazio de várias horas naquela sexta-feira à noite. O que tinha ela estado a fazer durante aquele tempo?

Já tinha estado sentado à frente de assassinos abomináveis e prometera-lhes o amor incondicional de Deus. O amor humano é de outro género. Lembrei-me das palavras de São Paulo de que o amor rejubila com a verdade, de que o amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Pela minha família. Era isso que eu estava a pensar. Tinha de fazer tudo o que fosse preciso pela minha família. Já tinha falhado demasiadas vezes aos meus deveres de ser o melhor marido e o melhor pai do mundo. De repente, era-me dada a oportunidade de corrigir os meus erros. Faria tudo o que pudesse para proteger a minha família.

Quando a porta da sala de audiências tornou a abrir-se, senti o corpo tão pesado que Ulrika teve de me ajudar a levantar e a entrar. À nossa frente, estava Stella, com as mãos a tapar a cara.

Ulrika e eu agarrámo-nos um ao outro como duas pessoas que se afundam num mar revolto.

A porta fechou-se atrás de nós e o olhar do juiz percorreu toda a sala.

— Stella Sandell está sob suspeita razoável de homicídio.

Nenhum pai espera ouvir alguma vez o nome da filha naquele contexto. Ninguém que alguma vez tenha apertado a filha contra o peito, a agitar os pezinhos e a dobrar o riso, consegue imaginar tal coisa. Acontece a outras pessoas. Não a nós.

Apertei a mão de Ulrika com força e pensei: «Nós não somos uns pais assim.» Não somos drogados; somos académicos, com vencimentos elevados. Estamos de boa saúde, física e mental. Não somos uma família desfeita de uma zona marginalizada, com problemas sociais e económicos.

Éramos uma família perfeitamente normal. Não devíamos ser nós a estar ali sentados. No entanto, éramos.

Depois da audiência, eu e Ulrika esperámos em silêncio à porta do escritório de Blomberg. Levantava-me, depois, sentava-me, depois, tornava a levantar-me. Fui até à janela e suspirei.

— Onde é que ele está?

Ulrika estava sentada, completamente imóvel, de olhos fixos na parede.

— Quando vamos poder falar com a Stella? — perguntei. — É desumano mantê-la assim isolada.

— É assim que funciona — disse Ulrika. — Ela vai estar sujeita a medidas de restrição, enquanto a investigação estiver a decorrer.

Por fim, Blomberg apareceu muito apressado. A pele casca de laranja das suas faces estava ainda mais corada. Falou rapidamente, como se lhe tivessem dado corda.

— Mande todos os meus funcionários investigar Christopher Olsen. Afinal, ele tinha mais do que um esqueleto no armário, perdoem-me a expressão.

Eu não perdoava, mas estava demasiado curioso para dizer fosse o que fosse.

— E então?

— É fácil para um homem de negócios ter inimigos — disse Blomberg. — Mas, no caso de Olsen, não são uns inimigos quaisquer. Parece que meteu o pé na argola com uns polacos que têm um registo criminal do tamanho dos Evangelhos.

Fiz uma expressão de cepticismo. Parecia uma coisa tirada de um mau filme policial.

— É por causa de um imóvel que Olsen comprou na Primavera passada. Os polacos têm uma pizaria no rés-do-chão e Olsen estava desejoso de se ver livre deles. Imagino que não tenha sido nada meigo a estipular a renda que havia de lhes cobrar.

— Mas o método não parece ser da máfia — disse Ulrika.

— Quem é que falou em máfia? Estou a falar de uns polacos que fazem pizzas. Mas há mais.

Toda aquela hipótese me parecia errada. Para mim, era a polícia que investigava homicídios, não os advogados. E, além disso, não me parecia correcto estar a lançar suspeitas daquelas sobre a vítima.

— Há seis meses, foi apresentada uma queixa contra Christopher Olsen por vários casos de agressão e violação. Foi aberta uma investigação preliminar, mas, ao fim de alguns meses, o procurador decidiu encerrá-la por falta de provas. — Blomberg fez uma pausa para criar um maior efeito e olhou para nós. — A acusação foi feita pela ex-namorada de Olsen, que alegou que Christopher Olsen era um tirano violento que lhe desgraçou a vida.

Vi a mudança que se operava em Ulrika, pois as perspectivas começavam a melhorar.

— E ela não recebeu nenhuma indemnização?

— Não — afirmou Blomberg.

— Pode ter querido vingar-se.

Blomberg acenou com a cabeça.

Ulrika voltou-se para mim.

— Percebes o que isto significa?

O plano de Blomberg era apresentar um suspeito alternativo para criar uma dúvida razoável relativamente à culpa de Stella. Os

polacos donos da pizaria eram uma opção, mas a ex-namorada de Christopher parecia ser muito mais relevante.

— Mas ela pode não ter nada que ver com o caso — disse eu a Ulrika, quando estávamos sentados no sofá, nessa noite, sem conseguir dormir. — Não seria melhor deixar esse tipo de coisas para a polícia?

Ela olhou-me como se eu não passasse de um pastor estúpido.

— Isto é o tipo de coisas que os advogados fazem.

— Mas não basta provar que Stella está inocente? E se acabamos por criar um problema a uma pessoa inocente? Ela foi atacada e violada, e agora...

Ulrika levantou-se.

— Estamos a falar de Stella. A nossa filha está metida numa prisão!

Ulrika tinha razão, claro. O mais importante era retirar Stella da prisão o mais depressa possível. Bebi o resto do meu uísque e fui para junto da salamandra. Quando abri a porta de vidro, o calor inundou-me o rosto e tive de esperar um momento antes de remexer as cinzas com o atiçador. Espirais de fumo rodopiaram à volta da minha cabeça.

— Amas-me? — perguntei sem olhar para Ulrika.

— Porquê, querido, claro que te amo. — Estendeu o braço e tocou-me na nuca. — Amo-te a ti e à Stella mais do que tudo o resto na vida.

— Também te amo.

— Isto é um pesadelo — disse Ulrika. — Nunca me senti tão impotente.

Sentei-me e pus o braço à volta dela.

— Aconteça o que acontecer, temos de nos manter unidos.

Beijámo-nos.

— E se ela... — murmurei junto à face de Ulrika. — Achas que ela era capaz...

Ulrika afastou-se de mim.

— Nem penses nisso!

— Eu sei. Mas... a blusa.

Tinha de saber o que era feito dela. Ulrika devia ter pegado nela. E, se o tivesse feito, não podia deixar de reparar nas manchas; era impossível não as ver.

— Do que estás a falar? — perguntou.

— Das manchas na blusa — respondi.

— Que manchas?

Olhou-me como se eu estivesse a delirar.

Ela não tinha mexido na blusa? Nesse caso, a polícia tinha-a encontrado. Tinha o coração aos saltos, quando Ulrika pousou a mão no meu braço.

— Nós sabemos que Stella estava em casa quando aquele homem morreu.

E não disse mais nada.

Não preguei olho na noite de segunda-feira. Tinha a cabeça às voltas. O que é que Stella tinha feito?

Aspirei a casa, lavei o chão e limpei os armários da cozinha até estar a pingar de suor e a sentir-me cada vez mais confuso. Com medo dos meus próprios pensamentos. Stella, a minha menina. Que tipo de pai era eu para duvidar da inocência dela, por muito pouco que fosse? O oxigénio estava preso na minha garganta como se fosse cuspo, e tive de ir para o jardim para encher os pulmões de ar fresco.

Ulrika tinha-se fechado no escritório. Passadas várias horas, fui dar com ela a dormir, com a cabeça entre os braços sobre a secretária. Ao seu lado estava uma garrafa de vinho vazia e um copo ainda meio cheio. Acariciei-lhe ao de leve os cabelos, inalei o perfume da sua nuca e deixei-a continuar a dormir.

Na manhã seguinte, sentei-me à mesa da cozinha, exausto. Comecei a folhear o jornal até dar com os olhos numa fotografia do parque infantil onde Christopher Olsen tinha morrido. Teria Stella estado ali na sexta-feira à noite? Teria... Porquê? Tentei livrar-me daqueles pensamentos e levantei-me para ir ter com Ulrika.

— Vou lá. Quero vê-lo com os meus próprios olhos.

— Ver o quê?

— O sítio. O parque infantil.

— Não acho que seja boa ideia — disse Ulrika. — É melhor ficarmos o mais afastados possível de tudo.

Resolvi, então, ir pesquisar na Internet.

Até àquele momento, as informações sobre o crime ainda eram muito escassas, mas obviamente era apenas uma questão de tempo, talvez de horas, até as pessoas começarem a pôr *posts* em fóruns sobre o assunto, até ser tema de conversa nas redes sociais. Stella seria apresentada como culpada, com toda a certeza. Não há fumo sem fogo, como se costuma dizer. A coscuvilhice seria ainda mais saborosa por estar envolvida a filha de um pastor.

As pessoas têm o poder de condenar, seja qual for a opinião do sistema legal, e o tribunal da opinião popular não exige tantas provas como um verdadeiro tribunal. Basta-me olhar para mim próprio. Quantas vezes duvidei de um suspeito libertado por falta de provas?

Continuei a navegar, mas as palavras e as imagens não me chegavam. Precisava de ver com os meus próprios olhos, de estar exactamente no local.

Não disse a Ulrika aonde ia. Ela parecia tão segura de que Stella não tinha nada que ver com o que acontecera. Meti-me no carro, com um aperto no peito.

O meu telemóvel tocou quando ia a meio do caminho para a cidade; o ecrã indicou-me que era Dino.

— A polícia interrogou Amina. Não estou nada satisfeito por ela estar a ser arrastada para isto.

As palavras saíam-lhe depressa e com uma brusquidão que não era habitual nele.

— O que é que lhe perguntaram? — pensei em voz alta, mas Dino não me ouvia.

— E se na Faculdade de Medicina souberem que Amina está envolvida na investigação de um crime? Não vai ser nada bom.

— Pára, Dino! A minha filha é suspeita de homicídio! Não é da Amina que tens de ter pena.

Ele ficou abruptamente em silêncio.

— Eu sei, eu sei. Desculpa, só não quero que aconteça nada de mal a Amina por causa de uma coisa... de uma coisa com que ela não tem nada que ver.

Claro que Dino não queria ofender-me. O tacto e a discrição não são propriamente qualidades suas. Não consigo contar todas as vezes que tive de acalmar a situação depois de uma das suas reacções precipitadas ou das suas discussões no campo de andebol. Mas, desta vez, eu também estava sob tensão. No mínimo.

— Quer dizer que achas que Stella teve alguma coisa que ver com o crime? — perguntei.

— Claro que não, mas estou a falar é da Faculdade de Medicina. Amina não sabe rigorosamente nada sobre o que aconteceu na sexta-feira passada.

— Mas a Stella também não sabe, não é?

— É tão típico isto estar a acontecer *agora*. Não é a primeira vez que Amina se mete em sarilhos por causa da...

Não completou a frase. Não era preciso. Desliguei o telemóvel com o indicador a tremer.

Parei o carro junto ao pavilhão desportivo e percorri o resto do caminho a pé. Descobri o parque infantil atrás de uma sebe que rodeava os jardins circundantes. Da barreira da polícia restava apenas um bocado esquecido de fita azul e branca, atada a um candeeiro da rua. No parque infantil, uma menina a transbordar de alegria tinha levado o baloiço tão alto que um dos sapatos lhe tinha voado do pé. O pai estava ali perto, de braços estendidos à frente do escorrega, que o irmão da menina hesitava em descer.

Alguém tinha deixado um pequeno memorial ao longo da sebe atrás deles. Velas, rosas e lírios, fotografias e cartões de pêsames.

Alguém tinha escrito a palavra *PORQUÊ?* em maiúsculas vermelhas sobre um fundo preto.

A menina saiu do baloiço com um salto, foi buscar o sapato e calçou-o; depois, correu para o pai com um grito de alegria.

— Psiu — murmurou o pai, olhando de relance na minha direcção.

Estava de cabeça baixa a olhar para as flores e as velas e a rezar uma pequena oração por Christopher Olsen.

Tinha visto a sua cara apenas no ecrã do computador e do telemóvel, em algumas fotografias que acompanhavam um artigo e numa apresentação da empresa. Agora, pela primeira vez, via-o de uma forma diferente, no contexto de uma vida privada, como um ser humano de carne e osso, uma pessoa por quem outras choravam. Na fotografia maior, ele olhava para a objectiva com uns olhos brilhantes e um sorriso que parecia uma mistura de felicidade e surpresa, como se tivesse sido surpreendido pelo fotógrafo. Raramente a morte é tão tangível como quando conseguimos ver a vivacidade que a pessoa teve outrora.

Fui tomado por um sentimento brutal de impotência. Tudo aquilo parecia tão desesperadamente terrível. Um jovem, um desconhecido, tinha morrido ali, sobre a gravilha debaixo dos meus pés. Ainda havia vestígios de sangue.

Como podia alguém acreditar, nem que fosse por um segundo, que Stella podia estar implicada naquilo? Olhei para as fotografias de Christopher Olsen. Um jovem visivelmente atraente, com um olhar feliz e cheio de esperança no futuro. Era uma tragédia sem sentido.

Voltei rapidamente para o passeio e espreitei para a Pilegatan.

Porque teria aquela vizinha afirmado ter visto Stella naquele local na sexta-feira anterior? Quem era ela e como podia estar tão certa disso? Se estivesse a mentir de propósito, alguém tinha de a informar das possíveis consequências.

E se não estivesse a mentir? Se Stella tivesse estado ali?

Descobri o edifício amarelo do princípio do século ao fundo da rua onde Christopher Olsen tinha vivido. Admirei a beleza das janelas e a elegância das varandas. Depois, experimentei a porta. Estava aberta.

Não sabia se havia alguma razão legal que me impedisse de falar com a testemunha. Do ponto de vista moral, era sem dúvida profundamente repreensível, mesmo que eu promettesse a mim próprio que não tentaria influenciar a rapariga. Só queria perceber o que ela tinha visto. E tinha de perceber que Stella era uma pessoa de carne e osso, com pessoas que a amavam e estavam a ficar destroçadas de tão preocupadas. Alguém tinha de ter a certeza de que ela sabia que aquilo não era nenhuma brincadeira. Ela precisava de ver que eu existia.

Subi as escadas devagar, tropeçando de vez em quando. Parei no patamar do primeiro andar e li os nomes nas placas das portas. Lá estava: *C. Olsen*, em letra manuscrita sobre o metal reluzente. Havia mais dois apartamentos em frente ao dele. À direita, morava alguém chamado Agnelid, e, na porta do lado esquerdo, havia uma placa com o nome *My Sennevall* escrito à mão. Reconheci imediatamente o nome.

A campainha tocou, e tentei pensar no que devia dizer. Tinha de fazer com que ela compreendesse a razão por que estava ali. Pouco depois, ouvi passos arrastados atrás da porta; o soalho rangeu, mas depois tudo ficou tão silencioso como estava dantes. Tornei a tocar à campainha.

Ela estaria atrás da porta à escuta?

— Está alguém em casa? — perguntei em voz baixa.

Ouvi a chave a rodar na fechadura, e a porta abriu-se muito devagar. A abertura era tão exígua que tive de me inclinar para o lado para conseguir vislumbrar a pessoa que estava lá dentro.

— Olá. Peço desculpa por aparecer assim.

Não conseguia ver muito mais do que dois olhos a brilhar no escuro.

— Chamo-me Adam Sandell.

— E?

— Posso entrar?

Ela abriu a porta um bocadinho mais e pôs o nariz de fora.

— Vem vender alguma coisa?

Tinha uma voz de criança.

— Só queria fazer-lhe umas perguntas sobre Stella — disse-lhe.

— Sou o pai dela.

— Da Stella? — Parecia estar a pensar que Stella seria. — Aquela Stella?

— Por favor. Preciso de saber.

Com grande hesitação, retirou a corrente de segurança e abriu a porta para eu poder entrar no vestíbulo mal iluminado. Havia um boné, uma gabardina e um guarda-chuva no bengaleiro. Tirando isso, o vestíbulo estava completamente vazio.

— É a My, não é? — perguntei. — A My Sennevall?

A rapariga recuou até à parede e ficou a fitar-me com um olhar nervoso. Era pequena e elegante, com um cabelo que pendia como um véu até à cintura. Não podia ser muito mais velha do que Stella.

— Não sei o que quer de mim. Já disse tudo à polícia.

— Não me demoro — prometi, esticando o pescoço para ver o apartamento.

As paredes estavam nuas e um solitário candeeiro de pé lançava uma luz ténue sobre a sala escura. À frente da janela estava um cadeirão azul-escuro a precisar de ser arranjado. Não vi nenhuma televisão nem computador. Na estante da IKEA estavam algumas figuras de porcelana mal combinadas, daquelas que se compram na feira da ladra. Não havia secretária, nem cadeira, nem outra mobília. Só uma cama de casal por fazer a um canto.

— Está bem, mas diga-me porque está aqui — pediu My Sennevall.

Eu próprio não sabia muito bem porque estava ali.

— Importa-se de me dizer onde a viu? Preciso de ajuda para perceber o que aconteceu.

My Sennevall pestanejou algumas vezes.

— Costumo estar sentada ali à janela — disse, apontando para o cadeirão. — Gosto de saber o que se passa.

— O que se passa?

— O que está a acontecer.

Parecia estranho. Que tipo de pessoa seria ela?

— Quando viu Stella... — comecei —, tem a certeza de que foi na sexta-feira passada?

Ela resmungou qualquer coisa.

— A primeira vez foi às onze e meia.

— A primeira vez?

Acenou com a cabeça.

— Stella vinha a subir a rua na bicicleta. Abriu a porta lá de baixo e entrou a correr.

My Sennevall deu alguns passos lentos para dentro da sala, ficou parada junto ao cadeirão e apontou para a janela. Tinha uma vista excelente de Pilegatan.

— Depois tornei a vê-la. Uma meia hora mais tarde. Estava ali parada no passeio, do outro lado da rua. Debaixo daquela árvore.

Meia hora mais tarde? Portanto, My Sennevall tinha visto a pessoa que achava ser Stella não apenas uma vez, mas duas vezes na mesma noite.

— Como pode ter tanta certeza de que a pessoa que viu era Stella? Conhece-a?

Ela inclinou a cabeça.

— Sei que trabalha na H&M. Disse isso logo à polícia.

Tornou a olhar para mim. My Sennevall parecia bastante peculiar, mas não havia nada que sugerisse que estava a mentir. Eu tinha a certeza de que ela tinha visto alguém na sexta-feira e estava convencida de que era Stella. Dei comigo a pensar que não tinha ar de mentirosa. Um pensamento bizarro.

— Conhece todas as pessoas que trabalham na H&M, ou apenas Stella?

Tornou a resmungar.

— Tenho uma capacidade invulgar de fixar caras — respondeu, olhando pela janela. — Aliás, tenho muito boa memória, em geral. Reparo em coisas que escapam às outras pessoas.

— Não duvido disso — retorqui.

— Vi a sua filha na H&M montes de vezes. Quando a polícia me mostrou uma fotografia, tive cem por cento de certeza. Eles até disseram que era raro as testemunhas estarem tão convictas.

Inclinei-me um pouco para tentar recriar a perspectiva que ela teria tido quando estava sentada no cadeirão e constatei que via todo o passeio do outro lado da rua.

— Depois, acordei porque ouvi um tipo a gritar. Ou a berrar. Pelo menos, parecia ser um homem.

— A que horas foi isso?

— Tinha acabado de me deitar, por isso, devia ser mais ou menos uma da manhã.

Tal como Blomberg tinha dito. Uma da manhã.

— Deito-me sempre à uma da manhã. Mas vim aqui à janela e fiquei a olhar durante algum tempo. Não vi nada, mas tenho a certeza de que o som vinha do parque infantil ali adiante.

Tentei imaginar como seria de noite. O certo é que havia vários candeeiros ao longo do passeio, mas, mesmo assim, não teria sido fácil reparar em pormenores a meio da noite.

— Como pode ter tanta certeza de que era ela? — perguntei. — Já pensou que pode destruir a vida de uma pessoa, de várias pessoas, se identificar a pessoa errada? Tem de ter a certeza absoluta.

— E tenho. Já lhe disse.

Parecia tão ingénua, quase como se não tivesse relação nenhuma com a realidade. Parecia-me a mais completa loucura Stella estar fechada numa cela com base numa afirmação feita por aquela mulher.

Tive de me controlar. Só me apetecia agarrar em My Sennevall e dar-lhe um bom abanão.

— Não conhece Stella! Só a viu na loja onde trabalha. Como é que pode ter tanta certeza?

My Sennevall olhou-me nos olhos com uma expressão de compaixão.

— Não foi a primeira vez que Stella esteve aqui.

Um dia, quando tinham catorze anos, Amina veio ter comigo à igreja. Ficou à porta, com as pernas a tremer, como se o mundo fosse engoli-la a qualquer momento.

— Os pastores têm o dever da confidencialidade, não têm?

Mal disse estas palavras, percebi que as coisas iam mudar. Os seus olhos assustados de menina pareciam reflectir uma vida em suspenso.

Amina teve um papel muito importante na educação de Stella. Houve alturas em que Stella passava tanto tempo em casa dos Bešićs como em nossa casa. Amina também não tinha irmãos e, embora nunca tivéssemos falado disso com Dino e Alexandra, eu e Ulrika desconfiávamos que — tal como nós — eles não tinham conseguido engravidar outra vez.

— O que é que aconteceu? — perguntei, pousando a mão no ombro de Amina.

Em muitos aspectos, considero-me uma espécie de seu segundo pai.

— Tem o dever da confidencialidade, não tem? — tornou a perguntar. — Não pode contar a ninguém o que eu lhe disser, pois não?

— Depende do que me disseres.

Pedi-lhe que se sentasse e ofereci-lhe um sumo de laranja e umas bolachas *Ballerina*. Antes de chegarmos ao cerne da questão,

passámos algum tempo a falar de tudo e mais alguma coisa: de como corria a escola, de amigos, do andebol e dos seus sonhos. Até que me disse que tinha vindo por causa de Stella.

*

Esprei dois dias e depois tive de falar do assunto com Ulrika.

— Drogas?

A minha mulher ficou a olhar para mim. Parecia estar à espera que eu retirasse o que tinha dito ou que dissesse que estava a brincar.

— É o que diz Amina.

— E porque iria Amina contar-te uma coisa dessas?

Ela não queria mesmo acreditar.

— Acho que está com medo — respondi.

Nos dias que se seguiram, Ulrika atacou em todas as frentes. Falou com o director e com a enfermeira da escola para que lhe fizessem uma análise para despistar drogas.

— Que merda! Vocês não podem obrigar-me — disse Stella e tentou sair da clínica.

— Claro que podemos — contrapôs Ulrika. — Ainda és menor.

As pessoas começaram a olhar, curiosas, enquanto Stella continuava com os seus protestos ruidosos na sala de espera. Tentei esconder a cara o mais possível, mas a situação tornou-se tão constrangedora que acabei por levar Stella à força para o laboratório e explicar-lhe que não podíamos esperar mais tempo. Ulrika segurou com força na mão de Stella, enquanto a enfermeira lhe espetava a agulha no braço.

Alguns dias depois, soubemos o resultado pelo telefone. Havia vestígios de cannabis no sangue de Stella.

— Porquê? — repetia Ulrika até à exaustão. — Porquê?

la caminhando em círculo à volta da mesa da cozinha, à qual eu e Stella estávamos sentados. Naquele momento, era eu que me sentia advogado de defesa.

— Porque nunca acontece nada — disse Stella.

Rapidamente, aquela se tornou a sua resposta à falta de outra melhor.

— É tudo uma seca. Nunca acontece nada.

Ulrika olhou para ela, com uma mão cerrada à altura da anca.

— Drogas, Stella! Andas a drogar-te!

— Foi só um charro. Queria experimentar.

— Experimentar?

— Torna as coisas mais divertidas. É como o vinho, para vocês.

Ulrika deu um murro na mesa com tanta força que fez os nossos copos saltarem. Stella levantou-se e desatou a praguejar, soltando uma série de palavrões em bósnio que devia ter ouvido a Dino.

Nessa noite, quando me deitei, Ulrika estava voltada para a parede.

— Querida — disse-lhe, tocando-lhe suavemente nas costas.

A sua única resposta foi um soluço.

— Vai correr tudo bem — continuei. — Vamos resolver isto. Vamos ultrapassar isto juntos.

Ela olhou para o tecto.

— A culpa é minha. Trabalho demais.

— A culpa não é de ninguém — contrapus.

— Temos de procurar ajuda. Amanhã, vou ligar para a clínica psiquiátrica.

A clínica psiquiátrica?

— O que é que as pessoas vão pensar de nós? — desabafei.

Nessa semana, numa das noites seguintes, quando estava a ir para casa, vi Amina. Reconheci-a pelo blusão cor-de-rosa com gola de pele branca e tirei as mãos do guiador para lhe dizer adeus, mas Amina não respondeu. Abrandou o passo até que acabou por ficar

parada ao lado de uma caixa grande de electricidade, e percebi que devia haver um problema qualquer.

Quando me aproximei, as sombras do seu rosto tornaram-se mais distintas. Até ao último momento, tive esperança de estar enganado. Amina tapou a cara com uma mão numa tentativa vã de esconder a sua zanga, quando travei e me debrucei sobre a bicicleta.

— O que é que aconteceu, Amina?

Ela desviou a cara.

— Nada — disse, afastando-se de mim. — Pensava que os pastores tinham o dever da confidencialidade.

Conseguimos marcar uma consulta de pedopsiquiatria para daí a duas semanas. Nessa altura, já tínhamos tido uma reunião na escola com os professores, o director, a enfermeira e o psicólogo. Sentia-me o pai mais falhado do mundo.

O psicoterapeuta da clínica tinha um bigode tão comprido que até fazia caracóis nas pontas. Era difícil olhar para outra coisa que não o bigode.

— Costumo dizer que um problema de um adolescente é sempre um problema da família — disse o psicólogo, curvando-se sobre a mesa baixa, redonda, e fazendo balançar o seu colar de contas pretas.

Assim que eu ou Ulrika tentávamos dar a nossa opinião, ele interrompia-nos, levantando uma mão.

— Não podemos esquecer-nos da perspectiva de Stella. Como é que te sentes?

Stella olhava fixamente para os pés.

— Não interessa.

— Vá lá, Stella... — insistimos eu e Ulrika.

— Calma, calma, calma — interrompeu o psicólogo. — Ela tem o direito de sentir o que estiver a sentir.

Eu estava com nervoso nos dedos. Aquela não era a minha menina, ali sentada de braços cruzados e com uma expressão relutante. Era uma pessoa completamente diferente. Apetecia-me agarrá-la pelos ombros e abaná-la.

— Por favor, Stella — disse Ulrika.

O meu tom de voz era sempre mais duro.

— Stella!

Mas Stella continuou a resmungar nas consultas seguintes.

— Vocês não percebem nada. Não vale a pena. Não interessa.

Aos poucos, comecei a ficar resignado com o que acontecera — a nossa filha tinha fumado marijuana. Não era o fim do mundo. Mas as drogas eram apenas um sintoma dos muitos problemas de Stella, e era frustrante não podermos ajudá-la. Em casa, eu e Ulrika andávamos sempre com mil cuidados. O mais pequeno passo em falso podia desencadear uma explosão. Os olhos de Stella ficavam enevoados e desatava a gritar e a atirar coisas pelos ares.

— A vida é minha! Vocês não mandam em mim.

Quando a situação piorou, não tivemos outra opção senão começar a fechá-la no quarto até acalmar.

No final do Outono desse ano, trocámos o homem de bigode por uma mulher moderada, de cabelo ruivo. Dava-nos exercícios para fazermos em casa. Chamava-lhes ferramentas. Precisávamos de ferramentas. Mas quando Stella não levava a dela avante e virava tudo de pernas para o ar, parecia que todas as ferramentas eram inúteis.

Stella fez uns testes que permitiram concluir que tinha falta de controlo sobre os seus impulsos. Na opinião da psicóloga ruiva, era uma situação que podia ser melhorada.

Eu desabafava com os meus colegas, que foram extraordinários e me apoiaram muito. «Os adolescentes nunca são fáceis.» Apesar disso, não conseguia deixar de desconfiar de que alguns deles

pareciam um tudo-nada satisfeitos — de certa forma, aliviados, por até eu ter as minhas imperfeições.

No entanto, as análises seguintes à urina de Stella tiveram resultados negativos e comecei a ver uma luz ao fundo do túnel.

Nessa noite, eu e Ulrika estávamos sentados em lados opostos do sofá. Lutávamos contra o tempo e contra a ferida aberta no coração da nossa pequena família. O ar estava pesado, repleto de tudo o que não dizíamos um ao outro.

Eu não conseguia deixar de pensar em My Sennevall. As suas palavras tinham-me deixado muito angustiado. Ela tinha a certeza de que tinha sido Stella que vira na sexta-feira à noite, porque não era a primeira vez que Stella tinha estado em casa de Christopher Olsen.

Por volta das duas da manhã, Ulrika foi buscar outra garrafa de vinho. Ao regressar à sala, tropeçou e teve de se apoiar na parede.

— Talvez não devêssemos beber mais — disse-lhe.

— «Não devêssemos»?

Encolhi os ombros.

Tenho dito em muitos dos meus sermões que muitas vezes é preciso que aconteça uma tragédia ou uma catástrofe para as pessoas se unirem, para pararem definitivamente com o que estão a fazer e dedicarem-se uma à outra. É no infortúnio que nos redescobrimos e tomamos consciência do que significa sermos seres humanos entre outros humanos. É na tristeza que precisamos mais do que nunca uns dos outros.

— Adam, por favor, não me digas o que devo ou não fazer — disse Ulrika. — A minha filha é suspeita de homicídio.

Tornou a cambalear e depois sentou-se no seu lado do sofá. Respirei fundo. Éramos uma família — tínhamos de nos manter unidos. Não podia haver mentiras nem segredos.

— Sabes uma coisa? Acho que Stella conhecia aquele homem.

— Christopher Olsen?

Acenei com a cabeça, enquanto ela ia bebendo o vinho em pequenos goles.

— O que é que te leva a pensar isso?

— Acho que é apenas uma sensação que tenho.

Ulrika fitou-me com os olhos muito abertos.

Devia contar-lhe tudo? Revelar-lhe que tinha falado com My Sennevall? Aterrorizava-me a possibilidade de Ulrika não compreender o que eu tinha feito. Ia enfurecer-se e ficar a pensar que tinha tentado influenciar o depoimento de My. Seria uma questão de honra para ela, claro. Se descobrisse, podia até sentir-se obrigada a denunciar à polícia a minha iniciativa.

— O que é que fizemos de errado, querida? — perguntei. — Como pôde isto acontecer?

Os olhos de Ulrika humedeceram-se.

— Nunca fui suficientemente boa — disse, quase num sussurro. — Sou uma má mãe.

Cheguei-me mais a ela.

— És uma mãe fantástica.

— Oh! Stella foi sempre a menina do papá. Foi o que toda a gente sempre disse. Eras tu e a Stella.

— Pára. — Estendi o braço para ela, mas voltou-se de costas para mim e ficou calada. — Tu e a Stella sempre tiveram uma relação maravilhosa. Nos últimos tempos...

Ulrika abanou a cabeça.

— Faltou sempre qualquer coisa.

— Talvez seja sempre assim — retorqui, embora não tivesse a certeza do que queria dizer.

Quando finalmente adormecemos, ali no sofá, o nosso sono foi agitado e fragmentado. Eu estava sempre a acordar, com dores no corpo, a tentar perceber onde estava e se o que estava a acontecer era real ou se eram apenas fantasmas dos meus sonhos febris.

Ulrika estava um pouco inclinada ao meu lado, a assobiar quando respirava, com as pálpebras a tremer. A certa altura, já de manhã, aninhei-me tanto a ela que sentia a sua presença nos meus sonhos.

Quando tornei a acordar, ela já não estava ali. Fui a toda a pressa à cozinha. A luz da manhã banhava o silêncio da casa. Corri escada acima e abri a porta do quarto. A cama estava vazia. Passado um momento, ouvi-a no quarto de Stella.

— Chegaram os resultados do laboratório. Vai haver uma nova audiência hoje.

Estava parada na ombreira da porta, de ombros curvados e com umas olheiras enormes.

— O que é que isso significa?

— Uma pessoa pode estar detida «por suspeita razoável» ou «por causa provável.»

A diferença parecia-me considerável. Não é preciso muito para uma pessoa ser detida durante uma investigação, se estiver sob suspeita razoável, mas são precisas provas muito mais consistentes para a manter detida por uma causa provável.

As palavras matraqueavam-me na cabeça.

— Segundo a procuradora, há provas fortes contra Stella. Ela quer reforçar as suspeitas.

Mais suspeitas? Caiu-me o coração aos pés.

— O que é que descobriram?

Ulrika e eu nunca falávamos da culpa nem da vergonha que sentíamos por termos uma filha que fumava haxixe e andava sempre metida em sarilhos. Não dizíamos nada sobre as horas que passávamos na clínica psiquiátrica, passámos a vida a fazer grandes discursos sobre o futuro e dizíamos a toda a gente, quer quisessem ouvir quer não, que a coisa mais importante para nós era o bem-estar da nossa filha, como se estivéssemos verdadeiramente convencidos de que isso nos distinguia dos outros pais.

No Outono desse ano, Ulrika passou a trabalhar menos horas. Estava mais tempo em casa, mas tão ocupada como dantes.

Certa noite, acordei e ouvi-a a escrever no computador. Fui até ao seu escritório e encontrei-a sentada, às escuras, apenas com a roupa interior vestida. Nos últimos meses, tinha emagrecido bastante e, sob a luz ténue do candeeiro da secretária, reparei que tinha vergões e bolhas vermelhas mesmo por baixo do sutiã.

Zona, disse-nos o médico no dia seguinte. Recusou-se a receitar-lhe comprimidos para dormir, mas queria que ela ficasse de baixa.

— Tens de pensar em ti, querida — disse-lhe, enquanto lhe espalhava loção de calamina sobre o eczema.

— Tenho de pensar é na Stella — respondeu.

Mas, para Stella, a vida continuava a toda a velocidade. Acho que é sempre assim quando se tem catorze anos — não há tempo para pôr a vida em suspenso. É preciso continuar, para não se ficar para

trás nem se ser excluído. Lembrava-me muitas vezes das palavras de Dino, que Stella era a pior inimiga dela própria. Que tinha de vencer a batalha contra si própria. Às vezes, parecia que a única maneira de vencer era através da negação.

— Estou tão farta! Não quero saber.

Na Primavera desse ano, a psicóloga ruiva foi substituída por uma versão mais nova dela própria, uma mulher que estava convencida de que a psicoterapia podia resolver praticamente tudo, pelo menos, até ao dia em que Stella explodiu a meio de uma conversa e lhe dirigiu um monte de asneiras. Nessa altura, passámos para um psicoterapeuta familiar, um jovem do norte, com uma franja e um sorriso preocupado, que nos aconselhou a «bloquear a situação», sempre que Stella tivesse uma explosão daquelas.

— Parem e falem sobre o que estão a sentir e como chegaram a essa situação.

Passados alguns dias, Stella atirou uma sanduíche contra o frigorífico, quando eu e Ulrika lhe dissemos que ela não podia ir a uma festa, em Malmö.

— Vocês estão a matar-me! — gritou. — Para que serve estar viva, se não posso fazer nada?

Levantei-me e abri os braços, como se fosse um árbitro de hóquei.

— Vamos bloquear a situação.

— Oh, meu *deus*!

Stella correu para o vestíbulo, mas não a deixei passar.

— Não tenho paciência! — disse Stella, passando a toda a pressa por Ulrika e subindo as escadas. Atirou com a porta do quarto, e eu olhei para a minha mulher e suspirei, desiludido.

— Ela *tem* de ter paciência — exclamei, encostando-me à bancada da cozinha. — Temos todos de ter paciência.

— Não percebo o que está a acontecer — confessou Ulrika.

Nenhum de nós percebia. Aos cinco anos, Stella ficava sentada horas a fio a fazer *puzzles* demasiado difíceis para a sua idade. Na pré-primária, diziam que nunca tinham visto ninguém com tanta paciência. Aos catorze anos, não conseguia ficar sentada nem concentrada durante dez minutos.

Contudo, sempre que os psicólogos falavam de défice de atenção ou de PHDA, Ulrika punha-se sempre à defesa. Nunca conseguia dar-lhes uma razão concreta para a forma como reagia, mas confessou-me que morria de medo que um diagnóstico pudesse estigmatizar Stella e ser encarado como uma profecia que se concretizava.

— Quando eu era pequena, os adultos estavam sempre a dizer-me que era uma boa menina.

Fez uma careta, como se tivesse provado uma coisa que sabia muito mal. Não percebi o que queria dizer.

— «Uma boa menina», diziam os adultos e faziam-me uma festinha na cabeça. «A Ulrika é tão boa menina.» Acabei por não ter outra opção senão tornar-me na boa menina que todos esperavam que eu fosse.

Nunca tinha visto as coisas desse ponto de vista.

A certa altura, quando andava na preparatória, Stella deixou de vir comigo para a igreja. Não atribui grande importância a esse facto; encarei-o como uma forma de rebelião perfeitamente natural. Hoje em dia, as crianças tornam-se adolescentes mais cedo, libertando-se dos pais às vezes ainda antes da puberdade. Não havia nada de estranho em Stella querer tornar-se independente. Além disso, nunca me passaria pela cabeça impingir-lhe a minha fé em Deus.

À medida que os anos foram passando, tornou-se cada vez mais frequente ouvir Stella culpar a religião por todo o mal que havia no mundo; troçava e desdenhava das pessoas que acreditavam em qualquer coisa que não fosse o mais puro ateísmo. Obviamente, eu

tinha consciência de que não ganhava nada em contrariar as suas opiniões. Também tinha sido como ela. O que me perturbava era eu estar convencido de que ela dizia tudo aquilo para me magoar. Era difícil. É doloroso ver um filho escolher um caminho que jamais previmos.

Perante a atitude negativa de Stella em relação à Igreja, foi uma surpresa para mim ela querer ir para um retiro para fazer o crisma.

Quando cheguei à nossa congregação, um dos meus primeiros projectos era arranjar um bom grupo para o crisma. Em colaboração com a congregação mais próxima, descobrimos o local perfeito para organizar retiros junto ao Lago Immeln, perto de Blekinge, e, por sorte, também conseguimos contratar um jovem diácono, chamado Robin, para director dos retiros.

Os retiros tornaram-se um sucesso imediato e, no ano de Stella, recebemos pedidos de adolescentes e de pais de toda a cidade. Sabia que a nossa popularidade se devia em grande parte a Robin, que era jovem e encantador, mas com convicções bem profundas, por isso, atribuí uma parte exorbitante do orçamento da nossa congregação à sua contratação como novo director.

Claro que eu reparava na forma como as raparigas que iam fazer o crisma olhavam para ele; tinha consciência de que a sua simpatia escondia alguns perigos, mas a verdade é que era demasiado ingénuo para me aperceber de quaisquer sinais de aviso.

— Acho que devemos deixá-la ir para o retiro do crisma — disse numa noite, em Abril, em que o vento estava tão forte que fazia abanar as paredes.

Estávamos sentados à mesa, a jantar, com a família toda reunida daquela vez. Tinha passado uma semana desde a última grande explosão.

— A sério?

Stella lançou os braços em volta do meu pescoço.

— És o maior — disse, com a boca cheia. — Adoro-te, papá!

— Primeiro, temos de ver o que diz a mamã.

Ulrika estava a mastigar, muito pensativa. Tinha acabado de ser contratada como assessora do advogado de defesa do que viria a ser um dos julgamentos mais célebres da Suécia. Tinha agarrado a oportunidade com as duas mãos, passando a trabalhar ainda mais.

— O que é que eu hei-de dizer?

Bebeu alguns goles de leite e olhou para mim.

— Diz que eu posso ir — pediu Stella, ainda agarrada ao meu pescoço.

— Por favor — acrescentei, com um sorriso um bocado tolo.

Devo confessar que, em certa medida, via aquele retiro como uma oportunidade para Stella descobrir novos valores na comunidade cristã. Uma oportunidade de desabrochar e de se encontrar. Esperava que o retiro pudesse ser o princípio de um caminho de retorno. De Stella voltar para nós, mas também de eu recuperar a filha que ela fora outrora.

— Claro que podes — disse Ulrika, por fim.

Sentíamos que aquilo podia ser um ponto de viragem.

Numa sexta-feira de Agosto, Stella entrou num autocarro estacionado no parque da igreja. Ulrika tinha perdido o voo de Estocolmo, mas eu fiquei ali a dizer adeus, enquanto o autocarro se afastava. O sorriso de Stella parecia ser do tamanho de toda a janela traseira. Mas não me disse adeus.

Na quarta-feira à tarde, voltámos ao tribunal. Ulrika passou primeiro do que eu pelo detector de metais dos seguranças. Quando chegou a minha vez, o detector começou a apitar e a piscar. Toda a gente olhou para mim, mas o guarda descobriu rapidamente que eu apenas me tinha esquecido de tirar o meu fio.

Michael Blomberg quase não teve tempo de nos cumprimentar no corredor. Tinha a testa coberta de suor e o nó da gravata aberto. Seria ele o homem certo para defender Stella?

Quase não sentia os pés quando entrei na sala de audiências. Stella já lá estava e, vista de costas, era igual a qualquer outra adolescente, uma jovem com a vida toda pela frente. Só quando vi o seu olhar apático é que a realidade se abateu sobre mim. Não havia ali nada que fosse normal.

A audiência começou, e nenhum dos advogados pediu que fosse à porta fechada. Foi dada a palavra à procuradora Jenny Jansdotter. Falou depressa e sem a menor hesitação.

— Com base nas novas provas forenses que surgiram na investigação, considero que houve um agravamento das suspeitas contra Stella Sandell.

Eu não conseguia tirar os olhos de Stella. Era tão horrível ela estar ali sentada, a poucos metros de mim, e eu não poder falar com ela. O que mais queria era abraçar a minha menina.

Segundo os resultados do laboratório, a pegada que os técnicos tinham recolhido no local do crime era de um sapato igual ao que Stella tinha calçado quando foi presa. No entanto, não tinha sido possível determinar se a pegada era do sapato de Stella.

As análises feitas ao local do crime também apresentavam vestígios claros de capsaïcina no corpo da vítima, o que significava que Christopher Olsen tinha sido atacado com gás pimenta.

— Vários colegas de Stella revelaram durante o interrogatório que ela andava sempre com uma lata de gás pimenta na mala — disse a procuradora.

Era um disparate. Por que razão andaria Stella com gás pimenta?

Além disso, explicou Jansdotter, os técnicos da polícia tinham recolhido muitos vestígios deixados por Stella no apartamento de Christopher Olsen em Pilegatan. Cabelos, amostras de pele e fibras de tecidos.

— Stella não conseguiu explicar estas descobertas. Além disso, não forneceu nenhum relato coerente das suas acções durante a noite do crime.

Ulrika apertou-me a mão, mas não me atrevi a olhar para ela.

A procuradora disse que ainda estavam à espera de informações do médico legista para determinar em pormenor a sequência dos acontecimentos.

Tinha a sensação de estar a assistir à filmagem de um programa de televisão. Apesar de a minha mulher ser advogada, eu tinha estado muito poucas vezes numa sala de julgamento, e, nessas alturas, também sentira que estava a assistir a uma espécie de espectáculo, a qualquer coisa que estava a acontecer num palco perante uma plateia, uma coisa que terminaria ao cabo de algum tempo. Mais ou menos como um casamento ou um funeral. Só quando estamos pessoalmente envolvidos na história é que ela deixa de ser uma representação. Quando é sobre a nossa própria vida. A nossa família.

— Os investigadores também descobriram provas no computador de Christopher Olsen — disse a procuradora, folheando uma pilha de documentos. — Existem várias conversas por *chat* entre Olsen e Stella Sandell. Conversas que sugerem que Stella e Christopher se conheciam e provavelmente tinham uma relação íntima.

Senti-me doente. Passaram-me pela cabeça imagens horríveis.

Quando deram a palavra a Blomberg, ele não levantou praticamente nenhuma objecção, e, depois disso, o juiz disse que o tribunal iria deliberar. Desta vez, os seguranças seguiram Stella directamente até ao submundo. Havia uma passagem que ia directamente do tribunal até à cave, onde se situava a prisão, e a porta fechou-se atrás deles sem que Stella olhasse para trás, nem que fosse de relance.

— Porque é que ela não diz qualquer coisa? — perguntei a Ulrika.
— Porquê...? Porque é que ela está a deixá-los fazer isto?

Quase parecia que Stella acreditava em tudo o que tinham dito. Como se apenas fizesse parte do espectáculo.

— Não pode fazer grande coisa — disse Ulrika. — Provavelmente, está tão chocada como nós.

Recusava-me a pensar sequer noutra alternativa.

Passados dez minutos, chamaram-nos de novo à sala de audiências, e o juiz declarou que o tribunal tinha decidido que Stella iria ficar detida com causa provável por suspeita de homicídio.

Fomos directamente para o escritório de Michael Blomberg, em Klostergatan. O advogado das celebridades dirigiu-se a nós com passos pesados, que fizeram o soalho ranger, e uma expressão furiosa.

— É escandalosa a inutilidade desta investigação. Tanto Jansdotter como a polícia parecem ter umas palas nos olhos; não vêem outra coisa à frente senão Stella.

— Porque é que não disse nada no tribunal? — perguntei.

Blomberg parou de repente.

— O que quer dizer com isso?

Voltou-se para Ulrika, como se só ela tivesse o direito a ter opiniões, e eu não.

— A sensação que tenho é que está a aceitar tudo — disse-lhe.

— Não devia protestar? Ela tem um álibi! Porque é que não falou no seu álibi?

Blomberg fez um sinal de irrelevância com a mão.

— Isso não iria servir de nada, neste momento. Há demasiadas provas circunstanciais contra Stella, e o médico legista ainda não determinou a hora exacta do crime.

— Mas a testemunha — contrapus. — My Sennevall. Ela ouviu pessoas a discutirem na rua por volta da uma da manhã.

Blomberg olhou para Ulrika.

— Pois, é verdade — confirmou a minha mulher. — O que descobriste sobre essa tal Sennevall, Michael?

Blomberg afundou-se na cadeira junto à secretária.

— É uma testemunha muito pouco competente. My Sennevall vive à janela. Literalmente. Só sai de lá para ir comprar comida ou para ir à psicoterapia; tirando isso, está sempre à janela a espiar os vizinhos. Sabe tudo o que se passa nas redondezas.

— Pela descrição, parece-me bastante boa testemunha — comentei.

— Nem por isso. Essa rapariga é a definição de doença mental em pessoa. Tem todas as fobias e neuroses conhecidas.

Eu podia ter previsto isso mesmo.

— Mas isso não interessa, pois não?

Tanto Blomberg como Ulrika demonstraram um certo mal-estar.

— Pode haver quem não pense assim — disse Blomberg.

— E a ex-namorada de Olsen? — perguntou Ulrika. — Descobriste alguma coisa sobre ela?

Descobrir? Aquela palavra não me agradava. Associava-a a coscuvilhice e difamação, mau jornalismo nas revistas de celebridades. Como se quiséssemos arranjar um bode expiatório a qualquer custo.

— Acho que devemos pôr todas as fichas na ex-namorada — disse Blomberg. — Linda Lokind.

— É esse o nome dela?

Blomberg tirou um bocado de papel de cima da secretária para confirmar.

— É. Linda Lokind. Mora no número 10 da Tullgatan.

— Já falaste com ela? — quis saber Ulrika.

— Não é muito dada a conversas. Diz que já disse tudo à polícia e à procuradora, mas ninguém acredita nela. Tentei obter uma cópia desse depoimento, mas parece que foi considerado confidencial. Mas tenho a certeza de que vamos resolver isso. Vamos ter de o fazer através do tribunal.

— Quanto tempo vai isso demorar? — perguntei.

Blomberg fechou a caneta com um clique.

— Tens de ter calma — disse Ulrika, dando-me uma palmadinha no braço.

— Calma? Como queres tu que eu tenha calma? Se essa Lokind tem um motivo, é do interesse de todos interrogá-la! A polícia não tem obrigação de fazer um trabalho extenso e objectivo?

— A polícia interrogou-a — disse Blomberg, atirando a caneta para cima da secretária. — Para recolher informações.

— É óbvio que isso não chega — exclamei. — E quando podemos ver Stella? Precisamos de falar com a nossa filha!

Eu já quase me levantara da cadeira.

— A Stella está incontactável — respondeu Blomberg. — Só pode falar comigo.

— Mas ela só tem dezoito anos — insisti.

— Infelizmente, a idade não interessa — acrescentou Blomberg.

— É uma criança!

Eu não queria gritar. Aconteceu. Sentia as pulsações bater nos punhos cerrados, e Ulrika agarrou-me o pulso com força.

— Segundo a lei, não é — disse Blomberg, cautelosamente.

— Não quero saber da lei para nada. Quero é ver a minha filha!

Tinha os ouvidos a zunir. Até Blomberg, grande como era, pareceu um pouco assustado, quando me libertei das mãos de Ulrika e me levantei da cadeira.

— Certifique-se de que a Stella diz tudo à polícia. Não quero que haja mais segredos nem surpresas desagradáveis. As pessoas inocentes não mentem.

Não tinha dito a Stella que tencionava visitar o retiro. Talvez tenha sido uma estupidez da minha parte. Claro que devia tê-lo mencionado, mas parecia-me uma coisa óbvia. Era o pastor de uma das congregações que tinham organizado o retiro, a iniciativa tinha sido minha — era natural que eu quisesse ir visitar os jovens.

Quando cheguei ao local, os confirmandos tinham acabado de grelhar salsichas para fazer cachorros. Alguns deles estavam de fatos de banho; uns quantos tinham água pela cintura e tremiam de frio, outros saltavam do cais para a água. As duas conselheiras do retiro observavam os jovens debaixo de uma árvore, enquanto Robin chapinhava no lago, com o cabelo molhado e um sorriso deliciado.

Deixei-me ficar algum tempo na encosta relvada. Era como estar a olhar para uma obra de arte. A felicidade e o companheirismo pintavam o cenário com as cores mais encantadoras.

Os jovens não tinham tempo para mim. Várias colegas de Stella cumprimentaram-me, mas a maioria nem deu pela minha chegada.

Fui ter com as conselheiras que estavam debaixo da árvore e cumprimentei-as com um aperto de mão. Disseram-me que estava tudo a correr extraordinariamente bem. Era maravilhoso trabalhar com aquele grupo de jovens, com o qual já tivera várias conversas interessantes e sinceras.

Nenhuma delas falou de Stella, e achei que isso queria dizer que também ela estava a portar-se bem. Já tinha decidido não me preocupar, mas agora que ficava claro para mim que não tinha havido nenhum problema, senti-me invadido por uma grande sensação de alívio.

Mas as coisas mudaram quando Stella se apercebeu da minha presença.

Saiu do lago a patinhar, com o cabelo a escorrer.

Quando chegou à margem, pôs uma toalha à volta do corpo.

Quando me viu, os seus olhos ficaram ensombrados.

— O que estás aqui a fazer?

— Vim ver como o retiro tem estado a correr.

Tentei fazer um sorriso meigo.

— Deixa-me em paz!

Desapareceu pela encosta acima a chinelar.

Robin convenceu-me a ficar para jantar. Havia uma sala à parte onde podíamos ficar sem que Stella tivesse de estar comigo.

As cozinheiras do retiro tinham muita qualidade e a comida estava deliciosa. Depois do jantar, perguntei se não se importavam que eu ficasse mais algum tempo. Não podia demorar-me muito, mas tinha de preparar algumas coisas antes das missas do dia seguinte.

— Claro — disse Robin.

Depois de algumas horas de convívio obrigatório, soube-me bem ficar sozinho com o meu computador e os meus pensamentos. Sou uma pessoa bastante sociável, mas, no fundo, talvez me considere introvertido. Sempre valorizei a privacidade, mesmo no seio da minha família. Para mim, o direito de termos o nosso próprio espaço é tão importante como termos a oportunidade de falar sobre tudo o que quisermos. Acho que nos tem ajudado muito, a mim e a Ulrika, termos a possibilidade de passarmos algum tempo sozinhos. A obrigação de partilhar sempre tudo pode facilmente tornar-se

asfixiante. Diz-se muitas vezes que as pessoas têm um instinto gregário, mas não podemos esquecer-nos de que também precisamos de solidão.

Quando terminei os meus preparativos, o crepúsculo estava a descer sobre o lago. O tempo tinha passado muito depressa e os meus afazeres tinham sido mais demorados do que eu estava à espera. E, como Ulrika estava a trabalhar em Estocolmo, não havia necessidade de ir para casa à pressa. Só me faltava despedir-me de Robin. Tinha esperança de não me encontrar com Stella para não a aborrecer ainda mais. Em grande medida, era a Robin que se devia o sucesso daquele retiro, mais uma vez, era impossível negá-lo. Estava muito satisfeito por estar tudo a correr tão bem. Era um grande peso que me saía do peito e soube-me muito bem o ar fresco ao atravessar o pátio.

O retiro estava a decorrer num centro constituído por três edifícios separados. No edifício principal ficava a sala de jantar, a cozinha e a sala de estar; do outro lado do pátio, era o dormitório. Não muito afastado e parcialmente escondido pelos troncos de grandes faias, ficava o edifício mais pequeno, onde dormiam os conselheiros quando não estavam a fazer o turno da noite.

Os confirmandos pareciam gostar de desfrutar do tempo livre. Alguns estavam no relvado, mas a maioria estava no dormitório.

— Viste Robin? — perguntei a uma das conselheiras.

— Acho que está no edifício dos conselheiros.

Atravessei rapidamente o pequeno bosque. O riso dos adolescentes ecoava no céu da noite.

Cheguei à porta e bati. Ninguém respondeu. Talvez Robin estivesse na casa de banho? Ou a tomar duche? Rodei o puxador, mas a porta estava fechada à chave. De certeza que não tinha adormecido?

Dei a volta ao edifício e espreitei pela janela, mas a única coisa que vi foi uma cama vazia. Sem grandes esperanças, fui até à

janela seguinte. As cortinas estavam fechadas, mas, por uma pequena abertura, vi uma luz ténue vinda do interior. Robin devia estar a dormir. Inclinei-me para bater à janela, mas fiquei admirado ao perceber que conseguia ver lá para dentro através dessa abertura. E o que vi foi duas pessoas sentadas, a olharem uma para a outra, em pânico.

Bastou-me um breve vislumbre. Passaram três anos, e ainda consigo evocar essa imagem chocante sempre que quero. Provavelmente, nunca a esquecerei.

A imagem de Robin e Stella, atrapalhados, a tentarem vestir-se.

Na quinta-feira de manhã, fazia cinco dias que Stella estava na prisão. Imaginava-a numa cama suja numa cela acanhada e escura, e doía-me o coração. Passei o pequeno-almoço a andar de um lado para o outro na cozinha, a repisar nas minhas preocupações.

— Pára com isso — disse Ulrika. — Estar sempre a pensar na mesma coisa não serve de nada.

— Então, o que sugeres que eu faça?

— Eu cá vou trabalhar. Talvez isso também te fizesse sentir melhor.

Pelo menos, ajudava-me a pensar noutra coisa. Telefonei a dizer que já não estava de baixa e dirigi-me para a igreja. Setembro é uma espécie de Advento para esta cidade universitária. Depois da calma do Verão, as ruas enchem-se de estudantes animados a tentar instalar-se, confusos, mas determinados a darem-se a conhecer. Ciclistas vacilantes por todo o lado, com a voz dos GPS a sair-lhes do bolso, jovens de vinte anos com respostas para todos os problemas difíceis da vida nos seus sacos de cabedal ou nas mochilas *Fjällräven*. Lund só recupera em Outubro, quando os namoricos já estão mais ou menos assentes, uns quantos beijos já foram trocados e os recém-chegados mais estranhos voltaram às suas terras de origem. É, ao mesmo tempo, o grande inconveniente e o maior encanto de uma cidade universitária. Ser invadida no Outono por pessoas cheias de sonhos e de boas intenções, que

ainda conservam o bronzado do Verão noutras paragens durante algumas semanas antes de as folhas começarem a cair. Podem amar ou odiar, mas nunca se habituam.

Os meus colegas estavam na cozinha da igreja, e as suas vozes chegavam à entrada, quando pendurei o casaco.

— A princípio fiquei chocado, mas depois pensei melhor e...

— Ela sempre teve um feitio terrível.

Era impossível não ouvir o que estavam a dizer.

— Não souberam impor limites. Só há uma maneira de uma rapariga como Stella aprender.

— A Ulrika e o Adam foram demasiado tolerantes.

Eu estava absolutamente imóvel à entrada, a assimilar as palavras deles.

— Claro que a culpa não é da Stella — disse Monika, uma das minhas colegas. — Ela é uma criança ou, pelo menos, uma adolescente.

Ficaram em silêncio por um momento. Fechei os olhos e senti-me levar lentamente. Depois, continuaram:

— Não sei se sabem, mas a Stella já andou no psiquiatra.

— Não admira.

— Ela sempre teve um problema mental qualquer. Mesmo em criança, havia nela qualquer coisa de diferente.

Fez-se silêncio de novo. Alguém tossiu.

Gosto dos meus colegas. Sempre confiei neles e sempre senti a sua compreensão e amizade. Desde que comecei a presidir a esta congregação, houve várias mudanças positivas, e tenho a certeza de que a maioria das pessoas concorda que fui eu o seu impulsionador. Era tão inesperado para mim ser atacado daquela maneira que tinha a sensação de o meu cérebro ter ficado paralisado. Como se fosse um *zombie*, fui directamente para a cozinha e sentei-me com eles à mesa.

— Olha... o Adam! — exclamou Monika.

Cinco pares de olhos fixaram-se em mim, muito abertos e mudos, como se estivessem a assistir à segunda vinda do Senhor.

— Não devias estar a trabalhar, pois não? — perguntaram em coro.

— Tenho um casamento hoje à tarde.

— Mas nomeámos Otto para isso — disse Anita, a nossa administradora.

— Não repararam que eu já não estou de baixa?

Ela corou.

— Não estávamos a contar que tu...

Observei cada um deles e fiquei à espera que alguém pedisse desculpa, mas não conseguiram dizer mais do que algumas frases entrecortadas.

Por fim, Monika levantou-se e agarrou-me pelo braço. Está na nossa congregação desde o tempo de Santo Ansgar — é o íman que nos mantém juntos, o rochedo a que todos nos agarramos em todas as situações.

— Anda comigo — disse, conduzindo-me devagar pelo corredor, enquanto o meu cérebro continuava parado.

Sentámo-nos à frente um do outro nas poltronas do seu gabinete. Monika pousou as mãos cheias de anéis sobre os meus joelhos e inclinou-se para diante, com os seus olhos meigos e felinos.

— Onde achas que errámos, Monika?

Ela garrou-me pelos ombros e abanou a cabeça devagar.

— Vocês não erraram — disse-me. — Deus tem um objectivo. Mas nós ainda não o descobrimos.

Uma parte de mim queria que Monika e Deus se lixassem, mas felizmente recompus-me e agradeci-lhe pela sua preocupação.

— Agora vai para casa e descansa. Cuida da Ulrika — disse Monika, abraçando-me. — Eu vou rezar por vocês os dois. E pela Stella.

Naquele momento, as suas palavras pareceram-me insignificantes. Quase falsas.

Mas queria sinceramente seguir o conselho de Monika.

Estava a sentir demasiadas coisas. Os meus pensamentos pareciam finalmente estar a ganhar forma por detrás de uma espessa cortina de nevoeiro e o coração parecia arranhar-me as costelas como um *terrier*. O meu corpo dizia-me que corresse, que não me deixasse congelar num presente doloroso, por isso, comecei a correr — ou, pelo menos, a andar — quilómetros a fio, até ter as costas ensopadas de suor.

Fui até ao centro e, ao sair do Parque da Cidade, pensei como teriam sido as coisas, se tivéssemos apresentado queixa de Robin à polícia. Ele tinha violado Stella, e nós tínhamos deixado sem que nada lhe acontecesse. Que imagem teria isso transmitido à nossa filha? Que raio de pais éramos nós?

Sentia o coração bater furiosamente no meu pescoço e tinha espasmos nos músculos. Estuguei o passo quando passei pelo parque para cães, na Södra Esplanaden.

Quando vi a placa com o nome da rua — Tullgatan — senti uma estocada no peito. Parei e fiquei a olhar.

Era ali que morava a ex-namorada de Christopher Olsen. Blomberg tinha-nos lido a morada. Não podia passar por ali sem fazer nada.

Em grande medida, não apresentar queixa contra Robin na polícia foi uma decisão de Ulrika. Não a culpo por isso — a decisão também foi minha —, mas provavelmente eu não teria hesitado em denunciá-lo, se não fossem as objecções de Ulrika.

Empurrei-o contra a parede no edifício dos conselheiros, de punhos cerrados no ar, mas, no último segundo, consegui controlar-me. Arrastei Stella dali para fora, passámos por entre as árvores e sentei-a no meu carro. Ainda não consigo lembrar-me da viagem para casa.

Ulrika achava que devíamos levar Stella ao hospital imediatamente, mas, na minha opinião, devíamos primeiro chamar a polícia.

— Ele violou-a — insistia eu. — Mesmo que Stella tenha ido atrás dele para o edifício dos conselheiros. Independentemente de a iniciativa ter sido dela ou não.

Ulrika andava de um lado para o outro na cozinha.

— Não sei o que é melhor — dizia Ulrika.

— Não acredito que estejas a dizer que Stella pode ter tido alguma responsabilidade. Ela é uma criança.

— Não, aos olhos da lei, não é. Tem quinze anos. É a idade do consentimento na Suécia.

Ulrika parou junto da janela. Tinha os ombros a tremer.

— Sei como são estes julgamentos — disse-me. — Já estive pessoalmente envolvida em vários.

Já tinha quase apagado essa memória, mas, uns anos antes, Ulrika tinha defendido um tipo acusado, juntamente com outros jovens, de violação em grupo. Tinha sido um escândalo, quando todos eles foram declarados inocentes.

— Vão ser duros com ela — acrescentou Ulrika. — Vão querer saber os mínimos pormenores. O que ela disse, o que fez, como estava vestida.

— Pára — gritei. — A vítima é ela.

— Eu sei. Toda a gente sabe isso. Mas em tribunal é essencial saber quem fez o quê, que tipo de iniciativa Stella teve, como era o comportamento dela antes e depois do sucedido. Qualquer coisa que possa semear a mínima dúvida será dissecada pelo advogado de defesa.

Fui até junto da janela e envolvi-lhe a cintura com os braços.

— Não podemos deixar que isso aconteça. Não pode ser assim.

Ulrika acariciou-me o braço.

— Não sei se pode ser de outra forma.

Mais tarde, nessa noite, ela contou-me alguns dos terríveis pormenores que a rapariga fora obrigada a contar em tribunal durante o julgamento da violação em grupo. Era chocante. Não me considero particularmente ingénuo, mas a verdade é que me senti fisicamente doente quando fiquei a saber como são esses julgamentos. Já todos lemos e ouvimos histórias de advogados que perguntam às vítimas de violação se estavam de mini-saia e o que tinham bebido, mas, ainda assim, eu achava que isso eram exceções extremas. Só naquele momento percebi que era mais ou menos esse o padrão habitual nesses casos.

Nunca pensei aconselhar ninguém, muito menos a minha própria filha, a não apresentar queixa à polícia, a não confiar no sistema, a não deixar que a justiça funcionasse, mas finalmente estava a ter a

noção do que seria exigido a Stella, do que ela seria obrigada a aguentar e, por isso, tive de reconsiderar a minha posição.

— O que achas que é mais importante? — perguntou-me Ulrika, antes de adormecermos. — Que Stella saia disto mais ou menos incólume ou que Robin não seja castigado?

Como se essas duas opções fossem contraditórias. Porque não podiam acontecer ambas? Hoje, não tenho dúvidas de que gostaria de ter posto em causa o quadro a preto e branco que Ulrika me apresentou e que se tivesse feito justiça.

Falhámos em relação a Stella de forma imperdoável.

Dirigi-me para a primeira porta que encontrei em Tullgatan. Só queria ver.

Podia ser que Linda Lokind estivesse ali sentada, naquele preciso momento. A ex-namorada de Christopher Olsen. Blomberg parecia ter a certeza de que ela tinha tido qualquer coisa que ver com a sua morte.

O meu coração começou a bater mais depressa, quando li os nomes por baixo do intercomunicador. Jerbring, Samuelson, Makkah. Nenhuma Lokind.

Fui até à porta seguinte.

Se não fosse por mais nada, pelo menos, Linda Lokind podia ajudar-me a compreender. Podia falar-me de Christopher Olsen. Talvez tivesse alguma ideia de como ele e Stella se tinham conhecido e que tipo de relação tinham.

Na terceira porta, descobri. Lokind, segundo andar. Fiquei muito tempo a olhar para o nome, com o coração a bater cada vez mais depressa. O que estava eu a *fazer*?

Experimentei a porta. Trancada. Inclinei-me para a frente para espreitar para as escadas. O que diria? Como me apresentaria sem a assustar? Sem parecer que era doido? E se ela chamasse a polícia?

Tornei a olhar para os nomes junto do intercomunicador e decidi-me por I. Jönsson. Não sabia porquê, mas agradava-me. Toquei à

campainha e, quando uma voz rouca perguntou «Quem é?», expliquei que tinha um ramo de flores para entregar a uma vizinha que não estava em casa. I. Jönsson abriu imediatamente a porta da rua.

Subi dois andares e toquei à campainha.

Lembrei-me da minha visita a My Sennevall, e tentei descobrir como poderia fazer as coisas correrem melhor, desta vez. Já tinha cometido uma ilegalidade ao visitar Sennevall, mas, desta vez, a transgressão era ainda maior. Se se soubesse que eu tinha ido ter com Linda Lokind... seria possível que ela fosse perigosa? Na pior das hipóteses, era uma assassina movida pelo desejo de vingança; na melhor das hipóteses, era uma psicopata mentirosa que tinha acusado falsamente o ex-namorado das coisas mais horríveis. Tinha de ser muito cauteloso.

Quando a porta foi aberta por uma mulher surpreendida, senti-me embaraçado. Não podia ser ela. A mulher que estava à minha frente era uma verdadeira modelo.

— Linda? — perguntei.

— Sim, sou eu?

Observou-me, desconfiada.

— Preciso de falar consigo.

— Quem é o senhor?

Apontei para o meu colarinho de padre.

— Posso entrar só por um momento?

Ela susteve a respiração.

— O que é que aconteceu? Foi a mamã?

— Queria falar consigo sobre Christopher Olsen.

A expressão de Linda Lokind ficou imediatamente mais desconfiada.

— Está bem — disse, deixando-me entrar. — Mas eu já disse que não quero que me envolvam nesse assunto.

O seu apartamento era alegre e espaçoso. A parede do corredor que ia dar ao quarto estava coberta por um planisfério, e no chão havia uma jarra de vidro com um metro de altura, em forma de garrafa, com um simples lírio. A estante tinha alguns livros sobre *fitness* entre elefantes coloridos decorativos. Todo o espaço estava iluminado por um enorme candelabro moderno.

— Podemos sentar-nos? — perguntei, apontando para a mesa de jantar junto às portas que davam para a varanda.

— Porquê? O que deseja?

Tinha ficado parada à porta, com as mãos nas ancas.

— Represento a família Olsen — disse, puxando uma cadeira para me sentar.

Era como se o plano já estivesse delineado há muito tempo, e agora apenas precisasse de o pôr em prática.

— Já lhe disse que não quero ter mais nada que ver com o assunto.

— Sente-se só um bocadinho — implorei. — Estou aqui porque a família merece encerrar o assunto com alguma dignidade.

— Que família? Margaretha?

— Exactamente. — Acenei rapidamente com a cabeça. — O Christopher já não está connosco. Só queremos que a verdade venha ao de cima.

— Não estou a perceber?

Claro que eu não estava à espera que ela confessasse o crime, mas era interessante observar as suas reacções. Sempre tive jeito para desmascarar mentirosos.

— O que aconteceu entre si e Christopher? — perguntei.

— A Margaretha sabe o que aconteceu. Disse tudo à polícia. — Sentou-se finalmente com um trejeito relutante.

— E pode dizer-me tudo outra vez? — perguntei.

— Aquela agente da polícia. Agnes Thelin. Não acreditou em mim. Pedi para falar com outra pessoa, mas ninguém me deu

ouvidos.

Linda Lokind era inegavelmente uma mulher atraente, mas senti que havia mais qualquer coisa sob a sua pele suave e o seu rosto bem proporcionado: uma menina insegura e ambivalente. Que idade teria ela — vinte e dois, vinte e três anos? Tinha quase a certeza absoluta de que não estava a contar toda a verdade, mas também que não era uma cruel assassina.

— Sei que é difícil para a Margaretha aceitar isso, mas o filho dela é um psicopata. *Era*, quero eu dizer. Chris era um psicopata doentio.

Segundo Linda, tinha corrido tudo muito bem nos primeiros dois anos. Ou, pelo menos, ela tinha feito a sua vida, convencida de que estava tudo bem. Só mais tarde percebeu que durante todo o tempo tinha havido sinais em sentido contrário: segredos, traições, infidelidade. Mas foram precisos quase dois anos para a fachada começar a ruir.

Linda atirou-se de cabeça, quando se conheceram. Chris Olsen era bonito, encantador, inteligente e sociável. A paixão rapidamente se transformou em amor, até com planos para o futuro. Demasiado depressa, sabia Linda, agora. Talvez ela tivesse visto os sinais de aviso a tempo, se não se tivesse empenhado tanto naquela relação.

— Não se culpabilize — disse-lhe. — O nosso coração e o nosso cérebro podem ser bons guias. Só olhando para trás é que conseguimos ver os caminhos que nunca devíamos ter seguido.

Sorriu. Embora estivesse a esconder-me qualquer coisa, senti imediatamente uma certa ternura por ela — por aquela sua ingenuidade tão óbvia e pelo seu desejo tão profundo de apoio.

— Quando ele me bateu, pela primeira vez, jurei a mim própria que aquilo não voltaria a acontecer. Eu não era esse tipo de mulher. Não sei quantas vezes repeti isso para mim mesma.

— Acho que ninguém se considera esse tipo de mulher.

Ela acenou com a cabeça. O seu sorriso tinha desaparecido; tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Sei que parece uma estupidez, mas a verdade é que, ao mesmo tempo, Chris era maravilhoso. Quando não era violento. Eu pensava sempre que tinha sido a última vez, que não voltaria a acontecer, que ia deixá-lo. Mas, depois, as coisas mudavam e eu começava outra vez a ter esperança. Talvez tenha sido só desta vez. Se lhe der outra oportunidade. Uma idiotice, não acha?

— Não, que ideia.

Acreditava nela. Tinha ouvido histórias semelhantes de outras mulheres na mesma situação.

— Nunca tive essa experiência, mas tenho conhecido muitos homens violentos graças ao meu trabalho. Compreendo que seja apenas uma característica deles. Ninguém é simplesmente uma coisa ou outra.

— Teria sido tão fácil ir-me embora — disse Linda, passando o dedo rosado por baixo do olho. — Nunca serei capaz de me ver como a pessoa que pensava que era. Não faz ideia de como essa situação afecta a imagem que temos de nós.

Ela tinha razão, eu não conseguia compreender. Pelo menos, naquela altura.

— Mas o Chris era um porco que merece apodrecer no inferno. Maltratou-me, enganou-me e depois deixou-me. Pode ler tudo no depoimento que prestei na polícia. Não consigo falar disso tudo outra vez. Mas também, agora, já não interessa.

— Faça-o pela Margaretha...

Linda olhou-me directamente.

— Não me interessa nada. Não tenho pena nenhuma que o Chris esteja morto.

Os seus olhos estavam frios como gelo. Via-se perfeitamente que dizia o que sentia, e, pela primeira vez, pensei que, afinal, ela podia estar envolvida no crime. Se calhar, tinha havido vários assassinos. Se calhar, ela tinha contratado alguém para o matar.

— E também não estou nada admirada — continuou Linda. — Tenho a certeza de que ele fez o mesmo com ela.

Tentei ignorar a minha curiosidade; cruzei as mãos e olhei para ela, mas, desta vez, não acrescentaria nada. Tinha os lábios cerrados e desviou os olhos para a janela.

— Com quem?

— Com Stella. A rapariga que o matou.

O que estava ela a insinuar? Como sabia ela o nome de Stella?

— Ainda é uma adolescente. Acho que ela fez o que eu devia ter feito há muito tempo.

Não conseguia impedir as imagens de me surgirem na mente. O brilho de uma faca a ser espetada, uma e outra vez; o sorriso encantador de Christopher Olsen a contorcer-se num grito de dor. Aturdido, tentei retirar o rosto de Stella dessas imagens. Não podia ser verdade.

— Porque é que diz isso? — consegui perguntar.

— O quê?

— Porque acha que foi a Stella que o matou?

Linda olhou-me, surpreendida.

— Foi ela que foi presa.

— Conhece-a?

Linda abanou a cabeça.

— Espero que ela se safe.

Eu estava sem palavras. Seria possível que Christopher Olsen tivesse atacado ou maltratado Stella? E, se isso tivesse acontecido, porque não tinha Stella dito à polícia? E se Stella fosse a verdadeira vítima no meio daquela confusão?

— Como está Margaretha? — perguntou Linda Lokind.

Estava perdido nos meus pensamentos e não lhe respondi.

— Deve ser terrível — continuou Linda. — Eu gostava de Margaretha. Ou, pelo menos, não tinha nada contra ela. Foi sempre simpática para mim. Ela não tem culpa de o Chris ser um psicopata.

— Pois não — concordei, embora por dentro estivesse muito hesitante. Margaretha não tinha alguma responsabilidade? Afinal, era mãe dele.

— E Stanne? O que diz ele?

Cocei a nuca. De quem estaria ela a falar?

— O Stanislav? — insistiu Linda.

Fitou-me com um olhar penetrante. Senti-me encurralado.

— Disse que representava a família Olsen. Não sabe quem é o Stanislav?

— Claro que sei.

Linda empurrou a cadeira para trás e recuou com passos apressados.

— Quem é o senhor, afinal? Não me disse o seu nome.

— Não disse?

Ocorreu-me imediatamente um nome, mas tive relutância em dizê-lo. Quantas vezes podemos permitir-nos mentir? Mais cedo ou mais tarde, acabamos por ultrapassar a linha da respeitabilidade e da dignidade, por muito nobre que a intenção da mentira possa parecer-nos.

— Quero que saia imediatamente — ordenou-me Linda.

Encostou-se à parede ao lado da grande jarra de vidro. Parecia assustada, mas, para além disso, havia qualquer coisa de cruel no seu olhar, qualquer coisa que parecia muito perto da loucura.

— Vou-me já embora — tranquilizei-a, passando rapidamente à sua frente. — Obrigado pelo seu tempo.

Ela foi deslizando até junto da porta para me manter debaixo de olho. Tinha uma mão no ar a agarrar o telemóvel, pronta a carregar numa simples tecla para fazer uma chamada.

Baixei-me no vestíbulo exíguo para calçar os sapatos. Já tinha apertado os atacadores de um e ia mudar para o outro lado quando dei com os olhos no armário dos sapatos que estava ao meu lado.

Deviam lá estar sete ou oito pares de sapatos, mas havia um, em particular, que chamou a minha atenção.

Com os dedos a tremer, consegui apertar os atacadores do outro sapato, depois, voltei a olhar para o armário.

Não tinha quaisquer dúvidas — no meio dos outros sapatos estava um par parecido com os de Stella. Talvez fossem até do mesmo número. O mesmo sapato que tinha deixado a pegada no local do crime. O mesmo tipo de sapato que a assassina de Christopher Olsen tinha nos pés.

Atravessei o centro da cidade a toda à pressa, com os pensamentos a zumbirem-me na cabeça como um ninho de vespas. Portanto, Linda Lokind usava sapatos da mesma marca e modelo que Stella. E aquela expressão nos seus olhos, quando se encostou à parede. Distante e perdida, mas cheia de raiva. Parecia verdadeiramente alguém que podia ter um ataque de loucura. Ao mesmo tempo, a sua teoria de que Christopher Olsen tinha atacado Stella não me saía da cabeça. Não podia ignorar o facto de ser uma teoria perfeitamente plausível. Seria possível que aquele sacana tivesse batido em Stella?

Caminhei mais depressa, com passos de tal modo determinados que ecoavam no asfalto. Outra vez não. Não podia ser verdade. Ao mesmo tempo, não era nada difícil imaginar uma reacção violenta de Stella, nem que ficasse cega de raiva, que usasse uma faca que por acaso tinha à mão. Mas porquê? Fora do prédio, num parque infantil. E donde tinha vindo a faca? E por que motivo não teria ela dito a verdade à polícia?

Pensei em discutir com Ulrika esta linha de raciocínio, mas tinha medo que ela ignorasse as minhas ideias, achando-as fantasiosas, e que tentasse perceber melhor o que eu andava a fazer. Ela parecia ter uma opinião completamente diferente da minha sobre a melhor maneira de ajudarmos Stella. Eu não percebia como ela confiava tanto em Michael Blomberg. Podia ter um currículo

extraordinário e ser muito competente, mas não me parecia que estivesse suficientemente empenhado no caso. Porque é que Stella ainda estava presa? E ainda não tínhamos sido autorizados a vê-la?

Em vez de falar com Ulrika, decidi falar com a polícia. Isto não podia continuar assim. Qualquer pessoa veria que Linda Lokind sabia muitas coisas que podiam contribuir para a investigação. Porque era Stella que estava presa, se era Linda que tinha motivos para ter praticado o crime?

Estuguei o passo até estar quase a correr pela Stora Södergatan. Quando cheguei ao restaurante *Stäket* e ao parque de estacionamento Färgaren, o telemóvel, guardado no bolso, começou a tocar. Era a minha mãe. Estava ofegante, e não percebi algumas das coisas que disse, mas não havia engano possível quanto ao teor da mensagem.

Toda a gente sabia.

Os jornais da tarde tinham publicado na Internet artigos sobre Stella. Naquela tarde, tinha passado uma notícia breve na rádio. Não tinham mencionado o seu nome — pelo menos, o respeito pela ética jornalística não se tinha perdido por completo —, mas tinham dado pormenores suficientes para que qualquer pessoa que a conhecesse não tivesse de se esforçar muito para saber que era ela.

— A tia Dagny já ligou a perguntar se é verdade — disse a minha mãe.

Parecia muito abalada.

— Diga-lhe a verdade. Diga-lhe que a polícia se enganou.

Assim que desliguei, refugiei-me num pequeno beco ao lado do parque de estacionamento para não ser visto. Atravessei o edifício e saí pelo outro lado. Depois, sentado num banco junto da Katedral School, passei meia hora numa pesquisa autodestrutiva na Internet. Primeiro, li o que tinha sido escrito nos jornais, depois, passei para os sítios mais duvidosos. As informações iam desde generalidades

sobre Stella e a nossa família até às mentiras mais descaradas e a especulação mais tresloucada.

Ela parecia muito promissora no andebol, mas não conseguia controlar o seu temperamento.

Provavelmente, estava à espera dele no parque infantil. Olsen tinha uma fortuna de milhões; de certeza que foi planeado.

Li aquilo tudo e só me apeteceu gritar. Estava tudo tão longe da realidade. E as pessoas que escreviam aqueles comentários à frente dos seus computadores eram as mesmas com que me cruzava na rua, na igreja, se calhar até no tribunal.

Tinha de falar com a polícia. Quando subi a Lilla Fiskaregatan, liguei para Agnes Thelin a avisá-la de que ia a caminho. Respondeu-me que teria todo o gosto em receber-me.

Fui obrigado a parar várias vezes no caminho por curiosos que queriam falar comigo. Fui forçado a ver-me rodeado por pessoas que sabiam quem eu era, mas cujos nomes tinha esquecido há muito tempo, enquanto as bicicletas iam passando por nós e o romeno que estava à porta do Pressbyrån tocava o tema do filme *O Padrinho* no seu acordeão.

Uma mulher da minha congregação que andava a passear o cão dirigiu-se mim.

— Como está? — perguntou, com uns olhos compassivos. — Só pode ser engano. Os polícias estão a ser uns idiotas.

Normalmente, não tenho qualquer problema em estar perante a minha congregação, a presidir a uma missa, nem em cumprimentar todas as pessoas com que me cruzo. Gosto de parar e trocar algumas palavras, ouvir o meu semelhante e tentar dizer qualquer coisa educada e sábia. Mas desta vez era diferente. Sentia-me sufocado.

Acabei por entrar em pânico, esconder a cara e correr até Bantorget, passar por baixo do viaduto e subir até à esquadra da polícia.

A inspectora-chefe Agnes Thelin veio receber-me à porta do edifício. Ofereceu-me café, mas tinha as mãos a tremer tanto que a colher caiu ao chão, quando estava a mexer o açúcar.

— Como tem passado? — perguntou-me.

— Finalmente, consegui dormir um bocadinho a noite passada.

Agnes Thelin acenou com a cabeça e dirigiu-me um sorriso simpático.

— Eu já estava a contar que nos contactasse, Adam.

O que estaria ela a insinuar?

— E eu estava à espera que vocês me contactassem — retorqui, com um certo nervosismo na voz. — Tenho a sensação de que não estão a dar-nos nenhuma informação.

Agnes Thelin deitou leite no seu café.

— A investigação encontra-se numa fase delicada. Estamos a trabalhar com afinco para descobrir o que aconteceu.

— Estão mesmo? — perguntei, cruzando os braços. — Estão a verificar todas as frentes e sem ideias pré-concebidas? É que parece que já decidiram.

Por um momento, a minha visão ficou turva. Inclinei-me para a frente e apoiei a testa nas mãos.

— Sente-se bem? — perguntou-me Thelin. — Compreendo que isto esteja a desgastá-lo muito.

Olhei para cima e tentei recompor-me. Não podia dar a sensação de estar a enlouquecer.

— A Linda Lokind — disse-lhe. — Porque não estão a investigá-la mais de perto?

Thelin deu um gole no café.

— Como é natural, estamos a investigar tudo o que possa ser relevante neste caso — retorquiu, passando um dedo pelos lábios.

— Por acaso sabem que Linda Lokind tem um par de sapatos exactamente igual ao de Stella? Os que deixaram uma pegada no local do crime?

A inspectora-chefe quase cuspiu o café.

— O quê? Como é que sabe isso?

— O importante aqui não é como sei, pois não? Disseram-me. A pergunta é, por que razão não investigaram isso? Porque não revistaram a casa de Linda Lokind?

Agnes Thelin limpou a boca com um guardanapo.

— Não posso discutir a investigação preliminar consigo, mas garanto-lhe que...

— As suas garantias não me valem de muito neste momento! A sensação que tenho é de que vocês não sabem o que andam a fazer.

— Lamento que pense assim — disse Agnes Thelin. — Mas não é verdade.

Enchi o peito de ar.

— Linda Lokind foi maltratada e rebaixada por Christopher Olsen anos a fio. Quando finalmente resolveu apresentar queixa, não quiseram saber e encerraram a investigação. Ela tinha todos os motivos para querer fazer justiça pelas próprias mãos. Para se vingar do homem que lhe destruiu a vida. Pode haver um motivo mais óbvio? Além disso, ela tem uns sapatos exactamente iguais aos que o assassino tinha calçados. Consegue explicar-me porque pode ela andar por aí à vontade, enquanto a minha filha está presa numa cela e nem sequer é autorizada a falar com os pais?

Agnes Thelin olhou de relance para a porta. Via-se bem que estava com dificuldade em defender-se.

— Para mim, isto começa a parecer um caso com muita corrupção — continuei. — Um erro judicial.

— Compreendo que possa parecer frustrante, mas sabemos muito mais do que o Adam. Tem de confiar que estamos a fazer tudo para apurar a verdade.

— Então, porque não me dizem o que sabem?

Ela coçou o nariz.

— Só posso dizer-lhe que temos boas razões para não dar muito crédito ao que Linda Lokind diz. Fizemos um inquérito exaustivo às suas acusações contra Christopher Olsen, e a investigação preliminar teve de ser encerrada por falta de provas. Não havia nada que indicasse que ela estava a dizer a verdade sobre o que tinha acontecido.

— Está a sugerir que tudo o que Linda Lokind disse é mentira?

Agnes Thelin mordeu o lábio inferior.

— Só estou a dizer-lhe o resultado da investigação.

Agnes Thelin esperou enquanto eu mexia o meu café.

Podia ser verdade que eu tivesse sido enganado por Linda Lokind? Seria ela a verdadeira louca desta história — teria apresentado queixa contra Christopher Olsen por maus-tratos e violação só para se vingar?

— Não é verdade que os autores de violência doméstica ficam mais vezes em liberdade do que são presos? — perguntei.

— Muitas vezes é difícil encontrar provas que tenham sustentação em tribunal — admitiu Agnes Thelin. — Mas, neste caso em particular, há tantas incertezas que o aconselho a encarar as afirmações de Lokind com alguma reserva. Infelizmente, não posso dizer-lhe mais do que isto.

Nem era preciso. Ela tinha a certeza de que Linda Lokind tinha mentido em relação a Christopher Olsen. E eu também tinha ficado convencido de que Linda estava a esconder qualquer coisa.

— Mas isso não muda nada. Se Linda Lokind foi capaz de fazer falsas acusações contra o anterior companheiro, também seria muito bem capaz de recorrer à violência. Não consegue perceber isso?

Agnes Thelin tentou esconder um suspiro com uma mão.

— Estou a ouvir o que está a dizer, Adam.

Cerrei os dentes. Estava a ouvir o que eu estava a dizer, mas não tencionava fazer nada em relação a isso.

— Quando foi a última vez que falou com a Stella ao telemóvel?
— perguntou-me.

Aquilo não tinha que ver com nada?

— Não me lembro. Quase nunca falamos ao telemóvel. Deixei de lhe ligar; ela nunca atende. Tem de ser por SMS ou pelo *Messenger*.

— Disse que estiveram em contacto por mensagem na sexta-feira à noite.

— Não, não estivemos em contacto. Mande-i-lhe uma mensagem, mas ela não respondeu.

— Tem a certeza?

Guardei a resposta para mim. Teria a polícia conseguido recuperar as mensagens de Stella? Ou chegariam ao ponto de me apreender o telemóvel para o investigarem? Não havia razão para ser apanhado numa mentira que podia nem sequer ter importância nenhuma a longo prazo.

— Não consigo lembrar-me. Talvez ela tenha respondido, talvez não.

A inspectora-chefe pigarreou.

— Quando foi a última vez que viu o telemóvel de Stella?

Hum? Voltei a cara para não mostrar a minha surpresa. A polícia não tinha encontrado o telemóvel de Stella? Tinha partido do princípio de que o tinham confiscado, quando revistaram a nossa casa.

— Lamento, mas não me lembro.

Agnes Thelin tomou nota num bloco.

— Viu o telemóvel de Stella depois de ela ter sido detida?

O que significava aquilo? Onde poderia estar o telemóvel de Stella, se a polícia não o tinha encontrado?

— Não — respondi.

Agnes Thelin deixou escapar um suspiro pelas narinas.

— Isto agora é importante, Adam. Lembra-se do que Stella tinha vestido quando chegou a casa na sexta-feira à noite?

Comecei a sentir as axilas a ficarem inundadas de suor.

— Isto é um interrogatório? Sou obrigado a responder às suas perguntas?

Thelin limitou-se a olhar para mim.

— Sou um desastre nessas coisas. A minha mulher fica sempre furiosa comigo. Nunca reparo quando ela compra roupa nova.

Agnes Thelin fez um sorriso forçado.

— Mas falou com a Stella quando ela chegou a casa? Viu a roupa dela?

— Sim, claro.

— E não notou nada de diferente? Nódoas ou coisas do género? Suava ainda mais.

— Estava às escuras. Não consigo lembrar-me...

Não me lembrar não era obviamente o mesmo que mentir. Estava a tentar fugir por todas as escapatórias que me ocorriam. Entretanto, Thelin folheou os seus documentos com os dedos tensos.

— Quando foi a primeira vez que ouviu falar de Christopher Olsen?

— No sábado passado — respondi, honestamente. — Quando descobri que tinham prendido Stella.

— Então, nunca tinha ouvido o nome dele?

Esfreguei os olhos.

— Que eu saiba, não.

— É uma pergunta simples, Adam. Já tinha ouvido falar de Olsen ou não?

Não, não tinha.

— Portanto, a Stella nunca mencionou o nome dele. Alguma vez falou de alguém que pudesse ser Olsen? Um namorado? Sabe se ela andava a sair com alguém?

— A Stella não tinha namorado. Pode perguntar a toda a gente! Pelo que percebi, ela só se cruzou com Christopher Olsen em

poucas ocasiões. Porque havia ela de querer fazer-lhe mal? Não tem lógica.

— O comportamento humano nem sempre é lógico.

— Mas é-o quase sempre.

Agnes Thelin pegou num papel que estava em cima da secretária.

— Ouça isto — disse, lendo em voz alta. — *Passo o tempo todo a pensar em ti. Quero-te tanto. Ou isto: És a pessoa mais bela e mais sexy que existe ao cimo da terra. Estou tão feliz por te ter conhecido.*

Senti um nó de repugnância distender-se na minha garganta. Aquela mulher teria autorização para fazer aquilo? Parecia-me tão errado, contra todas as regras... no mínimo, imoral.

— São mensagens por *chat* que Stella mandou a Christopher Olsen. Encontrámos muitas outras como estas no computador dele.

Cerrei os punhos debaixo da secretária e encostei-os às coxas.

— Como é que sabe que foi Stella quem escreveu essas coisas? Podiam ter pirateado a sua conta.

Thelin ignorou-me.

— Sei como isto o deve fazer sentir-se, Adam. Mas vai correr tudo bem; vamos ultrapassar isto juntos.

— Não sei do que está a falar. A senhora não tem de ultrapassar nada. Pode ir para casa à noite e abraçar os seus filhos. A minha filha é que está fechada numa cela!

— Eu sei, eu sei. Mas a única forma de avançarmos é tendo a coragem de dizer toda a verdade. Estava mesmo acordado quando Stella chegou a casa?

— Estava.

Tentei manter a respiração calma e lenta.

— E que horas eram?

Respirei fundo.

— Era um quarto para a meia-noite — disse com o máximo autocontrolo que consegui ter. — Exactamente um quarto para a

meia-noite.

Agnes Thelin acenou ligeiramente com a cabeça e afastou a cadeira da secretária. As pernas da cadeira raspavam no chão de linóleo. Ficou a um metro de distância da secretária, recostou-se e olhou para o tecto.

— Adam, Adam — disse. — Eu compreendo porque está a fazer isto. Talvez eu fizesse o mesmo.

Não disse nada. Ela não fazia a menor ideia do que era estar ali sentado.

— Os nossos filhos são tudo para nós — continuou. — A Stella é a sua menina. É horrível descobrirmos que não conseguimos proteger os nossos filhos.

Mais uma vez, pensei em Job.

— Não estou aqui para o julgar — disse Agnes Thelin. — Mas não me parece que esta seja a atitude certa a ter. Não está certo, Adam.

Fechei os olhos. Não está certo protegermos os nossos filhos? A nossa família? Poderá alguma vez ser errado?

— Acho que acabámos — disse-lhe, levantando-me para me ir embora.

Agnes Thelin suspirou e seguiu-me com o olhar.

Tinha de me encontrar com Amina.

Procurei o seu número e liguei-lhe. Ao primeiro toque, uma voz automática informou-me de que o número estava fora de serviço.

Fui a toda a pressa para o pavilhão desportivo. O treino das raparigas devia estar a acabar. Com sorte, ainda ia a tempo de lá encontrar Amina.

Normalmente, adoro ir ao pavilhão desportivo. Daquela vez, quando abri a porta e as minhas narinas se encheram com o cheiro abafado a suor de fim de Verão, a única coisa que senti foi desconforto. Alguns rapazes de fato de treino estavam no bar e passou por mim uma mulher a caminho do parque de estacionamento. De repente, o meu desconforto tornou-se insuportável. Os olhares, as perguntas — o facto de toda a gente saber. Porque toda a gente sabia, não era? Toda a gente tinha tantas opiniões, achavam que sabiam tudo, tinham formado teorias. O meu cérebro estava perdido numa névoa, e sentia o meu coração a bater na garganta. Não conseguia suportar a ideia de ser obrigado a encontrar pessoas que conhecia.

Recuei aos tropeções até ao parque das bicicletas e escondi-me atrás de uma árvore. Fiquei ali, de costas contra o tronco rugoso, protegido do mundo e furioso com a situação.

Passado algum tempo, as raparigas começaram a sair. As colegas de Amina. Espreitei sem revelar o meu esconderijo.

Finalmente, Amina dirigiu-se ao parque das bicicletas. Prendeu o saco de ginástica à parte de trás da bicicleta e estava prestes a dobrar-se para tirar o cadeado, quando eu lhe disse: «Olá».

— Assustou-me!

Deu um salto para trás.

— Desculpa, não foi minha intenção. Tentei ligar-te, mas...

— Roubaram-me o telemóvel.

Enrolou o cabo no cesto da bicicleta e tirou-a do lugar de estacionamento.

— Podemos conversar? — perguntei.

— Tenho de ir para casa — disse Amina, sem olhar para mim. — Tenho montanhas de coisas para fazer e a escola começa daqui a quatro dias.

— Posso ir a pé contigo um bocadinho — sugeri. — Se levores a bicicleta pela mão.

Ela soltou um suspiro e segurou na bicicleta com as duas mãos, andando tão depressa que tive de correr para a acompanhar.

— Porque é que não queres falar comigo? — perguntei.

— O quê? *Estamos* a falar.

Acompanhei-a ao longo da ponte pedestre sobre o Ringvägen. Os olhos de Amina estavam fixos num ponto distante e continuava a andar a toda a velocidade.

— Sabes alguma coisa, Amina?

Não respondeu.

— Por favor, tens de me dizer tudo — pedi.

— Eu não sei nada! — disse, com brusquidão. — Já disse tudo à polícia.

Dei alguns passos mais rápidos e alcancei-a.

— Sabias que a Stella andava com Christopher Olsen, não sabias?

— Sabia — respondeu, secamente, quando entrámos no parque da cidade.

— Namoravam? A Stella tinha um relacionamento com aquele homem?

Tínhamos acabado de passar pelo café quando ela parou e olhou para mim.

— Não, nem pouco mais ou menos. Encontraram-se uma ou duas vezes e conheciam-se de passagem. Só isso.

Os seus olhos brilhavam na semiobscuridade. Tinha tirado uma mão do guiador e a bicicleta balançou.

— Também o conhecias? — perguntei.

Tornou a voltar-se, agarrou com força no guiador e empurrou a bicicleta à sua frente pelo caminho de gravilha.

— Amina! — exclamei num tom demasiado brusco. — A Stella está na prisão! Já alguma vez estiveste presa? Sabes como são aquelas celas?

Quase fui atropelado por um homem que ia a fazer *jogging*, com auscultadores postos, e que resmungou «raios partam os velhos», a olhar para mim, enquanto tentava equilibrar-me. Amina abrandou um pouco. Pelo seu rosto corriam lágrimas mudas, e o meu coração apertou-se. O meu primeiro instinto foi abraçá-la como se fosse uma criança, como se fosse a criança que em certa medida ainda era. Mas, em vez disso, pedi-lhe que me desculpasse.

— Não ando nada bem, Amina. Isto está a dar comigo em doido.

— Eu sei — disse Amina, entre soluços. — Também me sinto uma porcaria.

— Conta-me tudo — implorei-lhe.

Amina e eu sempre tivemos uma relação especial. Houve alturas em que preferia falar comigo a falar com os pais. Tenho a certeza de que sei coisas sobre ela que nenhum outro adulto sabe.

Aconteceu há quase quatro anos. Foi no fim do Outono, depois do crisma; as miúdas andavam no nono ano e estávamos em primeiro lugar na divisão regional.

Certa manhã, fui dar com Roger Arvidsen nos degraus da igreja. Parecia abatido e confuso com o chapéu de pele posto.

Roger Arvidsen parecia mais velho do que era na realidade. Tinha feito cinquenta anos há pouco tempo, mas a falta de higiene, juntamente com maus genes, uma vida sedentária, muito tabaco e cafés a toda a hora, faziam-no parecer um velho. Parecia em mau estado, com os dentes castanhos, queixo duplo ou triplo e os dedos sujos. Os miúdos das redondezas chamavam-lhe o Monstro.

Todos os domingos, Roger cumpria o dever de ir à igreja com a mãe, com quem vivia. Rapidamente criámos o hábito de conversar um bocadinho sempre que nos encontrávamos, pois eu desconfiava que ele não estava habituado a que ninguém lhe desse atenção, a não ser a mãe. Era inegável que Roger não era muito dotado, mas parecia ser uma pessoa amável e tímida que merecia ser bem tratada.

Roger nunca tivera a iniciativa de vir ter comigo e, quando conversávamos, muitas vezes tinha de o afastar. Por isso, percebi

imediatamente que havia qualquer coisa de errado, quando o vi nos degraus da igreja sem a mãe.

Passado um momento, já estava sentado no meu gabinete, ainda com o chapéu de pele posto e os dentes a bater. A sua história provocou-me uma dor física.

Roger explicou-me que uma rapariga tinha ido ter com ele duas vezes. Em ambas, a sua mãe tinha saído para ir jogar bingo. Sabia que a rapariga não estava sozinha, porque tinha visto a amiga dela à porta da rua, à espreita.

A rapariga tinha-lhe perguntado se não queria convidá-la a entrar para tomar um café, e ele assim fizera. Era assim que tinha sido educado. Quando recebíamos visitas, oferecíamos-lhes café. Da primeira vez, ficaram apenas a falar durante algum tempo, depois, a rapariga tornou a desaparecer. Mas, da vez seguinte, pediu a Roger sem mais nem menos que tirasse as calças. Claro que ele se recusou a fazê-lo. Não fazia a menor ideia das intenções da rapariga, mas não era burro ao ponto de acreditar que ela se sentia atraída por ele. Depois de muita conversa, ela acabou por convencer Roger a deixá-la sentar-se no seu colo. Tirou uma fotografia aos dois com o telemóvel.

— Depois, veio exigir-me mil coroas — explicou Roger. — Se eu não lhe desse as mil coroas, ela ia mostrar as fotografias às pessoas e fazer queixa de mim à polícia. Disse que toda a gente ia achar que eu era um pedófilo. Já corriam boatos sobre mim.

Então, deu-lhe as mil coroas. Não o considerava culpado por ter feito isso. Não era a primeira pessoa a cair nessa esparrela.

Mas agora tinha recebido uma carta pelo correio — a rapariga exigia-lhe mais mil coroas para não dar as fotografias à polícia.

— Não quero que lhe aconteça nada de mal — disse Roger. — A culpa também é minha.

Levantei-me resoluto e garanti a Roger que ia tratar imediatamente do assunto.

Não era preciso ele dizer o nome da rapariga. Era óbvio de quem estávamos a falar.

Disse à minha colega Monika que estava com dores de cabeça e fui para casa. Bati à porta do quarto de Stella até ela a abrir.

— Que merda é que fizeste?

Nunca digo asneiras. Poucas vezes, vi Stella tão comprometida. Não arranjou desculpas, apenas confessou o que tinha feito e jurou várias vezes que ia devolver imediatamente o dinheiro e pedir desculpa. Tinha sido apenas uma ideia estúpida que tinha ido longe demais. Nunca mais faria uma coisa daquelas.

Não contei nada a Ulrika. Por um lado, sentia que estava a enganá-la — tinha o dever de partilhar aquele tipo de coisas com a minha mulher. Mas, por outro lado, queria poupá-la; o que ela não soubesse não podia magoá-la. Olhando para trás, tenho de admitir que o meu raciocínio era, em grande parte, motivado pela vergonha. Não conseguia aceitar o que Stella tinha feito e não queria que ninguém soubesse, nem sequer a minha mulher.

Quando tornei a ver Roger na igreja, no domingo seguinte, chamei-o à parte depois da missa. Mais uma vez, tinha de lhe arrancar as palavras.

— Já te devolveram o dinheiro?

— Já.

— Todo?

— Sim.

— E Stella pediu-te desculpa? Pareceu-te sinceramente arrependida? — perguntei.

— Sim. — Roger tornou a acenar com a cabeça, assentando o seu peso ora num pé, ora no outro. — Mas não foi ela.

— O quê?

Roger baixou a cabeça.

— Não foi Stella — repetiu. — Foi a outra, a mais pequena, a morena.

Amina e eu fomos andando ao lado um do outro pelo parque da cidade. Estávamos quase a chegar a Svanegatan e já se ouvia o barulho do trânsito.

— Eu estava com Stella a primeira vez que se encontrou com Chris — disse Amina. — Foi no Tegnér's. Ele parecia ser um tipo perfeitamente normal. Sem nada de especial. A não ser o facto de ser bastante mais velho, mas só soubemos disso depois.

— Quando foi isso?

Encolheu os ombros.

— Há uns meses.

— Mas o que estava Stella a fazer em casa dele? A polícia encontrou provas de que ela esteve lá.

— Se calhar foi para casa com ele.

Arrependi-me de perguntar. Não queria saber mais.

— Talvez depois de uma festa. — disse Amina. — Não sei mesmo. Não vejo Stella há mais de uma semana, desde o fim-de-semana antes deste.

A bicicleta caiu, e apressei-me a apanhá-la, com medo de que ela se desequilibrasse.

— Também viste Christopher Olsen dessa vez?

Amina endireitou o guiador.

— Sim, nessa sexta-feira.

— No dia de anos de Stella.

— Só estivemos com ele um bocadinho. Depois, eu e Stella fomos a Stortorget e bebemos um copo de vinho. Eu tinha um jogo no sábado, por isso, não podia meter-me em grandes loucuras.

— E desde aí nunca mais se viram? Mas falaram, ou não? Mandaram SMS uma à outra?

— Nem por isso. Ela mandou-me uma mensagem na sexta-feira. Íamos encontrar-nos nessa noite, mas tive treino e não estava a sentir-me bem. E no sábado até tive febre.

— Então, não fazes a menor ideia do que aconteceu na sexta-feira?

Ela foi rápida a abanar a cabeça. Fiquei com dúvidas.

— Então, o que disseste à polícia? Quando te interrogaram?

— A verdade, obviamente. Não podia mentir, pois não?

Não respondi.

Ao longo dos anos, aprendi que mentir é uma arte — uma arte que algumas pessoas dominam e que outras nunca dominarão. À semelhança do que acontece com outros talentos, tenho a certeza de que se pode melhorar com a prática, mas, basicamente, acho que tem de haver uma certa predisposição inata. Stella sempre soube mentir. Já na escola primária, tive alguma dificuldade em apanhar as suas mentiras. Às vezes, mentia sobre as coisas mais banais.

— Já arrumaste o teu quarto, Stella?

— Já, papá.

Umás vezes, era verdade, outras, mentia-me na cara. Era impossível saber quando estava a dizer a verdade ou a mentir.

Acho que Amina não tem jeito para mentir. Depois do que aconteceu com Roger Arvidsen, ela veio pedir-me desculpa, lavada em lágrimas, e fez-me prometer que não diria nada ao Dino nem à Alexandra. Uma promessa que naturalmente cumpri.

Desta vez, também não estava a conseguir mentir. Tinha a certeza de que ela estava a esconder qualquer coisa. Quem estaria

ela a proteger? Ela própria ou Stella?

Ou estaria a proteger-me a mim? Se calhar, achava que eu não iria conseguir aceitar a verdade.

Virámos à esquerda para Svanegatan. Passou por nós um carro depressa demais.

— Amina, achas que a Stella...? Achas que foi a Stella?

Ela parou imediatamente.

— Não! A Stella não fez nada! Não acredito que esteja a pensar que...?

Eu não sabia. Como podia Amina ter tanta certeza?

— Por favor — implorei-lhe de novo, quando ela subiu para a bicicleta para percorrer os últimos cinquenta metros até casa. — Preciso de saber.

— Saber o quê?

— Tudo.

— Eu também não sei tudo. — Amina pôs os pés nos pedais e deu uma volta. — Não sei mais do que o Adam. E provavelmente, nem a Stella.

Acenou-me por cima do ombro a caminho de casa.

Sabia que ela estava a mentir.

Quando cheguei a casa nessa tarde, Ulrika estava no quarto, a olhar pela janela. Tinha a cabeça zonzinha. Todos os músculos do meu corpo me doíam, como se tivesse escalado uma montanha.

— Para onde estás a olhar? — perguntei.

Ela não respondeu. Quando pus os braços à volta da sua cintura, reparei que o seu rosto estava muito sombrio; as lágrimas pareciam ter-lhe esvaziado as faces e secado os lábios.

— Querida — murmurei.

— Onde é que estiveste?

Havia um tremor na voz de Ulrika.

Expliquei-lhe que me tinham mandado para casa e que ficasse de baixa pelo menos mais uma semana. Ulrika não reagiu. Os seus olhos pareciam ter perdido vida. Fora da janela só havia escuridão. Trevas. Um negrume impenetrável.

— Já ouviste falar de Job, não ouviste? — perguntei-lhe.

— Conheço o nome.

Apoiei o queixo no seu ombro, mas ela afastou-me sem avisar e sem se voltar.

— Não estás a dizer-me que acreditas que isto é Deus a pôr-nos à prova, pois não?

Já não sabia o que havia de pensar.

— Job era o homem mais honesto da terra — expliquei-lhe. — Mas o advogado disse que era fácil acreditar em Deus, quando se

tinha uma vida tão boa como Job.

— O advogado?

— Algumas traduções usam essa palavra. É um eufemismo para Satanás.

No meio de tanta infelicidade, vislumbrei um sorriso no rosto da minha mulher.

— Como advogada de defesa, não tenho nada a contrapor.

Quando contei a história de Job — de como Deus tinha deixado Satanás tirar-lhe tudo o que ele tinha, os seus animais, os seus dez filhos e, por fim, o tinha deixado cheio de feridas e chagas — Ulrika acenou com a cabeça.

— Quer dizer que tu és Job?

Era difícil afirmar se ela estava a dizer uma piada ou a troçar de mim.

— Claro que não. Mas a mulher de Job achava que ele devia voltar as costas a Deus depois de tudo o que lhe tinha acontecido. E sabes como é que Job respondeu?

— Não, como foi?

— Disse que, se aceitamos todas as coisas boas que Deus nos dá, também devemos estar preparados para aceitar as más.

Ulrika resmungou uma resposta qualquer. Não sabia bem como interpretar aquilo.

Depois, suspirou.

— Não podemos continuar a viver aqui.

— O quê?

O olhar de Ulrika contornou-me e voltou a dirigir-se para a escuridão fora da janela.

— Viste as notícias *online* hoje?

— Vi. A minha mãe telefonou-me.

— Lund não é propriamente uma grande cidade. E, além disso, tanto tu como eu temos vidas relativamente públicas.

Ficámos ambos de olhos fixos no escuro.

— Não estás a ser um bocadinho dramática demais? —
contrapus.

— Não faço ideia. Já vi acontecer isto tantas vezes. Pessoas serem obrigadas a fugir, a desistir das suas vidas e a começarem do zero noutro sítio qualquer.

— Quer dizer que achas que Stella vai ser condenada?

Ela olhou-me como se eu fosse uma criança prestes a ter uma desilusão.

— Talvez não pelo sistema judicial. É demasiado cedo para o prever. Mas isso também não interessa. O que conta verdadeiramente é o tribunal da opinião pública. Em geral, as pessoas não querem saber do que os tribunais decidem.

Não podia aceitar tal coisa.

— Estás a exagerar.

— Não, não estou. Basta uma semana na prisão para que toda a gente te considere culpado. Mesmo que Stella fique livre de qualquer suspeita, ficará sempre um resquício de dúvida em todas as pessoas que sabem quem ela é. Pelo menos, enquanto outra pessoa não for condenada pelo crime.

Tudo aquilo soava tão cínico. Talvez fosse a aprendizagem amarga ao longo de quase vinte anos a trabalhar em direito criminal — e havia alguma verdade no raciocínio de Ulrika. Bastava-me olhar para mim próprio. Quantas vezes tinha eu considerado que um suspeito era culpado, apesar de os tribunais terem chegado à conclusão oposta? Se Stella fosse libertada, mas ninguém fosse condenado pelo crime, de certeza que muita gente iria duvidar da sua inocência.

— Estás a falar a sério? Queres ir embora de Lund?

Ulrika acenou com a cabeça.

— Michael ofereceu-me um emprego em Estocolmo.

— Michael?

— Blomberg.

Pestanejei algumas vezes. A escuridão do lado de fora da janela teimava em permanecer na minha visão como uma sombra.

— Que espécie de emprego?

— Tem um trabalho para mim, um caso importante que vai demorar muito tempo, vários meses. A empresa tem um apartamento em Estocolmo, para quando é preciso lá dormir; podemos lá ficar até arranjarmos casa.

— Vamos mudar-nos?

Ulrika pôs os braços em volta do meu pescoço.

— Não vai ser bom para nós continuarmos nesta cidade.

O calor do seu corpo acalmou-me.

— E Stella?

— Stella vai connosco, claro. Pelo menos, até partir para a sua viagem pela Ásia.

— Mas ela está presa.

— Depois do julgamento — disse Ulrika, aconchegando-se a mim.

— Depois...?

— Neste momento, não podemos fazer nada. Há fortes probabilidades de o caso ir a tribunal.

— Achas que sim?

Rodei o tronco, mas Ulrika abraçou-me com força e encostou o meu rosto ao seu peito.

— Mas nós sabemos que ela está inocente — disse-lhe.

— Não sabemos nada, querido.

— O que queres dizer com isso?

Libertei-me dos seus braços. Parecia tão desesperadamente cansada. Isto estava a consumir-nos mais do que alguma vez pude imaginar.

— Ela tem um álibi! — exclamei. — A Stella tem um álibi.

Ulrika estendeu a mão.

— Querido, eu também estava acordada quando a Stella chegou a casa na sexta-feira. Sei exactamente que horas eram.

Houve qualquer coisa que se estilhaçou dentro de mim. Porque é que não me tinha dito nada? Sabia que eu tinha mentido à polícia.

Que mais sabia ela? Lembrei-me da blusa manchada e do telemóvel de Stella.

— O que é que aconteceu ao telemóvel de Stella?

— Como assim?

— Pensava que a polícia o tinha apreendido, mas não foi isso o que aconteceu. O que é que lhe fizeste?

— Eu... eu...

Embora estivesse a olhar para mim, era como se o seu olhar estivesse suspenso. Senti-me só e abandonado, e tive de morder a língua para não dizer nada de que viesse a arrepender-me.

— O que é que fizeste ao telemóvel? — perguntei mais uma vez.

Ela fez-me uma festa na cara.

— O telemóvel desapareceu — respondeu.

Fiquei sem conseguir respirar. O que teria ela feito? Teria deitado o telemóvel de Stella para algum lado? Se isso se soubesse, seria o fim da sua carreira.

— Como é que as coisas acabaram para esse tal Job? — perguntou em voz baixa.

— Acabaram bem. Deus deu-lhe mais dez filhos.

Fiz um sorriso forçado, e Ulrika beijou-me.

— Temos de nos manter unidos, querido — disse Ulrika. — Tu e eu e Stella. Temos de nos manter unidos.

Tive uma forte sensação de que também ela estava a esconder-me qualquer coisa. Até a minha mulher.

Blomberg ligou na segunda-feira a perguntar se podíamos ir ao seu escritório à tarde. Tinha notícias para nos dar.

— Imagino que nesta situação não haja boas notícias — disse a Ulrika.

Dei-lhe a mão no pequeno trajecto entre o parque de estacionamento e Klostergatan.

Talvez Ulrika tivesse razão. Devíamos ir embora de Lund. Sempre gostei de Estocolmo; podia ser o nosso refúgio.

Mas obviamente não podíamos deixar Stella em Lund. Enquanto ela estivesse presa, ficaríamos ali. Era uma questão da qual não iríamos transigir.

Dobrámos a esquina para Klostergatan e parámos à porta da rua. Senti um ligeiro cheiro a álcool, quando beijei Ulrika. No elevador para o escritório de Blomberg, ela tirou da mala o pó-de-arroz e o batom e retocou o rosto.

— Sentem-se — disse Blomberg; era a primeira vez que o via com uma vulgar *T-shirt*. Não era habitual vê-lo tão mal vestido. Era quase embaraçoso. Como se estivesse nu.

— Já lhe falei da tua oferta de emprego — disse Ulrika.

Blomberg sorriu para mim. Não me agradava nada que ele e Ulrika tivessem conversas quando eu não estava presente.

— Disse que tinha informações novas — observei.

— E tenho — retorquiu Blomberg, sentando-se à nossa frente de pernas abertas. — Como vos disse, Chris tem um currículo muito longo. Mas também descobri algumas coisas que ninguém incluiria num currículo.

— Como por exemplo? — perguntei.

— O tipo andava metido nuns negócios um bocado escuros; estamos a falar de dinheiro sujo. — Blomberg acenou com a cabeça e pareceu satisfeito consigo próprio. — Falei-vos dos polacos que tinham a pizaria, não falei? Afinal, Olsen também tinha um grande negócio que dependia de mão-de-obra barata de pessoas vindas da Roménia. Ficavam a dormir num barracão no campo e trabalhavam como cães nas obras que era preciso fazer nos prédios da firma de Olsen.

— Que horror!

— As pessoas como Olsen comprem prédios a cair de podres, depois, fazem obras e vendem-nos por verdadeiras fortunas.

— Mas o que é que isso tem que ver com o crime? — perguntei.

Blomberg fez um sorriso rasgado.

— Bem, parece que alguns dos romenos estavam revoltados com a situação e acusavam Olsen de tentar vigarizá-los com o pagamento. Alguns dos seus compatriotas com quem falámos estão convencidos de que foram eles que matam Olsen.

— O quê? A polícia sabe disso?

— Informei Agnes Thelin, mas é Jansdotter que está à frente da investigação preliminar.

— Agnes Thelin — repeti, com desdém.

Ulrika olhou-me, surpreendida.

— Também continuamos a investigar os polacos — disse Blomberg. — Temos dois nomes que estamos a seguir mais de perto.

Parecia tão pouco. Eu não apostava muito nas investigações privadas de Blomberg. É à polícia que compete investigar

homicídios.

— Quando podemos ver Stella? — perguntei.

O pescoço de Blomberg ficou vermelho.

— Quero que saibam que tentei. Fiz tudo o que estava ao meu alcance, mas aquela sacana da Jansdotter recusa-se a deixar-vos ver Stella.

— Isto é uma subversão total da justiça. Talvez devêssemos levar o caso para os jornais? Ou é mais um episódio desta palhaçada?

Blomberg abanou a cabeça.

— É demasiado cedo para isso. Enquanto não houver uma condenação, os jornais não vão interessar-se pelo caso.

— Tem de falar com Amina Bešić — sugeri. — Tenho a certeza de que ela está a esconder qualquer coisa.

Blomberg mexeu no fio que tinha ao pescoço.

— Hmm, não sei... — disse Ulrika.

Presumi que ela tivesse medo de que Dino e Alexandra ficassem aborrecidos com isso.

— Já tentei — disse Blomberg. — A polícia também a interrogou, mas parece que não sabe nada de importante.

— Sabe, sabe — insisti.

Ulrika deu-me uma cotovelada.

— Estamos a falar de Amina. Porque havia ela de mentir?

— Tenho a certeza de que está a mentir!

Mas não podia dizer mais nada, porque Ulrika não podia saber que eu tinha falado com ela. Não iria compreender — ia apenas ficar furiosa e acusar-me de ter ido longe demais.

— A ex-companheira de Olsen, Linda Lokind, continua a ser a pessoa mais importante para os nossos objectivos — continuou. — Mas Lokind tem um historial de ansiedade e depressão. Começou a ter tratamento psiquiátrico quando ainda era adolescente e, desde então, tem andado quase continuamente a saltar de clínica para clínica.

Não fiquei propriamente surpreendido. Linda Lokind era uma jovem com uma má imagem de si própria. Em muitos aspectos, fazia-me lembrar outras mulheres que conhecera e eram vítimas de violência doméstica. Sabia que Linda me tinha mentido, mas não tinha a certeza da extensão dessas mentiras. Seria possível que toda a história da violência de Chris Olsen tivesse sido inventada? Uma maneira terrível de se vingar da infidelidade do antigo namorado? Duvidava que Linda Lokind fosse capaz de fazer uma coisa dessas. Mas isso significava que também ela estava a esconder qualquer coisa.

— É completamente absurdo que a polícia não esteja a investigar devidamente Lokind — exclamei. — Tem de insistir com eles!

— Está a tornar-se cada vez mais frequente este tipo de coisas vir parar às mãos dos advogados — retorquiu Blomberg. — As pessoas que trabalham para mim são competentes, podem estar certos disso. Mas precisamos de ter qualquer coisa de concreto sobre Linda Lokind para avançar.

Qualquer coisa de concreto?

— Os sapatos dela — disse.

Ulrika e Blomberg ficaram a olhar para mim.

Saiu-me. Precisávamos de uma coisa concreta, e eu sabia de uma.

— Que sapatos? — perguntou Blomberg, inclinando-se para a frente.

Suspirei e senti Ulrika ficar tensa ao meu lado. Não tinha outra saída senão dizer a verdade.

— Linda Lokind tem uns sapatos iguais aos de Stella. O mesmo tipo de sapatos que deixaram aquelas pegadas no local do crime.

Blomberg soergueu as sobrancelhas.

— Como é que sabe isso?

Olhei para Ulrika. O seu rosto estava impassível.

— Fui a casa dela.

Parecia que tinham ficado os dois de respiração suspensa, enquanto lhes contei a minha ida a casa de Linda Lokind, em Tullgatan. Tinha visto os tais sapatos de perto e tinha a certeza absoluta.

Fez-se silêncio e dei comigo sob o olhar penetrante dos dois advogados.

— O que é que te deu? — perguntou Ulrika, com brusquidão. — Foste a casa dela?

— Tinha de fazer alguma coisa. Stella está na *prisão*! Não consigo ficar sentado de braços cruzados a ver a nossa vida a desmoronar-se!

Ulrika não disse nada. Blomberg olhou para ela, depois, baixaram ambos os olhos. Naturalmente, compreendiam-me.

Dei outro passeio pelas redondezas, desta vez, com um boné na cabeça, de olhos postos no chão, com medo de ter de parar para conversar com alguém. Contornei rapidamente a esquina, subi a rampa e fechei a porta atrás de mim.

Ulrika estava debruçada sobre a secretária, a assinalar com um marcador fluorescente uma série de documentos.

— Estás a trabalhar em quê? — perguntei.

— No caso de Estocolmo que o Michael me deu. Ajuda-me a não pensar sempre no mesmo.

Não me parecia uma boa ideia. Porque havíamos de pensar noutras coisas, numa altura em que Stella estava na prisão?

— Fecha a porta quando saíres, por favor — pediu Ulrika.

Aninhei-me no sofá e peguei no telemóvel. Tinha as mãos a tremer. Consequia ouvir a voz de Ulrika lá em cima. Estava ao telefone.

Servi-me de um uísque, bebi-o e servi-me de outro. Tornei a sentar-me no sofá e comecei a procurar na Internet informações novas sobre aquilo a que os meios de comunicação agora designavam por «O crime do parque infantil.»

Comecei pelos sítios dos tablóides vespertinos, mas, ao cabo de pouco tempo, sem pensar, deixei-me levar para as arenas dos gladiadores da Internet, onde fui obrigado a ler as especulações mais horrendas sobre Stella. Alguém que afirmava ter tido uma

relação de curta duração com ela declarava, com toda a seriedade, que Stella Sandell era «um monte de merda e completamente tarada» e que não havia qualquer dúvida de que tinha sido ela quem tinha matado o tipo de trinta e dois anos. Havia quem escrevesse no mesmo fórum e que claramente conhecia Stella pessoalmente, o que tornava os seus comentários ainda mais nojentos. Uma pessoa que usava o pseudónimo de Grrlie fazia um relato detalhado do que tinha acontecido quando Stella andava na escola. Segundo Grrlie, Stella era *uma miúda com défice de atenção que tinha a mania que era dona do mundo*, mas ainda assim considerava altamente improvável que ela fosse capaz de matar uma pessoa.

Era horrível ler aquilo, no entanto, não conseguia parar. Por muito inesperado que fosse, podia aparecer qualquer coisa que fosse útil. Em vários momentos, tive a sensação de ser um observador, de mãos atadas, a ver a minha menina ser levada para o matadouro.

Não havia muita coscuvilhice sobre a vítima. Alguém dizia num tom lacónico que ele era bonito e rico. Outra pessoa considerava-a uma «psicopata típica», o que me fez pensar em Linda Lokind. Teria sido ali que ela tinha descoberto o nome de Stella?

Bebi as últimas gotas de uísque e deitei a cabeça no braço do sofá. Precisava mesmo de dormir um pouco. Pestanejei algumas vezes e tentei fechar os olhos, enquanto continuava a ler os comentários no meu telemóvel, até que surgiu um que dizia: *Aposto que foi o pai dela. Deve ter descoberto que Chris Olsen andava a comê-la.*

Sentei-me e, ansioso, fui correndo o texto com o polegar.

É exactamente o que eu penso. Foi o pai!, escrevia outro utilizador que dava pelo nome de Meow76. Rapidamente houve outros a concordarem com ele.

Toda a gente em Lund sabe que tipo de pessoa é Adam Sandell, escrevia Misspiggylight. Sempre foi meio marado.

No comentário seguinte, Meow76 tinha copiado e colado as minhas informações pessoais. O meu nome completo, morada e número de telemóvel. Idade e data de nascimento.

Tinha o peito a rebentar. Aquilo era difamação!

Peguei no computador e escrevi rapidamente um *mail* para o administrador do fórum a ameaçar com uma acção legal. Depois, guardei várias fotografias do ecrã e comecei a delinear um relatório para a polícia.

Ulrika desceu as escadas e ouvi-a abrir o frigorífico das bebidas.

— Chega aqui, querida!

Depois de ter lido o meu *mail* para o fórum, mostrei-lhe as fotografias do ecrã.

— Isto é difamação, não é?

Apontei para o ecrã.

— É duvidoso — respondeu Ulrika. — E, mesmo que seja, não vai dar origem a nenhum processo legal.

— O que quer isso dizer?

— Quando muito, o teu relatório vai dar origem a uma investigação preliminar que não terá continuidade.

Na sexta-feira de manhã, duas semanas depois do homicídio de Chris Olsen, acordei mais tarde do que o habitual, desorientado e sem saber que horas eram, nem se tinha dormido uma hora ou a noite inteira. Quando descí as escadas, ainda estremunhado, encontrei Ulrika encostada à bancada da cozinha, com um roupão felpudo e o cabelo ainda a pingar. À sua frente estavam duas canecas de café a fumegar.

— Já chegou o relatório do médico legista — disse-me. — Determinaram que Christopher Olsen morreu entre a uma e as três da manhã.

O meu coração deu um salto.

— Isso significa que...

Ulrika acenou com a cabeça.

— Causa da morte, hemorragia causada por um traumatismo penetrante — continuou num tom prosaico. — Duas lacerações e quatro facadas.

Quem matou Christopher Olsen não se limitou a atingi-lo com uma faca. Dificilmente poderia ter sido autodefesa. Alguém o tinha esfaqueado várias vezes. Devia ter perdido litros e litros de sangue.

Pensei na blusa manchada de Stella. Não havia dúvida de que Stella conseguia ser muito agressiva quando se descontrolava. E essa transformação conseguia ser muito rápida. Mas, de certeza que era incapaz de matar outro ser humano.

— Este tipo de violência excessiva indica que foi uma questão pessoal — disse Ulrika. — É provável que o autor do crime tivesse um ódio profundo pela vítima.

— Como por exemplo uma ex-namorada vingativa?

— Por exemplo.

Ulrika soprou para o seu café.

— Eu e Michael também falámos do apartamento.

— Qual apartamento?

— O que ele tem em Estocolmo para quando é preciso alguém lá dormir. Podemos mudar-nos para a semana. Só temos de levar o essencial.

Queimei a língua com o café.

— Já? Mas... não achas que devíamos pensar melhor nisso?

— Já tomei a minha decisão — disse Ulrika, secamente. — Não posso recusar este caso.

— Mas não acredito que estejas a dizer que devemos deixar cá Stella.

— De qualquer forma, não podemos vê-la! Não podemos fazer rigorosamente nada antes do julgamento.

— Já desististe!

— Pelo contrário, Adam. Tenho dedicado a minha vida inteira ao direito criminal. Vais ter de confiar em mim.

Aproximei-me. Estava tão perto dela que conseguia sentir o calor da sua respiração.

— Larga-me! — disse Ulrika.

Olhei para baixo e descobri que estava a segurar-lhe os braços com as mãos.

— Desculpa, não foi de propósito.

Ulrika recuou.

— Estás a tornar-te... Tenho a sensação de que já não te conheço.

— O que estás a querer dizer?

— Temos de nos manter unidos, querido. Somos uma família.

Cerrei os punhos contra as minhas coxas.

— Estou a fazer tudo o que posso para manter esta família unida. És tu que estás a afastar-me.

— Michael é um advogado de defesa muito competente — disse Ulrika. — Ele tem uma estratégia, mas não pode revelar-nos todos os pormenores. Temos de confiar nele. Ele já quebrou o seu dever de confidencialidade, não percebes isso?

— Não confio em Blomberg.

— Mas tens de confiar, Adam.

Ulrika estava quase a chorar.

— E se foi ela? — disse-lhe. — E se foi Stella?

Ulrika voltou a cara, e eu tornei a aproximar-me dela.

— Livraste-te do telemóvel dela. E da blusa. Porque fizeste isso? Achas que foi Stella quem matou aquele homem?

Ela pousou as duas mãos no meu peito. As lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo.

— Desculpa — murmurei.

Ulrika abanou a cabeça.

—Estás doido. Foste a casa dela. Da Linda Lokind. Foste ao apartamento dela, Adam.

— Então, a polícia não faz nada. Alguém tem de fazer alguma coisa!

— Eu também não estou parada. Há muita gente que anda a trabalhar no caso, Adam. Mas não assim. Há formas melhores.

Secou as lágrimas. Não a tinha visto chorar muitas vezes, e tive uma enorme sensação de culpa.

— Ontem, Alexandra mandou-me uma mensagem — disse Ulrika.
— É verdade que fizeste uma espera a Amina ao pé do pavilhão desportivo?

Não sabia o que havia de dizer.

— Seguieste Amina e fizeste-lhe uma data de perguntas?

— Não foi isso o que aconteceu.

Não acreditava que Amina tivesse contado à mãe. Pensando bem, até era uma boa notícia, porque agora Amina teria de confessar tudo, confessar o que andava a esconder de nós. Alexandra ia obrigá-la a falar. Era óbvio que Amina tinha informações que podiam determinar o futuro de Stella.

— Não podes continuar assim — disse Ulrika.

— O que queres que eu faça? A minha filha foi acusada de homicídio!

Fui de rompante até à entrada e puxei o casaco do cabide. Abri a porta toda para trás e fechei-a com estrondo ao sair.

Andei pela cidade como uma bomba prestes a explodir. A olhar para os sapatos e com passos pesados, a bater com os pés no chão. Começava a ter medo de mim próprio.

Nessa tarde, Ulrika telefonou-me. Eu estava num caminho de gravilha em Lundagård sem ter a menor ideia de como tinha ido ali parar, nem para aonde ia.

— Desculpa, querido — disse Ulrika. — Não podemos deixar que isto também estrague as coisas entre nós. Já é tudo demasiado mau no estado em que está.

Tinha reservado uma mesa no Spisen e queria saber se podíamos jantar juntos.

A minha pulsação acalmou e passei à frente da catedral já com um passo mais lento. Os bancos do parque estavam cheios de estudantes a beber *Frappuccinos* sob o sol do final do Verão. Turistas japoneses com máquinas fotográficas penduradas ao pescoço e com pombos à volta dos pés apontavam fascinados para os pináculos que se erguiam em direcção ao céu.

Foi por mera coincidência que, um pouco mais tarde, me cruzei com Jenny Jansdotter junto ao Market Hall. Posteriormente, acusou-me de a ter seguido, mas era um disparate completo. Na verdade, ia a caminho do Spisen quando vi Jansdotter à minha frente. Aquelas pernas magricelas e arqueadas, aquele andar ágil, como se

estivesse a dar saltos para a frente em cima dos saltos altos. Era tão baixinha que, se não fossem os saltos, o casaco e a mala de marca, facilmente seria confundida com uma criança.

As palavras de Michael Blomberg ecoaram-me na cabeça — Jenny Jansdotter estava a chefiar a investigação preliminar. Era ela que determinava a acção da polícia que, na opinião de Blomberg, tinha centrado as atenções exclusivamente em Stella como autora do crime. Porquê? Estaria tão absorvida pelo seu trabalho que se tinha esquecido de que as suas decisões afectavam pessoas reais com emoções reais? Como era possível que ela nos recusasse a oportunidade de vermos a nossa filha? Que tipo de pessoa seria capaz de uma coisa dessas? Estava sinceramente curioso, e, quando a vi a atravessar a Botulfsplatsen, não consegui resistir. Apanhei-a mesmo junto à entrada oriental do Market Hall.

— Desculpe. Desculpe!

Ela deu meia-volta. Acho que demorou um ou dois segundos a perceber quem eu era.

— Isto é completamente errado — disse-me.

— Só queria perguntar-lhe uma coisa.

Nem sequer respondeu. Tornou a voltar-se tão depressa que a mala lhe caiu do ombro, e encaminhou-se de novo para as portas de vidro do Market Hall.

— Porque não está a investigar Linda Lokind? — perguntei, começando a andar atrás dela. — Sabe que Lokind tem um par de sapatos exactamente iguais aos que anda à procura?

Entrou apressadamente no edifício e tive de levantar a voz.

— Porque não podemos ver a nossa filha?

A procuradora parou de repente e olhou para mim com um olhar frio e neutro.

— Está a fazer com que eu o acuse de influência ilegal.

— Que ideia! Só quero perceber porque está a agir assim.

Jenny Jansdotter abanou a cabeça e voltou-se. Na queixa que apresentou posteriormente à polícia, afirmava que, nesse momento, a tinha agarrado por um braço e tentara obrigá-la a parar. Claro que não era verdade. Limitei-me a estender a mão numa última tentativa desesperada de fazer com que ela me ouvisse. Toquei-lhe ao de leve no braço, não o nego, mas jamais me passaria pela cabeça impedi-la de se ir embora.

— Está a destruir as nossas vidas! — gritei, quando se afastou.

As pessoas que estavam ali perto tinham deixado o que estavam a fazer, transformando-se numa floresta de rostos curiosos, murmúrios ansiosos e olhares penetrantes. Tapei a cara com uma mão e voltei rapidamente para o passeio, em direcção ao cinema.

Mais tarde, a polícia interrogou pelo menos dez pessoas, mas não houve uma única que corroborasse a versão de Jenny Jansdotter.

Ulrika estava à minha espera no Spisen, numa mesa junto à janela. Sentei-me ao seu lado e ela deitou a cabeça no meu ombro.

— Desculpa, querida. Desculpa.

— Nós já nem andamos em nós.

— Amo-te — disse-lhe.

Sentia-o tão claramente por todo o meu corpo. O mais ténue pensamento de um futuro sem Ulrika era uma dor que me queimava.

— Vem para Estocolmo comigo — disse-me. — Não há mais nada que possamos fazer aqui agora. Eu jamais abandonaria Stella, mas nem sequer nos deixam vê-la. Para ela, é indiferente estarmos aqui em Lund ou noutro sítio qualquer. Também temos de pensar em nós. Já vi muitos pais na nossa situação, famílias destruídas por coisas deste género.

Ulrika tinha razão. Enquanto Stella estivesse detida sem direito a visitas, não podíamos fazer nada. O pior que podia acontecer era eu e Ulrika separarmo-nos.

— O que achas que vai acontecer à Stella?

— Não sei, mas a procuradora parece decidida a acusá-la.

Pensei em Jenny Jansdotter. Devia contar a Ulrika que me tinha cruzado com ela?

— O que achas que aconteceu naquela noite? — perguntei.

Ulrika ficou tensa.

— Não sei... Não posso...

— Nem sequer pensaste nessa hipótese?

— Qual hipótese? — perguntou Ulrika, embora soubesse exactamente o que eu queria dizer.

— A hipótese de... poder ter sido... de a Stella ter... feito alguma coisa?

No fundo, queria ouvi-la dizer que não. Não me importaria se ela tivesse um ataque de raiva e exigisse saber como podia eu permitir-me pensar tal coisa. Era melhor que ela pensasse que estava a enlouquecer do que achasse que havia motivos para duvidar.

— Claro que já pensei nisso. Claro que já... mas não deixo esses pensamentos ganharem força.

Parecia tão simples. Demasiado simples.

— Há muitas provas circunstanciais — acrescentou Ulrika. — Mas, no cômputo geral, as provas são fracas.

Como se fosse apenas uma questão de jurisprudência.

Pôs uma mão sobre o meu joelho e acariciei-lha devagar. Ao fim de tantos anos juntos, sentia a sua pele como sentia a minha.

— Só não percebo o que anda Amina a esconder — disse-lhe. — Há qualquer coisa que ela não nos diz.

Ulrika tirou a mão de repente.

— Porque havia Amina de mentir? É a melhor amiga de Stella.

— Não sei. Não sei mesmo. Só sei que ela não tem sido completamente honesta.

— Mas estás mesmo convencido de que Amina está envolvida no caso?

— Não sei. Já não sei no que hei-de acreditar.

Um bocado cheios demais e um tudo-nada tocados, decidimos ir a pé até ao comboio. Fomos caminhando pela cidade sem dizer quase nada. As pessoas olhavam para nós — umas cumprimentavam-nas, outras voltavam-nos as costas quando

passávamos, e eu ouvia-as fazerem comentários em surdina. Ulrika ia de braço dado comigo e com um passo determinado; nada a fazia abrandar.

Acho que foi ideia de Ulrika irmos visitar Alexandra e Dino. Já que estávamos nas redondezas. Achou que nos fazia bem um bocadinho de companhia e mandou-lhes uma mensagem a dizer que íamos a caminho.

Alexandra veio esperar-nos à porta, em Trollebergsvägen, de olhos muito abertos.

— Ah, são vocês!

Havia uma certa relutância escondida por detrás da sua surpresa. Talvez Ulrika não tivesse reparado, porque não hesitou em entrar no apartamento, dando um forte abraço a Alexandra.

— Viemos ao acaso, sem saber se vocês estavam em casa. Mandeí-vos uma mensagem, mas não responderam.

Alexandra olhou para mim por cima do ombro de Ulrika.

Dino veio a falar sozinho, com uns calções pelo joelho e uma cerveja na mão. Quando nos viu, sorriu e encheu-nos de abraços.

— Como estão? — perguntou Alexandra. — Como está Stella?

Depois de termos feito um breve relato dos acontecimentos, ou não-acontecimentos, dos últimos dias, Dino levou-me para a sala, onde um comentador de futebol falava agitadamente no televisor montado na parede, ao mesmo tempo que das colunas saía uma música calma. As portas da varanda estavam abertas de par em par, deixando entrar o ar da noite, que trazia os odores suaves do final do Verão.

— Dois a um — disse Dino, apontando para o ecrã.

— Ok.

Não estava minimamente interessado.

— Pareces cansado. Não é de admirar, acho eu. Toma, bebe uma cerveja.

A cápsula saltou com um silvo, e eu aceitei a garrafa fresca.

— Lembras-te de que dizíamos sempre que Amina era um bicho dos livros e Stella a machona? — perguntou-me Dino. — Complementavam-se tão bem, tanto no campo como na vida real.

— Hum-hum.

Era difícil concentrar-me com a música a tocar, o comentador aos berros e as nossas mulheres a conversarem na cozinha.

— A Stella é uma sobrevivente — disse Dino. — Uma lutadora.

Murmurei uma resposta e fui até junto de uma das colunas.

— Não te importas que desligue isto?

— Claro que não — respondeu, e a música parou.

Na cozinha, as nossas mulheres estavam a falar de Estocolmo. Alexandra dizia que parecia ser boa ideia afastarmo-nos dali por uns tempos.

Olhei de relance para o quarto de Amina.

— Ela está em casa? — perguntei.

Dino abanou a cabeça.

— Não está?

— Não.

Coçou a parte de trás do pescoço e deu alguns golos grandes na sua cerveja.

— Está no quarto? — insisti, apontando para a porta.

— Não, não está em casa.

Aproximei-me da porta e pus a mão no puxador.

A verdade tinha de vir ao de cima.

— Mas que merda é essa? Pára!

Dino quase voou do sofá, e logo a seguir Alexandra e Ulrika apareceram, vindas da cozinha.

— Amina? — chamei, abrindo a porta.

Lá estava ela, no quarto mal iluminado, sentada à secretária a ler. Só teve tempo de se voltar para trás.

Dino atirou-se para diante e agarrou-me. Prendeu-me com um gancho no pescoço, depois, pondo os braços à volta do meu peito,

arrancou-me para fora do quarto.

— Parem com isso! — gritaram Ulrika e Alexandra.

Mas Dino não parou. Torceu-me o braço atrás das costas com tanta força que quase mo partiu e empurrou-me para longe.

— O que é que estão a fazer? — gritou Ulrika.

Alexandra correu para Dino e puxou-o.

— Pára com isso!

— Quero-o já na rua — disse Dino, empurrando-me para o vestíbulo, onde ainda me deu uma joelhada no cóccix e me atirou contra a parede.

— És doido — disse-lhe eu.

— Calminha — ameaçou Dino.

No meio da confusão, vi de relance a expressão aterrorizada de Ulrika.

— O que aconteceu?

Tentei responder, mas Dino sobrepôs a sua voz à minha.

— Entrou à força no quarto de Amina.

Protestei, mas em vão.

— O que é que aconteceu? — perguntou Ulrika.

A brutalidade com que Dino me tratou transformou a minha voz num queixume. Fiquei à espera que ele respondesse à pergunta de Ulrika, que desse uma explicação qualquer para aquela violência completamente desnecessária. Só quando consegui virar-me percebi que a pergunta de Ulrika tinha sido dirigida a mim.

— Entraste no quarto dela? Sem pedir autorização?

— A porta não estava fechada à chave — balbuciei. — O Dino disse que ela não estava em casa.

— O que se passa, Adam?

Ulrika levou as mãos à cara. Tinha as faces pálidas.

Eu não estava a perceber. A única coisa que queria era impedir que a minha família se desfizesse.

— Adam — disse Ulrika. — Por favor, Adam.

Dino olhou-me com uma expressão de piedade. Assim que me soltou, dei meia-volta, mas tropecei num par de sapatos que estava em cima da passadeira e caí de costas contra a porta, aterrando finalmente de rabo no chão.

— Ela está a mentir — consegui dizer. — Amina sabe mais do que está a dizer.

Olharam os três para mim como se estivessem a olhar para alguém que tivesse acabado de revelar que tinha uma doença fatal.

— Tenho muita pena de vocês os dois — disse Dino, voltando-se para Ulrika. — Mas não façam a Amina sofrer por causa disto.

Ulrika acenou com a cabeça devagar, e Alexandra pôs o braço à sua volta.

— Claro que nós falámos com Amina. Ela não sabe nada do que aconteceu.

— Compreendo — disse Ulrika. — Espero que nos perdoem por isto. Não estamos em nós.

Peguei nos sapatos e no casaco e saí para as escadas. Tinha a cabeça num turbilhão. Os meus pensamentos galopavam como cavalos desembestados; tinha os ouvidos a zumbir e parecia estar a perder a visão. Não sei se disse alguma coisa quando ia a sair. Não me lembro se gritei, se murmurei. Quando penso naquele momento, é um espaço em branco na minha memória. Uma perturbação temporária. Acho que um bom advogado de defesa poderia até alegar que eu sofria de insanidade mental.

Passei o restante fim-de-semana enfiado na cama, com febre e uma dor de cabeça terrível. Ficava sem forças só de passar da cama para o sofá e subsistia à custa de sopa, tostas e *Tylenol*.

— Se calhar, precisas de ajuda — disse Ulrika.

Desliguei a televisão. O mais pequeno som era um rugido para os meus ouvidos.

— O que é que um médico pode fazer?

Ulrika sentou-se no sofá e fez-me festas no joelho.

— Não estava a falar de um médico.

Puxei a manta até ao queixo.

— Se calhar, precisas de alguém com quem possas falar — disse Ulrika.

— Para dizer o quê? Que fiz tudo o que estava ao meu alcance para manter a minha família unida? Que fui contra tudo aquilo em que acredito, contra todos os meus princípios morais? Menti à polícia, persegui testemunhas e assediei-as. Fiz tudo pela minha família, mas agora a minha mulher está convencida de que estou a ficar maluco.

— Eu nunca disse isso. Estamos a viver uma crise. Não admira que estejamos à beira de um esgotamento.

— Estejamos?

Ulrika já não olhava para mim.

— Todas as pessoas lidam com as crises de maneiras diferentes.

Na segunda-feira de manhã, ela apanhou o avião para Estocolmo, onde ia ter algumas reuniões, mas também para ir buscar as chaves do apartamento. Recebi uma mensagem com uma *selfie* e a promessa de que iríamos conseguir ultrapassar a situação. Escreveu que me amava e que íamos enfrentar tudo juntos.

Nessa manhã, liguei para Alexandra e Dino e pedi mil desculpas pelos meus actos. Podiam pedir desculpa a Amina por mim? Foram compreensivos e disseram que esperavam que aquele inferno acabasse depressa.

Fui acordando lentamente do meu torpor. Andei meio a cambalear pelas redondezas com a visão turva e pensamentos gelatinosos. Todas as pessoas com quem me cruzava olhavam para mim descaradamente. Um homem de cabelo grisalho com uma canadiana resmungou qualquer coisa e abanou a cabeça, mas quando lhe perguntei o que tinha dito, olhou para mim, com um ar ofendido, como se não fizesse a menor ideia do que eu estava a dizer.

Ulrika tinha enchido o corredor da entrada de caixas. Já tinha começado a embalar os artigos de primeira necessidade. Parei a olhar para as caixas, abri uma delas e vasculhei-a. Uma vida inteira em oito caixas de bananas. Tive uma sensação de vazio que pareceu rasgar-me o peito.

Três semanas antes, éramos uma família perfeitamente normal.

Na quinta-feira, fui esperar Ulrika à paragem. Desceu do autocarro vindo do aeroporto e sorriu, semicerrando os olhos contra o sol.

Demos um abraço que durou uma eternidade, ficando ali como se estivéssemos num intervalo no tempo, apenas abraçados — dois corpos que pertenciam um ao outro, ligados pelo amor e pelo destino. Por Deus? Ali, entre autocarros a mudarem de direcção, ciclistas a tocarem as campainhas das bicicletas, estudantes

atrasados com copos de café a fumar, professores apressados de um lado para o outro, cidadãos de classe média sem nada de original. Não acredito que tenhamos sido criados um para o outro, que tenha havido um plano feito de antemão para me juntar a Ulrika, mas acredito — não, eu sei — que o tempo e o amor nos ligaram para sempre, até que a morte nos separe.

Caminhámos lado a lado pela Clemenstorget e descemos para Bytaregatan. As palavras de São Paulo ecoavam-me na cabeça: Alguém que não cuida dos seus, especialmente dos da sua própria família, tem negado a fé em Jesus.

— Como te tens sentido? — perguntou Ulrika.

— Terrível — respondi-lhe, honestamente.

— Amo-te, Adam. Temos de ser fortes.

— Pela Stella — acrescentei.

Mais tarde, fomos de novo ao escritório de Michael Blomberg. Tinha uma camisa azul-bebé com duas grandes rodela de suor debaixo dos braços.

— Consegui o relatório da investigação preliminar contra o Christopher Olsen — disse-nos, com um certo tom de triunfo na voz.

— O tribunal aceitou a minha linha de raciocínio, embora certos pormenores continuem a ser confidenciais.

Acenou com um molho de papéis.

— Ouçam isto. É a transcrição de um dos interrogatórios de Linda Lokind.

Inclinei-me para a frente na cadeira.

— «RI: Estas informações que deu sobre o Christopher...»

— O que significa RI? — interrompi.

— É Agnes Thelin, a inspectora-chefe — explicou Blomberg, sem levantar os olhos. — RI significa responsável pelo interrogatório.

— Está bem, está bem.

Blomberg continuou a ler.

— «Tenho a certeza de que a Linda compreende que está a fazer acusações muito graves ao Christopher. Se o que disse... se algumas das coisas que disse não forem inteiramente verdade, tem de nos dizer agora.»

— Está a falar a sério? — exclamei, abrindo os braços. — Ela pode dizer isso? Está a insinuar que Linda mentiu!

Blomberg deu um suspiro profundo e atirou os papéis para cima da secretária.

— Desculpe — disse-lhe. — Pode continuar.

Respirou fundo e continuou a ler.

— «LL» — quer dizer, Linda Lokind — acrescentou, olhando para mim. — «LL: Acho que talvez... não sei. Às vezes não tenho a certeza se as coisas aconteceram realmente ou se é imaginação minha. Tenho a sensação de que tudo isso aconteceu mesmo. Honestamente que tenho.»

Blomberg olhou para nós, com uma expressão séria, antes de continuar.

— «RI: Disse coisas que não são verdade, Linda? Só quero apurar a verdade.» «LL: Não sei. Não me lembro. Está tudo... uma confusão, a realidade e... e... os meus sonhos.»

Não sabia o que havia de pensar. Parecia-me uma loucura. Linda não era capaz de distinguir entre sonhos e realidade?

Blomberg dobrou o relatório do interrogatório e entregou-o a Ulrika.

— E continua assim. A Linda Lokind não sabe o que aconteceu realmente nem o que são apenas fantasias ou sonhos. Por outras palavras, é maluca. Não admira que tenham encerrado a investigação preliminar.

Ulrika folheou o documento.

— Quer dizer que Christopher Olsen nunca agrediu Linda?

Está bem, talvez fosse verdade. Mas Linda não conseguir dizer o que era sonho e o que era realidade — tinha alguma dificuldade em

acreditar nisso. Aliás, tinha a certeza de que ela tinha perfeita consciência das suas mentiras. Estava a esconder qualquer coisa. De mim, da polícia, de toda a gente. E eu tinha de descobrir o que era.

Eu e Ulrika saímos do escritório de Blomberg e fomos ziguezagueando pelos passeios estreitos de Klostergatan. Um homem de idade, com um sobretudo cor de caqui, parou de repente à nossa frente e olhou fixamente para mim, como se eu fosse um fantasma. Passei rapidamente por ele, voltando a cara para as montras das lojas.

Entrámos num café, sentámo-nos numa mesa num canto recatado e pedimos café expresso e bolos com *chantilly* e massapão.

— Pareces diferente — disse Ulrika.

— Mais desperto? Finalmente, consegui dormir mais um bom bocado.

Ela olhou para mim durante muito tempo, observando cada milímetro do meu rosto. Fazia-me sentir seguro, como se os seus olhos estivessem a acariciar-me com ternura e suavidade.

— Já sei o que é. O teu colarinho — disse Ulrika. — Não estou habituada a ver-te sem o teu colarinho clerical.

Dobrei o queixo e olhei para o meu pescoço. Nem sequer tinha reflectido sobre o facto de o ter tirado. Não tinha sido uma decisão consciente. Pura e simplesmente, tinha-me esquecido de o pôr nos últimos dias.

— Queres lê-lo? — perguntou Ulrika, pousando o relatório da investigação preliminar em cima da mesa.

Dividimos as páginas pelos dois e fomos lendo, um de cada vez. De vez em quando suspirávamos, olhando um para o outro e abanando a cabeça.

Não havia dúvida nenhuma de que Linda Lokind parecia ser uma pessoa confusa que estava constantemente a dar informações contraditórias. Com base no que fora apurado durante a investigação, dificilmente poderíamos culpar a procuradora por isentar Christopher Olsen de qualquer suspeita. As acusações de Linda Lokind pareciam ter sido inventadas por uma companheira vingativa e mentalmente instável, que tinha sido enganada e abandonada. Mas seria realmente assim tão simples?

Quando saímos do café, Ulrika quis ir dar uma volta rápida pelas lojas do centro da cidade.

— Preciso de uma écharpe nova. Não demoro mais de meia hora, no máximo.

— Meia hora?

Ulrika puxou-me o braço.

— Não me agrada nada — disse-lhe.

— O quê?

— A forma como as pessoas estão a olhar para nós.

— Vou ser rápida — prometeu.

E, refilando, segui-a até ao Åhléns, abrindo caminho por entre pessoas cabisbaixas e com manchas de suor debaixo dos braços. Durante todo aquele tempo, mantive-me junto de Ulrika. Quando finalmente saímos, dei uma nota de vinte coroas à mulher que estava a tremer junto à entrada. Ela pediu a Deus que me abençoasse.

— Vamos num instante à H&M? — sugeriu Ulrika.

— À H&M não. Não consigo.

— Se olharem para ti, não liguês.

— Mas podem fazer perguntas. Os empregados.

Ela olhou para mim e acariciou-me o cotovelo.

— Isto está quase a acabar. Quando nos mudarmos...

Enchi-me de coragem e entrei no calor abafado da H&M atrás da minha mulher; subimos logo as escadas. Quando vi uma empregada, enfiei-me à pressa no departamento da roupa de homem e fui para o fundo da loja. Com as costas a servirem de parede entre mim e o resto do mundo, peguei numas quantas camisas, encostando-me tanto aos armários que senti o cheiro a novo entrar-me no nariz.

Passei vários minutos parado junto à roupa, quase toda às riscas. Ulrika ainda não estava despachada? Dei um passo para o lado para tentar vê-la.

— Adam? É você?

Um único erro, e ela atacou imediatamente. Reconheci aquela voz aguda, o tom característico da Betty Boop. E, na verdade, se tivesse de falar com algumas empregadas da H&M, escolheria de certeza Benita.

— Olá! — disse, olhando-me com um misto perfeito de compaixão e prazer.

— Olá. — Tive de reprimir um suspiro.

Benita era da mesma idade de Stella e tinha começado a trabalhar na H&M mais ou menos na mesma altura. Tinha estado várias vezes em nossa casa, e eu gostava dela. Era uma rapariga inteligente, alegre e sincera, que sonhava tornar-se cantora. Tínhamos-lhe dito, meio a brincar, meio a sério, que devia concorrer aos *Ídolos*.

Benita abriu os braços, ao mesmo tempo que eu recuei, e acabámos num quase-abraço.

— Não paro de pensar em vocês — disse. — Como está Stella?

Olhei em redor para a loja. Parecia estar tudo calmo; não havia ninguém a ouvir a nossa conversa.

— É ridículo — desabafei. — Tudo indica que ela está inocente, mas a procuradora recusa-se a libertá-la. Já estou quase a perder a fé... no sistema judicial.

— Compreendo — disse Benita. — No Verão passado, o meu primo esteve preso só por conhecer um tipo que tinha matado alguém.

Acenei com a cabeça, mas não respondi. Não percebia o que tinha aquilo que ver com Stella.

— E é horrível ela não poder continuar a trabalhar aqui. Mas, claro, também compreendo o ponto de vista do nosso patrão. Tenho a certeza que muitos clientes iam ficar perturbados se reconhecessem Stella, e seria, tipo, má publicidade.

— Espera. O que estás a dizer? A Stella foi despedida?

A mão de Benita voou literalmente para a sua boca.

— Pensava que ela vos tinha dito. Malin escreveu-lhe já há alguns dias.

— A Stella não tem visitas na prisão. Não pode comunicar com ninguém a não ser com o advogado.

Benita olhou por cima do ombro.

— Eu... — disse, apontando para a caixa. — Bem, diga à Stella que lhe mando um beijo. E que espero que corra tudo bem.

— Está bem — retorqui para a poupar.

Não levantei os olhos uma única vez ao regressar às escadas. Não havia sinal de Ulrika. A meio da descida, tive de me segurar ao corrimão. O ar ficou pesado e comecei a ver tudo a dobrar. A cambalear, lá consegui descer os últimos degraus. À minha volta havia vozes, mas estava tudo misturado num emaranhado de sons indecifráveis. Uma mão tocou-me no ombro, mas afastei-a, abrindo caminho à força por entre os armários em direcção à porta e atravessei a rua por entre carros que buzonavam. Curvei-me junto à montra do posto de turismo, certo de que ia vomitar daí a poucos segundos.

Passei a correr pelas casas pequenas e bonitas ao longo de Stora Södergatan. Havia uma coisa que tinha de fazer, algo que não podia esperar.

Tinha de esclarecer o que tinha acontecido. Teria Linda Lokind mentido sobre os maus-tratos, sobre a violência de Christopher Olsen? E se tivesse mentido, porque continuava ela a repetir essa mentira, agora que Olsen estava morto? E porque tinha ela afirmado durante o interrogatório que confundia a realidade com sonhos e fantasias? Não podia ser verdade.

Depois da minha última visita, tinha ficado com a certeza de que Linda estava a esconder qualquer coisa, mas, ao mesmo tempo, reconhecera muitas das coisas que ela dissera, por outras mulheres que tinham sido vítimas de violência doméstica.

Não acreditava que Linda Lokind estivesse doente ao ponto de não conseguir distinguir a fantasia da realidade. Talvez tivesse sido uma coisa que inventara ao aperceber-se de que a polícia não estava a levar as suas acusações a sério. Teria decidido ajustar contas com Christopher Olsen com as suas próprias mãos? Parecia pouco plausível que ela deixasse Olsen safar-se, depois do que ele tinha feito.

Mas porque tinha ela mencionado Stella? Saberia alguma coisa sobre Stella ou teria apenas lido uma data de disparates *online*?

As perguntas iam-se acumulando. Precisava de saber; não podia esperar.

Estava a fazer o que estava certo, o que seria de esperar de qualquer pai na minha situação.

Parei à porta do prédio onde ela morava em Tullgatan. Não me lembrava bem de como tinha entrado, mas fui repetindo uma oração à medida que ia subindo as escadas com passos pesados.

O meu Deus é um Deus justo e misericordioso.

Sabia que estava a agir correctamente. Uma família dividida não tem força para se aguentar. Quem não cuida da sua própria família abandonou a sua fé.

Linda Lokind abriu a porta e meteu o nariz pela estreita abertura permitida pela corrente de segurança.

— Você outra vez?

O seu olhar brilhou sob a luz lúgubre vinda das escadas.

— Posso entrar? Tenho só mais umas perguntas para as quais preciso de resposta.

Ela observou-me, de testa franzida.

— Espere um segundo — disse, e fechou a porta.

Parti do princípio de que ia apenas abrir a corrente, mas os segundos foram passando sem que nada acontecesse. Fiquei ali especado a olhar para a porta fechada e silenciosa. Não iria deixar-me entrar? Esperei pacientemente durante alguns minutos, depois, tornei a tocar à campainha.

Pouco depois, ouvi no chão os seus passos abafados. A seguir, silêncio. Eu disse o seu nome e, finalmente, deixou-me entrar.

— Desculpe tê-lo feito esperar. Tive de... Entre.

Pendurei o casaco e baixei-me para tirar os sapatos. Pelo canto do olho, vi o armário dos sapatos.

Tinham desaparecido. Todos os outros sapatos continuavam no armário, mas aquele par em especial, os sapatos iguais aos de Stella, já lá não estavam.

— Não vou demorar-me — disse-lhe, quando Linda me convidou a sentar-me.

Olhou-me surpreendida e apontou para o seu pescoço.

— Não tem...?

— O meu colarinho clerical — corroborarei, levando as mãos ao pescoço. — Uma pessoa não pode estar sempre a trabalhar. Às vezes, até os pastores têm de ter vida privada.

Ela fez um sorriso hesitante e sentou-se.

— Vamos ao que interessa — disse-lhe, pensando como apresentar a questão. — Tudo o que me disse da última vez quando cá estive, sobre a violência que Christopher exerceu sobre si... acreditei em tudo. Acredito que o que me disse é verdade.

— Ainda bem — retorquiu, ainda com um ar hesitante.

— Mas porque contradisse tudo durante o interrogatório policial? Disse-lhes que não sabia o que era realidade e o que era imaginação sua. Mas *sabe*, não sabe?

— De qualquer forma, ninguém acreditou em mim.

— Portanto, retirou as acusações, porque ninguém acreditou no que disse?

— Mmmm.

— Tem algum problema em reconhecer a diferença entre a realidade e a fantasia? — perguntei.

Linda não respondeu.

— A polícia não lhe deu ouvidos — insisti. — Então, se era assim, o que estava a planear fazer?

Mudou de posição na cadeira e olhou em redor.

— Nada. Ou...

— Ou?

Torceu o braço para trás das costas e coçou o ombro. Não havia nada que sugerisse que aquela mulher era louca, que não sabia distinguir a fantasia da realidade. O que a levava a dizer tal coisa durante o interrogatório da polícia?

— Eu sei quem o senhor é — disse ela, de repente.

Os meus pensamentos ficaram paralisados.

— O que quer dizer com isso?

— Fui ver quem o senhor era depois de cá ter estado da outra vez.

Abri a boca, mas as palavras ficaram presas e não saíram.

— Pensei muito em vingar-me de Chris. Não acho que fosse capaz de o matar, mas pensei em várias maneiras de o ferir. Isso eu fiz.

Ficou a olhar-me fixamente.

— Desculpe — disse, por fim. — Foi a Stella que matou o Chris. Tentei avisá-la. Sei que não quer acreditar nisso, mas a polícia está certa. Foi a sua filha que o matou.

Não conseguia mexer-me. Estava a desabar interiormente, a afundar-me nos meus pensamentos, preso num mar de trevas.

— Está a mentir.

Ela abanou a cabeça.

Dobrou cuidadosamente a manga da blusa e olhou para o relógio.

Bateram à porta. Três pancadas rápidas.

Linda levantou-se, e quase me fui abaixo das pernas ao segui-la. Tinha a sensação de que toda a sala ia desabar.

— Tenho de me ir embora — disse-lhe.

Linda foi à minha frente. Fiquei parado a meio da sala, enquanto ela continuou até ao vestíbulo. Ouvi-a abrir a fechadura. Uma voz masculina ecoou nas escadas, mas não consegui perceber o que disse. Entretanto, fui rapidamente para a cozinha, à procura de um lugar para me esconder ou de uma saída — não sei ao certo.

Só conseguia ver as costas de Linda, quando fechou a porta. Naquele momento, os seus movimentos pareciam de certa forma hesitantes. Por puro instinto, encolhi-me, tentando evitar ser visto.

O homem entrou sem tirar os sapatos. O som dos seus passos parecia de botas da tropa contra o soalho e, sem pensar, dei um

passo rápido para o lado e agarrei no gargalo da jarra de flores em forma de garrafa.

Estou convencido de que é uma coisa profundamente humana. Quem nunca esteve perante uma ameaça directa e real contra si ou contra aqueles que ama não poderá compreender. Tomam-se decisões irracionais e ultrapassam-se limites, de uma forma que jamais aconteceria noutras circunstâncias. Uma pessoa que não tem como fugir tem de lutar.

Levantei ligeiramente a jarra do chão só para lhe tomar o peso e percebi que teria de usar as duas mãos. No preciso momento em que levantei os olhos, o homem apareceu à minha frente. Vi as suas botas pretas reluzentes, e a minha adrenalina pareceu explodir.

— Polícia! — gritou e atirou-se a mim.

Aconteceu tudo muito depressa — a sala rodopiou à minha volta e vi estilhaços de vidro a voar por todos os lados, como um nevão repentino. No momento seguinte, já estava no chão, com a cara na madeira e sem conseguir respirar. Tinha a sensação de ter sido atropelado por um carro — de certeza que tinha a coluna partida — e as dores pareciam facas a serem-me espetadas entre as costelas.

— Adam Sandell? — perguntou o polícia, com a voz a elevar-se.

Só consegui soltar um gemido.

— Adam Sandell? — repetiu uma e outra vez, até que, por fim, consegui confirmar que era esse o meu nome.

Só quando me levantaram do chão é que percebi que eram dois polícias. O outro estava ao lado de Linda, a olhar-me com desdém, enquanto puxava das algemas.

— Está armado? — perguntou.

— Armado? Você está maluco?

— Não tem nenhum objecto contundente?

Revistaram-me e avisaram-me de que iam levar-me para a esquadra para ser interrogado. Quando perguntei se era suspeito de

alguma coisa, responderam-me apenas com desculpas vagas. Tinha de esperar até chegarmos à esquadra.

Os meus pedidos para alargarem as algemas foram recebidos com silêncio. O carro parou atrás da esquadra da polícia, e levaram-me pelo parque de estacionamento como se fosse um criminoso, com dois polícias corpulentos a agarrarem-me.

Tive de esperar meia hora até Agnes Thelin entrar na pequena sala de interrogatório. Pôs as minhas chaves e a carteira em cima da mesa.

— Vamos ficar com o seu telemóvel para análise forense — avisou, acenando com um mandado da procuradora.

— Análise forense? De que crime sou acusado?

Agnes Thelin fez uma expressão preocupada, como se se interessasse verdadeiramente por mim.

— Linda Lokind contactou-nos quando o Adam foi ao seu apartamento pela primeira vez. Ficou assustada. Insinuou-se junto dela com falsas pretensões.

— Por acaso, nesse dia, tinha o meu colarinho clerical.

— Disse que estava ali em representação de Margaretha Olsen.

Não podia negá-lo, embora achasse que era uma mentira sem importância. Definitivamente, não era o tipo de coisa que justificasse a brutalidade daqueles polícias.

— Decidimos que Linda devia contactar-nos imediatamente, caso lá voltasse — continuou Agnes Thelin.

Então, por isso demorara ela tanto tempo a abrir a porta.

— Mas porque estou aqui? Porque me prenderam? Não violei nenhuma lei.

— Atirou com uma jarra a um colega meu.

— Atirei? É isso que ele diz?

— Ele não diz nada. Estavam quatro pessoas naquela sala.

— Mas tem de tornar a interrogar Linda Lokind. Ela confessou-me que todas as acusações que tinha feito contra Christopher Olsen eram verdadeiras. Ele agrediu-a repetidamente, e ela pensava em formas de se vingar dele.

— Não posso discutir pormenores da investigação, Adam. Tem de confiar que estamos a fazer o nosso trabalho.

— Como posso eu confiar? A minha menina está presa apesar de não existirem provas nenhuma!

— Recebemos novos resultados do laboratório. Os técnicos que analisaram o local do crime descobriram pequenas irregularidades nas solas dos sapatos de Stella, que correspondem à pegada encontrada no local. Temos a certeza de que essa pegada foi deixada pelo sapato de Stella.

— Não pode ser verdade.

— Claro que é verdade.

— Mas podia ter sido deixada lá noutra altura qualquer. Stella tem um álibi!

Agnes Thelin pôs as mãos em pirâmide debaixo do queixo. Os seus olhos estavam ligeiramente brilhantes, mas o olhar era firme e inflexível. Percebi que não ia conseguir nada. Ela já tinha decidido. Ela e a procuradora Jansdotter tinham decidido que Stella era culpada e que eu era um mentiroso. Nada que eu dissesse mudaria a atitude de ambas.

— Como se sente, Adam? Ultimamente, tem andado a passar muito dos limites.

Fiz pressão com as mãos nas têmporas para me livrar do latejar constante.

— A procuradora Jenny Jansdotter apresentou queixa na polícia contra si — continuou Thelin, tirando uma folha da pilha de papéis que tinha sobre a secretária. — Atacou-a na rua, aos gritos e a ameaçá-la.

— Ataquei-a? Ameacei-a?

A minha visão tremeu. Tacteei a mesa à procura de qualquer coisa para beber. Parecia que tinha a boca cheia de pó. A luz era tão brilhante que tive de semicerrar os olhos.

— Adam?

— Quero um advogado.

Contrariamente às minhas expectativas, tive uma verdadeira sensação de alívio quando Michael Blomberg entrou de rompante e se sentou ao meu lado.

— Confie em mim — disse-me, pousando a sua pata enorme no meu ombro.

Fora a pedido de Ulrika que ele ali fora ter comigo.

— Eu não ataquei Jansdotter — foi a única coisa que consegui dizer.

— Claro que não — disse Blomberg. — Essas acusações são completamente absurdas. Não tem motivo nenhum para se preocupar.

Sentia que estava a viver um pesadelo.

— Compreendo que tudo isto seja terrível — continuou Agnes Thelin — e que não se sinta bem.

Blomberg esticou a mão.

— Tenho cada vez mais dúvidas sobre a forma como conduzem o vosso trabalho — ripostou.

Olhei para ele. Finalmente, estava a fazer alguma coisa.

Agnes Thelin continuou como se estivesse tudo bem.

— O que vou dizer agora pode parecer-lhe chocante e terrível no princípio, mas estou convencida de que a longo prazo vai acabar por ser um alívio para si, Adam.

Voltei-me para Blomberg, que ajeitou o nó da gravata.

— Sei que só está a tentar proteger a sua filha — disse a inspectora-chefe Thelin. — Mas não pode continuar a fazê-lo.

Uma calma súbita desceu sobre mim. Não percebia de onde tinha vindo. A cabeça parou de latejar e a minha boca voltou a encher-se de saliva. A minha visão ficou mais nítida. Era como se, finalmente, estivesse a deixar-me levar pelo momento.

— Ontem fui à prisão interrogar Stella mais uma vez — disse Agnes Thelin. — E obtive algumas informações novas.

Imaginei o que estava prestes a acontecer em apenas alguns segundos. O futuro era um filme que estava a passar na minha cabeça imediatamente antes de se tornar realidade.

— Stella diz que não chegou a casa tão cedo como o Adam afirma.

— Não?

— Ela acha que já passava da uma da manhã, que deviam ser quase duas.

— Não, não é verdade. — Abanei a cabeça com firmeza. — Ela tinha bebido demais. Está enganada nas horas.

O tempo foi-se escoando, segundo após segundo. Olhei para Blomberg, que olhou para Thelin, que olhou para mim. Sabíamos, os três, que aquilo não passava de uma representação. Um espectáculo.

— Não foi a única coisa que Stella disse.

Enchi os pulmões de ar.

— Ela esteve lá — disse Agnes Thelin. — A Stella estava no parque infantil em Pilegatan, quando Chris Olsen morreu.

— Não — ripostei. — Não, isso não é verdade.

— Ela confessou que estava lá, Adam.

A minha visão tornou a tremer. O ar ficou preso na minha garganta.

— Não — repeti vezes sem conta. — Não, não, não.

— Ela confessou.

SEGUNDA PARTE

A FILHA

*Não ficaria apagada a mancha dum só crime,
insignificante, com milhares de boas acções?*

FYODOR DOSTOYEVSKY, *Crime e Castigo*

*

*Sabia que os seus dias seriam sempre iguais, que
todos lhe trariam idênticos sofrimentos. E via as
semanas, os meses e os anos que o esperavam,
sombrios e implacáveis, sucedendo-se, caindo-lhe em
cima e sufocando-o lentamente.*

ÉMILE ZOLA, *Thérèse Raquin*

O pior que esta cela tem não é a cama dura como cornos, onde quase não consigo virar-me. Não é a luz fraca. Nem sequer são as marcas nojentas de mijó na sanita. O pior de tudo é o cheiro.

Tenho de confessar que era uma daquelas pessoas que achava que o sistema correcional sueco era uma cadeia de hotéis decentes. Que dificilmente seria um castigo estar preso neste país. Achava que seria mais ou menos como uma actividade extracurricular, em que se podia descansar, estar na cama e ir vendo umas séries na televisão, comer bem e não ter de se preocupar com nada.

Uma vez disse na escola que não percebia porque havia pessoas sem-abrigo na Suécia, e que preferia de longe estar na prisão a viver na rua.

Ao cabo de seis semanas na prisão, nunca mais direi que quero ser presa, nem que acho que é como estar num hotel.

O meu quarto tem menos de nove metros quadrados. Chamam-lhe quarto, porque *cela* é mais deprimente. Nove metros quadrados é o tamanho de uma baia de cavalo. É menos do que a maioria das estufas nas traseiras das casas suecas. É uma cama, uma secretária, uma cadeira e uma prateleira, uma sanita e um lavatório.

Não quero que ninguém tenha pena de mim. Estou aqui por uma razão e não sou nenhuma vítima. Dói-me o corpo todo, perdi peso e os meus pensamentos são uma autêntica praga. Mas não há razão

para ter pena de mim. Nem pouco mais ou menos. Quando andava na escola preparatória, tinha um chavão que andava sempre a dizer e que parece ainda mais adequado agora: Quem brinca com o fogo, queima-se.

*

Deixam-nos sair uma vez por dia para apanharmos ar fresco. Se tivermos sorte. Às vezes, há falta de pessoal, outras vezes, não arranjam ninguém para nos acompanhar até aos elevadores. Mas, na maior parte das vezes, estão-se cagando, essa é que é essa.

Há uma coisa parecida com um parque para cães no telhado. A única coisa que podemos fazer é andar à roda, para a frente e para trás, em pequenos círculos. E daí? Sempre é uma mudança. É uma coisa diferente. Por um momento, deixamos para trás o fedor e a sensação de estarmos encurralados. Mas não faz desaparecer os pensamentos nem o nó no estômago.

Uma noite, estava a chover tanto que as pingas da chuva pareciam pregos gigantesco, mas fui na mesma para o telhado. Andar de um lado para o outro. Não fazia mal estar a congelar, nem sentir a chuva como picadas na cara. Aqui, tudo o que não for estar sentado ou deitado é o paraíso.

Rádio, televisão, Internet? Nem pensar. Não tenho direito a nada. Não posso ver, ouvir nem ler nada que não esteja directamente ligado ao meu caso, como relatórios da detenção ou memorandos do tribunal e outras coisas assim divertidas. Não posso ver nenhum programa, nem ouvir música, nem ao menos escrever um texto. Não posso fazer nem receber telefonemas, e a única pessoa que pode visitar-me é o meu advogado.

Três vezes por semana, passam com o carrinho das vendas, e eu atafulho-me com duas mil calorias de chocolate e *Coca-Cola*. O

açúcar é uma droga muito desvalorizada, e aqui é a única a que conseguimos deitar a mão.

A verdade é que é incrível como se pode desejar tanto que chegue o momento em que dois estranhos abrem a fechadura e entram com um tabuleiro com comida. Nos primeiros dias, eu quase desatava aos gritos de cada vez que apareciam. Só o facto de ver outra pessoa enchia o meu corpo de alegria. Saltava da cama e quase os abraçava, depois, fazia-lhes milhentas perguntas sobre tudo e mais alguma coisa, só para eles não se irem embora.

Assim que fico sozinha, começa o burburinho na minha cabeça, e o mau cheiro volta.

Estava cá há dois dias quando me mandaram ao psicólogo.

— Não pedi para ir ao psiquiatra — disse ao guarda.

Ele olhou para mim como se eu fosse uma mancha de sujidade que o homem das limpezas tinha deixado ficar.

— Não te faz mal nenhum.

Acho que se chama Jimmy. Tem uma daquelas barbichas nojentas que parecem pêlos púbicos espetados na ponta do queixo e uns olhos azuis gélidos. Tenho cem por cento de certeza que conheço a cara dele, talvez do Étage ou de outro clube qualquer.

Os guardas podem ser facilmente divididos em duas categorias. Número um: os que vêem isto apenas como um emprego, uma coisa que lhes põe dinheiro na conta ao fim do mês. Talvez a cadeia seja apenas uma coisa temporária até arranjam algo mais compensador ou em que ganhem mais. Número dois: Os que adoram o poder. Os que trabalham aqui por opção. Talvez tenham sido rejeitados pela academia de polícia, provavelmente, graças ao psicólogo. São os que gostam de *bullying* e violência e que consideram os presos uns parasitas.

Aprendemos rapidamente a perceber a diferença. Apesar de a maioria ter os mesmos olhos gélidos, há uma grande diferença entre

apatia e desprezo.

Jimmy é definitivamente um dos que estão sedentos de poder. É qualquer coisa na forma como ele olha para nós. Tipo, de baixo para cima, e, ao mesmo tempo, de cima para baixo. Como se se considerasse melhor do que eu, superior, apesar de, lá no fundo, saber que é exactamente o contrário, e isso deixa-o furioso. Passa demasiado tempo no ginásio. Tem os antebraços mais grossos do que as coxas, e o pescoço calhava melhor num touro. Apetece-me tanto prender aqueles braços gordos ao seu corpo.

Jimmy responde a todas as perguntas com outra pergunta.

— Estás a gozar? Achas-me parecido com a tua mãe?

Só me apetece gritar-lhe na cara.

Se algum de nós precisa de um psicólogo, tenho a certeza de que não sou eu.

Tenho uma teoria sobre os psicólogos. Não estou a dizer que se aplique a todos eles, mas, ao longo dos anos, já tive a minha conta e até agora ainda não conheci nenhum que fosse excepção.

É assim: se uma pessoa tira um curso e lhe espetam com uma data de modelos explanatórios e diagnósticos, cá para mim é inevitável que mais tarde ou mais cedo essa pessoa tente aplicar o que aprendeu. Seria uma estupidez não o fazer. Então, sai da escola e recebe as pessoas — clientes, pacientes ou seja lá o que for — com o pressuposto de que vai conseguir explicar por que razão as pessoas são como são e fazem as coisas que fazem. O trabalho de qualquer psicólogo é basicamente inserir as outras pessoas numa das matrizes que aprendeu.

Sugestão: deviam fazer exactamente o contrário!

Razão: cada pessoa é um ser único.

Tantos psicólogos por que passei. Isso era vida? Tantas auto-avaliações e tantos testes de personalidade. A primeira coisa por onde começam é, obviamente, por uma infância difícil. Parece ser o

sonho molhado de qualquer psicólogo descobrir uma alma perturbada que tenha reprimido uma data de memórias terríveis da infância.

O que há de mais bizarro em todos estes diagnósticos que nos atiram à cara é o facto de ser muito fácil revermo-nos na maior parte deles. Não há um único teste de psicologia em que não assinalemos alguns dos quadradinhos.

Durante algum tempo, andei mais ou menos obcecada com esta história. Como toda a gente achava que havia qualquer coisa de errado comigo, até a minha própria família — ou, talvez, principalmente a minha família —, tentei ir ao fundo do problema. Tudo o que eu lia dizia que seria mais fácil se se tivesse uma etiqueta, se se pudesse dar um nome ao problema, sabendo que havia uma data de gente que sofria do mesmo.

Primeiro, achei que tinha Défice de Atenção ou Perturbação de Hiperactividade e Défice de Atenção, depois, Perturbação de Personalidade Borderline, Perturbação de Personalidade Esquizóide, Doença Bipolar.

Cheguei à conclusão de que era tudo uma treta.

Eu sou quem sou. Diagnóstico: Stella.

Há uma data de coisas erradas comigo, não o nego. Se há coisa que não sou é normal. O meu cérebro lixa-me vinte e quatro horas por dia. Mas não preciso de outro nome para isso a não ser o meu próprio nome. Sou Stella Sandell. Se alguém tem problemas comigo, talvez seja essa pessoa que precisa de terapia.

E não é segredo que muitas vezes os psicólogos têm os seus próprios problemas mentais. Se, quando começam, estão bons da cabeça, as avarias hão-de começar a aparecer mais tarde. Demasiado Freud põe qualquer pessoa maluca.

Foi enquanto andava a ler sobre isto tudo que fiquei agarrada aos psicopatas. Acho que se pode dizer que fiquei obcecada com eles.

Dizem que é bom ter um passatempo, por isso, substituí o andebol pela psicopatologia.

Os psicólogos que conheci antes de vir para a prisão eram, de certa forma, todos parecidos. A maior parte eram mulheres, muitas delas ruivas, não raras vezes com uma certa expressão de «preocupação» e, em geral, vestidas como uma professora de Música do liceu. Um número surpreendentemente grande falava com um sotaque de Småland.

Por isso, quando Jimmy-o-Guarda me leva à psicóloga da prisão, não é nada fácil para mim disfarçar a minha surpresa.

— Olá, Stella. Sou a Shirine. — É morena e bonita e tem o cabelo apanhado em duas tranças apertadas — uma versão do Médio Oriente da Princesa Leia.

— Não preciso de um psicólogo para nada! — digo.

Na verdade, preparei uma saraivada de palavras que dão nas vistas como «violação da integridade» e «abuso de poder» — o tipo de coisas que tem sempre algum efeito sobre os funcionários públicos que nos subestimam. Mas Shirine está ali sentada, como se fosse o raio da Dama à frente de uma almôndega, e nem sequer consigo levantar a voz.

— Tudo bem — responde. — Compreendo que te sintas relutante, mas eu sigo todas as adolescentes que estão aqui presas. A decisão não é minha.

Mostrou-me um sorriso simpático. Parece ser amorosa, como costumam ser muitas velhinhas e cachorrinhos.

— Quer dizer, não tenho nada contra si — esclareço. — Tenho a certeza de que é ótima. Mas já andei numa data de psicólogos.

—Compreendo — diz Shirine. — Não vou levar isso a mal.

Depois, faz-se silêncio, aquele tipo de silêncio que não suporto. Shirine está sentada à minha frente, a sorrir e a percorrer-me dos pés à cabeça com um olhar compassivo.

— Então, vai tratar-me? Vamos estar aqui sentadas uma hora a olhar uma para a outra uma vez por semana?

— Tu é que decides, Stella. Se quiseres falar, terei todo o gosto em te ouvir.

Reviro os olhos. Não há a menor possibilidade de eu falar, por muito meigos que sejam os seus olhos castanhos ou por muito que o seu sorriso pareça o da Dama. O que quer ela que eu diga? Nunca na vida hei-de contar a ninguém aquilo por que passei. Ninguém compreenderia. Eu própria tenho dificuldade em compreender.

Vai começar o jogo do silêncio.

Ficamos ali sentadas a olhar uma para a outra. De vez em quando, Shirine faz uma pergunta à qual não respondo: «Como é que te tens dado aqui? Já conseguiste falar com a tua família? Tens dormido bem?» A hora passa tão ridiculamente depressa que chego a pensar que ela tem uma maneira qualquer de falsear o tempo.

— Então, talvez nos vejamos na próxima semana — diz, e levanta-se para chamar o guarda.

— Tenho a certeza que sim — respondo, e Jimmy vem buscar-me à porta e leva-me pelo corredor como se eu pertencesse a uma manada de gado. Olha para mim com os seus olhos gelados, quando me empurra para o meu quarto.

Odeio a solidão. Assusta-me. Aqui parece que tudo marinha por nós acima horripelantemente. Não consigo fugir dos meus pensamentos, nem sensações quando Jimmy fecha a porta à chave e me deixa sozinha com as paredes e o cheiro. Interiormente, sinto a cabeça aos berros. Estou prestes a explodir.

Não sei se vale a pena, nem se vou aguentar isto. Sei que há muita gente que não sai daqui viva.

Estavam à paisana, mas não era preciso ter visto muitos episódios de *Mentes Criminosas* para perceber que eram polícias. Dois clichés, de ombros largos, com uma expressão reservada, calças de ganga e ténis. Só faltavam os *walkie-talkies* nos cintos.

Faltava mais ou menos uma hora para fecharmos e, depois de um sábado bastante movimentado, o número de clientes tinha diminuído bastante. Estava na caixa, a receber o pagamento de uma senhora de cabelo grisalho e com um blusão de ganga, que tinha finalmente decidido comprar a túnica roxa que tinha visto de manhã.

— O recibo está no saco — disse-lhe, entregando-lhe a túnica horrorosa. Ia ficar-lhe a matar.

A senhora demorou-se na caixa, levantando os óculos de lentes grossas para inspeccionar o recibo. Por pouco, os dois polícias não a deitaram ao chão.

— Stella Sandell? É você, não é?

Olhei para a sua identificação. O queixo da senhora da túnica ia-lhe caindo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

Passou-me pela cabeça uma data de catástrofes possíveis.

— Não foi...?

— Precisamos de falar consigo — explicou o agente mais velho, coçando a barba. — Lamento, mas tem de nos acompanhar.

Tinha uns olhos verdes meigos e parecia o tipo de gajo que gosta de comer devagar e de falar dos sentimentos, apesar de ter ar de ter nascido nos anos 50. Provavelmente, tinha-se casado novo e tinha deixado para trás uma relação desastrosa e começara a sair com mulheres que conhecia pela Internet depois de os filhos terem saído de casa, mas pertencia àquela categoria instável de pessoas que sabem que a relva é sempre mais verde noutro sítio qualquer, por isso, os seus romances nunca duram mais de dois meses.

— Há alguém que possa substituí-la? — perguntou o outro agente. Vinte anos mais novo, mas com um olhar bastante mais exausto. A avaliar pelo bronzado cor-de-cancro, devia ter acabado de voltar de duas semanas de férias na Turquia. Parecia o tipo de pessoa que se atira de cabeça a tudo — férias tinham de ser *férias*. Noitadas, Éfeso e Raki, jogos de cartas na varanda. Provavelmente, demoraria, pelo menos, uma semana a recuperar.

— Alguém pode ficar aqui na caixa? — perguntou o mais velho, como se não tivesse ouvido o colega.

— Não faz mal — disse-lhe. — Fechamos daqui a uma hora.

Malin e Sofie ofereceram-se para ficar na minha caixa. Depois, ficaram a olhar para mim horrorizadas, quando saí atrás dos polícias.

— O que é que aconteceu? — sussurrou Sofie.

Não cheguei a ouvir se alguém lhe respondeu.

A mulher que me interrogou chamava-se Agnes Thelin. Se a tivesse visto na cidade, acho que nunca iria pensar que era polícia. Parecia mais uma promotora de marca ou uma directora criativa. Definitivamente, não comprava roupa na H&M. Provavelmente, vivia numa casa desenhada por um arquitecto com um piso plano aberto e iluminação dinamarquesa. Era o tipo de pessoa que jamais admitiria não gostar de *sushi*. daquelas pessoas que dizem que

gostam de frontalidade, mas ficam completamente destroçadas se alguém lhes faz uma crítica directa.

Gostei logo dela. Talvez porque, em certos aspectos, conseguia identificar-me com ela.

— O nome Christopher Olsen diz-te alguma coisa?

Olhei-a nos olhos e encolhi os ombros.

— Conhece-lo?

— Acho que não.

Agnes Thelin inclinou a cabeça.

— É uma pergunta bastante simples.

Expliquei-lhe que conhecia milhares de pessoas, da escola e do andebol, pessoas que conhecia na rua ou pela Internet, amigos e amigos de amigos. Além disso, sou um zero à esquerda com nomes. Há pessoas de quem obviamente sei o nome completo, mas há outras de quem sei apenas o primeiro nome ou as alcunhas e de muitas outras pessoas não faço a menor ideia.

— Disse Christopher?

— Christopher Olsen. — Agnes Thelin acenou com a cabeça. — A maioria das pessoas trata-o por Chris.

Fiquei a pensar.

— Chris? Ah, sim, conheço pelo menos um Chris, acho. Um tipo um bocado mais velho, não é?

Agnes Thelin tornou a acenar com a cabeça. Depois — eu estava completamente desprevenida — pôs uma fotografia dele em cima da mesa e perguntou-me se era a pessoa em quem eu estava a pensar.

O meu coração começou a bater mais depressa. Olhei atentamente para a fotografia, durante muito tempo. Peguei nela e vi-a mais de perto.

— É ele — confirmei, por fim. — Conheço-o.

— Infelizmente, está morto — disse Agnes Thelin.

Ouvi-me a inspirar profundamente.

Agnes Thelin disse-me que tinha sido uma infeliz de uma mãe qualquer com filhos pequenos que tinha encontrado o corpo num parque infantil, perto de Polhem.

— Merda! — exclamei, tapando a boca com as mãos.

A sério que pensei que ia vomitar.

— Andaste em Polhem? — perguntou-me Agnes Thelin.

— Não, em Vipan.

— E acabaste este ano?

Acenei com a cabeça, e Agnes Thelin chegou-se um pouco mais para trás na cadeira.

— O meu filho mais velho acabou o curso em Katedral, no Verão passado. Agora está em Londres. O mais novo está no último ano do programa IB.

Esforcei-me por fingir que aquilo me interessava. Provavelmente, era apenas um truque, aquele tom pessoal. Tentava convencer-me a confiar nela.

— O que é que isso tudo tem que ver comigo? — perguntei. — Foram buscar-me ao trabalho para isto?

— Desculpa, mas era mesmo necessário.

Observava-me. A preocupação fez-me sentir na barriga uma coisa que parecia uma cobra a enrolar-se em volta dela. A minha vontade de vomitar tinha-se transformado em algo diferente: um presságio ameaçador; um medo gelado, penetrante.

— Mas, afinal, para que é isto tudo? — perguntei.

— Podes dizer-me o que fizeste ontem? — pediu-me Agnes Thelin.

— Estive a trabalhar. Trabalhei até ao fecho da loja. Depois, fomos comer a Stortorget. Bebemos um copo e conversámos.

— Quem?

— Eu e umas colegas minhas.

Abriu a caneta com um clique e tomou nota.

— A que horas foi isso?

— Fechámos às sete e ficámos a trabalhar até às sete e um quarto.

Agnes Thelin quis saber, ao certo, quanto tempo tínhamos estado em Stortorget.

— Não sei quanto tempo elas lá ficaram, mas eu estive com elas umas horas. Acho que devo ter saído por volta das dez e meia.

— E depois o que fizeste? — perguntou, pousando a caneta.

— Peguei... na minha bicicleta. — Tentei lembrar-me exactamente do que tinha acontecido. — Primeiro, fui de bicicleta até ao Tegnér's. Sei que bebi uma cidra num bar que lá há, mas não vi ninguém conhecido. Depois fui... ao Inferno ou lá como é que aquilo se chama, mas só um bocadinho. É logo a seguir à biblioteca.

— O Inferno? É outro bar?

— É.

— Bebeste muito?

Agnes Thelin parecia o meu pai. Tinha o mesmo olhar típico de pai. Quando dizem que estão preocupados, mas estão é com cara de superchateados.

— Nem por isso. Tinha de me levantar para trabalhar na manhã seguinte.

Olhou para mim, como se eu estivesse a mentir, e fiquei ofendida com isso.

— É verdade. O álcool não é a minha cena.

Lembrei-me por acaso de uma coisa que o meu pai costuma dizer. Diz que é difícil mentir, que a maioria das pessoas não sabe mentir. Durante muito tempo, achei que ele estava enganado. Provei-lhe montes de vezes que não era bem assim. Não tinha problema nenhum em mentir. Achava que, em geral, as pessoas eram umas otárias.

Até que percebi que talvez fosse exactamente o contrário. Que o meu pai tinha razão. Talvez não fossem as pessoas a acreditar em tudo. Talvez eu tivesse um jeito excepcional para mentir.

Agora sei que é verdade.

Quando era pequena, o meu pai era o meu herói. Uma vez, na pré-escola, o Chapéu-Nisse gozou com o meu pai. Chamávamos-lhe Chapéu-Nisse porque ele andava o ano inteiro de chapéu. Riu-se de mim e disse aos outros todos que era muito esquisito ter um pai pastor.

Empurrei o Chapéu-Nisse contra uma estante, e ele partiu a cabeça. O meu pai ralhou comigo, quando lhe disseram o que aconteceu. Mas, claro que ninguém lhe contou como é que aquilo tinha começado. Só lhe disseram que eu tinha feito uma birra e tinha empurrado o Chapéu-Nisse com tanta força que tiveram de o levar às Urgências. Eu também não disse nada.

Sempre tive esperança que o meu pai percebesse. Achava importante não ter de me explicar. Talvez eu tenha um problema qualquer, talvez as outras pessoas não vejam as coisas como eu, mas sempre tive vergonha de ser responsabilizada por ser como sou.

Sempre que o meu pai não compreendia, sentia-me desapontada, e íamo-nos afastando cada vez mais.

É brutalmente irónico que as coisas que tenho que mais irritam o meu pai sejam as que herdei dele.

Já tens onde enterrar os dentes, Shirine!

Tenho uma teoria de que os psicólogos adoravam a nossa família. Um pastor, uma advogada e uma adolescente complicada.

Podíamos servir de exemplo nos seus manuais.

Uma vez, na escola, toda a turma levou uma descompostura da Bim, a nossa directora de turma, porque tínhamos demasiadas opiniões. *São millennials típicos*, gritou. *Sempre com tantas ideias em relação a tudo!*

Acho que há muitas coisas que deviam ser muito mais simples dantes, quando os miúdos ficavam de boca calada e obedeciam. Eu nunca fui assim, nem nunca serei. Acho que não havia diferença nenhuma, se eu fosse adolescente nos anos 80 ou agora.

Quando penso em todas as consultas com psicólogos, tenho a certeza de que alguns deles tinham uma atitude presunçosa de se contentarem com a nossa infelicidade. Devia ser uma coisa especial poder ver o que estava por detrás de uma família aparentemente bem-sucedida, uma advogada que às vezes aparecia na televisão, e um pastor, ó-meu-deus, um pastor. Imagine-se, ver os podres da nossa família perfeita. Talvez seja isso que faz com que os psicólogos suportem a sua própria existência trágica numa reles clínica psiquiátrica de província.

Mas quando penso em Shirine... ela não é nada parecida com eles, pelo menos, da recordação que tenho deles.

Houve uma altura em que eu própria quis ser psicóloga. Acho que sou bastante boa a ver através das pessoas e a compreender e descobrir coisas de que nem elas próprias, por vezes, se apercebem. Tenho jeito para julgar as pessoas. Para dizer a verdade, isto não é apenas uma ideia que tenho de mim própria — as pessoas sempre mo disseram. Vêm ter comigo sempre que têm um problema qualquer, seja com a família, seja com namorados que não prestam. Tenho jeito para as pessoas, para as analisar.

Houve outra altura em que podíamos ir visitar liceus para onde pudéssemos ir — Katedral, Spyken e Polhem eram os únicos que me imaginava a frequentar. No Katedral estavam dois tipos de cabelo penteado para trás com gel e camisas desabotoadas a falar-

nos do programa das Ciências Sociais. Quando lhes disse que queria ser psicóloga, desataram a rir.

— Fazes ideia de como é difícil ser aceite nessa área?

Foi como se me dessem uma bofetada na cara.

Na semana seguinte, a minha directora de turma confirmou que eu precisava de ter notas altíssimas em todas as disciplinas para poder ir para Psicologia. Era um dos cursos universitários mais atractivos. E se eu escolhesse antes Recursos Humanos? Era quase a mesma coisa.

Acho que foi nessa altura que decidi estar-me nas tintas para o liceu. Não valia a pena.

Quantas pessoas conheço que gastaram três anos das suas vidas como escravas e só conseguiram ter notas que, quando muito, eram medianas? Puseram as suas vidas em suspenso; algumas até tomavam comprimidos e cortavam-se para terem um dezassete a Inglês. Para quê? Para passarem os dias de fato?

Na verdade, Bim era mais perspicaz do que se podia pensar. Nas reuniões de pais, disse ao meu pai que eu podia muito bem ter dezanove, dezoito ou dezassete na maioria das disciplinas. Bastava querer.

Acertou em cheio. Eu *não* queria.

Era mais fácil sair à noite, ir a um clube com bebidas à borla, do que fazer um trabalho sobre *marketing*. Punha uma ida a Copenhaga com as minhas amigas à frente de qualquer teste de matemática. Em vez de ir fazer um exame de História, fiquei a curtir no Starbucks, como se a minha vida dependesse disso.

Era uma escolha consciente.

No décimo segundo ano, quando as pessoas começaram a falar dos exames de admissão à universidade e fomos convidados a visitar algumas, eu andava ocupada a planear uma longa viagem pela Ásia. Estava tão farta de Lund e da Suécia. Devorava vídeos do YouTube sobre a Malásia e a Indonésia e, em pouco tempo, essa

viagem tornou-se o meu único objectivo na vida. Queria aventuras, noites longas, pessoas novas, festas e natureza saída directamente do paraíso. Eu e os meus pais concordámos que voltaríamos a falar da questão da universidade depois da minha viagem.

Bim era uma coruja velha que devia ter-se reformado em 1900. Costumo dizer que foi ela que destruiu a minha carreira académica, apesar de ser obviamente uma piada.

Via-se nos olhos de Bim que não gostava de mim. Não me interessa nada se as pessoas gostam de mim, se não, têm todo o direito de não gostar, mas chateia-me que haja gente tão estúpida que nem sequer consegue disfarçar. Bim andava sempre com um sorriso fingido na cara, por baixo dos óculos quadrados e do buço por fazer, a rir-se de mais e a dizer «Bom dia, meninos e meninas.»

Acho que não tive muitos professores que gostassem de mim. Acho que posso dizer que não era de certeza por mim que voltavam ao trabalho todas as segundas-feiras de manhã. Não era uma estudante-modelo. Provavelmente, teria corrido melhor se fosse um rapaz. Não há nada a fazer, os rapazes são assim, e essas tretas todas.

— O teu pai é pastor? — perguntava-me a Coruja Bim, sempre que se falava do meu pai. Ficava a olhar para mim, como se o mundo dela fosse desabar. — Pastor? Da Igreja da Suécia?

Tem tudo que ver com controlo.

As pessoas nunca acreditam nisso. Para elas, a necessidade de controlo é uma característica daquele tipo de pedantes que se passam, se um papel vai parar à pilha errada na sua secretária, daquelas pessoas que arrumam a roupa pelos tons exactos de cada cor. Pessoas que encaram a organização como se fossem nazis, com calendários pormenorizados, ou os neuróticos que entram em pânico se não conseguem esvaziar imediatamente a caixa de entrada do correio electrónico e que perdem as estribeiras se vêem

migalhas no sofá ou a bancada da cozinha suja. Pessoas que andam com desinfetante das mãos nas malas.

Mas estou a falar de outro tipo de controlo. Tem que ver com não perder a face. Não deixar que ninguém se aproxime demasiado.

Só quando cheguei à adolescência é que percebi que a minha família não é a única que tem segredos. Foi sempre tão importante para o meu pai manter uma fachada diante do resto do mundo.

«Resolvemos isso quando chegarmos a casa.» Não sei quantas vezes ouvi estas palavras. «Ninguém tem nada que ver com isto.»

Fui levada a pensar que a nossa família era única, que éramos os únicos que tínhamos uma data de porcaria que tinha de ser varrida para debaixo do tapete. Talvez tivesse que ver com o trabalho do meu pai. Acho que os pastores estão condenados a viver em segredo algumas coisas da sua vida privada.

É uma estupidez, mas o meu pai era um ateu empedernido até ser salvo. Há uns anos, encontrei um artigo que tinha escrito para o jornal da escola. Acho que tinha acabado de entrar para o liceu. Tinha um ódio profundo à religião e escrevia coisas do género: o Cristianismo era uma fraude, uma segurança que tinha dividido o mundo e que o baptismo devia ser considerado um abuso de crianças inocentes. Chamava aos pastores capas-negras e charlatões.

Já pensei algumas vezes se as coisas podiam ter sido diferentes, se o meu pai tivesse outro emprego. Se fosse um manga-de-alpaca ou um gestor intermédio ou uma espécie de académico, como os pais normais.

Para dizer a verdade, acho que eu e o meu pai somos muito parecidos. Lá no fundo. Eu também me deixo consumir facilmente pelas ideias; sou capaz de ficar completamente absorvida por qualquer coisa que naquele momento me pareça absolutamente crucial. No quinto ano, eu era a definição em pessoa do que era ser fanático pelo Harry Potter. Li os livros em sueco e em inglês, vi os

filmes todos, pelo menos, umas vinte vezes e escrevi longas histórias *online* com as personagens dos filmes, a tal ponto que a minha vida social desapareceu por completo. Um ou dois anos depois, passei por um período em que andava completamente viciada nos The Smiths. Maquilhava-me para ficar parecida com um guaxinim e passava todos os minutos em que estava acordada no fórum Helgon para jovens alternativos. Há certos traços autistas nos nossos genes. Felizmente, decidi bastante cedo evitar qualquer tipo de religião, ao contrário do meu pai.

— Nunca digas nunca — dizia ele, para me provocar. — Também só percebi que era esta a minha vocação quando tinha dezoito anos.

— Preferia limpar casas de banho — respondia-lhe. — Quer dizer, preferia tornar-me uma dessas mulheres *New Age* que vão passar férias a praias de nudistas do Gana e passam o tempo a mastigar *khat*.

— Depois se vê. — O meu pai ria-se, mas bastante nervoso.

Como qualquer outro jovem de dezoito anos, passei horas a pensar no futuro, no curso que havia de tirar e em várias profissões. É certo que há empregos que são mais do que um emprego. Não é como trabalhar na caixa da H&M. Pomos o nosso sorriso de vendedoras às cinco para as dez e tiramo-lo cinco minutos depois de a loja fechar. Não é uma parte importante da minha identidade. Mudava na hora para a KappAhl, se me oferecessem mais mil coroas por mês. Até podia estar a trabalhar na caixa de um armazém. O que é que isso interessa? O dinheiro é a única coisa que me faz falta, se perder o emprego. E de certeza que é isso que vai acontecer.

Não, acho que o meu pai não sabia no que estava a meter-se quando decidiu ser pastor. Hoje, trabalha que se farta para corresponder ao seu arquétipo: o pregador perfeito, o pai perfeito, o

ser humano perfeito. Tal como toda a gente diz que nós, raparigas, tentamos fazer. Mas é óbvio que não somos as únicas.

É claro que irrita, que dói, se não encaixamos nesse molde. Até que, finalmente, começamos a desabar.

Já viste, Shirine. Nada mau como psicanálise, não achas? Cinco anos na faculdade de psicologia, grandes notas em todas as disciplinas no liceu — achas mesmo que vale a pena?

Sou a minha melhor psicóloga.

Nunca hei-de conseguir compreender as pessoas que dizem tudo de um jorro, como uma garrafa de champanhe aberta depois de ser abanada, assim que alguém inclina a cabeça e começa a ouvi-las. As pessoas que põem tudo a nu num blogue ou nas redes sociais; pessoas que tatuam palavras nos braços a dizer como se sentem horríveis e que torturam todas as almas com que se cruzam com as suas auto-análises patéticas.

Só tenho uma amiga, uma pessoa no mundo, que sabe tudo sobre mim e que compreende tudo o que sinto, penso e faço. Quem me dera poder falar com ela agora. Preciso dela. Não sei o que hei-de fazer sem Amina. Não sei se vou aguentar. Ontem à noite, bati com toda a força com a testa na parede e gritei tão alto que fiquei com dores de ouvidos. A única coisa que podia ser pior era se Amina tivesse de ser presa. Uma tarde, quando os guardas estavam a levar-me para o elevador, pareceu-me vê-la. Voltei-me e chamei pelo seu nome, mas atrás da cabeleira preta estava escondida uma cara desconhecida. Esta cela está a dar comigo em doida.

Agnes Thelin parecia estar quase a pedir-me desculpa quando me explicou que eu era suspeita. Os meus pensamentos ficaram num turbilhão. Suspeita? Afundei-me na cadeira e tentei recompor-me.

Ainda estava um bocado desorientada quando, mais tarde, o advogado entrou de rompante e exigiu falar comigo em privado.

— Nós vamos resolver isto — disse-me, pondo a mão esquerda no meu ombro e apertando a mão direita. — Não te preocupes.

A sua mão era grande e pegajosa, e ele parecia um misto de Tony Soprano e Tom Jones. Era um matulão bronzado, com correntes de ouro ao pescoço e no pulso. Uma camisa azul-pombo, com os três primeiros botões desapertados. O tipo de homem que vai num SUV para casa, apesar de viver num bairro onde supostamente não circulam carros. Que tem um grelhador do tamanho de uma rulote no jardim das traseiras e que acha que tudo era melhor quando ele era novo, apesar de fisicamente se sentir tão bem como aos vinte e três anos. Tenho a certeza de que está numa posição cimeira nas listas de fodas de jovens mães divorciadas.

— Então, você é assim? — perguntei-lhe.

— O que queres dizer com isso?

— Não me lembrava bem.

— Já nos conhecemos? — perguntou o advogado.

— Acho que sim.

Fez-se luz na sua cabeça.

— Stella *Sandell*. Devia ter percebido. A filha de Ulrika?

Acenei com a cabeça.

— Isto vai ser rápido — garantiu. — Não têm nada contra ti. Hoje, há polícias que têm uns dedos muitos nervosos. Têm um manual de homicídios e umas regras a cumprir. Achem que as primeiras horas são absolutamente cruciais e, então, deitam mão à primeira melhor opção, depois, logo se vê.

Sentou-se, de pernas afastadas, e pousou as mãos enormes nos joelhos.

— Mas devem ter qualquer coisa — retorqui. — Disseram que havia uma testemunha que me tinha reconhecido numa fotografia.

— Essa nem sequer pode ser considerada uma testemunha. É uma idiota qualquer que diz que te viu de uma janela! E tem a certeza absoluta de que eras tu, apesar de não te conhecer. Não, não tem qualquer valor como testemunha.

Conseguia imaginá-la. Um vulto sombrio numa janela do segundo andar. Seria mesmo isso a única coisa que tinham? Era por isso que eu estava ali?

— Querem continuar a interrogar-te o mais depressa possível — disse Blomberg. — Tens sorte. Agnes Thelin é uma das pessoas mais sensíveis que há aqui. É fácil falar com ela.

Levantou-se e mexeu no telemóvel, segurando-o a meio centímetro do nariz. Pelos vistos, a ideia de usar óculos fazia-o sentir-se velho ou feio, ou talvez as duas coisas.

— Esqueci-me das lentes de contacto — murmurou.

Quando me levantei, as minhas pernas pareciam esparguete demasiado cozido. O advogado seguiu à minha frente até à porta.

— Então, o que devo dizer?

Blomberg voltou-se tão depressa que o cabelo ficou a tapar-lhe um olho.

— Como assim?

— O que devo dizer à polícia?

— Diz-lhes como foi.

Olhou-me, devagar, de cima a baixo, até eu puxar o casaco para cima do peito. Sentia-me como um cão em exposição. O advogado levou a mão à testa e afastou ao mesmo tempo o cabelo e o suor.

Espreguiceei-me.

— Só tem isso para me dizer? *Diz-lhes como foi.* É essa a sua estratégia? — Blomberg encolheu-se um bocadinho.

— Não percebo do que estás a falar?

— O senhor tem fama de ser um grande advogado. Não ganhou uma data de casos importantes? Então, e dessas vezes, também não teve uma estratégia melhor?

Blomberg atirou as mãos ao ar.

— O que é que tu queres, exactamente?

Tinha conseguido criar alguma incerteza nele. Um filósofo qualquer disse uma vez que o poder vem do conhecimento. É bem verdade. A ignorância das outras pessoas também é um factor de poder.

— E se tiver sido eu? — disse-lhe.

Blomberg tinha-se transformado completamente. Chegara a andar como um machão vindo directamente do solário. Agora parecia simplesmente um miúdo pálido.

Lembrei-me do chavão do meu pai, de que mentir é uma arte. Blomberg seria da mesma opinião?

— Porque havias tu de fazer uma coisa daquelas? — perguntou, como se estivesse a pensar em voz alta.

Era obviamente uma boa pergunta.

Shirine traz-me um livro de trezentas e dezassete páginas. Com linhas a um espaço — sem espaço para respirar.

— Achei que talvez precisasses de qualquer coisa para ler. Não há muita coisa para fazer por estas bandas.

Folheio-o, impaciente, com os dedos ansiosos. Leio a primeira frase: *O Verão estava estranho e abafado, o Verão em que executaram os Rosenberg, e eu não sabia o que estava a fazer em Nova Iorque.*

Há seis meses, teria dado uma gargalhada. Se alguém me desse um livro com cinquenta anos, cheio de frases compridas e referências que não percebia, ficaria a pensar que era uma piada de mau gosto. Não me lembro da última vez que li um livro do princípio ao fim. Nunca consegui estar concentrada durante tempo suficiente. Ao cabo de uns minutos, os meus pensamentos começam a vaguear e esqueço-me do que li, pelo que tenho de ler outra vez do princípio. Mas aqui é diferente. Estou desejosa de ter qualquer coisa que me sossegue a mente durante algum tempo. Estou tão farta de mim própria.

— Que tipo de livro é? — pergunto-lhe, ao mesmo tempo que olho de relance para o que está escrito na contracapa.

— É uma espécie de clássico feminista.

Ergo uma sobancelha.

— Experimenta. Acho que vais gostar.

Pelo sim, pelo não, levo-o para a minha cela. Depois, compro uma *Coca-Cola* grande e duas tabletes de chocolate, quando passam com o carrinho das vendas. A guarda que me fecha a porta é nova, deve ser uma daquelas que vêm temporariamente e estão sempre a mudar. Olha-me horrorizada quando regresso com relutância aos meus nove metros quadrados de fedor. A nova rapariga fica ali à porta, e sinto os seus olhos rastejarem pelo meu corpo, como larvas aterrorizadas.

— Qual é o problema? — pergunto-lhe, por fim.

Inclina a cabeça para trás de repente, de olhos esbugalhados.

Parece uma rapariga perfeitamente normal. Daquelas que vão para a área de Ciências Sociais, têm boas notas, compram roupa na *Forever 21* e na *Urban Outfitters*. Numa outra vida, tenho a certeza de que poderíamos ser amigas.

— Não é nada — responde, escondendo a cara com uma mão. — Não é nada.

Depois, chocalha as chaves com um ar muito nervoso. Quando a chave roda na fechadura, deito-me de barriga para o ar na cama, com a boca cheia de *Daim* e *Coca-Cola*.

Abro o livro e não demoro muito tempo a ficar presa à leitura. Finalmente, posso ver-me livre de mim durante algum tempo. Na minha mente, surge um mundo completamente diferente, e atiro-me de cabeça para dentro dele. Não quero sair de lá nunca mais, não quero voltar, nunca mais, para esta merda desta cela.

Quando estou a ler, nem sequer sinto o fedor.

Na manhã seguinte, Shirine volta ao meu quarto.

— Já acabei.

Atiro o livro para cima da cama, mas, pela expressão da Shirine, parece que o atirei para cima dos seus dedos dos pés.

— Já?

Encolho os ombros.

— O que é que aconteceu? Gostaste?

— É deprimente com'o caraças.

— Pois é. É verdade.

A expressão de Shirine está a transbordar de culpa.

Não sei porque não digo a verdade, que adorei o livro, que me deixou furiosa e triste, mas que não tenho nada contra estar furiosa e triste. Preciso dessas emoções. Nunca perdoaria a Shirine, se me tivesse trazido um livro cheio de sol.

— Consegue arranjar-me mais livros? — pergunto-lhe.

O sorriso enche-lhe o olhar.

— Claro que te arranjo mais livros.

— Ainda bem.

Prepara-se para se sentar ao meu lado quando os meus olhos se enchem de lágrimas. Não sei explicar porquê. Talvez tivesse sido um pensamento que, por acaso, roçou em qualquer coisa que queima. Ponho as mãos à frente da cara, que me dói e pica. E penso na Esther do livro e naquele hospital psiquiátrico.

— Estás bem? — pergunta-me Shirine com uma voz meiga.

Não consigo responder à sua pergunta. Diga eu o que disser, vai parecer insignificante, talvez até incompreensível. Provavelmente, egoísta. A minha vida está arruinada. Chris está morto, e eu lixei tudo. Como é que vou conseguir olhar outra vez nos olhos da minha mãe e do meu pai? Agora não há outra solução, senão fugir.

— Quero que se vá embora agora — digo a Shirine.

A única coisa que mereço é a escuridão.

As pessoas sempre disseram que eu e Amina éramos um par estranho. Ela tem a cabeça tão bem arrumada e é tão reservada e tão cumpridora de todas as regras. E eu estou constantemente a esticar-me, a falar alto, sempre a descobrir uma regra ridícula qualquer a que possa desobedecer.

Mas, por detrás destas fachadas, somos muito parecidas. Sempre me vi reflectida na Amina. Por dentro, somos da mesma carne e do mesmo sangue. Só escolhemos mostrar coisas diferentes ao mundo exterior. É assim que funciona. Todos nós temos os nossos segredos, o nosso íntimo, o nosso lado obscuro que só permitimos que muito poucos conheçam. Se escavarmos um bocadinho mais, é fácil descobrir uma merda qualquer terrível em todas as pessoas. A mina não é excepção.

Adorava que ela tivesse ido ao retiro do crisma. Acredito sinceramente que as coisas teriam corrido de outra maneira. Não apenas no retiro — em tudo.

Chama-se efeito borboleta. O simples acto de uma borboleta bater as asas pode ter consequências gigantescas e influenciar tudo o que acontece.

Mas Amina nem se atreveu a perguntar aos pais se podia ir. Tenho a certeza de que a mãe a deixava ir, mas o pai é muçulmano. Não que eu alguma vez o tenha visto fazer seja o que for relacionado com o Islão. Pelo contrário. Dino adora cerveja e nunca

lhe passaria pela cabeça fazer jejum ou ajoelhar-se virado para Meca. Além disso, Alá devia ter de certeza uma opinião sobre o palavrão que Dino passava o tempo a berrar nos nossos jogos de andebol.

Mas isso não interessava; Amina não ia perguntar se podia ir ao retiro. Ela era muçulmana, e era importante dizer que era muçulmana, mesmo que ninguém quisesse saber disso para nada. Uma merda: em casa até comiam cachorros e entrecosto, mas na escola a comida dela nunca podia ter «carne de porco.»

Tenho a certeza de que Amina me teria impedido. Se ao menos ela estivesse lá, naquele retiro ao pé do lago. Tinha-me dito que era uma ideia completamente idiota. Tinha-me obrigado a ter algum bom-senso, tinha-se armado em irmã mais velha e tinha-me convencido a ficar no nosso quarto a jogar às cartas com os outros confirmandos.

Eu não teria ido para a cama com Robin, se Amina lá estivesse.

Talvez não estivesse aqui enfiada agora.

O efeito borboleta.

Nas férias de Verão, entre o sétimo e o oitavo anos, fomos a um campeonato de andebol a uma terrinha dinamarquesa no cu de Judas. Como de costume, ganhámos a medalha de ouro, e eu fui a melhor marcadora. Dormíamos em colchões de encher numa sala de aula abafada e cheia de gente a rressonar, e em duas noites houve bailes numa tenda no pátio da escola.

Desde o primeiro dia que um grupo de croatas, alguns anos mais velhos do que nós, com uns olhos irresistíveis e uns músculos nos braços que me faziam crescer água na boca, andou a fazer-se a mim e à Amina. A princípio, armámo-nos em difíceis. Ou os ignorávamos ou os provocávamos, principalmente, porque era isso que se esperava que fizéssemos, o que se espera sempre que todas as raparigas façam. Mas, no nosso último jogo da fase de

grupos, eles sentaram-se nas bancadas a assobiar sempre que eu ou Amina tínhamos a bola. Nessa noite, saímos do baile com os croatas. Sentámo-nos em círculo junto à praia; as gaivotas voavam por cima das copas das árvores e as ondas rebentavam com espuma branca sobre a areia. Os tipos estavam a passar um cigarro, e só quando chegou à minha mão é que percebi que não era um cigarro comum.

— Não é forte — disse Luka, em inglês.

Tinha uns olhos verdes de gato que brilhavam no escuro. Desde o primeiro momento em que o vi que queria curtir com ele. Mas Amina andava com o guarda-redes croata debaixo de olho.

Dei umas passas. Tossi e ri-me, e as vozes à minha volta tornaram-se mais lentas e metálicas, mas, tirando isso, não aconteceu nada de especial.

Assim que o charro chegou a Amina, ela começou a ficar aflita.

— Ela não quer — disse eu.

Luka e os outros olharam-me com curiosidade.

— Têm de a respeitar — acrescentei e peguei no charro.

Uma hora depois, eu estava deitada de costas num buraco escondido, com o Luka a encher-me o pescoço de chupões, antes de enfiar os dedos dentro de mim e tentar cativar-me com frases de filmes pornográficos.

Umás férias de Verão. Quando penso nisso agora, parece que foi uma eternidade, mas foi apenas um Verão. As nossas vidas mudaram para um nível superior, e foi como se o mundo se abrisse à nossa frente.

Eu tinha catorze anos, e tudo era uma aventura para mim. Via-me praticamente como uma adulta e a última coisa que queria era que os meus pais se metessem na minha vida. Tinha cada vez mais dificuldade em controlar as minhas explosões emocionais e tinha a sensação de que cada dia era uma batalha.

A minha mãe evitava sempre tudo, escondendo-se, trabalhando até tarde e queixando-se de dores de cabeça. Mas o meu pai não. Corria a cidade toda à minha procura, quando eu não chegava a casa a horas. Eu sabia que ele me revistava os bolsos, e estava todas as noites à entrada, como se fosse um segurança de discoteca.

— Sopra — dizia ele, inclinando-se para que eu pudesse expirar para a sua cara.

— Outra vez.

Farejava o ar como um cão e olhava-me, desconfiado.

— Não estiveste a fumar, pois não?

O que tinha mais piada era que eu tinha a certeza absoluta que o meu pai era incapaz de reconhecer o cheiro a erva, mesmo que eu acendesse um charro debaixo do seu nariz.

No entanto, a sua preocupação não era totalmente infundada. Depois da viagem à Dinamarca, tinha tomado o gosto aos charros, e, passado pouco tempo, fumava todos os dias. Apagavam os meus pensamentos e deixavam-me mais leve e mais livre.

Por irónico que pareça, tinha mais medo da minha mãe.

— Promete-me que não dizes à minha mãe — pedi a Amina, agarrando-a com as duas mãos.

— Juro.

— Sobre o Corão?

— Sobre o livro que quiseres.

Não sei porquê, mas Amina e a minha mãe sempre tiveram uma relação especial, e, nesse Verão, ficaram ainda mais próximas. Chegava a casa e dava com elas sentadas a rirem-se de qualquer coisa, que nunca conseguiam convencer-me de que tinha tanta piada assim.

Eu tinha conhecido um grupo de gajos de Landskrona que conseguiam arranjar álcool e erva. Partilhavam tudo comigo, e eu sentia-me mais viva do que nunca. Uma noite, fugi de casa e dormi

ao ar livre na ilha de Ven. Deixei de ser virgem em cima de um arbusto que picava e tive com um dinamarquês, chamado Mikkel, uma relação que durou duas semanas.

Era como se tudo estivesse a dançar e a sorrir, quando enchia os pulmões de fumo.

— Não gosto nada que andes metida nisso — disse-me Amina.

— Não ando *metida* em nada — respondi-lhe. — É só para me divertir. Durante o Verão.

Apesar de nos termos afastado durante algum tempo, porque Amina preferia evitar o grupo de Landskrona, nunca duvidei da nossa amizade. Sabia que podia contar sempre com ela.

Faltava uma semana para as férias de Verão acabarem, quando uma noite fui dar com ela ao pé da nossa casa à minha espera.

— O teu pai foi atrás de mim depois do treino.

— O quê?

Arrepiei-me e apertei mais o casaco. O andebol já tinha começado outra vez, mas eu tinha faltado ao primeiro treino. Não me apetecia jogar.

— O que é que ele fez?

Amina tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Pressionou-me, fez-me uma data de perguntas. Com quem andas, se andas com alguém, se andas a fazer sexo.

— Se ando a fazer sexo? — A sério que não conseguia acreditar no que estava a ouvir. — Ele perguntou-te se ando a fazer sexo?

Amina acenou com a cabeça.

— E se fumas e bebes e coisas do género.

— Que nojo. A sério, isso não é de quem está bom da cabeça.

Amina não parava de mudar o peso do corpo de um pé para o outro. De tirar o cabelo da cara. Estava assustada. O meu pai tinha ameaçado contar ao Dino, apesar de Amina não beber, nem fumar, nem fazer merdas dessas. Ela praticamente nem andava com aqueles gajos. Preferia ficar em casa a ver televisão, ir jogar

andebol ou basquetebol e andar com os tipos da nossa turma. Sempre que ia a Landskrona, era por minha causa.

Era uma injustiça tão grande o meu pai estar a atacá-la.

Passados alguns dias, encontrámo-nos fora da estação. Amina estava cansada, sem maquilhagem — parecia o raio de um cadáver.

— Desculpa, desculpa, desculpa — disse-me.

Agarrei-lhe no braço e puxei-a para uma plataforma vazia. Tirei-lhe o cabelo da cara e dei-lhe palmadinhas nas bochechas.

— O que é que aconteceu? Diz-me.

A sua respiração estava irregular.

— O teu pai — disse, em voz baixa. — Eu contei-lhe. Tive de lhe contar.

— O que é que disseste?

Baixou a cabeça e começou a chorar. Não consegui conter-me — abanei-a pelos ombros, desesperada.

— O que é que disseste ao meu pai?

Ela só conseguia dizer algumas palavras de cada vez.

— Eu tive de... ele agarrou-me... com força... pelo braço.

— Grande sacana! — exclamei. — O que é que lhe disseste?

Ela abanou a cabeça, em desespero.

— A erva — disse, a chorar. — Contei-lhe da erva.

Fiquei a olhar para ela. A minha melhor amiga, desde sempre. A minha alma gémea. A única pessoa que me conhecia verdadeiramente.

Era uma traição brutal. Terrível.

— Como é que foste capaz?

Amina esfregou os olhos.

Observei-a, enquanto a minha mão se fechou. Sentia os músculos a tremer e a retesar-se. Não consegui controlar-me. O meu punho voou pelo ar, e foi quase como se eu estivesse a ver de fora, como se fosse um filme.

Amina não teve hipótese. Os nós dos meus dedos atingiram-na em cheio na maçã do rosto. Houve qualquer coisa que se partiu, e foi uma sensação brutal. Melhor do que as drogas. Nunca tinha tido uma sensação como aquela.

Os guardas não batem à porta. A chave roda na fechadura e, no momento seguinte, já estão dentro do meu quarto.

É o Jimmy da barbicha e aquela rapariga nova, a que quase me desfez de tanto olhar para mim ao pé do carrinho das vendas, no outro dia. Vêm buscar o meu tabuleiro da comida.

— Não estava saborosa, hoje? — pergunta o Jimmy com um sorriso.

Deixei um monte de feijões cozidos no prato. Não sou esquisita. Como praticamente de tudo. Mas feijão cozido, não suporto.

— O carrinho das vendas passa hoje à noite, não passa? — pergunto.

Jimmy continua a sorrir. Pelo que sei, anda sempre por aí com aquele sorriso rasgado. Não tem nada de simpático. Parece presunçoso, como se estivesse a sorrir para a pessoa esplêndida que se imagina ser.

— Logo se vê. É tão fácil esquecermo-nos de abrir as portas a toda a gente. Não é, Elsa?

A rapariga nova não responde. Quase nem levanta os olhos. Provavelmente quer evitar ser apanhada no meio da conversa.

— Ouviste o que ele disse, Elsa — declaro com uma voz exageradamente clara. — És minha testemunha. Se não me deixarem comprar nada, hoje à noite...

Não termino a frase. Não vale a pena. É impossível ganhar, com alguém como o Jimmy.

— Deves estar a gozar comigo — diz com uma gargalhada grosseira.

Passa o tabuleiro à Elsa; o sorriso desaparece e olha-me com repugnância.

— É verdade que lhe deste uma data de facadas no peito?

Sinto a minha luta interior. Sei exactamente o que ele quer e não tenho a menor intenção de lho dar.

Jimmy volta-se para Elsa.

— Acreditas que esta miúda é uma assassina brutal?

Elsa lança-lhe um olhar suplicante que mostra que o que ela mais quer é sair daqui, ir para longe deste fedor, voltar para o seu mundo normal cheio de cachorrinhos e arco-íris.

Mas Jimmy não desiste.

— Nunca te passaria pela cabeça, pois não? Pois não, Elsa?

Elsa olha para os pés.

— Não se pode dizer se as pessoas são assassinas ou não só pela aparência, pois não?

Admiro a sua coragem.

— *As pessoas?* Só estamos a falar de uma pessoa — diz Jimmy com uma gargalhada irritante. — Ouve, Elsa, eu também era ingénuo quando comecei a trabalhar aqui. Hás-de aprender. Ao fim de cinco anos neste sítio, percebi que isso é uma treta. Basta-te olhares para uma pessoa para saberes que ela não vale nada. A maioria dos assassinos tem exactamente o aspecto que imaginamos: viajantes tismados pelo sol, ciganos nojentos. Não há praticamente nada que nos surpreenda.

Os olhos de Elsa estão cada vez mais esbugalhados. Parece que quer sair da sua própria pele.

— Cala-te! — digo ao Jimmy.

Não consigo ficar calada. É um problema que tenho. As pessoas sempre me disseram para ficar de boca calada, para desistir — não temos de concordar com as opiniões, nem com as ideias de toda a gente. Os psicólogos dizem que é uma «incapacidade de controlar os impulsos.» Fiz um teste em que tive o pior resultado possível. Sou o tipo de miúda que, se pudesse, tragava tudo de uma só golada.

— Quem é que disse que podias falar?

Jimmy passa a mão pela barbicha e respira mesmo para cima da minha cara.

— Esquece isso — diz Elsa atrás dele.

Mas Jimmy não está disposto a esquecer.

Está, tipo, a meio metro de mim e tem os olhos a brilhar de ódio.

— Minha puta assassina de merda. É melhor pensares duas vezes antes de dizeres uma palavra que seja.

Jimmy não sabe que não controlo os meus impulsos. Se soubesse, não fazia o que está a fazer.

— Chega — diz Elsa num tom autoritário. Acho que até lhe puxa o braço. — Estás a passar das marcas.

Gosto dela.

— Estou a passar das marcas? — Jimmy volta-se e Elsa assusta-se. — Que merda de marcas?

— Não podes tratar...

— O que estás a dizer? Estás a *defender* esta puta desta assassina?

Estica o braço para ela.

— Acalma-te — diz Elsa.

— Acalmo-me? É melhor pensares bem se estás no sítio certo.

Tenho pena dela. É tão óbvio que está completamente deslocada aqui. Devia voltar para a sua vidinha no país das fadas donde veio, onde todas as histórias acabam bem.

— Aqui só há dois lados — diz Jimmy. — Ou estás do nosso lado, ou do deles.

Depois, torna a voltar-se para mim devagar.

Ele devia saber. Devia ter uma visão muito melhor da situação. Não é nenhum principiante, e eu não devo ser a única pessoa que aqui está que não consegue controlar os impulsos.

Tiro-lhe as medidas e procuro um alvo. E, no preciso momento em que ele se vira, dou-lhe um pontapé nos tomates.

Desata a gemer e dobra-se.

Eu e Elsa olhamos uma para a outra, enquanto Jimmy se torce com dores entre os nossos pés. Embora eu deixe claro para ela que não vou oferecer resistência, atira-me ao chão com uma espécie de golpe de judo. Tenho a cara encostada ao chão nojento e o seu joelho nas minhas costas.

Lá se vai a irmandade. Mas também é verdade que uma boa rapariga nunca se compromete a ser sempre boa.

Aparecem rapidamente dois colegas para ajudar Elsa e, depois de conferenciarem durante alguns segundos, decidem levar-me para uma cela vigiada.

Arrastam-me para fora do quarto e, no caminho para o elevador, desisto e deixo de resistir. Não vale a pena.

O objectivo da cela vigiada é proteger os presos deles mesmos. É pequena e escura e só tem um colchão no chão, e tudo o que fazemos é observado por uma janela que há na porta.

Tenho de passar a noite toda ali. Não serve de nada bater na parede, nem gritar até ficar rouca, nem ameaçar que vou fazer queixa deles.

Não prego olho até de manhã, quando abrem a porta e me levam outra vez para o quarto.

— Bem-vinda a casa — diz o guarda, quando destranca a porta do meu quarto.

O fedor invade-me o cérebro.

Caio redonda na cama e durmo até à hora do almoço.

Ainda não me perdoei por ter batido em Amina. Já passaram quatro anos, e é uma memória que me tortura várias vezes por semana. Que tipo de pessoa é que bate na sua melhor amiga?

Logo a seguir àquilo ter acontecido, passei-me. Desatei a correr como uma louca, aos gritos e a abanar os braços. Tinha dificuldade em aceitar o que tinha feito. Só queria apagar os últimos minutos e repeti-los como uma pessoa normal faria.

O pior de tudo: tinha-me sabido bem. Aquela sensação maravilhosa, libertadora, quando os nós dos meus dedos acertaram na sua cara.

Amina sentou-se no banco ao meu lado, com a cara nas mãos. Puxei-lhe os braços para os soltar e observei o olho todo lixado e o alto vermelho escuro que estava a inchar na sua face.

— Desculpa, querida! Desculpa!

Não havia hipótese nenhuma de eu consertar aquilo. Depois do que acontecera, nada podia voltar ao normal. Tinha estragado tudo. A única constante na minha vida, a única coisa que era incondicional e que tinha um verdadeiro significado para mim — tinha-a destruído.

Ajoelhei-me e segurei-lhe as mãos com força. As pessoas que passavam ficavam a olhar para nós. Algumas pararam para perguntar se estava tudo bem.

Não, não estava. Uma porra é que estava.

Tinha-lhe batido. Tinha magoado Amina.

— Não faz mal — disse ela. — Eu mereci.

— Que parvoíce! A culpa é toda do meu pai.

— Eu não devia ter-lhe dito nada. Perdoas-me?

— Pára com isso! Não és tu que tens de pedir desculpa!

Não interessava o que ela dissesse. Percebi que é impossível perdoar a uma pessoa que faz uma coisa destas. Podemos dizer que perdoamos e até estarmos convencidos disso, mas, lá no fundo, é uma coisa que nunca se esquece.

Encostámos a testa uma à outra e chorámos.

Nesse Inverno, precisei de Amina mais do que nunca. A minha mãe sentia-se muito em baixo e passava a maior parte do tempo escondida no escritório. Às vezes, parecia que preferia falar com Amina a falar comigo. Meti na cabeça que ela até teria gostado de trocar Amina por mim. Enquanto eu causava desilusão atrás de desilusão, acho que a minha mãe se revia muito na Amina, na menina boa e inteligente que nunca fazia nada de errado.

Ao mesmo tempo, o meu pai ia ficando cada vez mais paranóico. Revistava-me os bolsos, a mala e o quarto. Pedia às operadoras os registos do meu telemóvel para ver para quem andava eu a ligar. Via o histórico do meu computador e exigia que lhe desse todas as minhas palavras-passe.

Rapidamente arranjei estratégias para satisfazer as exigências do meu pai, e, ao mesmo tempo, continuar a ter uma vida relativamente desenfreada. Fumava erva, mas havia muito mais do que isso: gajos para curtir, noites para partir e festas aonde ir. Deixava o meu pai inspeccionar a minha roupa, cheirar o meu hálito, espreitar para as minhas pupilas e convencer-se de que controlava tudo o que eu fazia. É muito mais fácil escondermos qualquer coisa quando damos a sensação de que somos transparentes.

Quando começou a conversa sobre o retiro do crisma, os meus ouvidos ficaram imediatamente em estado de alerta. Havia uma data de boatos tentadores à volta do retiro do ano anterior. Álcool, sexo e cigarros. Uma tonelada de actividades sem nada de divino. E, acima de tudo, a cereja no topo do bolo, havia o director do retiro, chamado Robin, que era — todas as fontes eram unânimes — o tipo mais sensual que era possível imaginar.

Os aspectos cristãos do crisma eram-me completamente indiferentes. Claro que eu não acreditava em Deus — nem eu, nem ninguém que ia para o retiro. A maioria não queria saber daquilo para nada, desde que recebesse presentes e uma doce semana no campo. Talvez houvesse um poder superior algures, mas tinha mais ou menos a mesma importância para as suas vidas de adolescentes como haver ou não vida em Marte. Eu era praticamente a única que tomava uma posição activa das poucas vezes que se discutia questões de fé na escola, e a minha atitude hostil em relação à igreja e à religião tinha obviamente que ver com o meu pai.

Sabia exactamente o que havia de fazer. Se lhe desse uma esperança, por muito pequena que fosse, de que podia vir a interessar-me pela Bíblia, não seria preciso muito para o convencer.

— O que é que achas? — perguntou ele à minha mãe, quando estávamos a jantar. Faltavam poucos dias para terminar o prazo das inscrições. — Devemos deixá-la ir?

A minha mãe respondeu com um olhar vazio.

— Não sei. Talvez.

Era a sua resposta-padrão nos últimos seis meses. Dormia mal, comia como uma modelo de tamanho zero e andava pela casa como um *zombie*. Era muito difícil para mim lidar com a sua apatia, em grande parte porque me sentia responsável por ela. Em vez de meter o rabinho entre as pernas e tentar aproximar-me dela, cada vez me afastava mais. Mesmo que tivesse sido o meu

comportamento a levá-la àquele declínio, achava que era ela que tinha de o resolver.

— Vocês é que me tiveram. Nunca pedi para ser parte desta família.

Infantil? Claro que sim, mas eu ainda era praticamente uma adolescente.

Quando o meu pai falou da exaustão da minha mãe, que ela não aguentava mais e devia deixar de trabalhar durante uns tempos, protestei.

Ela deixou cair o garfo no chão e demorou uma eternidade a apanhá-lo. O meu pai mordeu o lábio inferior.

— Ela diz que vai passar a trabalhar menos, mas todas as noites fica a trabalhar até altas horas. Não dás por isso?

Percebi que o meu pai concordava comigo, mas ele não disse nada. Seria algum tipo de estratégia? Do tipo, era melhor se a causa daquilo fosse eu.

De qualquer forma, ficou rapidamente decidido que eu podia ir ao retiro do crisma. Estavam ambos de acordo, fizeram questão de afirmar, e eu comecei a fazer os meus planos.

Comprámos várias marcas de tabaco e bebidas alcoólicas. Quando se tem quinze anos, não se pode ser esquisito. Um encheu o frasco de champô do pai com uísque e licor retirados da garrafeira. Outro tirou uma garrafa de vinho quente da garrafeira da avó. E duas raparigas tinham conseguido convencer um bêbedo a comprar-lhes uma garrafa pequena de vodka *Explorer*. Os cigarros iam escondidos nas nossas mochilas, embrulhados em papel de alumínio, arrumados em frascos de plástico ou caixas de lata.

Ainda me lembro da sensação de liberdade, quando o autocarro saiu do parque de estacionamento.

Os primeiros dias no retiro passaram a voar. Quase nem tínhamos tempo para pensar nas garrafas que estavam no fundo das nossas

mochilas. Uma noite, escapuli-me para o meio das árvores com uns tipos e depois de fumar três cigarros de seguida tossi tanto que ia vomitando. Algumas arranjam logo parceiros, na primeira noite, e curtiam debaixo dos cobertores no nosso dormitório.

Havia um lago onde íamos nadar todos os dias. Numa manhã, Robin esteve lá imenso tempo a olhar para a água, que lhe dava pelos joelhos, com os raios do sol a reluzirem no seu tronco molhado.

As outras raparigas foram a correr para a margem, às risadinhas. A água ainda estava tão fria que não se aguentava mais de um quarto de hora.

Avancei lentamente pelo lago, passei pelo Robin, olhei-o nos olhos e sorri. Sabia que ele me observaria até sair da água. Demorei uma data de tempo a dobrar-me para apanhar a toalha.

Um pouco mais acima, na relva, estavam duas conselheiras, a sorrir. Agitei o cabelo molhado e enrolei a toalha em volta do corpo, depois, fui a chapinhar pela margem.

Devia ter ficado surpreendida, ou mesmo chocada, por ver ali o meu pai, mas só senti uma tristeza dolorosa.

Estava ali parado, como se fosse tudo normal, e dirigiu-me um sorriso hesitante. Nem ali podia deixar-me em paz. Nem ali.

Mandei-o à merda. Depois, corri para os edifícios.

Foi nessa altura que decidi.

Uma profecia que se cumpria, papá? Se ia à espera de encontrar o caos, então, era isso que teria.

— Como te sentes hoje? — pergunta Shirine, com cautela.
Não respondo.

Ela pousa outro livro em cima da secretária, à minha frente.

— Este não é tão deprimente como *A Campânula de Vidro*.

Leio a contracapa e folheio-o, distraidamente.

— Adorei lê-lo quando tinha a tua idade — diz Shirine.

Parece que é sobre um rapaz de dezassete anos, chamado Holden, que acha que as pessoas são, na maioria, idiotas. Gosto do título: *À Espera no Centeio*.

— O que é que aconteceu ontem? — pergunta Shirine.

Pelos vistos, já sabe que passei a noite na cela sob vigilância.

— Nada.

Não me apetece falar do assunto. Para dizer a verdade, não acho que Shirine saiba como as coisas funcionam aqui. Não é estúpida, não é isso que quero dizer. Nem sequer é ingénua. Acho é que, se uma pessoa se esforçar muito por fechar os olhos, pode viver em negação o tempo que quiser. Shirine formou a sua opinião. Sabe como quer que as coisas sejam e, basicamente, volta as costas ou olha para o lado quando vê alguma coisa contrária à sua opinião. As prisões suecas são sítios bons. As pessoas ainda têm direitos e são cuidadas, enquanto estão à espera de julgamento. No mundo de Shirine, o *bullying*, a agressão e o abuso de poder são coisas que só se vê nos filmes.

— Eu sei que estás a passar um mau bocado — diz Shirine.
Sabe uma merda.

*

Na manhã seguinte, acordo com o livro em cima da almofada. Sob as minhas pálpebras, permanecem imagens confusas da noite, e tenho alguma dificuldade em perceber a diferença entre o que vi e o que sonhei. Sinto-me como Holden, quando acorda no sofá em casa do professor velho, e o tipo está lá sentado a fazer-lhe festas no cabelo. Fico muito tempo ao pé do lavatório a atirar água fria para a cara.

Está a saber-me mesmo bem, quando chega o pequeno-almoço. Os guardas estão bem-dispostos e, por uma vez na vida, o café não sabe a água choca.

Vou folheando o livro enquanto como, para tentar perceber até onde li antes de adormecer, quando a porta se abre de novo.

Uma das guardas mais velhas, uma mulher que tem ar de quem devia estar a trabalhar num infantário, espreita com os olhos brilhantes e um sorriso animado.

— Está cá o teu advogado, Stella.

— Tem de esperar. Estou a tomar o pequeno-almoço.

Ela fica a olhar-me, perplexa, sem dizer nada. Por fim, levanto-me com um suspiro profundo, dobro a sanduíche ao meio e meto-a na boca, antes de beber o último gole de café.

Arrasto os pés, entre os guardas, até à sala onde Michael Bloomberg está à minha espera.

— Tenho boas notícias — diz, dando-me um aperto de mão. — A procuradora autorizou uma visita dos teus pais.

Cai-me tudo aos pés.

— Autorizou, como? Quem é que pediu?

Bloomberg sorri e espeta o dedo no próprio peito.

— Este seu criado.

— Mas...

A serpente da preocupação está outra vez a enrolar-se em volta da minha barriga. A minha mãe e o meu pai.

— Obrigada, mas não — digo.

Blomberg inclina-se para mim, preocupado. Fica com uma expressão confusa, e sinto-me tonta.

— O que é que queres dizer com isso?

Respiro fundo e fecho os olhos.

— Não consigo. — Sinto os olhos encherem-se de lágrimas. — Não quero vê-los.

Sabia que o meu pai adorava Robin. Ouvira-o elogiá-lo várias vezes.

Não seria muito difícil atrair Robin para o meio das árvores. E, quando o fizesse, ele não conseguiria resistir-me. Depois, o resto do pessoal viria espreitar e apanhar-nos com a boca na botija. Seria o caos.

Como é óbvio, o meu pai ia passar-se. Ele ainda lá estava; o carro estava estacionado ao pé da cantina.

A primeira parte do meu plano resultou. Mas, quando levei Robin para o meio das árvores, escondido do resto do pessoal, comecei a pensar melhor. Robin olhava-me de uma forma completamente diferente, quando levantou o braço para me tocar. Com uma certa ternura, como se gostasse verdadeiramente de mim.

— Não podemos fazer isto — sussurrou, tocando-me com as pontas dos dedos sensíveis.

Tinha razão. Eu estava prestes a dar-lhe cabo da vida. Seria suspenso de director do retiro e, provavelmente, não voltaria a trabalhar para a Igreja da Suécia. Ou pior.

Eu queria castigar o meu pai. Não Robin.

— Daqui a uns anos — disse-lhe, afastando-lhe a mão, devagar.
— Daqui a três anos faço dezoito anos.

Ele sorriu.

— Consegues esperar esse tempo todo? — perguntei.

Ainda tínhamos alguns minutos antes de a malta vir espiar-nos por entre as árvores. Olhei para os lábios desejosos de Robin. Tinha tanta vontade de o beijar. Só uma vez. Faria mal?

— O teu pai — disse ele, voltando a cabeça. — Adam é teu pai.

— E daí? Tens medo do meu pai?

— Medo? — Deu uma gargalhada. — Quem é que consegue ter medo do Adam?

— Então, qual é o problema?

— Nenhum. Só que... és tão diferente dele.

Deu-me a mão e levou-me para mais longe.

— Vem comigo.

Os seus dentes brilhavam sob a luz ténue.

Queria mostrar-me uma coisa qualquer. Uma coisa que estava no seu quarto, no edifício dos conselheiros. Quando lhe chamei a atenção para o facto de ser estritamente proibido os confirmandos irem ao edifício dos conselheiros, ele riu-se.

— Se não souberem, não faz mal.

A ignorância é poder.

— E o meu pai? — perguntei, olhando ansiosamente à minha volta.

Robin não me ouviu.

— Anda — disse, abrindo a porta.

Havia quatro quartos no edifício dos conselheiros. Um corredor apertado com um espelho e quatro portas. Exalava um cheiro que fazia lembrar uma cabana no Verão. O quarto de Robin era o último do lado esquerdo.

Aproximou-se da janela e desceu o estore.

— Senta-se. — Apontou para a cama.

O quarto estava uma confusão, com a sua roupa e as suas coisas espalhadas por toda a parte: no chão, na cama, na mesa-de-cabeceira. Ao lado da cama, estava sua a mala de viagem,

semiaberta. Quando me sentei, espreitei com curiosidade para as cuecas, o desodorizante e as camisolas interiores.

— Volto já — disse, desaparecendo no corredor.

Continuei sentada na cama a sentir o coração bater. Daí a nada, ouvi-o puxar o autoclismo.

Não sou estúpida. É verdade que só tinha quinze anos, mas obviamente sabia o que estava a acontecer. Robin não queria mostrar-me nada. Podia ter-me levantado e fugido, e essa ideia ainda me passou pela cabeça, mas eu queria ficar. Queria ter aquela emoção.

E, naquela altura, não havia o perigo de a malta nos apanhar e transformar tudo aquilo num caos. O pior que podia acontecer era se comesçassem a procurar-nos e...

Mandei rapidamente uma mensagem.

Abortar! Mudei de ideias.

E, em resposta, recebi um *emoji* de um polegar para cima.

Passado um segundo, Robin abriu a porta. Havia algo de novo na sua expressão — parecia decidido, determinado. O lábio superior tremeu-lhe quando me puxou para junto dele. Os nossos lábios juntaram-se, a sua língua entrou na minha boca e beijámo-nos.

Gostei.

Encostou-se mais a mim, e isso excitou-me. Queria que ele continuasse.

Passado um bocado, deitou-me em cima da cama. Estava de costas e tinha o peso todo do seu corpo em cima de mim, os seus lábios a taparem-me a boca e a sua língua a chegar-me quase à garganta.

Já não estava a saber-me bem. Não conseguia respirar.

Agitei-me debaixo dele como um peixe. Tentei gritar. Seria possível que não reparasse que estava a magoar-me?

Não conseguia respirar, mas Robin continuou. Já não havia ternura nem amor. Os seus movimentos eram violentos, uma

demonstração de força e poder. Eu era uma presa que ele caçara.

Acabei por perceber que era inútil resistir. A única coisa que podia fazer era fechar os olhos e esperar que o sofrimento parasse. Só esperava que fosse depressa.

Robin puxou-me as cuecas até às coxas e afastou-me as pernas. Tive a sensação de que algo se tinha quebrado dentro de mim.

Estava presa por ele. Não podia fazer nada.

Até que, de repente, tudo ficou em suspenso.

Não sabia se estava morta ou viva.

Robin levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro.

— Está lá fora alguém — disse, a sibilar, com as calças pelos joelhos.

Enchi os pulmões de oxigénio, uma vez e outra e outra. Finalmente, conseguia respirar.

— É o Adam!

Robin olhou para a janela, aterrorizado, e, ao mesmo tempo, começou à procura da camisa. Agarrou-me pelos braços e tentou levantar-me da cama.

— É o teu pai!

Fechei os olhos e respirei.

O meu pai.

Graças a Deus.

O meu pai.

Tenho tantas saudades dos meus pais, mas não sei como vou conseguir tornar a olhar para os seus olhos. Tenho saudades da Amina. Tenho saudades de luz.

Este sítio põe-me doente. As minhas memórias perseguem-me constantemente, e não tenho para onde fugir.

A meio da noite, acordo, porque estou prestes a morrer. Estou a afogar-me.

Dou voltas e mais voltas na cama. Dou murros nas paredes, tento abrir a porta à força. Encho-a de pontapés até ficar com os dedos dormentes. Os meus gritos rebentam-me os tímpanos.

Por fim, Jimmy-o-Guarda abre a porta. São quatro que entram de rompante no quarto, e não tenho tempo de pensar. Atiram-se a mim e deitam-me ao chão.

As mãos carnudas de Jimmy empurram-me a cara contra o chão. Os meus gritos são abafados pela sua pele nojenta de réptil.

As memórias que tenho da violação são cortantes como facas; as imagens nítidas como o vidro. Uma parte de mim vai estar para sempre naquela cama no edifício dos conselheiros, a tentar desesperadamente respirar.

Prendem-me as mãos atrás das costas e levantam-me. Tento gritar, mas a minha garganta está obstruída.

Quatro homens musculados levam-me para fora do meu quarto. Contorço-me tanto que são obrigados a soltar-me no corredor. Caio

ao chão com um baque, e um deles bate-me na cara. Não sei se é de propósito.

Demoram um quarto de hora a levar-me até ao elevador. Na cela vigiada, são ajudados por mais alguns guardas a deitar-me na cama de contenção. Apertam as correias em volta dos meus pulsos e tornozelos. Fico deitada de costas, a chorar e a tremer. Estou outra vez no edifício dos conselheiros, no retiro. Estou a afogar-me na respiração ofegante de Robin. O suor e as lágrimas misturam-se. O horror inconcebível de outra pessoa a controlar o meu corpo. Outra pessoa a abrir caminho à força até às partes mais recônditas do meu corpo e a roubar-me a dignidade e o direito à autodeterminação que, para mim, eram dados adquiridos.

Qualquer pessoa que diga que nunca pensou em vingar-se, que acredita sinceramente que nunca há nada que justifique uma retaliação sangrenta e violenta, nunca foi violada. Até está escrito na Bíblia: olho por olho, dente por dente. Até aparecer Jesus e foder tudo com aquela parte de dar a outra face.

Dois dias depois, é a vez de Elsa, a nova, me levar à psicóloga.

A Elsa cheira a baunilha. Parece ter uma data de perguntas na cabeça, mas é demasiado profissional ou tímida para dizer seja o que for.

— Stella.

Shirine faz-me sinal para que me sente.

Os seus pequenos olhos de *Bambi* estão cheios de empatia e confiança. É difícil antipatizar tanto com Shirine como estou a tentar fazer. É o tipo de pessoa que seria difícil não amar. Detesto pessoas assim.

— Como foi a tua semana?

— Como uma viagem às Canárias com tudo incluído.

Ela reprime um pequeno sorriso. Olho para as coisas que tem em cima da secretária, e os meus olhos ficam presos a um estojo de lápis, amoroso, às flores.

— Só tive um desses na escola primária — digo-lhe.

Ela guarda o estojo.

— Foi a minha filha que o escolheu.

Pelos vistos, é um assunto sensível.

— Então, o que achas deste? — pergunta, referindo-se ao *À Espera no Centeio*.

— Disse-me que não era tão deprimente como o outro.

— E era? Já o li há muitos anos. Só me lembro de ter gostado muito dele.

— Bem, acaba num manicómio — digo-lhe. — Às vezes, pergunto-me se é possível acabar de outra maneira neste mundo doentio. Ou com um suicídio ou num manicómio, parece não haver outra saída.

— Não tem de ser sempre assim — contrapõe Shirine. — A vida também pode ser bastante simples. Não é preciso torná-la tão difícil.

Fico a olhar para ela. Estará a sugerir que a culpa é só minha? Que Esther Greenwood e Holden Caulfield podiam ter tido uma vida mais fácil e sentir-se melhor, se tivessem feito escolhas diferentes e não tivessem complicado tanto tudo?

— Estive a pensar numa coisa — diz Shirine. — Aquilo que disseste sobre já teres passado por uma data de psicólogos. Do que não gostavas?

Sei que ela está a tentar levar-me a partilhar. É apenas uma forma de me fazer falar. E, mesmo assim, caio na esparrela.

— Vocês são uns vendidos aos diagnósticos. Querem forçar as pessoas a encaixar-se em matrizes já estabelecidas. Não acredito em nada disso.

— Sabes uma coisa? — diz Shirine. — Eu também não. Prometo não te diagnosticar.

Parece sincera.

— Durante uns tempos, até quis ser psicóloga — admito, com desdém. — Uma estupidez, não era?

— Nem por isso.

Encosto-me para trás na cadeira e cruzo os braços.

— Ouve — diz Shirine. — Achas que conseguias dar-me uma oportunidade? Costumo dizer que toda a gente merece uma oportunidade. Acho que é uma proposta bastante justa.

— Quer dizer que também vai dar-me uma oportunidade?

— Claro. — Sorri.

— Porque é que quis ser psicóloga? — pergunto.

Shirine mexe no botão prateado do brinco.

— Por causa dos meus pais.

— Eles queriam?

— Não, pelo contrário. — Baixa os olhos e passa os dedos pelo cabelo. — Queriam que eu fosse médica. O meu avô era médico e os meus pais também. Acham que, acima de tudo, os seres humanos são seres biológicos. Acham que não se curam doenças a conversar sobre os sentimentos e outras coisas abstractas do género.

Continua a sorrir, mas a sua voz parece desanimada, e tem os olhos a brilhar.

— Então, foi por isso que quis ser psicóloga? Como forma de rebeldia?

— Não, nada disso. Tenho a certeza de que teria sido médica, se não fosse a minha germofobia.

— Germofobia?

Shirine acena com a cabeça.

— Andei a fazer terapia.

— E ajudou?

Faz um sorriso dúbio.

— Talvez devesse tentar as drogas.

Nessa altura, desata a rir.

— Tenho tanta curiosidade em relação a ti, Stella. Quero muito conhecer-te.

— Por ser uma assassina?

— Não sei nada disso. Ainda estás à espera do julgamento.

Shirine é educada, mas de uma forma manhosa. Acabou por conseguir fazer-me conversar com ela.

— Posso ir-me embora agora? — pergunto.

— Vais voltar?

Olho para ela a fingir-me surpreendida.

— Até parece que tenho escolha.

Não me apetecia mesmo nada sair. Tinha sido uma sexta-feira com muito trabalho, e só a ideia de tirar as calças do fato de treino, arranjar o cabelo e maquilhar-me deixava-me exausta.

— Anda daí — disse Amina, que tinha uma fila de *shots* em cima da secretária. — Pela primeira vez na vida, não tenho ninguém com quem sair amanhã.

Queria ir ao Tegnér's, mas disse-me que estava aberta a outras sugestões.

— Sabes do que estás a precisar? — perguntou-me, dando-me um *shot* num copo cheio até cima. — De ir para a cama com alguém.

— Achas mesmo? Neste momento, os únicos gajos de que estou mesmo a precisar chamam-se Ben e Jerry.

Equilibrei o copo na mão, hesitante.

— À nossa! — disse Amina, e bebemos os *shots*.

Fi-lo para ser uma boa amiga. Pela Amina e pelo álcool. Depois de duas cidras e vários *shots*, que basicamente fui obrigada a beber, o meu coração começou a acelerar e o meu corpo a aquecer. Normalmente, não bebo muito. Amina pôs a nossa *playlist* «Party Like an Animal» a tocar no Spotify e, finalmente, lá fomos nas nossas bicicletas até ao Tegnér's. Estávamos no princípio de Junho, e as noites eram geladas. Tive de agarrar a saia, que teimava em levantar-se à volta das minhas pernas.

A transbordar de risadinhas e expectativas, entrámos aos tropeções no Tegnér's. As luzes a piscar davam a sensação de que a pista de dança estava a transbordar. De todos os lados, eram-nos atiradas cascatas de luz, e a vibração da música ribombava no nosso corpo como balas de canhão. Eu e Amina atirámo-nos de cabeça. Malas no chão e mãos no ar.

Apareceram uns tipos do nosso antigo liceu, divertidos à brava. Ficámos a falar de merdas antigas e, entretanto, Amina desapareceu para ir ao balcão.

— Preciso de um copo de água — disse ela.

Ao fim de algum tempo, os tipos foram-se embora, e ela ainda não tinha voltado.

Descobri-a no balcão.

Estava em bicos de pés. Sempre quisera ser uns centímetros mais alta. Tinha os olhos a chispar e, entre os lábios, uma palhinha comprida que desaparecia numa bebida toxicamente verde. Ao seu lado, estava um tipo com uma camisa com cornucópias, a falar tanto que parecia que tinha medo que o oxigénio estivesse prestes a acabar.

— Então, foi aqui que te escondeste?

Amina deu um salto. O tipo parou a meio de uma frase, e olhou-me como se eu tivesse acabado de lhe estragar a noite. Era um daqueles borrachos clássicos, com o cabelo espesso e liso penteado para trás e olhos azuis. Percebi que era velho. Devia ter, pelo menos, mais uns dez anos do que nós.

— Quem é o avozinho? — perguntei, dissecando-o com o olhar.

Amina resmungou, mas o Cornucópias riu-se entredentes, todo recostado para trás.

— Não sou assim tão velho, pois não?

— Isso é relativo. O Al Pacino tem para aí uns setenta e cinco anos. E Abraão viveu até aos cento e setenta e cinco anos, não foi?

— Abraão? — perguntou o Cornucópias ao mesmo tempo que fazia sinal ao empregado de balcão.

— Da Bíblia — expliquei-lhe. — Tipo, o pai de todas as religiões.

Pedi uma bebida, antes de olhar para mim.

— Quer dizer que és cristã?

— Nada disso. Chama-se estar bem informada.

Tornou a rir-se. Os seus dentes eram demasiado direitos e brancos para parecerem naturais.

— Peço desculpa por ela — disse Amina. — Não está habituada a beber.

— Pois, diz que a culpa é do álcool — disse a Amina.

— Ela também tem os seus lados bons. É preciso é olhar bem e durante muito tempo.

— Que idade tens? — perguntei. — Porque és *mesmo* velho.

Fez uma pose: pôs a mão na cintura e esticou o peito para fora, disparando outro sorriso.

— O que é que achas?

— Trinta e cinco — sugeri.

Ele fingiu ficar ofendido.

— Vinte e nove? — disse Amina à sorte.

— Boa. E à primeira — exclamou ele, tocando-lhe no braço, como se fosse sem querer. — Ganhaste uma bebida à escolha.

Amina voltou-se para mim.

— Chama-se Christopher.

Estendeu a mão e, após um momento de falsa hesitação, apertei-lha.

— Chris — disse ele e piscou-me o olho. — Podes tratar-me por Chris.

Apetecia-me ir dançar outra vez, e Amina prometeu que ia ter comigo num instante. Como se fosse verdade.

Pus os braços no ar e balancei-os ao ritmo da música. Parecia que tinha o peito cheio de hélio, que tinha asas.

O tempo foi passando e da Amina nem sinal. Estava toda a suar e com dores, quando finalmente a descobri sentada a uma mesa a comer o Chris com o olhar.

— Estamos a beber champanhe — disse ele, oferecendo-me uma taça.

Tentei obter contacto visual com Amina. O que era aquilo? Estava interessada naquele gajo? Amina não é do tipo de se atirar a ninguém. Ela jamais iria para casa com um tipo que tinha conhecido num bar. A última vez que tinha tido uma grande paixão por alguém fora quando estávamos no quinto ano. E aquele gajo tinha mais dez anos do que nós. Quase trinta anos.

Enchi a boca de borbulhas de champanhe e tive a sensação de que havia qualquer coisa de obscuro naquilo tudo, que havia qualquer coisa que não batia certo.

— Então, o que é que fazemos? — perguntei.

Chris fez um sorriso rasgado, como se tivesse gostado da pergunta.

— Um bocadinho de tudo. Negócios. Principalmente, imóveis. Tenho várias empresas.

Aquilo ainda pareceu mais suspeito aos meus ouvidos.

— Amina disse-me que quer ser médica — continuou Chris. — E tu, quais são os teus planos?

Tentei chamar a atenção de Amina, mas ela só tinha olhos para Chris.

— Dantes queria ser psicóloga — disse-lhe. — Mas acho que não ia aguentar. As pessoas têm todas a cabeça tão cheia de merdas.

Chris tornou a dar uma gargalhada. Sempre tive problemas com pessoas que parecem perfeitas. Dá sempre a sensação de que deve haver qualquer coisa de errado por trás daquele exterior fantástico.

— Talvez Direito — acrescentei. — A minha mãe é advogada, mas acho que preferia ser juíza. Gosto de mandar.

— A minha mãe também é advogada — disse Chris. — Actualmente é professora.

— Que excitante! — exclamei.

O tom foi mais sarcástico do que eu pretendia.

— Nem por isso — retorquiu a rir-se. — A jurisprudência não é mais do que uma data de sofismas e trivialidades.

— Não acredito.

— Vais ver.

— *Nã*. — Espreguicei-me. — O mais certo é mandar a faculdade de Direito à merda e ir viajar pela Ásia. Há anos que ando a sonhar com uma longa viagem ao Camboja, Laos e Vietname.

— Ela está completamente obcecada com essa viagem — avisou Amina. — Se lhe fizeres uma ou duas perguntas, ela fica a falar até começares a sangrar dos ouvidos.

— Que maravilha. Eu adoro viajar — disse Chris.

Não havia praticamente nenhum sítio do mapa onde ele não tivesse estado. Tinha visitado todos os países da Ásia, excepto a Mongólia. Tinha vivido em Nova Iorque, Los Angeles, Londres e Paris. Mas Lund era a sua infância e o seu porto de abrigo. Acabava sempre por voltar.

Fiquei a pensar qual seria exactamente o negócio em que andava metido. Pelo aspecto e pela atitude parecia ser uma pessoa que não precisava de se preocupar muito com dinheiro, e isso estava a deixar-me, ao mesmo tempo, curiosa e desconfiada.

— Mesmo assim, deve ser bom ter uma professora de Direito na família para alguém que tem empresas, negócios e coisas do género, não é?

Chris pareceu ficar a pensar no que eu disse.

— Por acaso, nos últimos tempos, tenho precisado muito da ajuda da minha mãe. Mas não é por causa dos negócios. Ela não se mete

nisso.

— Então, o que aconteceu?

Pela primeira vez, ele parou de falar e baixou os olhos para a mesa.

— Não temos nada que ver com isso — disse Amina, armada em pedante.

— Não faz mal. Passei por.... umas merdas. Mas é uma longa história — respondeu Chris.

— Isto só fecha às três — disse-lhe eu.

Olhou para mim. O seu sorriso estava diferente. Os seus lábios tinham uma pincelada de brandura.

— Ando a ser perseguido por uma pessoa.

— Perseguido?

— A sério?

Amina ergueu as sobrancelhas.

— Sim, por uma autêntica tarada — disse Chris.

Chris não gostava de dançar, por isso, quando eu e Amina voltámos para o mar de néon da pista de dança, ele ficou sentado à mesa com o seu champanhe e o seu sorriso.

— Diz a verdade, Amina — gritei na pista de dança. — Estás doida por comê-lo!

— Pára com isso! O que é que achas?

Demos a mão e andámos à roda. A vibração da música a atravessar o meu corpo era agradável.

— Não é feio — disse-lhe.

— Já vi pior.

Dei uma gargalhada e dancei ainda com mais vigor.

Não sei ao certo o que aconteceu depois disso. Não costumo beber muito. Com o tempo acabei por perceber que não preciso de álcool, tenho outras maneiras de gozar. Beber deixa-me toda alvoroçada e chata e com uma ressaca horrível, no dia seguinte.

De qualquer forma, houve um tipo qualquer que me arrastou. Dançámos cada vez mais e mais apertados e, pouco depois, já tinha a boca dele no meu pescoço e a sua tusa contra o meu cu. Já nos tínhamos encontrado, algures na Primavera. O sexo tinha sido bom, mas não me lembrava do seu nome, do que fazia, nem sobre o que tínhamos falado.

— Tenho de ir à procura da minha amiga — disse-lhe, pouco depois.

— Mas que merda?

Pela cara dele, dir-se-ia que eu lhe comunicara um diagnóstico fatal.

Fui abrindo caminho pela pista de dança à procura de Amina. Já eram quase duas e meia. Estaria outra vez sentada ao pé do tal Chris, à espera de um *slow*? Cambaleei por entre as mesas, passei pelo balcão, mas não a via em lado nenhum. Quando peguei no telemóvel para lhe mandar uma mensagem, vi que ela já me tinha mandado uma.

Desculpa!!! Vim para casa vomitei na casa de banho e não consegui encontrar-te.

Respondi-lhe que não fazia mal, que compreendia e também ia para casa. A seguir recebi um *emoji* verde a vomitar.

Depois de beber um grande copo de água ao balcão, fui aos ziguezagues até ao passeio. A noite estava cheia de passarinhos a cantar, cheirava a álcool, a perfume misturado com suor e pólen. O céu estava cravejado de estrelas.

— Táxi? — perguntou uma voz de homem atrás de mim.

Ignorei-o. Nunca apanho táxis ilegais.

— Podemos partilhar um — disse ele, e eu voltei-me.

Era Chris.

— Só se quiseses. Sai mais barato.

Tornou a fazer aquele sorriso íntimo e humilde. A luz de um candeeiro de rua estava reflectida nos seus olhos claros.

— Não sei para onde vais — respondi, apercebendo-me, nesse momento, de que estava com alguma dificuldade em manter-me direita.

Eu queria mesmo ir de táxi com ele?

— Para Pilegatan — disse ele. — Logo a seguir a Polhem.

Bem, *íamos* para o mesmo lado.

Chris dirigiu-se ao táxi mais próximo e fez-me sinal para que o seguisse. Seria perigoso? Era uma viagem de uns cinco minutos

juntos.

Entrámos para o banco de trás por portas opostas e juntei os joelhos bem juntinhos.

O carro começou a andar com um solavanco e o meu estômago deu uma volta. Tinha a boca seca como papel e tentei ignorar as tonturas que sentia.

— Estás bem? — perguntou Chris.

Tentei olhar para ele, mas via tudo a andar à roda e a tremeluzir.

— Sentes-te bem? — insisti, pondo uma mão no meu braço.

— Como uma princesa — respondi, escondendo um arroteo com a mão. — Deve ser da comida chinesa do jantar. Maldito pato.

— Ah, pato estragado. Já me aconteceu o mesmo. Não é a minha melhor recordação.

Olhei pela janela. Procurei o telemóvel e mandei um SMS a Amina.

Tou num táxi com o avô Chris!

Ela não respondeu. Estaria chateada comigo?

Sem ressentimentos, certo? escrevi.

Desta vez, a resposta chegou depressa.

Ha ha podes ficar com o avô para ti na boa.

Smiley a rir com óculos de sol.

— Vens aqui muitas vezes? — perguntou Chris.

Outra vez aquele sorriso perfeito e repugnante.

— Ao Tegnér's? Bem, não há muitas opções para quem é demasiado novo.

— Ou demasiado velho — acrescentou ele.

Teve piada. Apreciava a consciência que tinha de si próprio.

O táxi travou de repente, e o meu estômago deu outra reviravolta preocupante. Fiquei com uma ameaça de vômito presa na garganta.

— Está tudo bem? — insisti Chris.

Respirei fundo e balbuciei qualquer coisa sobre ele ter escolhido o pior taxista da cidade.

— Já tentaste o Tinder? — perguntei. — O Happy Pancake? Estão cheios de pessoas da tua idade.

— «Happy» quê?

— É uma coisa nova. A Internet. Uma zona digital mundial. Talvez sobretudo para nós, os mais jovens.

Deu uma risadinha, mas, de repente, perpassou-lhe pelo rosto uma expressão mais séria.

— Tive algumas experiências más.

— Com a Internet?

— Com raparigas.

Dei uma pequena gargalhada, mas o sorriso de Chris pareceu forçado e triste. O táxi virou à esquerda e travou. Desta vez, com mais cuidado. Se calhar, o motorista tinha ouvido a minha boca. Mas o meu estômago estava cada vez mais transtornado e estava com receio de vomitar a qualquer momento.

— Eu fico aqui — disse Chris, e só nessa altura me apercebi de que o carro tinha parado. — Pago a viagem toda, por isso, basta dizeres ao motorista onde tem de te deixar.

Inclinou-se entre os bancos da frente para passar o seu American Express.

O meu telemóvel vibrou. Outro SMS de Amina.

Tens o teu spray pimenta, certo?? Nunca se sabe!

O que estaria a passar-lhe pela cabeça? Comecei a responder, mas o vômito subia, e comecei a ficar com a boca cheia de saliva e não aguentei mais. Abri a porta e saí a cambalear.

Olhando para o asfalto, tropecei num arbusto, atirei a mala para o chão e vomitei.

Demorei imenso tempo. Engasguei-me, tossi e vomitei mais. Até sair só bÍlis. Como tinha ficado tão bêbeda? Não tinha bebido *assim* tanto.

Era por isto que detestava beber.

Não era possível que me tivessem posto alguma coisa na bebida, pois não?

Quando tive a certeza de que tinha acabado, tentei limpar-me com uma toalhita molhada que tinha na mala. Depois, voltei-me, cheia de vergonha, e descobri que o táxi se tinha ido embora. Mais adiante no passeio estava Chris, com uma certa rudeza no olhar.

— Anda — disse-me. — Podes subir e refrescares-te um bocado.

Lembrei-me da mensagem de Amina e procurei o *spray* de gás pimenta na mala. Vasculhei e tornei a vasculhar. Mas que merda? O meu braço já ia a meio dentro da mala. Nada. Ando sempre com um pequeno *spray* na mala. Sempre.

Mas não estava lá.

Chris morava num prédio amarelo muito perto da Escola Polhem. A porta dizia *C. Olsen*.

O que estava eu ali a fazer? Bêbeda, tonta e numa desgrça, depois de ter vomitado metade do estômago.

Quando me inclinei à entrada para tirar os sapatos, ia caindo de cabeça. Chris apanhou-me e segurou-me com as mãos nas minhas ancas.

— Deita-te um bocadinho no sofá — disse, levando-me devagar até à sala.

Caí para cima do sofá e fiquei ali como uma baleia que deu à praia, a olhar para o elaborado estuque do tecto alto. Entretanto, Chris andava a fazer uma data de barulho na cozinha. Tinha as pálpebras pesadas e estava a ficar completamente desorientada.

— Estás a dormir? — perguntou-me Chris.

Pousou um grande copo de água em cima da mesinha de café.

— Bebe isto.

Os meus olhos ficaram turvos quando me levantei. Bebi grandes goles de água.

Chris ficou a observar-me com um ar expectante.

Quando pousei o copo, pensei como era ridiculamente ingénua. Sabia perfeitamente que havia drogas que não sabiam a nada e que eram dadas às raparigas para as violar. Porque estava eu a ser tão descuidada? Mas, está bem, estávamos em casa dele, e, naquele

momento, eu era a gaja menos sensual do norte da Europa. Por isso, era provável que não tivesse razão para me preocupar.

— Essa coisa que disseste. Sobre as raparigas — balbuciei. — O que é que querias dizer?

— O que é que eu disse sobre as raparigas?

— Disseste que tinhas tido algumas experiências más.

— Ah, isso.

Mordeu o lábio inferior e, pela expressão, dir-se-ia que estava arrependido de o ter dito.

— Está bem — tranquilizei-o. — Não temos de falar disso.

Chris recostou-se no sofá e pousou as mãos no colo.

— Lembras-te daquela rapariga que eu disse que andava a perseguir-me?

— Ah, essa.

A memória foi voltando aos poucos.

— Não era uma rapariga qualquer. Era a minha ex.

— A tua ex?

Chris acenou com a cabeça e coçou o queixo.

— Não aguentou que as coisas tivessem acabado entre nós. Tenho de admitir que eu também não agi lá muito bem. Conheci outra pessoa e apaixonei-me por ela. Não é uma história bonita, mas não podemos contrariar o nosso coração, não achas?

— Traíste-a?

— Depende do ponto de vista. Não aconteceu nada entre nós, fisicamente, quero dizer, nem sequer um beijo. Mas traí-a emocionalmente e não me orgulho disso.

Eu percebia-o. Odeio infidelidades, mas ninguém pode controlar os sentimentos.

— É óbvio que eu sabia que ia magoar Linda, e acho que era por isso que estava sempre a adiar dizer-lhe. Mas nem em sonhos imaginei que reagisse como reagiu.

— O que é que ela fez?

Coçou ainda mais o queixo. Sem dúvida que era um assunto sobre o qual tinha dificuldade em falar. Bebi o resto da água e senti-me mais desperta.

— Linda tem uma longa história de desequilíbrios mentais — disse Chris.

— Como assim?

Nunca percebi aquele conceito. É raro ouvir as pessoas falarem de desequilíbrios físicos.

— Eu sabia que ela era instável. Já tinha passado por períodos de depressão e distúrbios alimentares e coisas desse género, quando era adolescente. É uma pessoa sensível.

Parecia-me uma idiotice. Qual é a pessoa que não é sensível ao facto de ser abandonada pela pessoa que ama?

— Quando lhe disse o que estava a acontecer, passou-se. Teve explosões violentas, atirou coisas pelo ar e ameaçou-me. Apesar de este apartamento ser meu — já o tinha há três anos, quando Linda veio para aqui —, recusou-se a sair. Tive de ficar várias semanas em casa da minha mãe e ameaçar chamar a polícia e sei lá o que mais, até finalmente acabar por ceder.

— Foi nessa altura que pediste ajuda à tua mãe?

— Foi, uma das vezes. Ainda há mais. Linda começou a assediar a minha nova namorada. Enviava-lhe mensagens, centenas por dia. Depois, começou a ir esperar a minha namorada ao trabalho e a segui-la.

— Isso é de doidos! Parece tirado de um filme.

— Sempre achei que ia conseguir conversar com ela. Tínhamos estado juntos três anos. A minha namorada queria fazer queixa à polícia, mas convenci-a a não o fazer. Porque conhecia Linda.

— Que história tão estranha. Agora já percebo porque estás à defesa em relação às mulheres.

Chris acenou com a cabeça.

— Mas não é tudo. Linda foi à polícia apresentar queixa contra mim. Inventou uma data de acusações terríveis. Nem consigo pensar nisso. Disse que eu lhe batia e que a tinha violado. Um absurdo!

— Merda — deixei escapar.

— Fui sujeito a interrogatórios e tive de ouvir uma tonelada de coisas mórbidas que ela afirmava que eu tinha feito. Foi a pior coisa que me aconteceu. Durante algum tempo, pensei que ia resultar. Parecia que os investigadores acreditavam nela. Estive prestes a ser preso por coisas terríveis e a ficar marcado para sempre como agressor e violador. Quase fiquei com a vida desgraçada.

— Merda.

Era a única coisa que eu conseguia dizer. Chris parecia abatido, como se estivesse tudo a cair-lhe em cima de novo, e senti vergonha por ter pensado na possibilidade de ele me drogar para depois me violar. Mas eu não tinha feito nada de mal. A vida tinha-me ensinado a considerar todos os homens como potenciais violadores. Mais valia jogar pelo seguro. Não tinha razão nenhuma para me sentir envergonhada, mas não conseguia deixar de o sentir ao ver como Chris estava assustado.

— Ao fim de algum tempo, a relação com a minha nova namorada também terminou. Ela disse que me apoiava, mas sabia que duvidava de mim. Talvez seja errado culpá-la; como podia ela ter a certeza? Mas é impossível estar com uma pessoa que pensa que posso fazer-lhe mal.

Os seus olhos azuis brilhavam, e os pensamentos silvavam no meu cérebro como pássaros em fuga.

— Portanto, é por isso que sou solteiro e tenho um bocadinho de medo das mulheres — disse Chris, com um laivo de tristeza no sorriso. — Provavelmente, vou demorar algum tempo a conseguir voltar a confiar em alguém.

— Percebo.

Soltou um suspiro profundo e baixou a cabeça. Foi por um mero reflexo que pousei a mão no seu joelho para o reconfortar. O calor que irradiava percorreu todo o meu corpo. As lágrimas dançavam-lhe nos olhos.

Não sei o que me passou pela cabeça. Acho que estava com pena dele. O álcool tinha-me transformado o cérebro numa fruta podre.

— Então — disse-lhe, pondo um braço à volta do pescoço.

Quando voltou a cara para a minha, encostei os meus lábios aos dele.

— Pára — murmurou e, ao mesmo tempo, empurrou-me.

Larguei-o. Sentia um calor terrível na cara e o coração a bater como um tambor.

O que estava a fazer?

— Assim não — disse ele. — Agora não.

Só me apetecia rastejar para debaixo do sofá e desaparecer.

— Acho que é melhor ires para casa — disse Chris e marcou um número no telemóvel. — Vou chamar um táxi para te levar. Onde é que moras?

Porra, que humilhação! Nem sequer queria olhar para ele.

Dei-lhe a minha morada e fui a cambalear até ao vestíbulo, enquanto ele fazia a chamada. Quando me vi ao espelho, tive de semicerrar os olhos. Estava com um ar de *foda-se, alguém que me acuda*.

No meu telemóvel estava uma nova mensagem de Amina.

O que se passa? Onde estás???

A caminho de casa, escrevi.

Chris acompanhou-me até à rua e deu-me um abraço. Senti-o tenso. Fiquei convencida de que nunca mais lhe poria a vista em cima, e, quando entrei no táxi, arrependi-me de lhe ter dado a minha verdadeira morada.

Michael Blomberg tem uma camisa nova: de um azul-golfinho com botões brancos e as mangas arregaçadas e um lenço de bolso dobrado de qualquer maneira. Inclina-se todo sobre a mesa com um sorriso rasgado.

— Quero mesmo que vejas a tua mãe. Precisamos de falar os três.

— Não consigo.

Só de pensar nisso fico toda acagaçada.

— Então, o que queres que lhe diga? — pergunta-me Blomberg.

— Que não queres ver a tua própria mãe?

Claro que quero vê-la. Não há nada que eu mais queira. Mas Blomberg jamais compreenderia.

— Diga-lhe a verdade. Não consigo.

Ele solta um suspiro profundo.

— Ou, então, minta-lhe — sugiro. — Tenho a certeza de que é suficientemente competente para arranjar uma boa mentira.

O *grande* advogado abana a cabeça.

— Conheço Ulrika há muitos anos...

— Eu sei. Eu sei que conhece muito bem a minha mãe, não é?

Blomberg fica com cara de poucos amigos. Não é a primeira vez que faço aquela insinuação e não há-de ser a última. Gosto de o deixar na dúvida. A ignorância é poder.

— Também conhece Margaretha Olsen? — pergunto-lhe.

— Não se pode dizer que a conheça. Ela é...

— Professora.

Ele fica admirado e faz um esgar aborrecido.

— Lund é uma pequena...

— Lagoa.

— Cidade — diz ele. — Lund é uma cidade pequena.

— Ela também acha que eu sou culpada?

— Quem? O quê?

— Margaretha Olsen. Também acha que sou culpada?

— Não faço a menor ideia — diz Blomberg, coçando atrás da orelha. — O que é que isso interessa? O que interessa o que as pessoas pensam? A única coisa importante é demonstrarmos em tribunal a existência de uma dúvida razoável.

— Ah, isso é que é importante? Então, porque tenho a sensação de que já toda a gente concluiu o que aconteceu?

— Que «toda a gente» é essa?

— A polícia, a procuradora, tipo, o mundo inteiro.

Blomberg fica agitado, mas finge estar tão seguro como sempre.

— Chama-se enviesamento de confirmação. Quando se tem uma teoria e se ignora tudo o que a contradiz. É muito comum. Nem sequer é uma atitude consciente. E, provavelmente, no teu caso também não é.

— Mas a investigação não devia ser objectiva?

Ele encolhe os ombros.

— Estamos a falar de seres humanos. Todos nós somos humanos.

Depois, mexe nas contas pretas do fio. Parece estar a ganhar coragem para lançar a pequena bomba.

— Linda Lokind.

Fica a olhar fixamente para mim, para ver a minha reacção.

— O que é que tem Linda Lokind? — pergunto.

— Conhece-la?

— Não a conheço propriamente. Lund é uma pequena...

— Lagoa.

Blomberg recosta-se e pisca-me o olho.

— Então, diz-me lá, Stella. Tiveste contacto com Linda Lokind?

— Tive contacto? — Parece tão formal. — Quer dizer, sei quem ela é.

— Sabes?

Blomberg acena com a cabeça devagar. A questão é o que saberá *e/le*?

— Vi-a uma ou duas vezes. Só isso.

— Mas sabes que ela e Christopher Olsen estiveram juntos durante alguns anos. Viveram juntos.

Tento fingir que fico surpreendida, mas Blomberg não parece nada convencido.

— Estou a planear apresentar Linda Lokind como uma autora alternativa do crime.

— O quê? À polícia?

Ele acena com a cabeça.

— Não pode fazer isso!

Sinto-me tonta e cheia de calor. Tenho a cabeça num turbilhão.

— Mas isso pode significar a tua liberdade — diz Blomberg.

Será possível que ele acredite que foi Linda que matou Chris? Estendo a mão para me servir de um copo de água e, sem querer, entorno um bocado em cima da mesa. Blomberg segue todos os meus movimentos com muito interesse.

— Linda Lokind apresentou queixa na polícia contra Christopher Olsen, depois de se terem separado na Primavera passada. Segundo ela, Olsen era um autêntico tirano. Mas não havia provas, por isso, a investigação foi rapidamente encerrada. Um motivo razoável para querer vingar-se, não achas? E não interessa se era verdade ou não. Na cabeça de Lokind, Olsen era um homem violento que a agredia das piores maneiras possível.

— Na cabeça de Lokind? Acha que ela estava a mentir?

Blomberg faz um gesto com a mão, como que a dizer para eu ignorar o assunto.

— Não interessa. Continua a haver muitas coisas que indicam que Lokind pode ter sido a autora do crime. Desenterrámos umas quantas coisas sobre ela.

— «Desenterraram»? O que é que isso quer dizer? Você não é polícia — digo. — A única coisa que tem de fazer é defender os meus direitos. Não é armar-se em investigador.

Olha-me com a expressão de quem pensa, ó *queridinha*.

— É assim: quando a polícia não faz o seu trabalho, temos de o fazer por eles. Não se trata de apontar o dedo a Lokind. Só quero ter a certeza de que existe uma dúvida razoável em relação à tua culpa.

Agora, já estou a suar que nem uma desalmada. O ar está abafado.

— Não acho bem. Não meta Lokind nisto.

Ele parece surpreendido.

— Mas pode ser a tua salvação, Stella. Vou ter de falar com a tua mãe.

— O que tem de fazer é respeitar a merda do dever de confidencialidade. Posso fazer com que seja expulso da Ordem.

Blomberg pousa as mãos na barriga. Quase parece ter pena de mim.

— Não fazes ideia do que Ulrika tem passado por tua causa.

— Como assim?

Empurra a cadeira para trás e levanta-se.

— O que é que está a querer dizer, porra?

Basicamente, a minha mãe só se preocupa com ela e com a sua carreira. Nunca estive à altura do que esperava de mim. O que podia ela estar a passar por minha causa?

— Volto noutra altura — diz Blomberg.

Volta-se e raspa com a mão no vidro.

— Também acredita, não é?

— Acredito em quê?

— Acha que fui eu.

No domingo seguinte a termos ido ao Tegnér's, eu e Amina encontrámo-nos numa hamburgueria. A esplanada estava deserta, apesar de estarmos em Junho. O céu estava cheio de nuvens cinzentas e o vento, frio. Lá dentro, havia uma série de estudantes universitários debruçados sobre a literatura dos seus cursos, a transpirar gorduras saturadas por todos os poros.

Depois de fazermos o nosso pedido, Amina agarrou-me pelo braço.

— Aconteceu alguma coisa?

Larguei o tabuleiro em cima da mesa com um baque.

— Não, já te disse.

— Vá lá, *alguma coisa* deve ter acontecido — insistiu, a puxar por mim. — Pelo menos, curtiram um bocado?

Estava a chatear-me com tanta curiosidade, completamente desprovida de entusiasmo.

— Estás com ciúmes?

— Esquece.

Amina é a única pessoa que conheço que come hambúrgueres de garfo e faca. Espetou o garfo no hambúrguer e começou a cortar com a faca.

— Desculpa. A minha intenção não era ir a casa dele. Só íamos partilhar um táxi.

— Pára com isso. Não estou com ciúmes.

— Juro que não aconteceu nada.

Amina cortou o hambúrguer com tanta força que a faca arranhou o prato.

— Sabes aquela história da mulher que andou a persegui-lo? — disse-lhe. — Era a ex dele.

— O quê?

Contei-lhe a história toda da ex do Chris, incluindo o facto de se ter recusado a aceitar que ele se tivesse apaixonado por outra pessoa. Tinha-o perseguido e assediado a nova namorada e depois tinha ido à polícia e acusado Chris de a agredir e violar.

— Que nojo — disse Amina, com uma expressão de verdadeira repugnância. — Devias manter-te longe de gajos dessa laia.

— Gajos dessa laia? O Chris não tem culpa de a ex-namorada ser marada.

Amina parecia não concordar.

— Vais tornar a sair com ele?

— Por que carga de água é que havia de sair com ele?

O meu tom foi muito mais assertivo do que a minha convicção.

Na segunda-feira, estive todo o dia a trabalhar. Encontrei o *spray* de gás pimenta no bolso de um casaco e tornei a pô-lo na mala.- Cheguei a casa, vesti as calças do fato de treino, pus manteiga de amendoim em duas fatias de pão e aninhei-me num canto do sofá a ver o que havia de novo no meu telemóvel. Foi nessa altura que descobri que Chris me tinha enviado um pedido de amizade.

O que é que ele queria de mim? Um borracho de vinte e nove anos, cheio de massa, dono de várias empresas e que já tinha viajado pelo mundo inteiro. Era óbvio que eu sabia exactamente o que ele queria. Sabia que devia seguir o conselho de Amina. Não havia razão nenhuma para eu voltar a ter qualquer contacto com aquele gajo.

Hesitei por um momento, depois, aceitei o pedido. Pensando bem, era só o Facebook. Não era estar a planear casar com ele.

A primeira mensagem demorou apenas trinta segundos a chegar.

Estou a pensar em ti, escreveu ele.

Ali havia gato. Na altura, não percebi o que era, mas agora já sei. Era o verbo, o presente. Como se estivesse sempre a pensar em mim, como estava naquele momento.

Stella? Escreveu, por eu não responder logo. É um nome mesmo bonito.

Escrevi uma pequena resposta, apaguei-a, tentei outra vez e tornei a apagá-la. Por fim, mandei-a:

Significa estrela em italiano.

Ele mandou-me um *emoji* de uma estrela.

O meu pai adora a Itália, escrevi. É mesmo obcecado.

Chris mandou um polegar para cima.

A Itália é encantadora. Cinque Terre, Toscana, Ligúria.

Respondi com um *emoji* a bocejar.

O balão com três pontos indicava que ele estava outra vez a escrever, mas não apareceu nenhum texto. Apertei o telemóvel. Finalmente, apareceu.

Sabes que quando perguntam às pessoas que estão a morrer qual é a coisa de que mais se arrependem, nunca se arrependem das coisas que fizeram, mas das que não fizeram?

O que é que ele queria dizer? Era assim que os gajos de vinte e nove anos se atiravam às gajas?

Não estou a planear arrepender-me de merda nenhuma, escrevi.

Ele mandou um *smiley*.

Acho que somos iguais, escreveu. *Somos pessoas que nunca estamos em paz. As pessoas como nós têm de se agarrar umas às outras para sobreviver.*

Estava a tentar analisar-me. Odeio pessoas que fazem isso.

Não sabes nada sobre mim, escrevi.

Ele respondeu: *Aposto que sei mais do que pensas que sei.*

Este gajo era demais.

Por exemplo, aposto que dormes nua.

O quê? Li aquilo três vezes.

Queria estar furiosa, mas até estava a divertir-me. Aquilo era tão inesperado.

Agora tenho de ir para a cama, escrevi.

Ele respondeu: *Dorme bem, estrelinha.*

Liguei logo para Amina. Parecia deprimida.

— Faz o que quiseres — disse ela.

— Esquece, não estou interessada.

O seu tom de voz mostrava que estava a mentir com os dentes todos.

— Estou tão farta de nunca acontecer nada — disse-lhe. — Isto aqui é uma seca.

— Vais viajar em breve.

— Em breve? — Eu e Amina nunca tivemos a mesma percepção do tempo.

— Isso vai ser daqui a não sei quantos meses. E é se algum dia chegar a ir.

— Claro que vais — disse Amina. — O tempo passa tão depressa.

Deitei-me na cama com o computador. Uns dias antes, tinha descoberto um sítio americano sobre psicopatas que era uma verdadeira mina de ouro. Tinha montes de textos interessantes de investigadores e psiquiatras. Li que, às vezes, os psicopatas são descritos como predadores que manipulam as pessoas das suas relações com um encanto e um carisma excepcionais. As pessoas que são confrontadas com a adulação sedutora de um psicopata raramente se apercebem de que estão a ser manipuladas até ser tarde demais. Os psicopatas mentem muito e sem qualquer

sentimento de culpa. Mentem em proveito próprio, para melhorar a imagem que têm de si próprios, para progredir na vida.

Sempre fui uma máquina a mentir. Seria um traço psicopata?

Os psicopatas sabem que estão a mentir. E eu também. E era verdade que muitas vezes mentia em proveito próprio. Não tinha a certeza se me sentia sempre culpada quando mentia. O que é que isso revelava acerca de mim?

Li a história de uma mulher que ficou com a vida desfeita quando conheceu um homem que a enganou, tirando-lhe tudo o que tinha. Tive pena dela, claro, mas ao mesmo tempo não consegui deixar de sentir um certo desprezo.

Na sexta-feira, apareceu o sol. A cidade esvaziou-se rapidamente, com toda a gente a caminho da costa ou de um parque qualquer. Estava a trabalhar quando vi a mensagem de Chris. Nunca ando com o telemóvel quando estou a trabalhar. Principalmente, quando lá está Malin — a gerente da loja. É o tipo de pessoa capaz de despedir alguém só por estar a utilizar o telemóvel durante as horas de trabalho. Dizem que deixou de dar horas extraordinárias a uma rapariga só por estar na caixa a comer pastilha elástica.

Mas eu estava no meu intervalo quando vi a mensagem de Chris. Estava sozinha na sala para onde vamos nas pausas e talvez tenha sido uma sorte, porque a minha reacção foi desatar aos gritinhos como uma adolescente parva.

Consegues estar pronta às 6? Vai uma limusina buscar-te. Sugiro um vestido. Talvez um pijama. Ah, não, pois é, dormes nua.

Quando li aquilo, parecia que tinha borboletas no corpo todo.

Por um lado, Chris era demasiado. Por outro, a minha vida era uma seca. Nunca tinha andado numa limusina e confesso que sou materialista e facilmente impressionável.

Seria perigoso? Sairmos os dois? Quem não quer vestir-se à maneira e ir de limusina para um restaurante chique que serve

pratos cujo nome nem sequer conseguimos pronunciar?

Não respondi logo a Chris, mas a verdade é que não hesitei nem por um momento. A proposta era demasiado boa para a recusar.

Às seis em ponto, estava no passeio ao pé da minha casa, com o meu vestido mais recente e mais sensual, quando a limusina parou. Era uma daquelas megagrandes, branca por dentro e com um bar bem recheado. Abrimos uma garrafa de *Moët* e fizemos um brinde, enquanto atravessámos a ponte para Copenhaga.

— Ainda bem que quiseste vir — disse Chris.

Tinha os olhos a brilhar.

Quando chegámos, deu a volta ao carro e veio abrir-me a porta. Depois, levou-me à sua frente, com uma mão suavemente pousada no fundo das minhas costas. Aparentemente, o restaurante tinha estrelas Michelin e era mundialmente famoso. Esqueci-me do nome. A comida era bastante estranha e, apesar dos quatro pratos, eu não estava, nem pouco mais ou menos, cheia.

— Podemos parar aqui? — perguntei ao motorista quando passámos por uma gelataria a caminho de casa.

Comprei um gelado aveludado gigantesco, com natas e *topping* de fruta. Depois, ficámos ali sentados numa mesa articulada, com as gaivotas a pousarem em volta dos nossos pés e o Chris de olhos esbugalhados a ver-me ficar com os dedos todos pegajosos com o gelado e a lambê-los.

— Adoro o teu estilo — disse-me.

Não sabia o que tinha para ele gostar, mas naturalmente senti-me lisonjeada.

Passámos o resto da noite num terraço com vista para o Sound; até se via a Suécia. Um tipo corado tocava músicas tristes ao piano, e o Chris olhou-me com tanta atenção e durante tanto tempo que quase corei.

— Fala-me dos teus sonhos — pediu.

— Desculpa, eu só estava a pensar...

— Não — interrompeu-me, e apareceram-lhe umas covinhas em forma de amendoim nas maçãs do rosto, quando se riu. — Eu estou a falar dos sonhos que tens para a tua vida. O que é que sonhas fazer na vida?

— Ah.

Não me ri. Fiquei com o habitual nó no estômago.

— Odeio essa pergunta.

— Porquê?

— Porque não sei responder.

Chris ergueu as sobrancelhas.

— É verdade — disse-lhe. — Todas as minhas amigas sabem exactamente o que vão fazer; tipo, têm a vida toda planeada. Viagens, curso, emprego, família. Eu não consigo fazer isso. Chateia-me.

— A mim também. É horrível. Não era disso que estava a falar.

— Já acho que é uma seca planear antecipadamente o próximo fim-de-semana. Gosto de ser surpreendida.

As gargalhadas de Chris faziam os seus olhos brilhar como diamantes.

— Exactamente como eu.

Sorri para ele. Apesar da diferença de idades, tínhamos bastantes coisas em comum.

— A maioria das pessoas da minha idade tem uma vida extremamente rotineira — disse ele, enquanto o pianista tocava aquela canção do Elton John de *O Rei Leão*. — Começou a acontecer quando chegámos para aí aos vinte e cinco anos. De repente, as pessoas tornaram-se tão chatas. Os dias são todos iguais, fazem as mesmas coisas, vêem os mesmos programas de televisão, ouvem os mesmos *podcasts*, comem as mesmas coisas, vão ao mesmo ginásio, seguem as mesmas contas do Instagram e têm exactamente as mesmas opiniões sobre tudo.

— Argh, espero nunca ser assim.

— Não corres esse risco. Tu e eu somos diferentes.

Acompanhou o refrão a trautear. *Can you feel the love tonight?*

— Foi por isso que deixei o andebol. Tinha imenso jeito, pertencia à selecção nacional e ia aos campeonatos e coisas do género. Mas, de repente, passou a ser tudo tão regimentado. Todas as jogadas de ataque tinham de ser planeadas com antecedência e, se tentávamos fazer alguma coisa por iniciativa própria, levávamos um sermão dos treinadores. Deixou de ter piada.

— Mataram a vossa criatividade. — Chris suspirou.

— E a adrenalina. Qual é o gozo quando tudo é decidido antecipadamente?

— És tão sensata.

— Para a minha idade?

Ele deu uma gargalhada.

— Dão demasiada importância à idade. Para a maioria das pessoas, é o mesmo que as calorias. Os anos vão passando, mas as coisas não mudam.

Passada uma hora, o motorista parou a limusina e abriu-me a porta. Vi uns quantos olhares de inveja pelo canto do olho.

A meio da ponte Öresund, Chris abriu o tejadilho e pôs-se de pé. Ficámos juntinhos, com o vento a dar-nos no cabelo. Parecia que estávamos a flutuar. Estava exausta, quando tornámos a sentar-nos nos bancos de cabedal branco. Olhámos fixamente um para o outro, e a sensação foi como se tivéssemos acabado de fazer sexo. Chris riu-se com a cara tão perto da minha que foi impossível evitar que os nossos lábios se juntassem. Um beijo rápido, e ele afastou-se.

— Desculpa — disse-me, como se fosse culpado de uma violação imperdoável. — Aconteceu. Desculpa.

Recostei-me no assento, com os braços atrás da cabeça e estiquei as pernas.

— Pára de pedir desculpa e beija-me mas é.

Mas os ombros de Chris vergaram-se, e o seu olhar pareceu retrair-se.

— Não há nada que eu mais desejasse.

— Mas?

Tornei a endireitar-me, juntei os joelhos e apanhei o cabelo com uma mão.

— Ainda não consegui ultrapassar tudo o que aconteceu com a minha ex. Juro que isto não tem nada que ver contigo. Só preciso de mais tempo.

— Eu percebo.

Pensei em Amina. Há tantos anos que éramos as melhores amigas uma da outra, e nunca nos tínhamos interessado pelo mesmo gajo. Mas tínhamos antecipado esse risco e tínhamos prometido uma à outra que nunca deixaríamos que nenhum gajo se metesse entre nós. Desta vez, parecia estranho. Tinha sido Amina que tinha conhecido Chris primeiro no bar. E parecera bastante interessada nele. Senti que devia afastar-me, esquecer o Chris e passar para outra.

— Obrigada por seres tão compreensiva — disse Chris, pousando as mãos no meu joelho. — O nosso tempo há-de chegar.

— Não consigo ler isto — digo a Shirine, devolvendo-lhe o livro que acabou de me dar.

Chama-se *Violação* e é o livro mais pequeno e mais recente que recebi dela, mas o texto da contracapa provoca-me náuseas.

— Porquê? — pergunta Shirine.

— Não parece ser o meu tipo de livro.

Shirine encolhe os ombros com um sorriso.

— Para alguém que quase nunca leu nada, pareces ter opiniões muito firmes sobre aquilo de que gostas e não gostas.

— Gosto de desafiar as minhas opiniões! — digo-lhe. — Não é isso.

— Está bem. Então, o que é?

Ela merece uma explicação.

— Não consigo ler nada sobre violação — respondo, voltando a cara.

Sinto que Shirine está a olhar fixamente para mim.

— Oh, não — diz ela. — Desculpa. Não sabia.

— Como é que podia saber?

Volto-me devagar e vejo os seus olhos castanhos tristes.

— Ninguém sabe. Nunca fizemos queixa.

— Fizemos?

Respiro fundo e olho para a secretária. Não consigo acreditar que estou a fazer isto. Há tantas barreiras dentro de mim, a gritarem-me

para que me cale e, mesmo assim, conto-lhe. Não foi assim que fui educada. Há coisas com que os outros não têm nada que ver. Há coisas que são para ficar no seio da família.

Apesar disso, conto a Shirine o que aconteceu durante o retiro, conto-lhe de Robin e do meu pai, do meu plano idiota para castigar o meu pai e de tudo o que aconteceu depois.

— Lamento muito, Stella.

Apenas aceno com a cabeça. A minha voz não aguenta mais.

Nunca contei a história toda a Amina. Durante alguns anos, achei que era por eu ser quem era, por ser diferente. Todos aqueles pensamentos e sentimentos só me causavam vergonha. Se revelasse a alguém os meus pensamentos mais profundos, provavelmente, metiam-me num manicómio e punham-me a correr para as veias os remédios mais fortes que lá houvesse.

Sim, eu sei. É um cliché. Mostrem-me uma adolescente que não ache que é única e que ninguém a compreende.

Mas não foi por isso que demorei tanto tempo a falar a Amina da violação. Foi por outra coisa. Queria tanto ser a rapariga forte que toda a gente pensava que eu era que não conseguia identificar-me com o papel de vítima. Aliás, teria eu sido uma vítima? Os meus pais disseram que eu era a pessoa que mais sofreria, se apresentássemos queixa. Passei mais ou menos uma semana a pensar que ele não tinha abusado de mim. Eu tinha ido com ele de livre vontade para o edifício dos conselheiros; também tinha sido culpada. E, pensando bem, tinha sido eu a delinear o plano. Estava furiosa sobretudo por o meu pai andar a espiar-me.

— Oh, meu Deus. — Shirine levanta a voz. — Foste vítima de uma violação horrível e os teus pais não encararam isso com seriedade.

— Mas eu percebo porquê — digo-lhe. — *Agora* percebo.

— O quê? Não podes estar a falar a sério.

— Ainda bem que não apresentámos queixa contra ele.

Shirine quase não consegue respirar.

— Ia sujeitar-me a um julgamento e a explicar porque o tinha beijado e seguido até ao seu quarto? Ter-me-iam perguntado por que razão não tinha resistido nem gritado por socorro. Apesar de eu ser a vítima, as pessoas iriam julgar-me.

Shirine abana a cabeça.

— É preciso confiar no sistema judicial.

— Não, não é. Quem me dera, queria mesmo, mas não *tenho* de confiar. Tenho é de me proteger.

Shirine ergue as sobrancelhas como se tivesse acabado de ter uma epifania. Tenho medo de ter falado demais.

O sol manteve-se durante todo o sábado. Deitei-me numa manta no jardim botânico a apanhar o calor do primeiro dia de Verão efectivo. Nessa noite, estávamos sentadas na varanda de Amina a decidir se havíamos de sair ou não. Num segundo, era Amina que estava superentusiasmada e eu hesitante. No segundo seguinte, era eu que estava a morrer de vontade de sair e Amina que queria desistir.

— Tenho jogo amanhã — disse ela. — Não tens de trabalhar?

Tinha. Tinha de passar praticamente todos os dias do Verão a trabalhar.

— Aqui não devia chamar-se trabalho; o meu emprego é canja. Ir às aulas é que é difícil como tudo, mas trabalhar na H&M não exige esforço nenhum.

Amina riu-se.

— A escola é assim tão difícil para ti?

— Para mim, talvez não, mas é difícil para as pessoas que passam o tempo a estudar.

Claro que Amina era uma delas. Eu passava com notas decentes, graças a uma base sólida de conhecimentos que tinha, a algum bom senso e ao meu dom de diarreia verbal. Mas Amina tinha qualquer coisa que me faltava. Acho que talvez possa chamar-se sentido do dever, a capacidade de aceitar certas coisas sem as questionar ou sem protestar. Ela diz que é uma característica dos imigrantes de

segunda geração, mas não acho que seja verdade. Seja como for, ela foi sempre assim. Amina acena obedientemente com a cabeça e faz o que lhe mandam, mais tarde, deita cá para fora tudo o que está a sentir, ao passo que eu fico toda nervosa e arrogante e mostro toda a minha resistência no calor do momento.

— Está bem, então, ficamos em casa — acedo. — Ficamos sentadas a apodrecer de monotonia.

Um grupo de raparigas fazia uma algazarra na rua, e Amina encheu os nossos copos de vinho.

— O que é que o Chris vai fazer hoje à noite?

— Não faço a menor ideia — disse-lhe. — O que fazem os trintões. Um jantar de casal? Uma reunião no banco? As compras da semana?

Amina escreveu o seu nome no Facebook.

— Perfil privado.

— Não admira, se já andou a ser perseguido.

— Um amigo em comum — disse Amina. — Stella Sandell. Tens de ver o perfil dele.

— Porquê?

— Para cuscar, obviamente.

Peguei no meu telemóvel e procurei-o no Facebook. Na fotografia de perfil estava a olhar para a objectiva e a sorrir, com o cabelo despenteado e um certo brilho no olhar.

A página dele estava praticamente vazia. Uma actualização de estado aqui e ali, fotografias de algumas viagens, uma recomendação de um restaurante. Só tinha cento e oitenta e sete amigos.

— Vê as suas fotografias de capa — sugeriu Amina. — As pessoas esquecem-se sempre de as limpar.

Cliquei na fotografia de capa, que era uma praia interminável de areia branca com um pôr-do-sol cor-de-laranja. Havia mais duas. Uma era o logótipo do Liverpool FC. Na última, Chris estava à frente

de um muro de pedra enorme. Estava bronzeado e de mão dada a uma rapariga.

— É ela? A ex dele?

Amina arrancou-me o telemóvel da mão.

— Não sei.

Mas a sensação que tinha era de que sabia. Tinha de ser ela. Linda.

A mulher da fotografia parecia uma supermodelo. Cabelo louro ondulado, olhos azuis brilhantes, maçãs do rosto proeminentes e uma pele macia cor de pêssego.

— Não tem nada ar de *maluca* — disse Amina.

Não respondi. Não gostava do que estava a ver.

— Olha para aqui. — Apontou para o ecrã do seu telemóvel.

Estava a ver a página da informação pessoal. No cimo de tudo estava o nome Christopher Olsen. A morada está certa, Pilegatan, Lund. Mais abaixo, dizia que era CEO de quatro empresas diferentes. Era solteiro e tinha nascido em Dezembro. Ia fazer trinta e três anos.

— Trinta e três? Ele não disse...

— Mentiu na idade.

Amina ficou a olhar para mim com um ar preocupado.

Eu não tinha desconfiado de nada. Pelos vistos, Chris Olsen sabia mentir.

Fui para casa de bicicleta a sentir o ar quente da noite. Tinha a mala pendurada no guiador; todas as janelas estavam sem luz. Lund dormia.

Quando Chris me ligou, a minha primeira tentação foi ignorar a chamada. Parei em cima da bicicleta no túnel do comboio em Trollebergsvägen com o telemóvel a vibrar na mão. O seu nome escrito no ecrã era uma tentação, por fim, foi a minha curiosidade que venceu.

— Podes vir ter comigo? — perguntou.

— Agora?

Olhei para o relógio. Meia-noite e meia.

— Sim, agora.

Tinha estado num jantar de cerimónia em Helsingborg e, pela voz, parecia um bocado entornado.

— Tenho saudades tuas — disse, com um tom de voz que parecia verdadeiro.

Eu ainda estava bem acordada e pronta para me divertir, para além de ligeiramente desapontada pelo facto de Amina não ter querido sair comigo.

— Está bem, vou a caminho.

O que podia acontecer-me de mal?

A porta do edifício de tijolo amarelo estava aberta, e eu corri escada acima. Chris estava com uma camisa de xadrez e uma gravata. Cheirava a homem, e o ar estremeceu entre nós.

— Passei o dia em sofrimento — disse-me, segurando no meu casaco. — Não acredito que... eu queria mesmo beijar-te, Stella.

Agarrou-me nas mãos e olhou para os meus olhos.

Hesitei. Porque tinha ele mentido sobre a idade?

— Quantos anos disseste que tinhas? — perguntei.

Ele respondeu imediatamente, sem qualquer expressão.

— Acho que disse que tinha vinte e nove, mas tenho trinta e dois.

— Quer dizer que mentiste?

Fez uma cara triste.

— Tive medo de te afugentar. Quando Amina sugeriu que eu tinha vinte e nove, calhou dizer que ela tinha acertado.

Uma mentira inofensiva. Eu também era conhecida por juntar alguns anos à minha idade de vez em quando.

— Pensando bem, a idade é apenas um número — disse eu.

Chris sorriu.

— Não sabia se sentirias o mesmo. Mas, desculpa, devia ter-te dito há mais tempo.

— Não faz mal.

Pus-me em bicos de pés e beijei-o. A língua dele deslizou suavemente para dentro da minha boca; fechei os olhos e senti tudo a girar à minha volta.

Tinha o coração cheio. Finalmente, estava a acontecer alguma coisa.

Passado pouco tempo, já estava deitada de costas no sofá e o Chris acariciava-me devagar com meiguice — umas vezes com os olhos, outras vezes com as pontas dos dedos. Era o céu.

Estou outra vez com Shirine. Parece calma e afável, como sempre, e os seus olhos de *Bambi* estão mais de *Bambi* do que nunca. Como no filme, no momento em que a mãe acaba de ser morta.

— Como estás? — pergunta-me.

Quase não consigo encolher os ombros.

— Trouxe-te isto.

Dá-me uma brochura com o título *Uma Carreira em Psicologia*. Pego nela e folheio-a sem grande entusiasmo.

— Obrigada. Mas acho que nunca vou poder ser psicóloga.

Shirine lança-me um olhar de surpresa exagerada.

— Não vais *poder* ou não vais *querer*? Acho que darias uma excelente psicóloga.

— A sério?

Ponho a brochura de lado e fico a olhar para a mesa.

— Onde vem isso?

— O quê?

— Essa resignação. Como se não acreditasses em ti.

— Está a gozar? Estou aqui com uma acusação de homicídio. Mesmo que não seja condenada em tribunal, estou lixada. Toda a gente vai ver-me como culpada. Acha mesmo que posso vir a ser psicóloga? Deixe-se de tretas.

Shirine inclina-se para a frente.

— Não estás lixada, Stella. És uma rapariga inteligente, divertida, rápida e... atraente.

Ela está a deixar-me envergonhada.

— Está a atirar-se a mim? — digo.

Shirine dá uma gargalhada que desfaz a tensão.

— Do que queres falar hoje? — pergunta-me.

— De qualquer coisa menos de mim.

— Podemos falar sobre outra pessoa. É contigo.

Penso no meu pai. Tenho pensado muito nele nos últimos dias.

— De qualquer pessoa? — pergunto-lhe.

— Claro.

— De pessoas controladoras. O que sabe sobre elas?

— Pessoas controladoras?

— É o mesmo que sofrer de POC?

— Não, não é exactamente a mesma coisa — diz Shirine, empurrando o jarro de plástico com água na minha direcção. — Ser controlador, ou exercer um controlo coercivo, pode ser uma compulsão, mas não tem necessariamente de o ser. Muitas pessoas associam a necessidade de controlo a uma sensação pedante de poder, mas acho que muitas vezes tem que ver com a necessidade de conseguir prever o futuro.

Deito água no meu copo.

— Para evitar surpresas?

— Há muitas pessoas para quem o facto de a realidade ser mutável é assustador. As pessoas querem ter segurança nas suas vidas. Por isso, uma pessoa pode sentir que controla as situações, se conseguir prever o que irá acontecer e se conseguir tomar boas decisões baseadas em conhecimentos sólidos.

Não consigo engolir a água toda e caem-me algumas gotas pelo canto da boca.

— Boas decisões? Isso existe?

Shirine dá-me um guardanapo.

— Bem, a decisão que a pessoa acha que é a melhor, a que irá beneficiá-la a ela e à sua família.

Parece-me razoável. Claro que há uma diferença entre tomar uma decisão objectivamente boa e uma decisão que consideramos ser a correcta.

— Na sociedade actual, em que as pessoas se transformam em marcas e tudo tem de estar documentado nas redes sociais, há muita gente que também sente uma grande necessidade de criar uma certa imagem aos olhos dos outros. Claro que isto também pode dar origem a uma necessidade doentia de controlo.

As palavras do meu pai ecoaram dentro de mim. *Há coisas que são para ficar no seio da família.* Ele odeia as redes sociais. *Há coisas que são privadas.*

— Sabes, o paradoxo é que, quanto mais uma pessoa tenta controlar, menos controlo sente que tem. É um círculo vicioso. Perde o controlo e, por isso, sente-se stressada e tenta equilibrar as coisas, tornando-se ainda mais controladora.

Shirine coça a orelha e fica a olhar para mim durante muito tempo. Ela tem jeito para se mostrar verdadeiramente preocupada, como se estivesse mesmo preocupada, como se não fosse apenas o seu trabalho.

Depois, o seu olhar fica mais desanuviado. Pousa as mãos em cima da mesa e a sua voz torna-se mais dura.

— Por acaso, estamos a falar de Christopher Olsen?

— Hum?

Demoro algum tempo a perceber.

— Ele tentou controlar-te, Stella? Era ciumento?

Luto contra os meus impulsos. Estão a martelar e a triturar o meu cérebro, e a puxar e a arrancar todas as fibras do meu ser. Christopher Olsen? Era aqui que Shirine queria chegar desde o princípio? Está a tentar investigar-me? Tudo isto não passou de uma fachada.

— Vá à merda!

Ponho as mãos em cima da mesa e olho-a de cima para baixo. Shirine chega-se para trás na cadeira e desliza uma mão para debaixo da secretária. Sei que há ali um botão de pânico.

— Vá para o raio que a parta — digo-lhe. — Afinal, você é igual aos outros.

Depois, levanto-me, no preciso momento em que entram dois guardas e me prendem as mãos atrás das costas.

As duas semanas seguintes foram fantásticas. O Verão resplandecia em todo o seu esplendor. Eu e Chris comíamos gelados no longo cais em Bjärred, e ele escondia o dele debaixo da minha saia e apanhava com beijos as gotas de caramelo que me escorriam dos lábios.

— Vamos a um *spa*! — disse ele enquanto estávamos a beber cerveja, na noite seguinte, quando foi ter comigo ao Stortorget depois de eu sair do trabalho.

— Estou a trabalhar o fim-de-semana todo — disse-lhe, com um sorriso contrafeito.

— Não estou a falar do fim-de-semana. Estou a dizer agora!

Claro. Porque não?

Obrigou-me a ligar para Malin a dizer que estava doente.

— Estou com umas câibras horríveis — queixei-me ao telefone.

— Quase não me aguento de pé.

Depois, passámos o resto do dia de roupão de banho, a fazer sexo a toda a hora e, quando anoiteceu, aninhámo-nos numa cadeira de verga, com as pernas e os braços entrelaçados, a beber champanhe, a comer morangos e a ver o sol pintar o mar Báltico com a luz do crepúsculo.

No domingo, Amina telefonou-me quando estávamos a passear na praia.

— Já estava muito preocupada — disse-me. — Não respondes às minhas mensagens.

— Desculpa!

Apercebi-me de que tinha perdido por completo a noção do tempo e do espaço. Chris tinha ocupado o meu mundo e eu sentia-me enfeitiçada.

— Sexta-feira — respondi a Amina. — Vamos ao Tegnér.

Chris piscou-me o olho e apertou-me a mão.

Continuei a faltar ao trabalho. Na segunda-feira, apanhámos o comboio para o Tivoli em Copenhaga e gritámos até ficarmos roucos na montanha-russa, fomos para um hotel, quando já era tarde, e fizemos sexo de manhã até nos ligarem da recepção a dizer que já devíamos ter feito o *checkout* há uma hora.

Na sexta-feira, Amina apareceu em minha casa com uma piza.

Comemos com as mãos à frente da televisão a ver o Dr. Phil e discutimos algumas das grandes questões da vida. Como, por exemplo, se é vantajoso ou não para uma pessoa mencionar no *curriculum vitae* que participou num *reality show* (depende do *reality show* em que se participa e do emprego a que a pessoa se candidata), qual a citação que escolheríamos para uma tatuagem e onde (*Não temerei mal algum*, na parte de trás do pescoço, ou *Saber dói, mas duvidar ainda dói mais*, no braço) e, obviamente, se a mulher do Dr. Phil tinha feito mais uma operação plástica e como era estúpido ela estar sentada no meio do público em todos os episódios e sair do estúdio de mão dada com o Dr. Phil quando o programa acabava.

Passado pouco tempo, já estava a mandar uma mensagem a Chris.

— Posso ver? — perguntou Amina, arrancando-me o telemóvel da mão. — O que é que ele disse? É obsceno?

— Obsceno?

Ela deu uma gargalhada.

— Vá lá. Para quê esses segredos todos?

Não sei porquê. Normalmente, não tenho qualquer problema em contar tudo. Pelo contrário — gosto de dissecar todos os pormenores. Não há nenhuma zona erógena no meu corpo que Amina desconheça. Mas, de certa forma, com Chris era diferente. Achava mal falar do assunto até à exaustão. Não apenas do sexo; de tudo.

— Então? Andam a curtir? — perguntou Amina.

— Claro que não.

— Mas gostas dele?

— Talvez? Não sei.

Acima de tudo, não me apetecia pensar demasiado sobre o assunto. Era impossível aquilo acabar bem. Não estava para me apaixonar, principalmente por um tipo com trinta e dois anos.

— Acho que uma aventura de Verão não é uma coisa assim tão má.

Foi uma frase que disse por acaso, mas que não correspondia ao que eu sentia. O problema era que os sentimentos que tinha começado a descobrir em mim estavam a deixar-me aterrorizada.

— Sua malvada! — disse Amina.

— Também devias ter uma aventura de Verão — retorqui com uma gargalhada.

Dormi em casa de Chris depois de irmos ao Tegnér's nessa sexta-feira e, quando acordei, tinha à minha frente um pequeno-almoço *buffet* com pão quente e velas. Chris fez sumo de laranja e massajou-me os ombros, enquanto o bebia.

— Não podes esquecer-te de ir trabalhar hoje?

— Não — respondi. — Outra vez, não.

Precisava do meu emprego. Precisava do dinheiro para poder fazer aquela viagem pela Ásia. Mas não disse isso. Tive medo de

desiludir Chris, que ele começasse a tentar convencer-me a esquecer esse plano. Ou, pior ainda, que quisesse ir comigo. Eu não estava nem pouco mais ou menos preparada para ter essa conversa.

— Mas hoje saio cedo — acrescentei, acariciando-lhe o braço. — Vamos voltar a ver-nos daqui a nada.

Chris abanou a cabeça.

— Não percebo como consegues ter este efeito em mim. Sinto-me só assim que te vais embora.

Beijámo-nos várias vezes à porta e depois desci a escada a correr e fui de bicicleta até ao trabalho, sempre a abrir. Tropecei ao entrar na loja, ofegante e cinco minutos atrasada. Malin olhou para mim e piscou o olho.

— Passeio da vergonha?

Já estava na caixa há algum tempo quando finalmente Benita apareceu e me aliviou um bocado. A falta de sono das últimas semanas estava a começar a afectar-me um bocado.

— Então, vai levar essa? — perguntei a uma cliente que tinha provado quatro blusas da mesma cor.

A cliente lançou-me um olhar odioso.

Para me afastar por um bocado, fui para o departamento da roupa de homem desempacotar camisas novas. Fiquei absorvida nos meus pensamentos e assustei-me quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Olá, Stella.

Uma mulher com uns vinte e cinco anos, de cabelo louro ondulado, estava mesmo ao pé de mim, a torcer as mãos.

— Conheço-a?

Havia nela qualquer coisa de familiar, mas não conseguia perceber o que era.

— Nós não nos conhecemos — disse. — Mas tu conheces o Chris.

Nesse momento, soube quem ela era. A rapariga que tinha visto na fotografia no Facebook.

— O que deseja?

Dei um passo atrás.

— Chamo-me Linda. Tenho a certeza de que o Chris te falou de mim. É por isso que estás tão assustada?

Tinha o coração aos saltos. Olhei à minha volta, mas não havia ninguém à vista.

— Acho que devia ir-se embora imediatamente.

— Eu vou. Não precisas de ter medo de mim, Stella.

Era baixa e magra, extraordinariamente bonita e não dava o menor sinal de ser instável nem perigosa.

— Só quero que tenhas cuidado — continuou. — O Chris não é quem tu pensas.

Espetei um cotovelo e abri caminho à força.

— Ouve, por favor. O Chris está a tentar enganar-te.

Dirigi-me rapidamente para as escadas, mas sentia-a vir atrás de mim. O meu coração batia cada vez mais depressa.

— Procura no armário grande do seu quarto. O quarto que ele diz ser o escritório — disse, quando comecei a descer as escadas. — A gaveta que está fechada à chave, a de cima, à direita. A chave está na última gaveta da esquerda.

Dirigi-me para a caixa. Só me voltei quando cheguei à pequena fila de pessoas que esperavam e senti alguma segurança.

Fiquei a olhar para as costas de Linda, enquanto saía pelas portas de vidro.

— O que é que aconteceu? — perguntou Benita atrás de mim. — Parece que andaste a ser perseguida por alguém.

Tentei acalmar a respiração.

— Nada — respondi. — Não foi nada.

Não sabia o que havia de pensar.

— A sério? — exclamo quando Shirine chega com mais livros. — Esses são enormes.

Crime e Castigo. Seiscentas e quarenta e seis páginas sobre a Rússia do século XIX.

— Olhe — digo-lhe, folheando-o com o polegar. — Se eu pudesse escolher entre ler isto ou ter câibras durante duas semanas...

— Vais gostar.

— Vou lê-lo. Para esquecer por algum tempo o fedor que aqui existe. Porque não há mais nada para fazer.

Shirine sorri para mim.

— E este — diz ela, pousando um dedo sobre o outro livro.

Chama-se *Teresa Raquin* e também se passa no século XIX, mas só tem cento e noventa e cinco páginas — pouco mais do que um catálogo da H&M.

— Acho que vou começar por este — digo-lhe.

Enquanto leio o prefácio e o primeiro capítulo, Shirine senta-se ao meu lado.

O livro é uma seca, com montes de descrições de Paris, e pouco tempo depois o meu espírito começa a vaguear. Olho de relance para Shirine. Apercebo-me de que não sei quase nada sobre ela.

— Quantos filhos tem? — pergunto-lhe.

— Só uma — responde com um ligeiro sorriso de surpresa. — Lovisa.

— Porquê?

Parece confusa.

— Porque é um nome bonito. Era o nome da tia do meu marido.

— Não, não é isso. Estou a perguntar porque é que só tem uma filha.

— O quê?! — exclama.

— Ou foi sem querer? Foi um preservativo que se rompeu?

— Não, não foi sem querer. — Sorriu. — Pareceu-nos uma altura boa. Eu... na verdade, não sei.

Reviro os olhos.

— Tenho uma teoria, Shirine.

— Diz lá. — Suspira.

— Acho que muitas pessoas têm filhos só a pensar nelas. Por exemplo, como quando está tudo muito cinzento e monótono e damos um salto ao centro da cidade para comprar um batom novo, só para nos sentirmos um bocadinho melhor durante um minuto.

— Estás a comparar trazer uma criança ao mundo com a compra de um batom?

— Pois, talvez não seja a melhor analogia, mas percebe o que quero dizer. As pessoas têm filhos para se sentirem bem, para fortalecerem a sua identidade, para acabarem com o tédio — essas coisas todas.

— Ou porque é a coisa mais maravilhosa que pode acontecer a uma pessoa, a forma mais bela de amor que existe. O sentido da vida?

— Ora, Shirine! O sentido da vida? Está a gozar?

Shirine abana a cabeça com um sorriso.

— Vai ter mais? — pergunto-lhe.

— Mais quê?

— Mais filhos. A Shirine e o seu marido vão ter mais filhos?

— Acho que sim. Acho que é bom ter irmãos.

Continua a não olhar para mim.

— Os meus pais também pensavam assim. Durante anos a fio, eram uns autênticos coelhos para conseguirem ter outro filho. Não resultou. Não sei, talvez Deus não estivesse satisfeito com a forma como estavam a lidar com a que já tinham. Às vezes, tenho a sensação de que metade da minha infância andou à roda desse irmão ou irmã que nunca chegou a aparecer.

Shirine parece desconfortável.

— Há pessoas para quem isso é uma tragédia.

— O que eu mais queria era que vivêssemos a nossa vida. Já éramos uma família, está a perceber?

— Estou.

— Não faça isso à sua menina, à pequena Lovisa — digo, em voz baixa. — Prometa-me.

— Prometo.

Quando Shirine se vai embora, começo a pensar na ideia de Michael Blomberg culpar Linda. Uma «autora alternativa do crime», como ele disse. Falou disso com a minha mãe. De certeza.

Sei como é na Suécia. Se há dois autores potenciais, é preciso provar para além de qualquer dúvida razoável qual deles fez o quê, ou que são ambos igualmente culpados — se assim não for, nenhum deles pode ser condenado. Sempre achei que isto era uma confusão e devia ser alterado.

Dói-me o coração quando penso em Amina. Tenho tantas saudades dela. Da Amina. Da mamã. Do papá.

Lembro-me de que, quando era pequena, o meu pai era a minha pessoa preferida em todo o mundo. Será que pode voltar a ser assim? Será possível? Ou está tudo estragado para sempre?

Talvez fosse melhor confessar tudo. Seria mais simples. Eu contar a história toda à polícia e acabar com esta merda.

Depois, olho em volta. O fedor, as paredes, o tédio. O tempo que não passa, as noites que me matam. Não vou conseguir aguentar

isto; não deve faltar muito para eu não aguentar mais. Deixo cair a cabeça na almofada e grito. Tenho de sair daqui para fora!

— Isso é de doidos — exclamou Amina quando lhe contei o que tinha acontecido. — E se ela tiver razão? Como podes ter a certeza de que é Linda que é tarada e não Chris?

— Então? Se há pessoa que consegue reconhecer um psicopata, sou eu.

Caminhávamos pelo parque, com as bicicletas pela mão, quando demos com um grupo enorme de mulheres de meia-idade com calças elásticas de corrida e ténis coloridos a fazer alongamentos num relvado.

— Achaste que ela estava... passada?

Amina olhou para mim, e eu não sabia o que havia de dizer.

— Não achas que é de uma pessoa que está completamente «passada» perseguir uma rapariga que anda a curtir com o ex dela?

— Talvez — anuiu Amina. — Mas ela disse que queria avisar-te. Se não sentes nada por ele, também podias...

Olhei-a com um ar aborrecido.

— Eu conheço Chris.

— Conhece-lo há quanto tempo, três, quatro semanas?

— Há tempo suficiente para saber que ele não é um psicopata.

Claro que eu tinha curiosidade em ver o que estava na gaveta de que Linda tinha falado. Mas decidi não dizer nada a Amina. Seria deitar mais achas para a fogueira.

— Vais contar ao Chris? — perguntou-me. — Que a Linda apareceu na H&M?

— Não tenho a certeza.

Sabia que devia contar-lhe. Mas, mais uma vez, a ignorância de uma pessoa era o poder de outra.

— Promete-me que vais ter cuidado — disse Amina antes de nos separarmos à porta do pavilhão desportivo. — Tens o teu *spray* de gás pimenta, certo?

Apalpei-o na mala e acenei com a cabeça.

Fui de bicicleta para casa de Chris, onde tomei banho e mudei de roupa. Ele beijou-me devagar e o perfume do seu pescoço fez os meus joelhos tremerem.

— Dás-me volta à cabeça — disse ele. — Eu não queria ter nada tão cedo.

Fiquei a pensar no que queria ele dizer com «nada», mas decidi que era melhor não saber.

Bebemos vinho e jogámos *Trivial Pursuit*. Chris assobiou quando eu disse o nome do realizador que tinha sido casado com Sharon Tate, uma das vítimas de Manson. Fiquei toda inchada com o seu elogio, mas achei que não era a altura certa para lhe confessar que sou um bocado do tipo síndrome de Asperger, quando se trata de psicopatas.

De qualquer forma, no fim, deixei Chris ganhar.

Não, a verdade é que ele ganhou com todo o mérito. Sabia os nomes de montes de reis e as datas todas, até as que eram antes de Cristo. Nunca gostei de História. Prefiro o futuro.

— Estou a ficar cansado — disse ele, despejando as últimas gotas de vinho da garrafa.

Levantámo-nos ao mesmo tempo, e ele pousou uma mão na minha anca. A sua expressão tornou-se dura e penetrante. Guiou-me com firmeza à sua frente para o quarto.

— Há algum problema? — sussurrou-me ao ouvido.

Abanei a cabeça.

Tínhamos adormecido há pouco tempo quando o telemóvel de Chris nos acordou. Voltou-se para o seu lado da cama e desviou a cara, enquanto falava. Era qualquer coisa sobre uma reunião, negociações e concursos.

— Podes ficar cá a dormir — disse-me, beijando-me na parte de trás do pescoço. — Tenho de ir já para uma reunião.

— Agora? Que horas são?

— Cinco para as sete.

— Que merda!

Observei-o, com os olhos semicerrados, enquanto vestia um fato ridiculamente caro e fazia o nó da gravata à frente do espelho do roupeiro.

— Se calhar, fico cá até tu voltares.

Ele voltou-se e beliscou-me o dedo grande do pé.

— Estas miúdas de agora...

— Sou adolescente. Preciso de dormir muito.

Ele sorriu, e os seus olhos transformaram-se em diamantes.

— Não tens de ir trabalhar hoje?

— Tenho. Bolas. — Suspirei. — Mas só entro às dez e um quarto.

Baixou-se, e a gravata balançou entre os meus seios, quando me beijou.

— A porta fecha-se automaticamente. Basta puxá-la, quando saíres.

Quando se foi embora, tentei voltar a adormecer, mas, apesar de quase não ter pregado olho, sentia-me completamente desperta. Estava arrepiada; os meus pés estavam desejosos de se mexer. Tentei durante mais ou menos um quarto de hora, voltando-me de um lado para o outro e ajeitando a almofada pelo menos cem vezes. Por fim, desisti e fui à cozinha, enrolada no edredão.

O frigorífico estava a transbordar de coisas boas, por isso, fiz um pequeno-almoço de hotel. Depois, comi com os pés em cima de uma cadeira e ouvi Lund a acordar através da porta entreaberta da varanda.

As palavras de Linda não paravam de ecoar na minha cabeça. O *armário grande, a gaveta de cima, à direita, a chave na última gaveta da esquerda*.

Fui até ao vestíbulo. Fiquei parada à frente do espelho por um momento, a pensar.

Precisava de fazer chichi. Na casa de banho, espreitei rapidamente os seus remédios. Um *spray* nasal, comprimidos para a alergia, analgésicos. Nada que fosse estimulante.

Lavei a cara e fui para a divisão que Chris dizia ser o seu escritório.

Junto à janela estava uma secretária. Na parede estava um quadro impressionante; devia ter uns dois metros de largura. Era impossível perceber o que era, mas de certeza que valia mais do que os ordenados de um ano na H&M.

A parede em frente estava ocupada por um grande armário de arquivo. Era àquele a que Linda se referira.

Voltei-me para olhar para a janela, tomando consciência de que estava a trair Chris. Mas seria uma estupidez *não* ver o que estava naquela gaveta. Mais que não fosse para afastar as pequenas dúvidas que eu tinha. Chris nunca iria saber.

Baixei-me e puxei a última gaveta da esquerda. Lá dentro estavam duas caixas de plástico com tampa. A primeira estava cheia de ninharias: braceletes, porta-chaves e medalhas de natação. Recordações que, pelos vistos, ele não tinha tido coragem de deitar fora. A outra caixa de plástico era ligeiramente mais pequena. A tampa deu-me algum trabalho a abrir, mas, finalmente, consegui. No fundo, estavam umas dez chaves.

Olhei para a gaveta de cima da direita. Havia duas chaves que provavelmente serviam naquela fechadura. Experimentei a primeira, mas, quando a rodei, nada aconteceu. Decidi experimentar também a outra. A fechadura deu um estalido, quando a rodei.

Abri a gaveta e fiquei a olhar para o seu interior.

Do que estaria eu à espera?

Fiquei ali parada de boca aberta, sem conseguir organizar os pensamentos.

— Porque é que tiveste uma reacção tão forte naquele dia em que estivemos a conversar?

Shirine puxa a écharpe colorida até ao queixo e olha para mim. Confronta o meu silêncio teimoso com perguntas, umas atrás das outras.

— É difícil para ti pensar nisso? Achas que pode ser bom para ti falares sobre isso?

Suspiro. Não sei porque estou aqui outra vez. Podia continuar a fingir que estava doente; podia protestar, berrar, resistir.

— Estás familiarizada com o conceito de «busca de aventura e emoção»? — pergunta-me Shirine.

Cruzo os braços e fito uma mancha na parede atrás dela. Não quero que pense que já está tudo bem, que voltou tudo ao normal num abrir e fechar de olhos. Ela prometeu não ter ideias pré-concebidas sobre mim e, apesar disso, partiu do princípio de que eu estava a falar de Chris quando lhe falei de pessoas controladoras.

— Os investigadores demonstraram que há pessoas que precisam de estímulos fortes para se sentirem alegres. Costumamos dizer que são pessoas que buscam aventura e emoção — explica-me. — Por exemplo, uma pessoa pode dedicar-se a desportos radicais, como a escalada ou o *bungee jumping*, mas também pode ser o caso de alguém que procura relações arriscadas e gosta de conflitos.

Esforço-me por não parecer nada impressionada, apesar de estar a escutá-la com toda a atenção.

— Era excitante, Christopher Olsen? — pergunta Shirine.

Desta vez, menciona o seu nome com muito mais cautela — tem as costas muito direitas e, provavelmente, tem o dedo no botão de pânico.

— Ora, deixe-se disso — digo com um suspiro.

— Gostas de excitação, não gostas? Não é verdade?

Dou uma enorme fungadela.

— Gosto das tuas análises. A sério. Se alguma vez precisar de terapia, vou ligar-te de certeza absoluta.

Olho-a nos olhos.

— O teu sentido de humor... — acrescenta.

— É um mecanismo de defesa, certo?

Shirine não responde.

Finalmente, penso. Finalmente, ela está a desistir.

Antes de sair, fecho o livro *Teresa Raquin* com tanta força que Shirine me lança um olhar zangado. A princípio, identifiquei-me um bocado com Teresa — a sua frustração por estar tão entediada e por nunca acontecer nada. Depois, a Teresa casa, mais ou menos, com Camille, que não é uma rapariga, como eu pensava. A Teresa gosta de homens, obviamente, estamos a falar do século XIX. Bem, passado pouco tempo, conhece outro tipo, Laurent, apaixona-se e tem um caso com ele. Alugam um barco os três e o amante Laurent atira borda fora o marido Camille, que morre afogado.

Depois do crime, Teresa e Laurent discutem sobre qual deles é o culpado. Passam-se completamente dos carretos os dois, não aguentam a culpa e planeiam matar-se um ao outro. No fim, suicidam-se juntos.

— Não gostei — digo a Shirine, principalmente para a arreliar.

— Não te fez pensar?

— Fez. Esse é que foi o problema.

Depois do almoço, tenho uma hora para mim no ginásio. Aumento a resistência a pedalar na bicicleta e pedalo até ficar com as coxas cheias de ácido láctico, deixando o suor escorrer-me da testa até fazer uma pequena poça por baixo de mim.

Depois, faço exercícios com pesos. A minha força é do tipo resiliente. No campo de andebol, adorava apanhar a bola com um ou dois defesas atrás de mim. Era o máximo quando estavam pendurados em mim, como se fossem mochilas, tentando manter-me na linha dos seis metros. Durante cinco anos seguidos, fui a melhor marcadora da equipa.

Às vezes, sinto falta do andebol. Sinto falta do companheirismo e da competição — definir um objectivo e, juntas, fazermos tudo para o alcançar. Mas depois comecei a chatear-me por aquilo ser tudo tão planeado, os treinadores decidirem todos os passos que dávamos, todos os lances e remates. Tinha a sensação de que era uma peça de um jogo que estava a ser disputado por outras pessoas, e toda a alegria do andebol desapareceu.

Depois do exercício físico, fico uma data de tempo a tomar duche, direita como uma seta, deixando que a água me envolva num túnel ensurdecedor. A sério que sinto o fedor a escorrer de mim.

Penso na Teresa e no Laurent do livro. Qualquer pessoa é capaz de matar. Seria isso que o escritor estava a tentar dizer? Tem toda a razão. Se uma pessoa é barbaramente violada, não há limites para o que ela pode fazer. É uma coisa que sei por experiência própria.

Saio do duche com a sensação de toda eu ser purpurina a lançar estrelinhas, depois, seco-me e visto-me antes de os guardas virem buscar-me.

— Quase que cheiras bem — diz Jimmy, com um sorriso nojento.
— Mas não te esqueças de que continuas a ser uma assassina, minha puta. Isso não sai com água.

Amina, uma melhor amiga a sério, veio logo socorrer-me.

— Isto não é normal, Stella. É doentio.

Estávamos sentadas na sala, com os pés apoiados na beira do sofá, e eu tinha acabado de lhe contar o que tinha encontrado na gaveta de Chris. Os meus pais tinham ido a um festival de gastronomia italiana e iam dormir num castelo no campo.

— Há muita gente que gosta dessas coisas — disse-lhe. — Bondage e S&M. Atarem-se uns aos outros e cenas desse género. É mais comum do que imaginas.

— Mas... a sério. Conseguias fazer uma coisa dessas?

— Eu não!

Só a ideia de não controlar a situação, de ter os movimentos limitados enquanto fazia sexo, deixava-me a tremer.

— Porque quis a Linda que visses essas coisas? — perguntou-me Amina.

Eu não sabia. Na gaveta fechada à chave, tinha encontrado uma mordação de cabedal preto com aquela espécie de bola que é enfiada na boca de uma pessoa. Uma garrafa cheia de um líquido transparente, um pano cinzento-escuro e um par de algemas de metal forte. No fundo, estava uma navalha, com a lâmina assustadoramente aguçada.

— Acho que ela deve querer assustar-me, para que eu o deixe. Mas isto não prova exactamente que Chris seja um psicopata.

— Mas a navalha. Porque tem ele uma navalha?

— Diz-me tu.

Nem me atrevia a pensar naquilo.

— Vais perguntar-lhe?

— O que hei-de dizer? Que *por acaso* encontrei a chave do armário?

Chris já me tinha mandado três mensagens, às quais eu não tinha respondido. Estava completamente desorientada.

— Ele mentiu na idade — disse Amina.

— Mas essa mentira foi inofensiva.

Amina suspirou.

— Não podemos ir fazer outra coisa qualquer? — perguntei. — Ir a algum lado?

Havia demasiados pensamentos a passarem-me pela cabeça.

— Jerker Lindeberg está a dar a uma festa — disse Amina, deslizando o polegar pelo ecrã do telemóvel.

— Lindeberg. Ele não mora em Bjärred?

— Barsebäck.

Ainda pior. Ficava para aí a uns quinze quilómetros de distância.

— Acho que posso levar o carro do meu pai emprestado — disse-lhe. — Eles foram de boleia com uns amigos.

Amina torceu o nariz.

— Vamos lá só um bocado. Se for uma seca, vimos logo embora.

Não era a primeira vez que eu pedia o carro emprestado ao meu pai. É um daqueles carros grandes — cá para mim desnecessariamente grandes; dá a sensação de estarmos a guiar um camião. Prefiro treinar para o meu exame no pequeno *Fiat* da escola de condução.

Atravessámos a cidade, para lá do Nova Mall, em direcção à costa. Amina ligou o telemóvel ao estéreo e pôs o volume no máximo. Ironicamente, estávamos a ouvir um grupo de *heavy dance*

a cantar qualquer coisa sobre montanhas e vales quando, do nada, parou à nossa frente um *Audy TT*, pequeno mas vistoso.

Bati no lado do passageiro do pequeno carro alemão, mandando-o pelos ares para fora da estrada, para um campo de morangueiros. O condutor era um homem já todo enrugado, de capachinho, que puxou as pernas das calças para cima para não ficarem com nódoas de morangos antes de me dar um raspanete, informando-me que sempre dissera que as mulheres não sabiam guiar e que a prova estava à vista.

Os meus pais tiveram de largar tudo e vir embora da festa no castelo. Foram ter connosco à esquadra da polícia. O semblante do meu pai estava carregado e eu não parava de soluçar, inconsolável.

Felizmente, o caso não foi a tribunal. Tive uma pena sumária e tive de pagar uma multa, depois, fui para casa praguejar contra a minha própria estupidez.

O incidente com o carro, chamava-lhe o meu pai.

Para a polícia foi «condução sem carta» e «condução imprudente». Aumento do prémio do seguro e multas de acordo com os rendimentos. Trinta mil coroas pelo cano abaixo.

Fiquei tão furiosa comigo que me fechei no meu quarto a chorar. Trinta mil coroas. Metade das minhas poupanças. Estava fora de questão conseguir ir viajar no Inverno.

Estava outra vez no grau zero.

Deitei-me com os auscultadores nos ouvidos a ler sobre psicopatas e sexo. Sabia que anteriormente já tinha lido mais ou menos aquelas coisas, mas tinha de refrescar a memória.

Para um psicopata, o sexo está relacionado com o poder.

A princípio, o psicopata concentra-se completamente na sua parceira durante o acto sexual. Mas os psicopatas têm tendência para a excitação e a variedade. Ao fim de pouco tempo, quer «apimentar» a sua vida sexual, muitas vezes com actividades que são desconfortáveis para a parceira. O psicopata vai empurrando

gradualmente a sua parceira até ao limite e, assim, aumenta o seu poder sobre ela. Se a parceira se recusa a aceitar as sugestões, reage de forma a fazê-la sentir-se culpada ou ameaça arranjar outra pessoa.

De repente, comecei a sentir um mau gosto na boca.

Pensei no nosso passeio pela praia, no cheiro de Chris quando me encostava ao seu peito, no dia em que me dera morangos ao pôr-do-sol e em como me agarrara a mão com firmeza na montanha-russa.

Não podia ser.

Quando Chris me ligou, fiquei paralisada a olhar para o telemóvel, como se fosse carvão em brasa.

— O que é que aconteceu? — perguntou-me.

Mantive o telemóvel afastado da cara, enquanto lhe contava a história do acidente.

— Fui multada — disse-lhe. — E o prémio do seguro vai aumentar.

— Vai correr tudo bem, Stella. É só uma questão de dinheiro. O importante é que tu e a Amina estão bem.

— Mas não estás a perceber. Há anos que ando a sonhar com a minha viagem pela Ásia. Tem sido o meu grande objectivo. Ando a poupar há uma data de tempo.

Houve ruído na linha. Chris ficou em silêncio.

— E agora não tenho dinheiro — disse-lhe a soluçar.

— Vai correr tudo bem, Stella. Claro que vais conseguir ir à Ásia.

— É como se agora já não tivesse nenhum objectivo na minha vida.

Claro que Amina achou que estava a exagerar. Olhou-me, franzindo o nariz.

— Deixa de ser tão dramática.

Tinha acabado o treino e estávamos no café do pavilhão desportivo, rodeadas de suor e cheiro a café.

— Para ti, é fácil falar. Sempre soubeste o que vais fazer: Medicina, casamento, dois filhos, uma casa em Stångby, uma casa de férias na Bósnia.

— Dito assim, parece ser a maior das monotonias.

Rimo-nos as duas, e Amina continuou a beber o batido de proteínas.

— Há tanto tempo que ando a sonhar ir-me embora daqui.

— Eu sei — disse Amina. — Mas nada te impede de ires. Na pior das hipóteses, só tens de adiar a viagem por alguns meses.

Soltei um suspiro profundo. Uns meses? Ela falava como se a vida durasse uma eternidade.

— Estou tão farta deste sítio! Nunca acontece nada! E agora vai ser assim para sempre? Cinquenta anos de tédio e depois morremos?

— Cinquenta? — Amina abanou a cabeça. — Provavelmente, debes contar com mais sessenta ou setenta.

— Sonha — disse-lhe, revirando os olhos. — Mas os meus pais parecem divertir-se muito mais à medida que vão envelhecendo. A nossa casa tem muito melhores vibrações.

— Sempre gostei dos teus pais.

Acho que ela pensava que sabia tudo. Seria possível que não percebesse que nunca a tinham deixado aceder ao interior da nossa família?

— Para a semana, os meus pais vão passear sozinhos. Alugaram um bangaló em Orust.

— Oh, que romântico! — exclamou.

— Tens de ir fazer-me companhia.

— E Chris?

— Não sei — disse-lhe, passando as mãos pelo cabelo. — Só quero ir-me embora daqui, ir fazer a minha viagem.

— Hás-de ir — reconfortou-me Amina, sorrindo. — Mais cedo ou mais tarde.

Cumprimentou distraidamente uma colega de equipa. Depois, levantou-se e atirou a garrafa vazia para o caixote do lixo mais próximo.

— Ser como és parece tão fácil — disse-lhe.

Ela olhou para mim, como se quisesse dar-me um pontapé no cu.

Por uma vez, o meu pai não tinha feito comida italiana para o jantar. A minha mãe estava sempre a lançar-lhe olhares cheios de amor do outro lado da mesa e o meu pai não parava de sorrir. Quando acabámos de comer, ele quis mostrar-me uma coisa no computador.

— Estás quase a fazer anos.

Tinha descoberto uma *Vespa* cor-de-rosa. Era linda de morrer, mas custava uma fortuna.

— Assim, não precisas de levar o meu carro *emprestado* — disse ele.

— Mas trinta mil coroas, papá! É tanto dinheiro. Já te disse que a única coisa que quero é dinheiro para a minha viagem.

Ele ficou a olhar para o monitor.

— Depois vemos. Gosto desta.

— Mas não és tu que fazes anos — retorqui.

Passei o resto do serão sentada no sofá entre o meu pai e a minha mãe. Havia uma energia harmoniosa entre eles. Uma calma pouco habitual. Não conversámos muito, mas também não era preciso. Senti-me em segurança.

Afundi-me no sofá e fechei os olhos. Quando acordei, já passava da meia-noite. O meu pai ressonava com a boca aberta e a cara apoiada num livro. A minha mãe estava no outro canto com os joelhos puxados para cima, a chorar.

— O que foi? — perguntei, ensonada.

— O cão... — disse, apontando para a televisão. — O cão morreu.

Dei-lhe uma palmadinha no ombro.

— Mamã, nos filmes de Hollywood o cão morre sempre. Ainda não sabias?

O meu telemóvel estava debaixo das almofadas.

Quatro chamadas perdidas de Chris. Uma nova mensagem.

Abri-a e reparei que tinha sido enviada de um número que eu não tinha nos meus contactos.

Tenho a certeza de que ele tem sido maravilhoso para ti. Também foi assim para mim, ao princípio. Demorei dois anos a perceber quem ele era, na realidade. Não quero que cometas o mesmo erro que cometi. Tem cuidado.

Por amor de Deus! Linda estava assim tão perturbada que ainda não tinha sido capaz de esquecer Chris? Estaria a tentar controlar com quem ele passava o tempo? Destruir tudo o que podia fazê-lo feliz?

Li a mensagem outra vez, depois, apaguei-a e bloqueei o número de Linda Lokind.

Enquanto subia a escada, liguei para Chris.

— Até que enfim — disse ele. — Estava a começar a ficar preocupado.

Ouvia-se barulho de fundo. Carros, uma buzina.

— Desculpa, adormeci no sofá.

— Tens de vir à porta. Estou no carro. Reservei a *suite* do Grand Hotel.

Elsa abre a porta para Shirine entrar, mas ela fica parada à porta.

— Estás melhor? — pergunta com alguma cautela.

— Como?

Lá por estar deitada, não quer dizer que não esteja vestida.

— Faltaste à consulta de ontem. Disseram que estavas doente.

— Ah! Já quase me tinha esquecido disso. Estou um bocadinho melhor.

Shirine pega no *Crime e Castigo*, que está em cima da mesa.

— Então, o que achaste deste?

Preciso de puxar um bocado pela cabeça.

— É grande.

Imaginem, eu a ler de livre vontade um romance russo interminável do século XIX. Sem sequer o odiar.

Raskolnikov tem pouco mais de vinte anos e acha que é mais esperto e melhor do que toda a gente. Precisa de dinheiro e, por isso, decide roubar e matar uma velha agiota, que descreve como uma pessoa horrível e má que não merece viver.

— O que é que achas? — pergunta Shirine. — Todos os homicídios são igualmente hediondos ou, por vezes, pode haver circunstâncias atenuantes?

Fito-a, pensativa.

— Claro que pode haver circunstâncias atenuantes — respondo.

— É assim tão simples?

— Nestes livros, pode não haver. Estou a falar em termos hipotéticos.

— Hipotéticos — repete Shirine, ponderadamente, como se nunca tivesse ouvido a palavra. — Dá-me um exemplo. Uma coisa que eventualmente pudesse justificar que se tirasse a vida a outra pessoa.

— Eu não disse *justificar*. Isso é diferente. Estamos a falar de circunstâncias atenuantes.

— Dá-me um exemplo — insiste Shirine, gesticulando.

— Autodefesa.

— Mas isso é diferente. Nesse caso, nem sequer é homicídio. Toda a gente tem o direito de se defender. Dá-me outro exemplo.

Coço o queixo.

— Há pessoas que não merecem viver.

Shirine franze as sobrancelhas.

— Não estou a dizer que qualquer pessoa pode andar por aí a matar outras — explico. — Mas há pessoas que perderam o direito de continuar vivas. Claro que uma solução para o problema seria o sistema de justiça funcionar. Se os assassinos e os violadores fossem devidamente punidos...

— Estás a dizer que és a favor da pena de morte?

— Acho que a maioria das pessoas é. É muito fácil uma pessoa dizer que é contra a pena de morte, quando isso não a afecta pessoalmente. Pergunte a qualquer pessoa que tenha um familiar que tenha sido assassinado, e aposto que a resposta é bastante óbvia.

— Mas não achas que as pessoas merecem uma segunda oportunidade?

— Depois de violarem e matarem?

Não sei se ela está a fazer de propósito para me enervar, mas, se é isso, está a resultar.

— O homem que me violou — insisto. — Acha que ele merece uma segunda oportunidade?

— Eu... bem...

— Eu tinha quinze anos. Quinze! Prendeu-me com tanta força que nem conseguia respirar. Enquanto eu lutava pela minha vida, estava ele a enfiar aquela peça nojenta dentro de mim.

Na cara de Shirine ficou presa uma careta grotesca.

— Há circunstâncias atenuantes — declaro. — Ficava feliz se visse aquele porco morrer.

Shirine é suficientemente esperta para não argumentar. Pestaneja algumas vezes e olha para as mãos.

— Até era capaz de ser eu a matá-lo — acrescento.

Acordei na *suite* do Grand Hotel. Chris estava afundado numa poltrona à minha frente, com uma chávena de café na mão e os tornozelos cruzados sobre a otomana.

— Bom dia, boazona.

Sorri e passei por ele a caminho da casa de banho para lavar a cara no lavatório, depois, sentei-me na borda da banheira, onde, na noite anterior, tínhamos tomado juntos um longo banho de imersão. Sentia uma enorme bolha de arrependimento na barriga.

— A que horas tens de ir trabalhar? — gritou Chris da poltrona.

— A um quarto para as dez.

Já estava a dar a margem mínima.

Vesti-me e fiz um esforço por parecer feliz e grata quando abraçasse Chris.

— Não te esqueças disto — disse ele, dando-me o mapa.

Era uma prenda. Tinha-mo dado quando estávamos na cama a beber champanhe, mal nos deram a chave do quarto. Era uma folha A3, enrolada como um pergaminho e atada com um lindo laço de veludo. Quando a abri, senti o coração dar um salto. Era um mapa da Ásia, e Chris tinha assinalado alguns sítios especiais com estrelas douradas. Sítios aonde ele queria que fôssemos juntos. Não lhe disse que já tinha um mapa, muito maior e cheio de pinos.

Devia sentir-me feliz quando desci no elevador e voltei para a Lilla Fiskaregatan. O problema era aqueles sentimentos todos. Não

queria tê-los. Era impossível eu ir à Ásia, na viagem da minha vida, com um homem de trinta e dois anos. Era impensável. E, apesar disso, era como se qualquer coisa se tivesse acendido no meu peito a dizer-me para deixar de analisar tanto tudo o que acontecia e, pura e simplesmente, deixar as coisas acontecerem.

Quando atravessassei Stortorget com dois minutos no máximo até ao início do meu turno, os céus abriram-se e desatou a chover. Era a primeira vez em várias semanas.

Ainda chovia quando saí da loja, nessa noite. A minha intenção era apanhar o autocarro para a Botulfsplatsen. Tinha calculado o trajecto de maneira a não ficar encharcada.

Mas só andei alguns metros.

Num canto do meu campo de visão, limitado pelo meu capuz, vi duas pessoas debaixo de um grande guarda-chuva.

— Stella!

Amina agarrou-me pelo braço.

— Vem cá, tens de ouvir isto.

Tinha o cabelo molhado e um olhar quase desvairado.

— O que foi?

— Vamos abrigar-nos da chuva — disse, puxando-me.

Ao pé dela estava Linda Lokind a segurar o guarda-chuva com uma mão e a tentar apertar o decote da blusa com a outra.

— Mas o que é isto, Amina?

Estava a rebentar de fúria. Ela e Linda Lokind tinham estado escondidas à minha espera? O que é que as unia contra mim? Soltei o braço e fiquei a olhar para ela.

— Por favor, tens de ouvir o que Linda tem para dizer.

A chuva escorria-lhe pela cara. Havia um certo desespero em toda aquela situação.

— Está bem — disse-lhe, olhando para Linda. — Mas despachate.

Aninhámo-nos na paragem do autocarro e Amina afastou madeixas de cabelo molhado da cara e disse a Linda para me contar o que aparentemente já lhe tinha contado.

— Vivi com Chris durante três anos — disse Linda Lokind. — Achava que tínhamos a vida perfeita. Nem sequer reparei que as coisas tinham começado a mudar.

Olhou para mim e desviou logo o olhar.

— Continua — disse Amina.

— Foi acontecendo pouco a pouco. Pequenas coisas de cada vez. Dizia para mim própria que não tornaria a acontecer, que não iria piorar. Queria tanto que corresse tudo bem.

A chuva martelava o tejadilho da paragem. Alguns rapazes correram para apanhar um autocarro, ficando agarrados à porta até o condutor os deixar entrar.

— A primeira coisa em que reparei foi nos seus ciúmes — continuou Linda. — A princípio até achava querido, como se fosse uma prova de que ele gostava mesmo de mim. Mas foram aumentando, aumentando, até que um dia esteve quase a dar um murro na cara de um tipo por pensar que tinha estado a atirar-se a mim.

Olhei-a directamente nos olhos. A maioria das pessoas não sabe mentir, mas não havia qualquer sinal de que Linda não estivesse a dizer a verdade.

— Andava a estudar quando nos conhecemos, mas ele convenceu-me a desistir. Disse que seria melhor para mim trabalhar na sua empresa. Não precisava de um curso para nada. Foi por essa altura que os meus pais começaram a ficar preocupados, e ele obrigou-me a cortar relações com eles. Ao fim de algum tempo, também deixei de sair com os meus amigos. Havia sempre uma desculpa. Se eu dissesse que alguém nos tinha convidado para qualquer coisa, Chris dizia que tinha planeado fazer-me a surpresa

de passar o fim-de-semana em Praga. E era sempre assim. No fim, já não tinha quase ninguém. Só o Chris.

Pensei na fotografia dele no Facebook. Tinham-me parecido felizes. Aquilo seria pura racionalização? Uma maneira cruel de se vingar dele?

— A minha vida foi-se reduzindo cada vez mais ao Chris. Tal como ele sempre quisera. Estava a destruir-me aos poucos.

Um autocarro virou para a nossa rua com os pneus a lançarem salpicos. Voltei-me para Amina. Sabia que ela estava a fazer aquilo por preocupação, mas ainda assim era difícil de aceitar. O que é que lhe passara pela cabeça? Aparecer do nada com Linda Lokind a reboque. Amina confiava naquela mulher?

— Vai fazer o mesmo contigo — disse Linda, abanando o seu guarda-chuva. — A desconfiança dele era patológica. A princípio, não percebi, mas, passados alguns meses, revelou os seus ciúmes. Queria saber em pormenor tudo o que eu fazia, onde e com quem. No fim, foi ele que me enganou.

Lembrei-me do que Chris me dissera. *Enganei-a emocionalmente, mas não aconteceu nada.*

— Descobri um SMS no seu telemóvel. Era de uma rapariga que ambos conhecíamos. Uma rapariga que eu pensava ser minha amiga. Era mais do que óbvio o que estava a acontecer entre eles, mas, quando confrontei o Chris, empurrou-me contra uma parede.

Fechou o guarda-chuva e olhou para a rua.

— Rompeu-me o baço. No hospital, inventámos a história de que eu tinha caído da bicicleta.

Não podia ser verdade. Chris não era violento.

— Quando foi isso? — perguntei.

— No Inverno do ano passado. Mesmo antes do Natal.

Segundo Chris, só na Primavera é que tinha conhecido outra pessoa e acabado com a relação deles.

— Porque é que não o deixaste?

— Não é assim tão simples. Não consigo explicar, mas era como se eu fosse propriedade dele. Estava sempre com medo. Depois de me ter batido da primeira vez, foi como uma bola de neve. E, sempre que acontecia, jurava a mim própria que nunca mais deixaria que voltasse a acontecer. Mas ele... nunca perdorei a mim própria ter continuado com ele.

Fechou os olhos com força. Eram gotas de chuva ou lágrimas o que tinha nas faces? Amina tocou-me ao de leve no braço, como que a desculpar-se.

Eu tinha escolha? Quer aquilo fosse verdade quer não, não podia continuar a encontrar-me com Chris. Aliás, até era inquietante o ponto a que eu tinha deixado as coisas chegarem. É verdade que ele era aventureiro, sensual e rico, mas já era de mais. Não conseguia aguentar outro drama.

— Abriste a gaveta? — perguntou-me Linda.

Acenei com a cabeça.

— Chris obrigou-me a fazer coisas que eu não queria. Dizia que, se eu o amava, tinha de o provar. Quando, finalmente, bati o pé, ele ficou enraivecido. Atou-me as mãos atrás das costas e meteu-me aquela coisa com uma bola na boca. Quase não conseguia respirar.

Senti automaticamente falta de ar. As memórias atingiram-me como raios.

— Violou-me. Acho que devia querer que eu resistisse. Era disso que ele gostava. Foi nessa altura que me apercebi disso.

Pensei nas mãos carinhosas de Chris na banheira do Grand Hotel. No ritmo da água a bater nos nossos corpos. Nada do que Linda tinha dito parecia condizer com o Chris que eu conhecia.

— Porque não foste à polícia?

— Fui, mas eles encerraram a investigação. A mãe do Chris é professora de Direito e conhece todos os procuradores e juízes do país. Chris é milionário e um empresário de sucesso. Por que carga de água haviam de acreditar em mim?

— Quando fizeste queixa à polícia?

Linda mudou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Em Abril.

— Depois de o deixares? — perguntou Amina.

Linda acenou com a cabeça.

— Depois de *o deixares*? — repeti. — Ou terá sido ao contrário?

Fechou os olhos por um momento e secou a cara.

— Foi ele que me deixou — disse, em voz baixa.

Cuspi para o passeio. Mais adiante, parou um autocarro e uma mulher com uma mala de viagem deu um salto para trás, quando a água espirrou para o passeio.

— É o meu autocarro — disse eu, e corri para o apanhar.

Espreguiço-me na cama na minha cela e fico a olhar para uma mancha no tecto, até que começa a aumentar, a ganhar vida e a flutuar numa ilusão de óptica de cores e formas indistintas.

Penso em Chris. Talvez haja alguma verdade na conversa de Shirine sobre a química do cérebro, as emoções e a necessidade de estímulos. Mas isso significa que não devo culpar-me? Acho que as pessoas têm de ser responsáveis pelas suas acções. Jamais será possível culpar a dopamina, nem a serotonina, nem a adrenalina. Circunstâncias atenuantes? Não sei.

Eu sabia quem era Chris Olsen. Pelo menos, devia ter sabido.

Os impulsos e os sentimentos só existem por um momento. Sempre achei que o amor é diferente, é uma escolha que se faz. Uma paixão incendeia e acaba. Caraças, eu apaixono-me para aí umas dez vezes por dia numa terça-feira qualquer de Outubro. Mas não escolhi apaixonar-me pelo Chris. Ou será que escolhi? E seria capaz de escolher?

Porque me dói o estômago quando penso nisso?

Revivo tudo. Confusão e nojo.

Traição.

Quando penso em Amina, parece que a minha pele começa a rasgar-se. Fico tão cheia de tristeza e culpa que não consigo mexer-me.

Penso em Esther Greenwood e Holden Caulfield. Será possível sobreviver a uma vida assim com a saúde mental intacta?

Não estou minimamente preparada quando Shirine aparece. Sento-me de um salto na beira da cama e escondo as lágrimas com as mãos.

— O que foi? — pergunta, pousando a mala de pele em cima da secretária.

— Nada — murmuro. — Só estou cansada.

Ela curva-se e põe a mão no meu ombro para me tranquilizar.

Volto devagar a cara para ela e deixo as lágrimas cair.

Na sexta-feira, eu e Amina dividimos uma travessa de *kebab*, sentadas no sofá, apesar de os meus pais me terem obrigado a prometer que só comeria na cozinha ou na mesa da sala de jantar.

— Não desiludas o teu pai — foi a última coisa que a minha mãe me disse, antes de irem embora.

De certa forma, a história da minha vida.

— Não acredito que me impingiste aquela tarada — disse para Amina, fuzilando-a com o olhar.

— O que querias que fizesse? Não consegui livrar-me dela.

— A sério, Amina. Essa tal Linda Lokind descobriu quem tu eras e deve ter-te perseguido, como perseguiu Chris.

Amina mordiscou o lábio. Via-se perfeitamente que queria ripostar, mas deve ter percebido que não era o momento certo.

Tínhamos pesquisado mais informações sobre Linda na Internet, uma prova qualquer de que lhe faltavam alguns parafusos, mas Linda Lokind era praticamente invisível.

— Tens aí qualquer coisa — disse Amina, apontando com o garfo de plástico. — Não, mais acima.

Passei o dedo pela face e limpei um bocadinho de molho.

Amina suspirou. Fica atrapalhada sempre que me sujo ou dou goladas. Ela utiliza os talheres como se fossem instrumentos cirúrgicos, dividindo a comida em bocados tão pequeninos que quase não precisa de abrir a boca. Nunca ninguém a vê mastigar.

— Vamos ao Tegnér's logo à noite? — sugeriu. — Por favor, por favor, por favor.

— Nem pensar.

Tinha estado toda a tarde com dores de cabeça e só me apetecia aninhar-me no sofá e dormir umas dez horas. Aquele dia estava a pedir uma noite em casa, sem fazer nada. E não precisava de me preocupar com Chris. Tinha-me mandado uma mensagem a dizer que ia encontrar-se com um velho amigo de que falámos noutro dia. Por qualquer razão, eu tremia com a ideia de ter de acabar tudo com ele. Não sabia se devia agarrar o touro pelos cornos e dizer a verdade ou se devia deixar as coisas irem esmorecendo.

— Por favor — insistiu Amina. — Imploro-te.

Apetecia-lhe dançar, divertir-se, conhecer gente nova. Disse que nunca se tinha sentido tão eufórica. E, claro, como melhor amiga que quero, e tento, ser, alinhei. Fizemos parvoíces, dançámos ao som de antigas canções da Eurovisão e experimentámos uma data de roupa em frente ao espelho do vestíbulo. Faltava pouco para a meia-noite quando pegámos nas bicicletas e voámos até ao Tegnér's.

Meneámos o cabelo e suámos por entre explosões de luz na pista de dança. Amina deu-me a mão, enquanto serpenteámos por entre corpos contorcidos até chegarmos ao bar, ofegantes, e pedimos cidras ao empregado de barba comprida.

Estava encharcada em suor e tinha a cabeça a latejar.

— Olha para aquilo! — exclamou Amina, apontando para o outro lado do bar. — Ele não disse que ia encontrar-se com um velho amigo?

Chris estava de costas para o balcão, ligeiramente inclinado para uma rapariga de ombros descobertos e brincos de prata. Riam e a mão dela ia roçando ao de leve no cotovelo dele.

— Quem é ela? — perguntou Amina.

Peguei na minha cidra e dei a volta ao balcão. No momento em que Chris ia voltar-se, ainda a rir, descobriu-me.

— Stella! Também cá estás?

Quando me abraçou, fiz com que todo o meu corpo ficasse tenso, como força de protesto. A rapariga dos brincos olhou-me muito admirada.

— É a minha amiga Beatrice — disse Chris.

Olhei-a de cima a baixo quando nos cumprimentámos com um aperto de mão. Devia ter uns vinte e cinco anos, ou talvez trinta, e estava exageradamente maquilhada. Tinha uns lábios carnudos e um corpo delgado.

— Desculpa — disse ao Chris. — Quando disseste «velho amigo», pensei...

— *Velha?! —* exclamou Beatrice com uma gargalhada.

Chris fez uma expressão de falsa vergonha.

— Então, de onde é que vocês se conhecem? — perguntei.

— Foi através da ex do Chris — respondeu Beatrice.

Chris fingiu não ouvir e disse que gostava muito do meu *top*. Não queria participar naquela conversa, mas eu não estava disposta a largá-lo.

— Linda? — perguntei.

Beatrice olhou para Chris, que o admitiu, encolhendo os ombros.

— Eu e Linda ficámos amigas na escola — disse Beatrice. — Por acaso, eu até estava presente quando ela e o Chris se conheceram. Costumávamos sair os três no início da relação deles, antes de ela... adoecer.

Baixou ligeiramente a cabeça.

— Adoecer? — perguntei.

Beatrice acenou com a cabeça, mas não deu mais explicações.

— A Linda anda a perseguir-me — continuei, voltando-me para o Chris, que tapou a cara com as mãos.

— A sério?

— Até descobriu Amina. Queria avisar-nos a teu respeito. Diz que tu fizeste coisas bastantes nojentas.

— Meu Deus! — exclamou Chris. — Estou tão farto disto. Ela quer destruir a minha vida, custe o que custar.

— É tão triste — disse Beatrice, dando uma palmadinha no braço do Chris. — Linda era a rapariga mais doce do mundo quando a conheci. Tão simpática e ponderada. Bem, talvez já fosse um bocado paranóica e ciumenta nessa altura, mas quem iria pensar que as coisas podiam acabar assim?

— Ela não pode ter ajuda? — sugeri. — Tipo, de um psiquiatra?

— A Linda anda metida em psiquiatras desde a adolescência — respondeu Chris.

— Infelizmente, só tem piorado — disse Beatrice. — Quando o Chris acabou a relação com ela, a Linda passou-se completamente.

Era mais ou menos o que eu desconfiava. Linda Lokind não jogava com o baralho todo. Lancei um olhar eloquente a Amina.

Pousou a mão no meu ombro e disse:

— Casa de banho — disse.

— Mas...

— Tem de ser já, por favor. Antes que me mije toda.

Fechámo-nos numa das casas de banho e fizemos chichi, uma de cada vez. Sentia-me quente e esquisita; tinha a cabeça pesada. Seria alguma virose? Talvez andasse só a trabalhar de mais.

— O que é que tens? — perguntou Amina.

— Não sei. Estou cansada.

A única coisa que me apetecia era ir para casa e meter-me na cama.

— *Agora* já acreditas em mim? — perguntei. — Já percebeste que Linda Lokind é completamente maluca?

Ela deu uma palmada na testa para mostrar como tinha sido estúpida.

— Como é que ia saber? Não queria arriscar.

— Não faz mal.

— Ele é um borracho — disse Amina, com um sorriso maldoso.

— Quem?

— A tua paixoneta de Verão.

Sorri, mas, no momento seguinte, fui invadida por uma sensação extrema de desconforto. Não sabia o que a tinha causado nem o que significava, mas alastrou-se por todo o meu corpo.

— Vá, anda lá! — disse Amina, abrindo a porta da casa de banho.

— Estou cá com uma pica!

Abrimos caminho até ao centro da agitada pista de dança. Tentei combater o sono, enquanto Amina dava um verdadeiro espectáculo. Abanava os braços e as gargalhadas saíam-lhe da boca como bolas de sabão.

Procurei Chris no meio daquela gente toda e descobri-o junto ao balcão. Fui ter com ele com Amina atrás de mim.

— Onde está Beatrice? — perguntei.

— Foi para casa. Tinha o namorado à espera.

Sentia a cabeça pesada. Sentia o ritmo da música na barriga e tinha cada vez menos força nas pernas.

— Não me estou a sentir bem. Acho que também tenho de me ir embora.

Chris e Amina olharam-me preocupados.

— Não é melhor eu ir contigo? — perguntou Chris.

— Não, fica aqui com Amina. Vou de bicicleta para casa e meto-me logo na cama.

Dei-lhe um beijo rápido na cara e abracei Amina.

— Tens a certeza? — insistiu ela.

— Desculpem — respondi.

O ar fresco fez-me bem. Já não sentia a cabeça tão pesada e tinha uma força renovada nas pernas, enquanto atravessava a cidade em direcção a casa. Depois de tomar dois *Tylenol* com um

grande copo de água, atirei-me para a cama com o telemóvel e adormeci instantaneamente.

Acordei porque senti a almofada a vibrar; sentei-me e procurei o telemóvel, que estava caído entre a cabeceira da cama e o colchão.

— Está lá?

Do outro lado, ouvi Amina a arfar.

— Tenho de te contar uma coisa.

— O que foi?

— Fui com o Chris para casa dele.

Senti uma facada no peito. O que é que ela estava a dizer?

— Aconteceu. Partilhámos um táxi. Esqueci-me de que tinha a minha bicicleta no Tegnér.

Ela tentou respirar fundo. Eu tinha o coração quase a sair-me pela boca.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei.

— Não, não, nada.

— Nada?

Deixei-me cair outra vez para trás.

— Claro que não aconteceu nada. O que é que estavas a pensar?

— Nada, nada.

— Só quis dizer-te que fui para casa dele.

Disse-lhe que estava bem, não havia problema, não tinha acontecido nada.

Tinha decidido acabar tudo com o Chris. Mas agora já não tinha tanta certeza.

— Sentes-te melhor? — perguntou Amina.

— Acho que sim.

Vi as horas. Quatro e meia da manhã.

— Agora vai para casa e deita-te, antes que o Dino comece a ficar preocupado.

Amina deu uma risada nervosa.

— Já me ligou duas vezes.

— Falamos amanhã. Adoro-te.

Cinco por cento de bateria. Descobri o carregador no chão, e, quando ia ligá-lo, vi que tinha uma mensagem nova de um número que não conhecia.

Por favor, afasta-te do Chris. Ele é perigoso.

Acordo cheia de suores frios, sem a menor ideia das horas. Tanto pode ainda não ser meia-noite como já ser quase manhã. Aqui, a passagem do tempo não significa nada.

Há qualquer coisa a tentar apanhar-me. Salto da cama e começo a andar às voltas pelo quarto. O cheiro é tão mau e tão forte como quando aqui entrei pela primeira vez.

Bato histericamente na porta trancada com imagens aterradoras a ocorrer-me. São tão palpáveis que a fronteira entre o sonho e a realidade desaparece.

— Deixem-me sair! — berro para a porta, continuando a dar-lhe murros até ficar com os pulsos a latejar.

Na minha cabeça está a imagem do corpo de Chris no chão, cheio de sangue, a contorcer-se e a deitar cada vez mais sangue dos cortes no estômago.

— Abram a porta!

Bato com a testa no metal duro e caio de joelhos, raspando desesperadamente com as unhas na porta.

Finalmente, a portinhola desliza e um olho assustado fita-me. É Elsa.

— Socorro — gemo.

Estou a afogar-me. O meu corpo continua a afundar-se, apesar de já estar enrolada no chão. Levanto-me com esforço e estico os

braços, mas o ar está demasiado espesso. É como estar a tentar nadar em cimento.

— Mamã! Mamã!

Elsa manda-me afastar da porta, e consigo rastejar lentamente, ao mesmo tempo que a ouço gritar por ajuda.

Fico deitada de costas a olhar para o tecto, enquanto eles me examinam. As suas vozes estão muito longe, como ténues sussurros distantes.

A imagem de Chris a morrer está constantemente a vir-me à ideia. Aquele corpo ensanguentado, a pulsar no chão.

Um médico dá-me uma bofetada na cara. Explico-lhe que não consigo respirar, que há qualquer coisa de errado na minha garganta. Chega-me um copo de água aos lábios, mas a maior parte escorre-me pela face e pelo queixo. Pede ajuda a um guarda para me sentar.

Há várias mãos desconhecidas na minha cara. Luvas de borracha dentro da minha boca. Alguém empurra dois comprimidos pela minha garganta abaixo e diz que vou dormir.

— Não! — berro, agitando os braços e as pernas.

O sono é perigoso. Não quero voltar para lá.

— Não quero! — grito.

Estão atrás de mim, a prender-me.

Encho o peito de ar e sustenho a respiração. Consigo sentir o oxigénio a entrar na minha corrente sanguínea e a minha pulsação começa a acalmar.

Vejo Elsa encostada a um canto a tremer, como uma criança que se perdeu.

— A polícia — consigo dizer. — Quero falar com a polícia.

Não sei o que vou dizer-lhes: toda a verdade, uma parte da verdade ou qualquer coisa que não tenha nada que ver com a verdade. Só preciso de falar. Tenho de contar, antes que expluda.

Chris queria vir a minha casa.

Quero ver-te ao vivo, escreveu na mensagem. *Também adorava conhecer os teus pais, mas talvez seja melhor deixarmos isso para mais tarde. Vai ser perfeito, já que eles estão fora.*

Olhei em volta. Roupa, malas e os mais variados objectos espalhados por toda a parte. A cozinha cheirava como se qualquer coisa tivesse morrido ali e eu tivesse feito na lavandaria uma montanha com cuecas e *tops*.

Está bem, respondi. *Mas dá-me duas horas.*

Tinha de falar com ele. Aquilo não podia continuar. Apesar de gostar do seu feitio descontraído e do seu desejo de desfrutar o momento presente, tinha de ter a certeza de que estávamos na mesma onda em relação ao que estávamos a fazer. Tinha medo que alguém se magoasse.

Depois do incidente com o carro, não seria nada mau pôr a casa apresentável antes de os meus pais voltarem na sexta-feira. Comecei pela sala. Endireitei as almofadas do sofá, aspirei-a e esfreguei a mesa. Na cozinha, tirei a loiça da máquina e tornei a enchê-la, guardei coisas nos armários e esfreguei a bancada até ficar a brilhar.

Quando terminei, fiquei com uma pilha de sacos do lixo à entrada. O cheiro picava-me no nariz quando os levei lá para fora.

Adoro as noites quentes de Verão quando o Sol se põe, mas ainda há laivos de luz no céu, quando o ar está completamente imóvel e os pássaros cantam canções de embalar.

Depois de ter deitado os sacos do lixo no contentor, fiquei parada na rampa de acesso à garagem apenas a desfrutar de uma rara sensação de paz no meu corpo.

De repente, houve qualquer coisa que se mexeu entre os arbustos. Um movimento rápido. Um pássaro, talvez?

Aproximei-me para ver. Mais agitação. Uma sombra grande projectada na parede.

Senti o coração subir-me para a garganta. Não me atrevia a respirar.

— Está aí alguém? — perguntei em voz alta.

Cinco metros mais à frente, os arbustos mexeram-se de novo. Folhas a restolhar, um ramo a partir-se.

— Quem é?

Procurei o telemóvel nos bolsos, mas apercebi-me de que devia tê-lo deixado em casa.

Corri para casa e atirei com a porta. Tranquei as duas fechaduras e fiquei a ouvir a minha própria respiração ofegante.

Estaria a imaginar coisas? Estaria a ficar paranóica?

Talvez fosse só um pássaro. Um pássaro grande. Ou outro animal qualquer. Um gato?

Ou estaria ali alguém escondido?

Chris trouxe um ramo de rosas. Não lhe falei do que tinha acontecido quando levei o lixo lá para fora.

Ele andou pela casa como se estivesse a visitar um museu. A primeira coisa que fez no meu quarto foi sentar-se na cama e balançar para cima e para baixo, como se quisesse testar a sua resistência. Depois, viu na parede o meu mapa da Ásia, com pinos em todos os sítios que eu queria visitar.

— Já tinhas um mapa?

Era uma situação bastante constrangedora. Não tinha sido capaz de lhe dizer nada quando ele me tinha dado o presente e, naquele momento, também não sabia o que havia de dizer.

Chris fez um gesto que significava *tudo bem*.

— Sabes uma coisa? Consegui arranjar as coisas de maneira a ter livres os meses de Fevereiro e Março do próximo ano — disse Chris. — É uma altura óptima para visitar a Ásia.

Limitei-me a sorrir. O que podia eu dizer? Que preferia ir sozinha? Que estava completamente fora de questão ele ir comigo?

Chris encostou-se a mim. Afastou suavemente o meu cabelo e beijou-me devagar. A sua mão deslizou até ao elástico das minhas cuecas. Nunca ninguém me tinha excitado tanto.

— Onde é que os teus pais dormem?

Sem me soltar, saiu pela porta a recuar.

— Ali? — perguntou, apontando para o quarto dos meus pais.

Guiou-me pelo corredor numa dança relutante. Era óbvio que eu não ia deitar-me na cama deles. Afastei-o, mas ele voltou a agarrar-me. A porta abriu-se e entrámos aos tropeções no quarto deles. Com o corpo tenso, segurei-me ao puxador da porta e debati-me.

— Aqui não.

Chris deu uma gargalhada e soltou-me. Ficou ali parado a olhar para a cama de casal dos meus pais.

— Então, é aqui que o papá pastor dorme.

Quando olhou para mim, senti o ferrão do seu sorriso.

— Vá lá — insistiu, pondo os braços à minha volta. — Quero fazer sexo contigo na cama da mamã e do papá.

— Não, pára com isso.

Tentou deitar-me em cima da cama, mas, pelos vistos, subestimou a minha força. Enchi os pés de energia até ficarem presos ao chão como desentupidores, depois, com a parte de cima

do corpo, empurrei-o. Tinha tido confrontos muito mais duros na linha dos seis metros nos campos de andebol.

— Está bem, está bem — disse Chris, rindo e tentando desarmar-me com a sua expressão. — Era só uma ideia. Uma experiência. Não gostas de experiências?

Pensei nos objectos que estavam na gaveta fechada à chave do seu armário.

— Não, destas não — respondi.

— Não?

O meu desejo tinha desaparecido por completo.

— Vamos sentar-nos no sofá um bocado.

Chris fez uma expressão magoada e esperou um momento antes de descer a escada atrás de mim. Liguei a televisão e apoiei a cabeça no seu ombro. Os meus pensamentos sucediam-se a mil por minuto.

O que me mantinha presa a Chris? Estava sempre tão farta de nunca acontecer nada que, quando o Chris aparecera, atirara-me de cabeça para o desconhecido. Mas agora? Não queria ter um namorado, muito menos um com trinta e dois anos. Não queria ter experiências na cama dos meus pais. Acima de tudo, só queria fazer a viagem com que andava a sonhar há séculos. E não era uma merda dum gajo que se ia interpor no meu caminho.

Olhei para Chris. Era, sem dúvida, um dos seres mais belos que alguma vez conhecera. Mas que importância tinha isso? Eu ainda nem sequer tinha dezoito anos — tinha a vida toda pela frente.

Chris olhou-me durante muito tempo. O seu sorriso estava outra vez todo meigo e adorável. Todas as arestas afiadas tinham desaparecido.

Não sabia o que dizer. Não sabia como dizê-lo. Só sabia que era preciso dizer alguma coisa.

Na manhã seguinte, Chris teve de sair à pressa para uma reunião. Andei pela casa com um *spray* e um pano a apagar todos os vestígios que ele deixara.

Mandei uma mensagem a Amina:

Acho que vou ter de correr com o Chris.

Porquê, respondeu ela.

Passei uma data de tempo às voltas com as palavras, guardando rascunho atrás de rascunho, apagando tudo e escrevendo de novo. Por fim, lá consegui mandar alguma coisa:

Acho que está a apaixonar-se por mim.

Amina não respondeu durante quase uma hora. Depois, escreveu que talvez fosse melhor assim.

Nesse dia, mais à tarde, os meus pais voltaram de férias.

— Está tudo tão bonito — disse a minha mãe.

Perguntei se se tinham divertido, e ambos sorriram e acenaram com a cabeça.

— Devias ter ido connosco — acrescentou a minha mãe.

Ou não.

Estavam muito bem-dispostos. O meu pai andou a fazer gracinhas, armado em parvo. Quando a minha mãe estava a tentar desfazer a mala, ele fez-lhe cócegas na cintura, abraçou-a por detrás e deu-lhe um beijo na nuca.

— O que é que lhe fizeste? — perguntei.

— O que estás a insinuar? — perguntou a minha mãe às risadinhas.

— Sim, o que é que estás a insinuar? — repetiu o meu pai, fazendo-me cócegas também, até que tive de fugir para a cozinha.

— Ele anda a dar nas pastilhas ou quê?

— Eu sou a única pastilha de que o teu pai precisa — disse a minha mãe com uma gargalhada.

Depois do treino, fui de bicicleta até ao pavilhão desportivo para ir ter com Amina. Começava a escurecer, mas o parque da cidade estava cheio de pessoas a desfrutar o calor do Verão. Havia alguém a cantar e a tocar guitarra; um grupo jogava futebol; algumas pessoas pareciam estar a namorar.

Perto da piscina interior, apareceu uma mãe pata com o seu andar desengonçado e os patinhos atrás dela. Travei e desci da bicicleta para poderem passar em segurança.

Quando estava ali parada, a sorrir perante a viagem da família de patos pelo caminho de gravilha, ouvi passos atrás de mim a aproximar-se. Desviei a bicicleta para o lado para não assustar os patinhos.

— Ouve o que te digo, por favor.

Quando me virei, dei com Linda Lokind a dois metros de mim.

— Caramba! — exclamei. — Deixa-me em paz. Não há nada entre mim e o Chris. Podes estar descansada.

Ela olhou-me como se eu estivesse a falar numa língua estrangeira.

— Sei tudo sobre ti — disse-lhe. — Precisas de ajuda. De medicamentos ou outra coisa qualquer. Se não te fores embora imediatamente, não respondo por mim.

Eu falava alto. Estava-me nas tintas que as pessoas ouvissem, ou não.

— Claro — retorquiu Linda. — Chris diz que estou doente. Que estou maluca, não é?

Abanei a cabeça.

— Não é só Chris. A polícia também não acreditou em ti. E conheci a tua velha amiga, Beatrice.

A mão de Linda fechou-se e aterrou junto ao bolso das calças. Voltou-se de lado para eu não poder ver o que estava a fazer. Teria alguma coisa no bolso? Comecei a andar, empurrando a bicicleta.

— Falei-te da rapariga com quem ele me traiu — disse Linda. — Encontrei uma mensagem dela no seu telemóvel.

Andei mais depressa, mas Linda seguiu-me.

— Era de Beatrice, a minha melhor amiga. Ele dormiu com a minha melhor amiga. Depois, fez-lhe uma lavagem ao cérebro. Ela continua a achar que foi tudo culpa minha, que tive uma espécie de esgotamento mental.

Parei e virei a bicicleta para que formasse uma barreira entre nós.

— Estás a mentir.

Não aguentava mais aquilo. O Chris, a Linda e a Beatrice podiam ir todos para o inferno.

— Juro, é verdade.

— Não quero saber — disse-lhe.

Algumas famílias tinham estendido toalhas floridas sobre a relva para fazerem piqueniques. Duas meninas com uns cinco anos andavam a galope em cavalos de madeira, dando estalidos com a língua. Uma delas tinha exactamente a minha imagem, quando eu tinha aquela idade.

— Um dia, no Inverno, pendurei uma fotografia no quarto — disse Linda. — Caiu quando Chris atirou uma garrafa de cerveja à parede. Depois de eu a pendurar novamente, ele aproximou-se dela para ver como estava. *Esta merda está torta. O prego está torto.* Pedi desculpa e prometi que ia pregar outro, imediatamente.

As suas palavras jorravam como sangue de uma ferida aberta. Não me atrevia a tirar os olhos das meninas que estavam na relva a rir.

— Ia pegar no martelo, mas Chris apanhou-o primeiro. Atirou-me para cima da cama e vacilou o martelo no ar. *Foda-se, nem uma merda duma fotografia sabes pendurar!*

Estava toda arrepiada. Linda estava à minha frente, enquanto as meninas gritavam de alegria.

— Violou-me com o martelo.

Senti uma profunda repugnância.

— Chega!

Linda meteu a mão no bolso.

— Queria magoá-lo. Queria que ele sofresse tanto como eu sofri.

Tinha as faces carmesim, o pescoço esticado para diante e as sobancelhas franzidas. Assustou-me.

— Era capaz de o matar.

Subi para a bicicleta e pus-me a caminho do pavilhão desportivo. Ainda antes de Amina sair do treino, procurei o número de Chris no telemóvel e apaguei-o.

Michael Blomberg está sentado à minha frente com uma camisa azul-clara desapertada quase até ao umbigo. Põe a pata gigantesca que é a sua mão em cima da mesa e olha-me como se fosse meu pai.

— Porque é que queres falar com Agnes Thelin?

— Vou contar-lhe.

— Contar-lhe o quê?

Encolho os ombros.

— O que aconteceu.

Faz um gesto com a mão como que a dizer para eu esquecer.

— Ouve. Falei com Ulrika e decidimos que tens de ficar de boca calada o maior tempo possível.

Cerro os punhos debaixo da mesa.

— Ainda andam a comer-se?

Pela expressão de Blomberg, parece que acabei de lhe dar um pontapé nos tomates.

— Não tem de responder — adiantei. — Prefiro não saber.

Blomberg passa a mão por cima da boca.

— Isso foi há muito tempo — confessa, em voz baixa. — Antes de isto acontecer, já não via Ulrika há vários anos.

Limpa o suor que lhe escorre pelo pescoço e atrás das orelhas. Depois, põe o portátil em cima da mesa. Olha para o monitor e

escreve com tanta força que se ouve as teclas a bater, e só depois volta finalmente a olhar para mim.

— A hipótese da procuradora é que Amina e Christopher Olsen andavam juntos atrás das tuas costas.

— O quê? A sério?

— A procuradora está convencida de que Olsen andava a trair-te com Amina e que tu os apanhaste, por assim dizer — acrescenta Blomberg.

Estas palavras ficam a matraquear-me, impiedosamente. Sei que isto tem que ver comigo, mas parece tão estranho, como se fosse uma coisa que tivesse lido no Reddit.

— Trair?

Ele acena com a cabeça.

— Acham que tu os descobriste e decidiste matar Olsen.

— Espere aí. A procuradora acha que eu matei Chris, porque ele e Amina... o quê... fizeram sexo?

— Sim.

— Por ciúmes?

— Ciúmes? Traição? Sei lá? — diz ele.

— Isso é uma ideia completamente marada!

Fico fora de mim. Tenho de contar. Aquela gente toda tem de saber o que aconteceu.

— És amiga de Amina? — pergunta Blomberg.

— Que merda de pergunta é essa? Eu adoro Amina!

— Então, vais ouvir o que eu tenho para te dizer.

Resmungo, mas obrigo-me a ouvir.

— Para bem dela — insiste Blomberg.

É como se estivesse a vê-la, o pavor nos seus olhos, os seus sonhos desfeitos, e é como se desmaiasse, como se o meu corpo se desfizesse. Sem Amina, não sei onde estaria hoje, nem *quem* seria. Nunca hei-de desiludir Amina.

— Provavelmente, a procuradora vai alegar que foste ao apartamento de Olsen com a intenção de o matar. Mas os seus argumentos baseiam-se num conjunto muito fraco de provas circunstanciais — continua Blomberg. — É verdade que têm o depoimento da vizinha, que diz que te viu fora do prédio. Mas essa rapariga é uma coisinha muito frágil, não é propriamente a testemunha ideal.

Não tira os olhos do monitor.

— Têm a pegada e vestígios de gás pimenta. Alguns cabelos, bocados de pele e fibras da roupa. Mas não há nenhuma prova directa de que tenhas sido tu quem matou Olsen.

— Está bem.

Ele vira o monitor para mim, mas não tenho energia para ler as letras pequenas.

— Também encontraram provas no computador de Olsen, mensagens e conversas no *chat*. Também têm alguns registos do telemóvel.

A voz de Blomberg é calma e firme e faz-me sentir um pouco mais serena.

— Neste momento, o mais importante é o teu álibi, Stella.

— Sim? — interrogo-o, sem perceber bem o que quer dizer.

Volta a olhar para mim.

— A cronologia da procuradora não tem pernas para andar, porque tu tens um álibi para a altura em que o médico legista diz que o crime foi cometido.

As palavras rodopiam na minha cabeça.

— Tenho um álibi?

Parece-me pouco provável.

— Segundo o relatório do médico legista, Olsen morreu algures entre a uma e as três da manhã.

Continuo a não perceber.

— Nessa altura, já estavas em casa, Stella.

— Estava? Não...

— O teu pai viu as horas. Ele tem a certeza absoluta de que, nessa noite, chegaste a casa era um quarto para a meia-noite.

O meu pai? Um quarto para a meia-noite?

Não consigo ter a noção mais básica do tempo.

— Não pode ser verdade — digo.

— Claro que é. Se o teu pai diz que tem a certeza, é definitivamente verdade.

Quase nem ouço o que Blomberg diz a seguir.

Estou a começar a perceber o que está a passar-se.

— De certeza que não achas que o teu pai ia mentir, pois não?

Na penúltima sexta-feira de Agosto, fiz dezoito anos. Foi o meu pai que escolheu o restaurante. Italiano, claro. É obcecado por comida italiana e tudo o que tem que ver com esse malvado país do esparguete, e nem põe a hipótese de eu e a minha mãe não termos a mesma opinião.

Tantas férias em Itália. A sério: *bruschetta* e pasta, *birra grande* e *vino rosso* e todos aqueles empregados atiradiços, de cabelo gorduroso, com a merda do «*Ciao, bella?*» Até me dá vômitos.

Por outras palavras, não tinha grandes esperanças para o meu jantar de aniversário, mas os meus pais tinham passado a Verão todo a chatear-me com isso, e, considerando o que tinha acontecido com o carro, não queria desiludi-los mais.

A noite começou mal. O restaurante tinha reservado a nossa mesa para o dia errado, ou talvez a culpa tivesse sido do meu pai, não sei. Depois, ele não queria que eu pedisse vinho.

— Faço dezoito anos — expliquei-lhe. — A lei está do meu lado.

— A lei não é perfeita — contrapôs o meu pai.

Pelo menos, sorria.

— Qual é a opinião da nossa especialista em leis?

Por sorte, a minha mãe também estava do meu lado.

— Claro que ela pode beber vinho.

Não que interessasse muito o que eu bebia a acompanhar a comida. Era uma questão de princípio.

Quando acabámos de comer, deram-me um cartão com um pequeno mapa que eu tinha de seguir, quando saísse do restaurante. Ao virar a esquina, lá estava a *Vespa* cor-de-rosa com um enorme e horroroso laço no guiador. Não acreditava no que estava a ver! O meu pai tinha-se esquecido por completo que o que eu queria era dinheiro para a minha viagem e não que desperdiçasse trinta mil coroas numa *Vespa*.

— Mas eu disse-te...

— Basta dizeres «obrigada» — gracejou o meu pai.

Odiei-me. Claro que devia estar agradecida, devia tê-lo abraçado, mas fiquei parada, presa ao chão, com uma data de emoções contraditórias dentro de mim. O que é que estava a acontecer comigo?

Depois da sobremesa, ficámos sentados, cheios e calados, a olharmos uns para os outros. De vez em quando, eu dava uma olhadela ao telemóvel. Havia montes de gente a dar-me os parabéns no Facebook, mas Amina ainda não tinha dito nada.

— Acho que daqui a nada vou ter de me ir embora — disse-lhes.

Obviamente, o meu pai ficou aborrecido. Tinham organizado um jantar de aniversário para mim, e eu ia-me embora.

— Vou sair com Amina. — Vesti o casaco. — Obrigada pelo jantar e pela prenda.

— Vais na *Vespa*? — perguntou o meu pai.

Olhei para o meu copo de vinho. Então, era isso? Ele sabia que eu não podia andar na *Vespa*, se bebesse.

— Não te preocupes — disse a minha mãe. — Nós arranjamos maneira de a levar para casa.

Levantou-se, com um sorriso melancólico, e eu fechei os olhos, quando nos abraçámos. De repente, senti-me na merda. Arrependimento, nostalgia — uma dor profunda que me queimava por dentro e me fez ficar abraçada a ela durante muito tempo.

O meu pai não se levantou da mesa. O nosso abraço foi uma coisa fria e desajeitada. Vi que ficaram ambos de olhar fixo em mim quando me fui embora.

O calor do fim do Verão tem um cheiro especial. Quando o tempo quente se prolonga muito, penetra o ar de uma forma que só uns dias de chuva constante podem apagar.

Atravessei Fjellievägen e passei para lá dos campos de jogos. Cheirava a maçãs e sauna, e havia alguém a lançar uma bola contra o muro de cimento da pista de atletismo que havia ali perto. Ouvia-se vozes alegres e gargalhadas incontidas a sobrepor-se ao barulho monótono do trânsito em Ringvägen.

Na verdade, eu não tinha quaisquer planos. Na quinta-feira à noite, quando falara com Amina, tinha-lhe dito que não me apetecia fazer nada. Ia jantar fora com os meus pais e depois ia para casa descansar.

Mas agora parecia-me um disparate desperdiçar a noite. O vinho tinha-me dado pica e tinha trocado o meu turno no sábado para poder dormir a manhã toda, se me apetecesse. Mandeí um SMS a Amina, mas, passado um minuto, ela ainda não tinha respondido, então, liguei-lhe.

— O que é que andas a fazer? — perguntei.

Ouvi um estalido. Um pequeno baque.

Amina desapareceu por um instante, mas voltou rapidamente, com uma voz mais nítida. Estava ligeiramente ofegante e parecia muito cansada.

— Estou com Chris — disse-me.

— Chris?

Houve qualquer coisa que se materializou no meu peito.

— O que estás a fazer com o Chris?

Demorou a responder.

— Ah, só... estamos, tipo, a beber um copo.

Por um momento, ninguém disse nada. O que era aquilo? A Amina e o Chris andavam a sair juntos sem mim?

— Íamos fazer-te uma surpresa.

Pareceu-me ser uma mentira inocente.

— Estás em casa de Chris? Consigo pôr-me aí em cinco minutos.

— Cinco minutos? — repetiu Amina.

E, a seguir, desligou.

O que estava a acontecer? Eu sabia que Amina nunca faria nada nas minhas costas. Nunca haveria nada entre ela e o Chris, nem por sombras, principalmente sem falar primeiro comigo. Mas percebia-se na sua voz que havia qualquer coisa de errado.

Pensei na história nojenta que Linda me tinha contado no parque da cidade e comecei a andar mais depressa, passando por Polhem e descendo em direcção ao jardim público. Por um breve período de tempo, quando andava no nono ano, tinha namorado com um tipo que andava no último ano, em Polhem. Eu e Amina tínhamos faltado algumas vezes às aulas da parte da tarde para irmos sentar-nos no parque infantil meio escondido num recanto a fumar cigarros uns atrás dos outros e a descarregar as nossas angústias de adolescentes, enquanto esperávamos pelos gajos que já tinham carta e apareciam nos carros dos papás, o que lhes dava um estatuto brutal perante as miúdas da nossa idade.

O meu telemóvel tocou quando entrei na rua de Chris.

— Ouve — disse Amina, sem conseguir respirar. — Espera aí fora. Eu vou descer.

— Porquê?

Olhei para o prédio amarelo ao fundo da rua e vi a luz das escadas tremeluzir até se acender por completo.

— Vou a caminho. — Amina arfava.

— O que é que está a passar-se?

Ela desligou e, passado um instante, a porta abriu-se e saiu de rompante.

Dei alguns passos rápidos e juntámo-nos a meio do caminho.

Tinha os olhos muito abertos e a respiração saía-lhe em pequenos e violentos disparos.

— Vamos esquecê-lo.

Amina olhou para o asfalto. Tinha o rímel todo esborratado e os sapatos desapertados.

— O quê? — perguntei.

— Vamos esquecer o merdoso do Chris Olsen.

Por uma vez na vida, sinto-me mais ou menos descansada quando acordo. Consigo ter uma perspectiva mais fresca e saudável das coisas. As pessoas só percebem a importância do sono quando começam a não conseguir ter um sono descansado.

A polícia marcou outro interrogatório para logo a seguir ao pequeno-almoço. Mastigo devagar a fatia de pão a pensar no que hei-de dizer a Agnes Thelin.

Elsa e Jimmy vão comigo no elevador até à sala de interrogatório, onde Michael Blomberg está à espera.

— Bom dia, Stella — cumprimenta-me.

Parece nervoso. Terá medo do que eu possa dizer? Bufa de irritação ao tentar despir o casaco apertado. Tem uma camisa azul-marinho.

Agnes Thelin faz um impasse com conversa de circunstância antes de se sentar à minha frente e ligar o gravador.

— Tiveste algum tempo para pensar desde a última vez que falámos, Stella. Há alguma coisa que queiras dizer-me ou esclarecer?

— Bem...

Agnes Thelin sorri, pacientemente.

— Acho que não — digo, olhando para Blomberg, que está a mexer na gravata.

— É que as coisas que fizeste no dia do homicídio... — diz Agnes Thelin. — Não consigo percebê-las bem, Stella.

— Não.

Fica a olhar para mim durante muito tempo, sem dizer nada. Demasiado tempo. Vou acabar por ter de dizer alguma coisa, uma coisa qualquer, para me livrar dela.

— Blomberg diz que o meu pai me deu um álibi.

O advogado fica de olhos esbugalhados e coça o nariz.

— Bem... — diz Agnes Thelin, sem olhar para Blomberg. — Pode não ser assim tão simples.

— Não? Porquê? — pergunto.

— É quase impossível determinar o momento exacto da morte de uma pessoa.

— Então, e a vizinha? Ela não ouviu gritos à uma da manhã?

Agnes Thelin não responde. Continuo sem saber o que devo revelar-lhe.

— Consegues lembrar-te exactamente do que fizeste depois de saíres do restaurante, nessa noite, Stella?

Respiro fundo, pesadamente.

Não tenho nenhum problema de memória. Lembro-me exactamente do que fiz.

— O que é que o meu pai disse? — pergunto-lhe.

Agnes Thelin olha-me directamente nos olhos.

— O teu pai diz que na sexta-feira à noite chegaste a casa era um quarto para a meia-noite em ponto. Diz que tem cem por cento de certeza disso.

Continuo a não perceber. Será possível que o meu pai tencione mentir em tribunal? Porquê?

— Ele diz que falou contigo. É verdade?

Mexo-me na cadeira, mas não digo nada.

O olhar que Agnes me dirige a seguir parece quase de súplica.

— A que horas chegaste realmente a casa, nessa noite, Stella?

Inclina-se para mim, mas eu olho para lá de Agnes Thelin, para lá de tudo, para a parede nua atrás dela. Penso em Amina. É como se ainda estivesse a ouvir a sua respiração aterrorizada ou a ver o seu olhar desvairado.

— A informação que o teu pai deu está correcta, Stella? Chegaste a casa era um quarto para a meia-noite?

— Hum.

— Desculpa?

A sala enche-se de um silêncio pesado. Tudo tem a respiração suspensa.

— Só cheguei a casa às duas.

É uma sensação boa para o meu coração.

Os olhos de Blomberg quase lhe saem das órbitas, mas Agnes Thelin expira, e agora olho apenas para ela.

— O que é que aconteceu nessa noite, Stella?

— Fui de bicicleta até casa do Chris.

Penso em Amina. Imagino-a à minha frente com uma bata de médico vestida. Como sempre, está com um sorriso rasgado. Nesta altura, já deve ter começado as aulas em Medicina. Penso nos anos todos que partilhámos, em tudo aquilo por que passámos. Não sinto medo nenhum; o cheiro desapareceu; está tudo bem.

— O que aconteceu depois disso? — pergunta-me Agnes Thelin.

Blomberg limpa o suor da testa.

Penso no que ele disse sobre Amina. *Se és amiga da Amina, não vais dizer nada.*

Penso em Shirine; penso na minha viagem à Ásia. Penso na minha mãe e no meu pai.

Penso no violador.

Não aguento ficar calada mais tempo.

Amina leva o copo aos lábios com alguma hesitação.

— Íamos fazer-te uma surpresa — disse ela. — Íamos pensar em qualquer coisa os dois. Ele quis que eu viesse a sua casa.

Fixei os olhos nela. Bebeu um gole rápido.

— Ele beijou-me — disse ela depois, quase de passagem.

— O quê? O Chris beijou-te?

Dei um gole grande no rosé.

— Juro-te, não estava nada à espera. Quase sem eu dar por isso, pôs-se em cima de mim e com os lábios... Tentei empurrá-lo. Tens de acreditar em mim.

Olhei para ela e bebi o resto do meu vinho. Estávamos sentadas na esplanada do Stortorget; era sexta-feira à noite e havia lá imensa gente. Mas, mesmo assim, eu sentia que estávamos sozinhas na nossa pequena bolha, eu e Amina. O resto do mundo era música de elevador enlatada.

— Confias em mim, não confias? Sabes que eu nunca quereria nada com ele — insistiu Amina.

As suas pupilas gigantescas dardejavam de um lado para o outro. Era um ponto de honra, claro. Éramos melhores amigas.

— Claro que confio — disse-lhe, pois sabia que ela é péssima a mentir.

— Ele é um estúpido, um porco. Porra, *aquilo* não se faz. Ele sabe que somos as melhores amigas uma da outra. Não tem nada

que ver com o facto de tu...

Parou, aparentemente arrependida do que ia dizer.

— Eu o quê?

Olhou para baixo e mexeu no fio, o que tem uma borla de prata, que eu lhe dei quando fez dezoito anos.

— Tu ires dar-lhe com os pés.

— Mas ele não sabia isso — disse-lhe.

— Pois não, claro que não.

Continuou a mexer na borla de prata.

— Disseste-lhe?

Ela não tem mesmo jeito nenhum para mentir.

— Desculpa. Ele passou o tempo a chatear-me com isso. Disse que te tinha mandado uma data de mensagens e tu nunca lhe respondeste. Ele sabia que havia qualquer coisa que não estava bem.

Não consegui dizer uma única palavra. Nem queria olhar para ela.

— Foi uma paixoneta de Verão que correu mal — disse Amina, tentando esboçar um sorriso. — Talvez até tenha sido melhor acabar assim. Agora já sabemos a besta que ele é.

Não consegui sorrir. Nem conseguia perceber o que havia de bom no que tinha acontecido. Ainda estava a custar-me processar tudo aquilo.

Queria muito estar zangada. Queria ligar ao Chris e dizer-lhe que ele era um porco patético e mandá-lo ir para o inferno. Mas a minha raiva foi empurrada para segundo plano por outras emoções, que eram novas para mim.

Acima de tudo, sentia-me traída.

No dia seguinte, ele mandou mais mensagens pelo Facebook e pelo Snapchat. Resisti ao impulso de responder e, em vez disso, bloqueei-o em todo o lado. Nunca mais queria ter rigorosamente nada que ver com Christopher Olsen.

Durante essa semana, deixei de pensar nele. Ou, pelo menos, passei longos períodos sem que ele infiltrasse o meu cérebro. Várias horas sem qualquer dor no coração. Decidi que era uma coisa que ia demorar e eu teria de aguentar. Era como deixar de fumar.

Nessa quarta-feira, quando cheguei a casa depois do trabalho, já Agosto estava a dar os últimos suspiros de calor, apercebi-me de que, desde essa manhã, quase não tinha pensado em Chris. Já estava a seguir em frente; já tinha enterrado todos os sentimentos que ainda pudessem subsistir e não ia voltar a desenterrá-los. Estava a ser mais depressa do que eu pensara.

Nem Chris Olsen nem Linda Lokind fariam parte do meu futuro. Como milhares de outras pessoas que tinham passado pelas franjas da minha vida. Tinham sido meros e temporários actores secundários. Não tardaria a esquecê-los. Daí a dez ou vinte anos, lembrar-me-ia daquela história louca e contá-la-ia a novos amigos com um sorriso carregado de horror e prazer: o gajo quinze anos mais velho do que eu, que me tinha levado a Copenhaga numa limusina e reservado uma *suite* no Grand Hotel para nós; a sua ex, mentalmente perturbada, que me perseguia. Só teria uma memória muito vaga de como eles eram, quem eram e do que realmente tinha acontecido. Havia definitivamente de me rir daquela trapalhada toda, e as pessoas a quem eu contasse a história questionariam a sua veracidade.

Se não tivesse sido Amina.

Sexta-feira era o último dia de Agosto. O fim do Verão tinha sido mágico e não havia nada que me levasse a desconfiar de que toda essa magia estava prestes a desaparecer. O Sol brilhava e o céu estava azul.

Pensei na minha viagem à Ásia. Dentro de algumas semanas, quando as planícies em redor de Lund estivessem mergulhadas na escuridão, teria finalmente na minha mochila o meu bilhete só de ida para o Sol, o calor e a aventura. Finalmente. Havia de juntar dinheiro suficiente, nem que para isso tivesse de trabalhar da abertura ao fecho da loja, sete dias por semana.

Na noite anterior, tinha posto a *Vespa* à venda na Internet. Senti-me terrivelmente ingrata, mas tinha deixado a minha posição bem clara. Não queria uma *Vespa* — precisava de dinheiro para a minha viagem.

De manhã, tinha mandado uma mensagem a Amina a perguntar se tinha tempo para nos encontrarmos nessa noite. Precisávamos de conversar. Estava decepcionada com o que tinha acontecido, mas também sentia que estava a fazer uma tempestade num copo de água. Na realidade, que importância tinha que Amina tivesse contado a Chris que eu não queria continuar com ele? De certa forma, até me tinha feito um favor.

Amina respondeu-me que tinha treino, mas que adorava ir beber uns copos depois disso.

Não pensei no Chris o dia inteiro. Descobri que havia uma nova leveza no meu peito e passei a tarde toda a sorrir e a trautear canções da Disney.

Quando fechámos a loja, às sete, fui com as minhas colegas comer qualquer coisa ao Stortorget. O treino de Amina só acabava às oito.

Às oito e meia, mandou-me uma mensagem.

Não posso ir sair estou exausta jogo amanhã

Não há problema, respondi. Xxx.

Desculpa não ficas zangada certo

Claro que não, escrevi.

Falamos amanhã adoro-te xxx

Eu também tinha de me levantar para ir trabalhar e não tencionava andar na rua até tarde. Além disso, estava a aceitar cada vez melhor o que tinha acontecido, até como uma coisa boa. Não me apetecia mesmo nada ter uma conversa muito profunda sobre confiança e merdas dessas.

Pedi um copo de espumante, pus os óculos escuros e recostei-me na cadeira para desfrutar do sol.

As minhas colegas começaram a conversar sobre as coisas do costume: fraldas, cocó, comida de bebés e roupinhas da *BabyBjörns* e, apesar de eu fingir que bocejava cada vez mais, pelos vistos, elas não percebiam. Precisávamos de um tema de conversa melhor, menos mole, qualquer coisa que nos animasse mais.

Malin disse que a pré-primária onde andavam os filhos tinha como ideia central para o ano lectivo que «todas as pessoas têm o mesmo valor», e as outras concordaram todas, em uníssonos, que isso era muito bom e muito importante.

Foi aí que vi a minha oportunidade.

— Eh pá! Acham mesmo que as pessoas são todas verdadeiramente iguais?

Olharam para mim como olham as pessoas que não têm a certeza se estamos a tentar dizer uma piada ou se acabámos de dizer uma coisa invulgarmente estúpida.

— Estou a falar a sério. — Voltei-me para Malin, a gerente, porque ela é a que se chateia com mais facilidade. — Se tivesses de escolher entre morrerem cinquenta crianças da Síria ou a tua Tindra, o que fazias?

— Oh, pára com isso — disse Sofie, em tom de queixume. — Não podes dizer essas coisas.

Mas Malin queria responder.

— Esse exemplo não tem nada que ver com as pessoas serem iguais. Claro que a Tindra tem mais valor para mim, porque é a minha filha, mas, de um ponto de vista puramente objectivo, não vale mais do que qualquer outra pessoa.

Não estava à espera de outra coisa. Malin não é burra.

— Eras capaz de dizer que a Tindra vale o mesmo que um pedófilo?

Malin fez uma careta.

— Os pedófilos nem merecem ser considerados seres humanos.

Fiz um sorriso triunfante.

— E os assassinos? E os violadores?

— Isso são exemplos extremos — disse Sofie. — Noventa e nove por cento das pessoas não são pedófilas nem assassinas.

— E um homem que bate na mulher ou nos filhos? E um racista? Alguém que escreve mensagens de ódio na Internet, que faz *bullying*? Essa pessoa vale o mesmo que uma criança inocente?

Sofie ia para responder, mas foi interrompida por Malin, que achava que a «discussão era inútil.» Tentei em vão puxá-la de novo para o assunto, mas a conversa de mããs voltou a todo o vapor. A distância que vai dos dilemas morais aos marsúpios não é tão grande como se possa imaginar.

Já não aguentava mais.

— Até amanhã — disse-lhes, abraçando-as uma a uma. Depois, atravessei a praça para ir buscar a bicicleta.

Dava para perceber que tinha sido dia de pagamento. Eram dez e meia, mas as pessoas enchiam as ruas, excitadas com a possibilidade de beberem mais um copo do que era costume, felizes por o tempo estar bom, desejosas de aproveitar as últimas gotas de calor, pois o Outono aproximava-se.

Quando cheguei à paragem do autocarro, tirei a bicicleta do estacionamento, e tinha acabado de passar a perna direita por cima do quadro quando algo me chamou a atenção.

Era ela, do outro lado da rua, de costas para uma parede de tijolo, com os olhos de um lado para o outro da paragem do autocarro, com um vestido de Verão amarelo, às flores, umas botas e um casaco bege a agarrar a mala com força por cima do ombro.

Tive de olhar outra vez para ter a certeza.

Os meus braços transformaram-se em esparguete e a bicicleta caiu. Desequibreimei-me.

Os olhos de Shirine brilham com as lágrimas.

— Controle-se — digo-lhe.

As despedidas sentimentais não fazem nada o meu género. Por isso, é óbvio que estou intratável.

— Tenho a certeza de que ainda cá estou quando voltar.

— Acho que não — diz Shirine, mordiscando o lábio inferior.

Vai-se embora amanhã; vai estar fora três semanas.

— O caso vai a julgamento, não vai? — pergunta-me.

— Parece que sim.

Não me apetece nada falar disso.

— Ilhas Canárias? — digo, para mudar de assunto, com uma expressão céptica no semblante. — Tenho a certeza de que ainda pode mudar de ideias. Fez o seguro de cancelamento, não fez?

Resulta. O rosto triste e cheio de lágrimas de Shirine transforma-se num sorriso luminoso.

— Estás é com inveja. Trinta graus à sombra toda a semana.

— Não se esqueça do protector solar. — Dou uma gargalhada.

Ela acena com a cabeça, franzindo o nariz.

— Posso perguntar-lhe uma coisa, Shirine?

— Claro que podes.

Hesito. Tento encontrar as palavras certas, mas não é fácil.

Fiquei acordada toda a noite a pensar no meu pai. Porque disse ele que eu cheguei a casa muito mais cedo do que realmente

cheguei?

— Até onde era capaz de ir para proteger a sua filha?

— Não sei bem o que queres dizer. Era capaz de fazer qualquer coisa pela Lovisa. Acho que todos os pais são assim.

— Perjúrio?

— Hã?

Shirine lança-me um olhar de desconfiança.

— Quer dizer mentir sob juramento.

— Sei o que significa, mas tenho a certeza de que ninguém pode ser obrigado a testemunhar sob juramento contra um filho.

— Pois não, mas esqueça os pormenores. Era capaz de mentir em tribunal para proteger a Lovisa?

— Essa pergunta é difícil — responde, parecendo ficar a pensar.

— Depende...

— Vá lá.

— Está bem — diz ela, determinada. — Tenho a certeza de que faria tudo o que estivesse ao meu alcance. Mesmo mentir. Em tribunal.

— Ótimo.

— Aposto que qualquer pai faria as coisas mais inimagináveis para salvar um filho.

— Mas o meu pai faz as coisas em benefício próprio. Ou para que as outras pessoas não descubram que ele e a sua família não são perfeitos, como ele quer que sejam.

Na testa de Shirine aparece uma ruga proeminente. Durante um minuto, não diz nada.

— Sabes uma coisa? Não acho que isso seja assim tão raro. Acho que todos nós queremos que as nossas famílias pareçam mais harmoniosas e impecáveis do que são, na realidade.

Abano a cabeça. Shirine não percebe; nem de longe imagina como é.

— O meu pai não quis educar-me. Quis criar-me, como se ele próprio fosse Deus. Queria que eu fosse exactamente igual a ele. Não, espere, ele queria que eu fosse como ele imaginava que uma filha sua devia ser. E, quando viu que eu não saí assim...

Não consigo dizer mais nada. A minha voz perde-se e desaparece.

— Sinceramente, não acredito que o teu pai fosse mentir em relação a qualquer coisa só para se proteger a si próprio ou para defender a reputação da família.

Volto a cara. Que raio sabe Shirine sobre o meu pai?

— Então, porque é que ele está a mentir?

— Porque é o que os pais fazem. Porque te ama.

Não vou olhar mais para ela. Quero dizer qualquer coisa má, qualquer coisa que magoe, qualquer coisa que faça um buraco neste ambiente piegas, mas não consigo arrancar de mim uma única palavra.

— Vai correr tudo bem, Stella.

Sinto a sua mão meiga no meu braço, e o que mais quero é que ela se vá embora.

— Então? — sussurra.

As lágrimas fazem os meus olhos transbordar. Por amor de Deus, vá-se embora!

Ela acaricia-me as costas devagar e isso faz-me sentir segura e optimista, mas, ao mesmo tempo, sei que está prestes a deixar-me. Daqui a pouco, vai estar sentada numa espreguiçadeira à beira da piscina, numa das Ilhas Canárias, fazendo cócegas à pequena Lovisa até ela estar a rebentar de riso.

Tiro a sua mão, sem olhar para ela.

— Agora, tenho de ir — diz Shirine.

Ainda estou de costas para ela.

— Tenho mesmo de ir, Stella.

— Está bem.

Volto-me e vejo-a ao pé da porta. Está a olhar para trás por cima do ombro e a apoiar-se devagar ora num pé, ora no outro.

— Está bem — repito.

Depois, dou dois passos para a frente e abraço-a.

Estou outra vez a chorar. A deixar sair tudo de mim.

Shirine abraça-me com força, durante muito tempo.

— Boa sorte — murmura.

Não respondo. Não tenho voz.

Subi para a bicicleta no beco ao lado da mercearia. Aquilo tinha ido longe de mais. Muito, muito longe. Linda Lokind continuava a seguir-me, apesar de eu ter acabado tudo com Chris. À cautela, espreitei para a paragem do autocarro, mas não a vi em lado nenhum.

Ignorei um arrepio, peguei no telemóvel e liguei para Amina. Não atendeu e mandei-lhe um SMS, tentei através do Messenger e do Snapchat, mas o silêncio era total.

Todos os barulhos ou movimentos, por mais pequenos que fossem, faziam o meu corpo contorcer-se. Tinha o coração a bater desalmadamente. Sentia-me perseguida e não queria estar sozinha.

Enquanto ia na bicicleta em direcção à catedral, considerei as minhas opções. Obviamente, podia ir outra vez para o Stortorget, juntar-me às minhas colegas. Não precisava de dizer porque tinha voltado e sentir-me-ia mais segura, se ficasse ao pé delas durante algum tempo.

Ou, então, podia ir para casa. Mas isso tinha um contra: iria demorar, pelo menos, um quarto de hora, estava a ficar escuro e as ruas estavam desertas. Precisava de gente à minha volta.

Tornei a olhar para o telemóvel. Amina estava algures, *offline*. Se calhar, estava a dormir.

Outra pessoa?

Entre as pequenas fotografias de perfil que apareciam no Messenger, vi a cara dele. O seu sorriso rasgado e os seus olhos de diamante. Ao lado do nome dele, havia um ponto verde a brilhar. *Online*. Tinha-me esquecido de apagar o Chris do Messenger.

Merda! Tinha decidido esquecer-me dele, apagá-lo da minha vida, mas agora que pensara nisso, o Chris parecia ser a melhor opção. Ele conhecia Linda. Talvez conseguisse explicar-lhe que já não havia nada entre nós. Talvez ele conseguisse convencê-la a deixar-me em paz. Se havia pessoa que conseguia acalmar-me, era Chris.

Tornei a olhar para a sua fotografia e, nesse momento, apercebi-me de que estava cheia de saudades dele. Contive as lágrimas que me queimavam os olhos e dirigi-me para Lundagård Park.

De vez em quando, a bicicleta derrapava nos caminhos de gravilha, e passei por uma senhora de idade que arrastava um *dachshund* pele e osso à volta da estátua de Tegnér, mas, tirando isso, reinava a calma e o silêncio.

O que havia de fazer?

Tornei a ligar a Amina. Continuou a não atender.

Tomei uma decisão rápida e mandei uma mensagem ao Chris.

Estás aí?

Olhei para o ecrã, mas não aconteceu nada. Voltei-me várias vezes para espreitar por cima do ombro, convencida de que tinha ouvido passos ou visto olhos a brilhar entre os arbustos.

Continuava a não obter resposta no Messenger.

Procurei o número de Chris e mandei-lhe uma mensagem. Esperei cinco minutos, depois, liguei-lhe uma data de vezes de seguida. Nada.

O que havia de fazer?

Estacionei a bicicleta perto do Tegnér e mandei mais mensagens a Chris e a Amina. Escrevi em maiúsculas para me ligarem AQP. Era importante.

Entrei no clube para me esconder no meio das pessoas. Depois de andar a toda a velocidade de um lado para o outro, na esperança de descobrir uma cara conhecida para tirar Linda Lokind da cabeça, parei ao pé do balcão a beber uma cidra de pêra e a olhar para o telemóvel, pelo menos, umas dez vezes por minuto. Nada.

As pessoas olhavam-me de uma maneira estranha. Um tipo com cabelo à Ronaldo tentou atirar-se a mim, por uma questão de hábito, mas afastei-o como se fosse um mosquito. Passei algum tempo a navegar na Internet e mandei uma mensagem a Amina pela milésima vez.

Quando saí, a escuridão era praticamente impenetrável. Subi para a bicicleta e atravessei o parque, desviando-me para evitar uma poça. Foi por pouco que não me espetei em dois tipos cheios de rebites na roupa, que me perguntaram se tinha lume. Não respondi; limitei-me a olhar em volta pelo meio da escuridão e decidi ir de bicicleta para casa. Quando virei à direita para Kyrkogatan, olhei por cima do ombro, desequilibrei-me e quase caí.

Linda Lokind estava do outro lado do cruzamento, parecendo um fantasma sob a sombrinha de luz amarela de um candeeiro de rua. Tinha as mãos nos bolsos e estava de olhar fixo, aparentemente em nada.

Nesse momento, subi para cima do passeio e saí da bicicleta. Há um pequeno pub ao fundo da Sandgatan, acho que se chama Inferno. A porta estava aberta de par em par e do interior jorravam música e risos. Afastei à cotovelada dois tipos de barbas todos tatuados e entrei no bar obscuro.

Só podia ser Linda. Desta vez, tinha a certeza.

Ou não tinha? Seria possível que me tivesse enganado?

Deixei-me ficar um bocado, curvada sobre um copo de vinho, num canto escondido. Tinha o coração aos saltos. Seria mesmo Linda? Agora que pensava nisso, não tinha chegado a ver bem a cara dela.

Lembrei-me das suas palavras no parque. Tinha ameaçado fazer mal ao Chris. E se ele estivesse em perigo? Ou pior? Podia já tê-lo atacado. E agora... estaria lá fora para me atacar também a mim?

Onde estaria Amina? Porque não me tinha respondido?

Olhei de relance para o balcão mal iluminado. Linda não estava ali. As pessoas bebiam cerveja, a dizer tretas, a rir como se tudo estivesse bem. Acabei o meu vinho e fiquei com soluços. Finalmente, o meu telemóvel vibrou.

Tá tudo bem. Tou a dormir. Vemo-nos amanhã.<3

A mensagem tinha vindo do telemóvel de Amina.

Li-a uma, duas, três vezes.

Que merda era aquela?

Eu e Amina trocávamos mensagens desde a pré-primária. Sei como a minha melhor amiga escreve, tão bem como conheço a sua voz.

Amina não usa pontuação nas mensagens.

Amina não escreve «tá» em vez de «está».

A mensagem tinha sido escrita por outra pessoa.

Pedalei com tanta força que não sentia as pernas. Não existia mais nada; era só eu e a minha bicicleta. Muito ao longe, zumbiam carros e pessoas. Eu não via nada, não ouvia nada. Os pensamentos voavam pela minha cabeça sem se fixarem.

A única coisa que via à frente era Amina. Tinha de ser rápida. Tinha de apanhar Chris.

Quando entrei e saí do túnel dos caminhos-de-ferro em Trollebergsvägen, vi uma esquadra da polícia mais à frente, e lembrei-me que podia pedir ajuda à polícia. Era um caso grave. Alguém queria convencer-me de que Amina estava bem. Alguém que não era Amina.

Mas, quando passei pela esquadra, decidi continuar. Faltavam poucos minutos para chegar a Pilegatan.

As palavras de Linda Lokind ecoavam-me na cabeça. Imaginei o Chris. Amina. O que estava a passar-se?

A minha bicicleta quase voou os últimos metros pelo asfalto fora. O vento batia-me na cara, e vi estrelas.

Quando cheguei ao prédio, atirei a bicicleta contra a parede e olhei para cima. As persianas estavam fechadas em todas as janelas de Chris. Estava tudo completamente às escuras.

Subi as escadas com as pernas dormentes. Tinha o coração a bater como louco; no meu cérebro não havia nada a não ser um grito enorme.

Dei murros na porta. Toquei à campainha. Nem um som.

Encostei o ouvido à porta, abri a fresta da caixa do correio e gritei através dela.

— Chris! Amina!

Nada.

Sabia que alguma coisa tinha acontecido.

Não fazia a menor ideia do que estava prestes a acontecer.

TERCEIRA PARTE

A MÃE

*Não há nada como a justiça,
dentro ou fora do tribunal.*

CLARENCE DARROW

O processo principal será julgado na Sala de Audiências 2.

Fora das janelas, a neve cai em grandes flocos oblongos e, sempre que a porta do tribunal se abre, todo o edifício é invadido por uma corrente gelada, que me põe os pêlos dos braços no ar.

Quando entro na sala de audiências, o juiz do tribunal distrital, Göran Leijon, olha para mim com uma expressão sombria e acena com a cabeça. Já nos encontrámos em várias ocasiões ao longo dos anos, e nunca tive qualquer motivo para ficar descontente. Leijon não é apenas um juiz competente. Também é perspicaz e moderado, uma pessoa delicada e de grande integridade.

Com o passar do tempo, o tribunal tornou-se uma espécie de segunda casa para mim, mas, desta vez, sinto-me mais no inferno do que em casa. Tudo o que normalmente me atrai — o ambiente solene, a *gravitas* da situação e a tensão no ar — provoca-me neste uma enorme ansiedade e nada mais. A sala, o ar, as paredes, os rostos — todos me parecem ameaçadores e me causam vertigens.

Os últimos dias são um novelo. Na minha cabeça misturam-se lugares e momentos como imagens cheias de espinhos. De vez em quando, como se fossem clarões, aparecem-me ideias completamente desordenadas, quer no tempo, quer no espaço. É como andar em círculos num sonho interminável e caótico.

Estava numa reunião com um cliente em Estocolmo. Não faço a menor ideia do que foi dito nem porque estava ali. Sei que dormitei

no voo para casa. Uma hospedeira perguntou-me se estava a sentir-me bem. É como se ainda estivesse a ver a sua expressão preocupada.

Ainda há pouco, tinha atingido o auge da minha carreira, estava mais enérgica, andava de *Dolce & Gabbana* da cabeça aos pés, era admirada pela minha integridade, pelas minhas capacidades, pela minha dedicação ao trabalho. Agora, estou sentada numa sala de audiências, à espera que comece o julgamento que vai decidir o futuro da minha filha, o meu próprio futuro e o da minha família.

Até há muito pouco tempo, éramos uma família perfeitamente normal. Agora, estamos presos sob um holofote impiedoso.

À minha frente, o juiz presidente, Göran Leijon, sussurra qualquer coisa aos jurados. Dois deles são mulheres de setenta e tal anos, uma do Partido dos Verdes e outra dos Sociais Democratas — jurados bastante típicos. Aparentemente, são mulheres compreensivas que conferem ao tribunal uma visão mais clara de como os factores socioeconómicos podem influenciar os actos criminosos. O tipo de jurados que eu própria encontrei em centenas de casos e que, em cada nove vezes em dez, significam uma boa notícia para mim e para o meu cliente. Mas, neste caso particular, não estou inteiramente convencida de que o efeito seja positivo — uma preocupação que discuti com Michael. Decorre, em parte, do facto de Stella ser mulher e, em parte, de o seu aspecto ir funcionar contra ela. Pior ainda, ela deve ser considerada, sob todos os pontos de vista, um membro da classe média-alta branca, mas a sua tendência é recusar, seja em que circunstâncias for, viver de acordo com o que é de esperar de uma jovem bem-educada. Com sorte, talvez Michael a tenha ajudado a perceber o papel crucial que o seu comportamento pode ter em tribunal.

Sinto-me mais confiante em relação ao terceiro jurado. É um homem de quarenta e tal anos, reformado por incapacidade,

pertencente ao Partido Democrata da Suécia — segundo Michael, ele quase nunca demonstra o menor interesse pelo processo legal.

Muitas vezes, não vale a pena preocuparmo-nos muito com os jurados. Na realidade, o seu papel na sala de audiências pode ser considerado de fachada. Ninguém dá muita importância às suas opiniões e, se tiverem o mau gosto de discordar da decisão do juiz presidente, ele ignora-os completamente sem pestanejar. Nesse aspecto, posso confiar a cem por cento em Göran Leijon.

A porta ao fundo da sala abre-se, e todas as cabeças se voltam na galeria. Tudo pára. A porta parece engolir-me. Tenho a sensação de estar presa num túnel estreito. Contorço-me, encolho-me e tento respirar normalmente.

Primeiro, surge um segurança fardado. Volta-se e diz qualquer coisa. A minha visão é limitada e desfocada, e o túnel continua a fechar-se à minha volta.

Finalmente, vejo Stella. As lágrimas saltam-me dos olhos, turvando ainda mais a minha visão.

É tão pequenina, e é tudo tão assustadoramente mau. Parece que ainda ontem ela cabia no meu colo, quando se sentava para eu fazer de conta que era a minha boneca. O seu porto de abrigo, da primeira vez que se pôs de pé e correu. Stella nunca andou de gatas, nem andou — começou logo a correr. Lembro-me da varicela e dos joelhos esmurrados, das nódoas de morango no vestido de Verão, das suas sardas e de eu adormecer na sua cama, noite após noite, com um livro na cara.

Penso em todos os seus sonhos. Queria mudar o mundo. Se não fosse por isso, de que valia a pena viver? A princípio, queria ser pastora como o pai, mais tarde, polícia e bombeira. Havia de ser a primeira rapariga da corporação de bombeiros.

Será que ainda lhe restam sonhos? No momento em que é trazida para a sala de audiências, desfazem-se todas as dúvidas, como uma bofetada na cara. O meu fracasso tem tanto de profundo como

de imperdoável. Stella tem dezoito anos e todos os seus sonhos foram destruídos.

Sempre quis ajudar as pessoas. Ia ver o mundo, nadar com tubarões, escalar montanhas, aprender a fazer mergulho e a pilotar aviões, fazer pára-quedismo e atravessar os Estados Unidos de moto. Durante uns tempos, sonhou ser atriz ou psicóloga.

O que é um ser humano sem sonhos?

Os nossos olhares cruzam-se por um ínfimo momento antes de se sentar ao lado de Michael. Tem os olhos cansados e vazios, o cabelo escorrido e a cara cheia de borbulhas. Ainda é uma menina assustada. A *minha* menina assustada. Levanto-me ligeiramente do meu lugar, equilíbrio-me nos bicos dos pés e estendo o braço. Não estar ali para ajudar a nossa própria filha. Não há maior traição.

Aqui sentada na galeria, agarro-me às paredes do meu túnel. Se o meu olhar se desviar um milímetro, arrisco-me a ser confrontada com acusações, culpas e ódios que não consigo suportar.

Adam está à espera no corredor, porque vai depor. Apercebo-me de que sinto a sua falta. Nunca precisei tanto dele como neste momento.

Como estou sentada mais perto da acusação, não consigo evitar olhar de relance para Margaretha Olsen, na extremidade do meu túnel. Nos anos 90, foi minha professora em algumas cadeiras do curso de Direito; actualmente, é professora de Direito Criminal. Mas hoje, é acima de tudo a mãe de um homem cuja vida foi roubada. Ao lado dela estão sentados os advogados de acusação, uma mulher ruiva de cinquenta e tal anos, que acho que conheço mas não sei de onde, e um procurador-adjunto de cabelo liso irrepreensivelmente penteado para trás e óculos redondos. E, por último, mas não menos importante, a procuradora: Jenny Jansdotter.

Sei que Jansdotter é da minha idade, mas parece muito mais nova, talvez por ser tão baixa. Tem o cabelo preso num carrapito austero e o olhar concentrado, no momento em que põe os óculos. Penso em todas as vezes em que estive precisamente naquela situação: na tensão e no suspense quando entramos na sala de audiências, no início de um novo julgamento.

Na galeria, o ambiente é completamente diferente. Tento conter as lágrimas e descobrir qualquer coisa para fazer com as minhas mãos desajeitadas. Aqui, a concentração é substituída pela confusão e pela preocupação. Sinto o suor escorrer-me nas axilas e a língua quase estala, de tão seca, quando bate no céu da boca.

Olho para Michael. Quem me dera que ele olhasse para mim, mas está inteiramente ocupado com os seus preparativos. Já analisámos juntos a acusação um sem-número de vezes.

O caso assenta exclusivamente em provas circunstanciais. A procuradora descreveu os acontecimentos apenas com base em circunstâncias que, só por si, não provam nenhum acto criminoso, mas juntos formam uma corrente destinada a excluir qualquer outra possibilidade.

A prova em questão é uma pegada de um sapato que mostra que Stella esteve no local do crime na noite em que ele foi cometido, registos de telemóveis e transcrições de conversas no *chat* entre Stella e Christopher Olsen e provas forenses recolhidas no apartamento e na roupa de Olsen, nomeadamente pedaços de pele, fios de cabelo e fibras de tecido.

Para além disto, a procuradora arrolou algumas testemunhas: My Sennevall, residente em Pilegatan, vai afirmar que Stella esteve no local à hora do crime. As colegas de Stella da H&M, Malin Johansson e Sofie Silverberg, vão declarar que Stella tinha um *spray* de gás pimenta na mala. Jimmy Bark, funcionário da prisão, vai confirmar que Stella teve várias vezes comportamentos violentos nas últimas semanas.

A defesa tem duas testemunhas: Adam e Amina.

Jenny Jansdotter pigarreia e olha directamente para Stella. Apetece-me gritar, mandá-la calar e deixar a minha filha em paz. Faz a sua declaração de abertura sem pestanejar, sem precisar de recuperar o fôlego, sem tropeçar uma única vez nas palavras.

— Stella Sandell conheceu Christopher Olsen em Junho deste ano. Encontraram-se no restaurante Tegnér's, onde entabularam um diálogo. Passado um período de tempo relativamente curto, começaram a ter relações sexuais.

Stella parece vazia. Tens os olhos fixos em Jansdotter, e é impossível vislumbrar o sinal mais ínfimo de protesto contra a versão dos acontecimentos da procuradora.

— A certa altura, a amiga de Stella, Amina Bešić, que iremos ouvir ainda hoje, começou a sair com Christopher Olsen sem que Stella soubesse. Amina também teve relações sexuais com Christopher, algo que Stella rapidamente descobriu.

Parece-me ver o juiz presidente, Göran Leijon, fazer um aceno quase invisível com a cabeça. Ao lado dele, os jurados estão a seguir com grande interesse a descrição dos factos feita pela procuradora. Até agora, não existe nenhuma outra narrativa. Até agora, o que ela está a dizer é a verdade.

— Christopher Olsen decidiu pôr fim ao seu relacionamento com Stella Sandell e, durante uma semana, não tiveram qualquer contacto. Mas, na noite de trinta e um de Agosto, poucas horas antes da hora do crime, Stella tentou telefonar-lhe e mandar-lhe mensagens outra vez e foi à sua residência em Pilegatan. Às vinte e três e quinze, a testemunha My Sennevall, uma vizinha de Olsen, viu Stella chegar ao prédio de bicicleta e subir ao apartamento de Christopher Olsen. Passados trinta minutos, My Sennevall tornou a ver Stella. Dessa vez, estava no passeio em frente ao prédio de Olsen, aparentemente à espera de qualquer coisa.

A estrutura dos autos dá uma vantagem inegável à procuradora. Existe um benefício psicológico em ser a primeira pessoa a apresentar uma série de acontecimentos. A primeira narrativa é a que parece ser verdadeira; quaisquer versões subsequentes têm de ter um limiar muito mais elevado de credibilidade para alterar a ideia inicial com que uma pessoa fica dessa sucessão de

acontecimentos. E, infelizmente, tanto o juiz como os jurados são seres humanos, por muito que tentem ignorar os preconceitos e todos os outros mecanismos psicológicos que nos afectam e guiam.

Na galeria, há pessoas que escrevem em teclados. Outras tiram notas à mão. Jornalistas e repórteres, que naturalmente têm o seu conjunto de ideias pré-concebidas sobre o que aconteceu, prontas a ser partilhadas com qualquer pessoa que tenha acesso a uma antena de televisão ou a uma ligação à Internet. Estendo a mão para um tipo de barba, que está sentado no lugar ao lado do meu. *Há outra verdade; ainda não ouviu tudo. As duas partes têm direito à palavra.* O homem de barba olha-me, surpreendido, sem parar de matraquear no teclado, e ergue as sobancelhas como que a perguntar se quero alguma coisa dele. Torno a refugiar-me no meu túnel. Consigo sentir o cheiro do meu próprio suor a intensificar-se.

— Algures entre a meia-noite e a uma da manhã do dia 1 de Setembro, Christopher Olsen chega à sua residência — diz a procuradora. — Stella estava à sua espera à porta do prédio e ele deixa-a entrar. Começa a haver uma discussão no apartamento, causada muito provavelmente pela relação de Olsen com Amina Bešić. Durante a discussão, Stella tira uma faca do suporte pendurado na parede da cozinha de Christopher Olsen, que foge da sua residência e vai para a rua. Corre até ao parque infantil, na esquina da Pilegatan com a Rådmansgatan. Quando chega ao parque infantil, Stella Sandell consegue alcançá-lo e ataca-o brutalmente, esfaqueando o indefeso Christopher Olsen. É atingido no peito, no estômago e no pescoço, mas nenhuma das feridas é imediatamente fatal, e Christopher não morre logo. Stella Sandell deixa-o a esvair-se em sangue.

Passa tudo pela minha cabeça como se fosse um filme. Vejo a faca na mão de Stella quando a ergue acima do ombro e o esfaqueia.

Tenho de me levantar. As pessoas olham para mim; claro que toda a gente sabe quem eu sou. Há muito que os jornalistas me identificaram. Um pequeno resquício de dignidade profissional e de respeito pelos outros são as únicas coisas que os impedem de me assediar com um sem-fim de perguntas e culpas. Olho em volta e dou alguns passos para a direita, depois, alguns passos para a esquerda — e torno a afundar-me na minha cadeira. Vejo tudo a girar à minha volta.

— Sente-se bem? — pergunta o homem de barbas.

Abano a cabeça. Não, não estou nada bem. Carrego as mãos na barriga e respiro com os lábios a tremer.

Sei que Adam está sentado lá fora, junto à porta, mas, mesmo assim, sinto-me completa e profundamente abandonada. Não percebo. Normalmente, quando as pessoas defendem a ideia de que os seres humanos são animais sociais, parte de um continente e nunca uma ilha, tenho dificuldade em aceitar os seus argumentos. Durante toda a minha vida, senti-me excluída da restante humanidade. Nunca foi um grande desgosto para mim, talvez porque não se pode sentir falta daquilo que nunca se teve, mas os laços que unem as pessoas, sejam ou não simbolizados por alianças, por sangue ou outra coisa qualquer, sempre me pareceram ser menos fortes, menos intensos, menos significativos do que para a generalidade das pessoas.

A primeira vez que me apercebi disto foi há alguns anos quando, perante a amizade de Stella e Amina, senti que era algo que desejava ter tido. Era um sentimento profundamente antinatural, ter ciúmes da relação da minha própria filha com uma amiga. Foi preciso bastante tempo, muitos ressentimentos e lágrimas — e a iminência de uma verdadeira catástrofe — para eu perceber que, por muito que gostasse de Amina, por muito que me revisse nela, aquilo que verdadeiramente me faltava era a minha própria família.

Sentia falta de Stella. Sentia falta da minha querida menina.

E sentia falta de Adam.

Acho que a primeira coisa que me fez apaixonar por Adam foi a sua imagem humilde. Já o tinha visto passar por mim nos corredores dos dormitórios de Wermlands, mas nunca tinha reparado bem nele. Numa noite, nos finais de Dezembro, aconteceu ficarmos sentados à mesa em frente um do outro numa das cozinhas partilhadas e, passados alguns anos, já tínhamos constituído família.

Olhando para trás, parece ridículo, mas eu quase desconhecia que existissem homens como Adam. Tinha tido muitos namorados antes de ir para a universidade, mas raramente houve alguém com quem valesse a pena andar mais do que alguns meses. Os rapazes por quem me interessava eram atraentes, divertidos, confiantes, o que muitas vezes significava que, mal essa fachada exterior era arranhada, o que sobrava era um miúdo medroso.

No último semestre do meu terceiro ano do liceu, andei com um rapaz, chamado Klabbe, que treinava pesos no ginásio quatro noites por semana, sempre que não andava para trás e para diante entre as duas praças da cidade no *BMW* em que gastava metade do ordenado que recebia na panificadora. Gostava de me chamar Princesa, porque eu o obrigava a limpar os restos de tabaco dos dentes antes de nos beijarmos.

De certeza que havia homens como Adam na zona onde eu morava, mas não eram detectados pelo meu radar, pois a sua

posição e o seu estatuto eram praticamente inexistentes na pequena cidade onde tinha nascido. Em Lund, tudo era diferente. Aqui valorizavam-se outras características e outros atributos. Eu estava absolutamente determinada a nunca mais voltar para a minha terra.

Adam tinha pontos de vista empolgantes sobre o nosso pequeno mundo e o mundo em geral. Muitas vezes, as nossas discussões começavam por termos opiniões diametralmente opostas, que acabavam por nos levar a termos uma nova visão das coisas e a um certo consenso. Ele tinha uma capacidade única de tratar as opiniões das outras pessoas com tanta dignidade e respeito que era impossível zangarmo-nos com ele. E isso irritava-me.

— Não podes limitar-te a concordar, Adam! *Isso, por um lado, pelo outro lado, toda a gente tem razão, em certa medida.* O objectivo de uma discussão é ganhar!

— Achas que sim? Acho que o objectivo de uma discussão é desenvolvermo-nos enquanto pessoas. Sempre que os meus pontos de vista são questionados, aprendo qualquer coisa de novo.

Às vezes, passávamos metade da noite sentados no seu pequeno quarto do dormitório: Adam na cama e eu no chão, de joelhos dobrados ou de pernas esticadas. Uma garrafa de vinho e um pacote de batatas fritas.

— Esse relativismo todo, cada vez maior, põe-me nervosa, Adam. Tem de haver certos valores que são absolutos. Isso não se aplica à religião? Podes mesmo acreditar tão pouco nela como acreditas?

— Claro que sim. É por isso que se diz «acreditar» e não «saber.»

Esta ideia da fé, completamente nova para mim, era bastante assustadora. Sem saber bem porquê, e quase por rotina, achava que todas as religiões eram dogmáticas e inimigas do individualismo. Na minha visão do mundo laica e liberal não havia espaço para essas ideias. Vinha de uma cidade onde era tão natural

as pessoas baptizarem os filhos na igreja como ridicularizarem quem se dizia cristão.

— Acho que não é bom deixarmo-nos guiar pelas convicções, sejam elas quais forem — dizia Adam. — Não tem nada que ver com a religião nem com a fé em Deus.

— Tens de parar de ser tão sensato — retorquia, enfiando mais batatas fritas na boca. — Quero ter uma discussão em que possa ganhar!

— Vais dar uma excelente advogada.

Ríamo-nos, beijávamo-nos e fazíamos sexo. Tudo isso era novo para mim. Adam tocava-me com umas mãos desconhecidas; olhava para mim de uma forma como nunca ninguém me tinha olhado. Abria-me o seu coração e a sua alma e sentava-se à minha frente, sem medos, na cama mal feita, que cheirava a desodorizante Axe e a batatas fritas picantes.

Achava que era uma relação tumultuosa. De certa forma, desde o princípio que eu achava que iria acabar da mesma forma inesperada e explosiva como tinha começado. Era a imagem que eu tinha dos relacionamentos românticos: eram fugazes, intensos e rapidamente esquecidos. Devíamos desfrutar deles enquanto duravam, mas abandoná-los antes de ficar tudo em cacos.

As pessoas à minha volta tinham sempre uma reacção intensa quando eu dizia qual era o curso que Adam estava a tirar.

— Ele vai mesmo ser pastor da Igreja da Suécia?

E, de todas essas vezes, sentia-me envergonhada. Normalmente, defendia Adam, dizendo que ele não tinha nada que ver com um pastor. Pelo menos, com um pastor da Igreja da Suécia.

— Mas ele acredita em Deus e na Bíblia e nessas coisas todas?

Era algo que não podia negar.

— Mas não é como vocês pensam — dizia-lhes, às vezes, apesar de não ser capaz de explicar como era na realidade.

Era perfeitamente natural que a nossa relação continuasse. Agora, passados quase vinte e cinco anos, pode parecer trivial e sensaborão, mas a nossa relação assentou, acima de tudo, na segurança, na solidariedade e numa forte convicção de termos descoberto o lugar de cada um na nossa vida. E era exactamente disso que eu precisava.

O futuro nunca esteve muito presente no nosso dia-a-dia. Estávamos sempre demasiado ocupados com o que estava a acontecer. Nesse sentido, não me parece que fôssemos assim tão diferentes das pessoas da nossa idade. Não que nos recusássemos a pensar no que faríamos mais adiante, nas decisões que tínhamos de tomar em relação à família, às carreiras e aí por diante. O que acontecia era que não conseguíamos ver para lá do horizonte.

Aquele tracinho no teste de gravidez mais ou menos uma semana antes do Natal foi uma autêntica reviravolta. Primeiro, andei tão embevecida que quase parecia que estava outra vez apaixonada, mas, quando essa fase passou, não demorei muito a ser invadida por um tamanho estado de ansiedade como nunca na vida sentira. Começou com as dúvidas sobre a nossa decisão de constituir família — não seria melhor esperar mais uns anos? — e acabou com uma frustração inútil em relação a um mundo em decadência, cheio de sofrimento e violência. Estava em pânico e fartava-me de chorar pelo futuro inevitável que aquela criança teria.

É horrível pensar nisso agora. Foi como se eu soubesse, já naquela altura. Como se houvesse dentro de mim uma premonição aterradora ao pôr Stella neste mundo. O sentimento de culpa consome-me e destrói-me por dentro.

Era demasiado nova. Deixei-me convencer.

O juiz presidente dirige-se a Stella.

— Quer falar sobre esses acontecimentos ou qualquer outra coisa que tenha presenciado?

Stella olha de relance para Michael, que lhe acena com a cabeça. Sinto-me tão grata por ser ele a estar ali sentado ao lado dela.

Quando ele me ligou naquele sábado à noite, no princípio de Setembro, a dizer que Stella tinha sido levada para a esquadra, tive a certeza de que iria conseguir apelar ao seu bom senso. Devia-me isso, depois de tudo o que tinha acontecido. Claro que foi um tormento estar sentada no seu escritório ao lado de Adam; tive uma necessidade de equilíbrio constante, para não revelar tudo, mas nada disto teria sido possível sem o Michael.

— Por onde hei-de começar? — pergunta Stella, olhando para o juiz.

Todo o tribunal está de olhos fixos nela. Göran Leijon pode ser muito afável e simpático, mas vejo a mão de Stella a tremer na beira da mesa. Quem me dera poder sentar-me ao seu lado e dar-lhe a mão. O túnel está a fechar-se à minha volta e falta-me o ar. O jornalista de barbas olha para mim.

Stella sabe exactamente o que deve dizer e o que não deve. Michael treinou isso com ela várias vezes. O importante agora é ela — uma vez na vida — fazer o que lhe disseram. Por favor, minha querida Stella!

Esta parte do julgamento é da máxima importância. É a primeira, e provavelmente a única, possibilidade de a ré causar uma impressão no tribunal. Conheço a técnica de Michael por dentro e por fora. A maior parte do que aprendi foi com ele. É crucial para a ré criar confiança, mostrar-se ao mesmo tempo forte e vulnerável. A melhor coisa a fazer é concordar tanto quanto possível com a narrativa da procuradora e divergir apenas nas questões que são absolutamente necessárias para contradizer essa versão do crime. É importante parecer cooperante. Stella tem de mostrar que é humana; nem de mais, nem de menos.

— Conheceu Christopher Olsen? — pergunta o juiz presidente. — Acho que podemos começar por aí.

Stella respira fundo e olha para Michael. Ele acena com a cabeça, como que a dar-lhe luz verde, depois, volta-se de lado, de costas para quem está a assistir, de costas para mim.

Tenho a sensação de que estão a espetar-me uma faca na barriga. Um sobressalto de dúvida. Posso confiar em Michael, não posso?

— Conhecemo-lo no Tegnér's — diz Stella, em voz baixa. — Eu e Amina.

Não me atrevo a mexer-me nem um milímetro; quase nem me atrevo a respirar.

— Foi algures em Junho. Achei o Chris encantador e... atraente. Era muito mais velho do que nós. Tinha trinta e dois anos e eu só tinha dezassete.

As duas juradas olham de relance uma para a outra.

— Disse-me que viajava imenso — continua Stella. — Já tinha estado, tipo, em toda a parte. E via-se que tinha dinheiro. Parecia ter uma vida supercheia. Mais ou menos como sonho ter.

Está a usar o presente: sonho. Não sonhava. Ainda sonha.

— Depois dessa noite, mandou-me uma mensagem e dizer que queria encontrar-se outra vez connosco e assim fizemos.

Agora, a sua voz parece mais forte. De vez quando, levanta a cabeça e olha directamente para Leijon e para os jurados. Michael endireita-se na cadeira e encoraja-a a continuar, com uma palmadinha no braço. Como é natural, tem uma daquelas camisas azuis feitas por medida por um alfaiate de Helsingborg. Há muitos anos, quando trabalhámos juntos, confessou-me que as deita fora depois de um dia de julgamento. É impossível tirar-lhes o cheiro a suor.

— Estivemos algumas vezes no apartamento de Chris — diz Stella. — Fomos de limusina a Copenhaga e a um restaurante chique. Fomos a um *spa* em Ystad e passámos uma noite na *suite* do Grand Hotel.

É ridículo quão pouco sabemos sobre os nossos filhos. Estava convencida de que nos últimos anos tinha havido uma maior cumplicidade entre mim e Stella. Mas, afinal, só sei uma pequeníssima parte do que acontece na sua vida. Não sei se isto é estranho ou errado; se é uma característica da nossa relação, em particular, ou se, em geral, as mães de adolescentes pensam que sabem mais sobre os filhos do que realmente sabem.

— Às vezes, saíamos os três juntos, Chris, Amina e eu — diz Stella. — Quer dizer, eu e Chris não tínhamos uma relação. Fizemos sexo algumas vezes, mas não tínhamos nenhum compromisso um com o outro.

Os jurados tornam a entreolhar-se. As duas mulheres ficam algo constrangidas e a cara do homem do Partido Democrático da Suécia está a explodir de tão vermelha. Também não quero ver a vida sexual da minha filha exposta, mas é preciso mais do que isto para eu ficar chocada.

— Não era nada de sério. Nem para ele, nem para mim. Para ser completamente franca, acho que Chris queria curtir com uma miúda de dezassete anos e, para mim, era impensável começar a ter uma

relação. Eu tencionava começar em breve uma grande viagem. Pela Ásia.

Sinto os olhos a picar e limpo-os discretamente com um lenço de papel. Imagino Stella sob uma palmeira numa praia paradisíaca. Dificilmente me atrevo a imaginar a alternativa. Vários anos na prisão. E presumivelmente uma sentença para toda a vida por parte da sociedade — no mercado de trabalho, entre amigos e conhecidos. Como iríamos nós, eu e Adam, lidar com isso? Como iria Stella lidar com isso?

— Soube que Amina também esteve com Chris algumas vezes — diz Stella. — Não me importei.

Göran Leijon coça a cabeça.

— Pode ser mais precisa em relação a isso?

— A quê?

— O que quer dizer, exactamente, quando afirma que Amina esteve *com* Chris?

Pela primeira vez, o tribunal está a ver um lado diferente de Stella. Tem os olhos a brilhar de raiva e as veias do pescoço saídas.

— Quero dizer que passavam tempo juntos. Só isso! Amina não fez sexo com Chris, se é isso que está a querer dar a entender.

As faces de Göran Leijon coram e bebe um gole de água, ao mesmo tempo que Michael pousa a mão no braço de Stella para a acalmar.

— Fiquei completamente em choque, quando descobri... — Stella tem a voz a tremer e coça o espaço entre os lábios. — Quando a polícia me disse o que aconteceu. Não conseguia acreditar. Sabia que Chris tinha sido ameaçado, mas morrer... Ainda não consigo aceitar a ideia.

Lentamente, muda a expressão nos rostos das pessoas que estão na galeria. O matraquear dos jornalistas nos teclados começa a abrandar. Atrás de mim, alguém sussurra demasiado alto de que ameaças estará Stella a falar. Será da ex-namorada? Fecho os

olhos e respiro fundo. O túnel tornou-se ligeiramente menos apertado.

— Antes de a procuradora interrogar a arguida, talvez queira dizer-nos o que fez na noite de trinta e um de Agosto — diz Göran Leijon.

A sua voz é gentil, o olhar compreensivo, tentando transmitir confiança.

— Estive a trabalhar na H&M até fecharmos às sete e um quarto — começa Stella. — Depois, fui com umas colegas ao restaurante Stortorget. Ficámos sentadas na esplanada durante algumas horas. Deviam ser umas dez e meia quando me fui embora na minha bicicleta.

Michael afundou-se ligeiramente na cadeira e os seus ombros descontraíram-se mais. Isso faz-me sentir ao mesmo tempo aliviada e preocupada.

— Quando estava para me ir embora, vi Linda Lokind do outro lado da rua. A ex de Chris. Tinha-me seguido outra vez. Ela é... sinistra, por isso, tentei ligar para Amina, mas ela não atendeu. Não sabia o que havia de fazer. Foi nessa altura que tentei falar com Chris.

Tentei pôr-me no lugar dela. Se fosse eu, o que teria feito? É tão fácil achar que sabemos exactamente como vamos reagir em diferentes situações, mas aprendi, principalmente com o meu trabalho, que essas ideias não valem nada numa hora de aperto. Pura e simplesmente, não é possível prever como iremos lidar com certas situações.

Stella explica que Linda Lokind andava a segui-la e a assediá-la há várias semanas. Tinha medo; sabia que Linda era instável e talvez até perigosa. Foi por isso que Stella se meteu no Tegnér's, principalmente para estar rodeada de pessoas, enquanto esperava que Amina ou Chris respondessem.

— Não responderam, por isso, quando já estava mais calma, decidi ir para casa de bicicleta. Mas só fui até Kyrkogatan, ao cruzamento junto à biblioteca. E lá estava outra vez Linda Lokind.

Os jurados ficam escandalizados, e há um burburinho na galeria. A única pessoa que não parece minimamente afectada é Jenny Jansdotter. Está sentada, muito direita e completamente imóvel, como se estivesse à espera da sua oportunidade para esmagar Stella.

— Estava aterrorizada — diz Stella e explica que entrou de rompante no bar Inferno, que fica exactamente nesse cruzamento.

Escondeu-se no fundo do bar com a esperança de que Linda Lokind não a tivesse seguido.

— Amina continuava a não responder, e não conseguia apanhar Chris, então, decidi ir a casa dele. Estava a ser um autêntico pesadelo. Não sabia o que havia de fazer.

A respiração de Stella é o único som que se ouve na sala. Todos os olhares estão fixos nela.

— Não estavam lá — continua Stella.

Algumas das pessoas que estão ao pé de mim voltam a cabeça. Alguém arrasta um sapato no chão. Uma jovem da televisão masca pastilha elástica.

— Toquei à campainha e bati à porta. Depois, encostei o ouvido para escutar, mas não estavam em casa.

Stella pega no copo de água. Tem a mão a tremer e, quando se inclina para diante, o cabelo cai-lhe para a frente da cara.

Parece haver qualquer coisa que não bate certo. E se ela contar toda a história? Stella sempre adorou fazer teatro. Costumava dizer que queria ser actriz, agora, tem aqui o seu palco, o seu público, o seu excelente desempenho. Queria desesperadamente estender-lhe um braço.

— Fui de bicicleta para casa. Cheguei lá e fui para a cama — diz, afastando o cabelo para o lado. — Não sei o que aconteceu depois

disso.

— Posto isto, dou a palavra à senhora procuradora — diz o juiz presidente.

Jenny Jansdotter não se mexe. Todos os músculos do seu rosto austero parecem estar profundamente concentrados. A sala de audiências em peso está à sua espera.

Depois, levanta-se e volta-se para Stella.

— Quem é que não estava lá?

Tem uma voz dura e autoritária, nada consentânea com a sua estatura.

— O quê?

— Acabou de dizer «Não estavam em casa.» Estava a referir-se a quem?

Stella faz em gesto que pretende dar um ar de descontração.

— Ao Chris — responde. — Christopher Olsen. Não estava no apartamento e, por isso, fui para casa.

— Mas não disse «ele.» Usou o plural. Mais de uma pessoa. Para além de Chris Olsen, quem é que não estava em casa?

Stella lança um olhar rápido a Michael.

— Amina, acho eu.

— Amina Bešićs?

Stella acena com a cabeça.

— Tenho de pedir à arguida que responda verbalmente às perguntas da senhora procuradora — diz Göran Leijon. — Para que

fique gravado.

Stella olha para ele com um ar carrancudo. Tem o lábio superior a tremer.

— Sim — diz Stella, exageradamente alto.

Quando volto a cabeça, descubro que o jornalista de barbas está a observar-me. Assim que os nossos olhos se cruzam, ele desvia a cara.

O que estará ele a pensar de mim? Olho à minha volta. O que estarão as outras pessoas a pensar? Talvez estejam com pena de mim. De certeza que algumas delas me culpam. Provavelmente, outras acham que uma mãe é parcialmente responsável pelos actos dos filhos. Especialmente no meu caso. Em parte, por ser mulher e mãe; um homem jamais seria responsabilizado na mesma medida. E, em parte, por ser uma advogada de defesa experiente e o meu marido ser um pastor simpático, que prega o amor de Deus e a Regra de Ouro.

Talvez devesse também estar sentada no lugar da ré? Ao lado de Stella, acusada de inaptidão para ser mãe e de ser cúmplice do crime. Estou absolutamente convencida de que é isso que algumas pessoas pensam.

Jenny Jansdotter lança um olhar eloquente ao juiz presidente antes de continuar. Não faço a menor ideia do que a procuradora está a pensar, mas acho altamente improvável que me considere completamente inocente.

— O que a levou a supor que Amina estaria em casa de Chris? — pergunta a Stella.

— Não sei. Não sei se foi isso que supus.

— Mas foi o que acabou de dizer.

Jansdotter orquestrou um silêncio eficaz no tribunal. Stella não sabe para onde há-de olhar.

— Por que razão estava convencida de que Amina estaria com Christopher Olsen nessa noite em particular, na noite de trinta e um

de Agosto? — insiste a procuradora. — Não é verdade que tinha bloqueado todos os contactos com Olsen? Tanto a arguida como Amina?

Stella tem a testa a suar. O seu medo rasteja por esta sala abafada e prende-se à minha pele como um adesivo. Desesperada, coço-me até me arranhar.

Tu consegues, Stella. Não percas a coragem agora!

— Tínhamos deixado de sair com Chris — disse, olhando para a procuradora.

— As duas? — Jansdotter olha fixamente para ela durante muito tempo, mas Stella não cede. — Tinham feito um acordo?

— Mais ou menos isso.

Jansdotter quase nem ouve esta resposta, partindo logo para a pergunta seguinte.

— Disse que foi de bicicleta para casa, uma vez que ninguém lhe abriu a porta em casa de Chris. Que horas eram, nessa altura?

— Não sei — diz Stella.

Olha de relance para Michael. Fá-lo tão depressa que provavelmente a maioria das pessoas desta sala nem sequer notou. Mas eu vi. E sei que este é um ponto fulcral. Se Stella continuar a afirmar que chegou a casa às duas da manhã, deita por terra o depoimento de Adam. Não vai poder sentar-se como testemunha e contradizer Stella. Tenho a sensação de que o meu peito se enche de cimento.

Michael puxa o nó da gravata. O suor está a começar a ensopar-lhe a camisa. Estamos prestes a saber se a sua missão foi bem-sucedida.

— Não faz a menor ideia das horas que eram? — insiste Jansdotter.

Stella cerra ligeiramente os lábios.

— Acho que deviam ser onze e meia, meia-noite. Parece-me razoável.

O bloco de cimento do meu peito fica um pouco mais leve. Entram-me alguns mililitros de ar nos pulmões.

— Durante o interrogatório policial afirmou que chegou a casa às duas da manhã — diz Jansdotter, num tom agreste. — Confirma-o?

Stella olha para baixo.

— Disse isso para castigar o meu pai.

Jansdotter parece genuinamente surpreendida.

— Peço à arguida o favor de explicar.

— Quando soube que o meu pai me tinha dado um álibi, quis fazê-lo passar por mentiroso.

Nem o mais pequeno resquício de hesitação na sua voz. Respiro calmamente, em paz.

— Está a dizer que mentiu no interrogatório da polícia para castigar o seu pai?

Stella acena com a cabeça.

— Por que razão queria castigar o seu pai, Stella?

— Por ele ter sido sempre tão superprotector. Às vezes, temos momentos difíceis. Fui infantil.

Fico contente por Adam não ouvir isto. Sabia que ele não o ouviria. Caso contrário, não sei se seria possível.

— Tenho a certeza de que compreende que isso parece algo estranho — diz Jansdotter.

— Mas é a verdade.

— É mesmo? Tem a certeza de que não está a mentir agora, Stella? Para proteger o seu pai?

Stella olha para cima e acena convictamente com a cabeça.

— Tenho!

Jansdotter folheia os seus documentos.

— Quando chegou a casa nessa noite, Stella? Quando a polícia a interrogou, disse que chegou a casa às duas da manhã...

— Cheguei a casa antes da meia-noite. Entre as onze e meia e a meia-noite.

A procuradora solta um suspiro audível.

— Portanto, a arguida e Amina Bešić tinham feito um acordo de que nenhuma voltaria a sair com Christopher Olsen — diz a procuradora. — Percebi bem?

— Não foi propriamente um *acordo*. Só dissemos que não tornávamos a sair com ele.

A procuradora move os olhos como que a sugerir que Stella está a fazer jogos de palavras.

— Então, porque disseram isso? Porque iam deixar de sair com Christopher?

— Descobrimos que ele andava a mentir. Como se quisesse pô-los uma contra a outra, mas isso nunca aconteceria, nunca.

— A arguida não sabia que Amina e Christopher tinham relações sexuais?

— Eles nunca tiveram relações sexuais.

— Descobriu que Christopher andava a traí-la, Stella?

— Claro que não.

Reconheço aquele tom acutilante na sua voz. Está a perder a paciência.

— Não é verdade que descobriu que a sua melhor amiga e o homem com quem tinha acabado de começar uma relação andavam a sair juntos sem o seu conhecimento? Certamente, não pensou que o que havia entre eles fosse estritamente platónico.

Sustenho a respiração.

Stella olha em redor da sala. Por uma fracção de segundo, olhamos uma para a outra. É o suficiente.

Será que ela sabe que eu também sei?

— Platónico significa... — começa Jansdotter a dizer, mas Stella acena com a mão, como que a dizer que não é preciso ela explicar.

— Sei o que significa platónico — diz Stella. — Pelo menos, acho que sei aonde quer chegar. Por acaso, Platão nunca disse que o amor espiritual não pode envolver proximidade física nem sexo, mas

é um mal-entendido muito comum. Por isso, não vale a pena sentir-se burra.

Um homem na galeria dá uma gargalhada e o jornalista das barbas ao meu lado sorri para mim de forma encorajadora.

— Platão é o meu filósofo preferido — acrescenta Stella.

— Eu sempre preferi Sócrates — responde Jansdotter.

— Não é de admirar.

Michael esconde uma risadinha com a mão. Os jurados olham uns para os outros, e até os lábios do juiz presidente, Göran Leijon, esboçam um ligeiro sorriso.

— Amina não foi para a cama com Chris Olsen — diz Stella, e a leveza que pairava no ar desaparece tão depressa como começou.

Jenny Jansdotter prepara-se para fazer outra pergunta, mas Stella ainda não acabou. Levanta a mão. Com uma voz ténue e trêmula, diz:

— Amina nunca foi para a cama com ninguém. Ela era... é... virgem.

Remexo na mala à procura de uma toalhita. Tenho o coração na garganta e o suor não pára, apesar de estar incessantemente a limpar a testa. É como se o calor tivesse entrado à força no meu cérebro e esteja a pôr os meus pensamentos a ferver.

Stella está lentamente a encolher perante os meus olhos. Não sei se é uma ilusão de óptica ou se os seus ombros estão a descair e o seu corpo a enrolar-se sobre si mesmo.

Que motivos tem ela? Durante oito intermináveis semanas, Stella esteve na prisão, rigorosamente incontactável.

Naturalmente, está a fazer isto por Amina. Mas essa explicação é insuficiente. Stella podia ter optado por outras vias. Vias mais simples. A única conclusão razoável é que está a fazer tudo isto, está sentada ali à minha frente, com os ombros descaídos e os olhos vidrados, não apenas por Amina, mas também por nós. Por Adam e por mim. Pela nossa família.

Muitas vezes, desejei ter tido uma amiga como Amina. Desde o infantário que ela e Stella são mais ou menos inseparáveis. Devem ter tido os seus conflitos e discordâncias, mas a sua solidariedade inabalável ultrapassou todos os obstáculos, possíveis e imaginários. Pelo menos, até agora.

Não consigo pensar em nada que pudesse transmitir mais segurança do que ter uma aliada na vida, como Stella e Amina sempre se tiveram uma à outra. Talvez a minha vida tivesse sido

diferente, se eu tivesse estado mais aberta a uma amizade assim tão grande. É verdade que tive algumas grandes amigas na escola preparatória e no liceu, mas já nesse tempo tinha começado a fazer muros em redor dos meus aspectos mais profundos. Sempre achei que era uma fraqueza mostrar as emoções à frente de outras pessoas.

Torno a limpar a testa e tento manter-me composta. O homem de barbas ao meu lado mexe num saco de rebuçados e começa a mastigar um com a boca aberta, enquanto a procuradora apresenta as provas forenses. É chamado um técnico de laboratório, que explica ao tribunal que não há dúvida alguma de que a pegada descoberta no local do crime é do sapato de Stella. A pegada foi descoberta a poucos metros de distância do corpo de Christopher Olsen e tinha uma mancha de sangue, o que mostra que a pegada foi deixada antes de Olsen ter sido esfaqueado. Como chuvei na sexta-feira de manhã, também é possível concluir que Stella não podia ter estado no parque infantil antes do almoço do dia em que o crime foi cometido.

Quando My Sennevall se senta no banco das testemunhas, o ambiente da sala muda. Parece que toda a gente tem medo que aquela rapariga frágil, de olhar recatado e cabelo em desalinho, esteja prestes a desfazer-se em pedaços à sua frente. Tanto a procuradora como Michael baixam a voz, quando fazem perguntas. My Sennevall lança olhares paranóicos em volta antes de responder.

— Diz que ouviu gritos à uma da manhã — começa Michael. — Pode descrever como eram esses sons?

My Sennevall fica muito tempo a olhar para ele.

— Parecia que alguém estava a ser esfaqueado. Ele gritou várias vezes, como se alguém estivesse a dar-lhe facadas.

Naturalmente, Michael interroga-a relativamente a isso. Como é que era possível ela saber que os gritos vinham de alguém que estava a ser esfaqueado?

— Se ele tivesse levado um tiro, eu teria ouvido o disparo — diz My Sennevall.

O jornalista de barbas revira os olhos.

— Importa-se de nos falar um pouco sobre a sua saúde? — continua Michael. — É verdade que vai regularmente ao psiquiatra?

Só estou a ouvir com um ouvido, enquanto My Sennevall continua a triste história da sua vida. Quando sai da sala de audiências, parece ainda mais debilitada. Parece que a porta dá um suspiro de alívio ao fechar-se atrás dela.

Os depoimentos que se seguem são rápidos e sem nada de especial. As colegas de Stella da H&M, Malin e Sofie, confirmam que Stella anda sempre com um *spray* de gás pimenta na mala e que tinha essa mala naquela sexta-feira à noite. A procuradora mostra um *spray*, e as duas testemunhas confirmam que o que Stella tem é exactamente igual.

Os técnicos da polícia exibem o mesmo *spray* perante o tribunal e explicam que, através de análises químicas, foi possível confirmar que os vestígios de líquido encontrado no corpo de Christopher Olsen são idênticos à marca de *spray* pimenta que Stella tinha.

A seguir, o guarda correccional, Jimmy Bark, diz que, durante o tempo em que esteve presa, Stella foi violenta em mais do que uma ocasião. Jimmy Bark causa uma impressão de antipatia, respondendo às perguntas com poucas palavras e com indiferença, e fico a pensar que alguém como ele até era capaz de provocar reacções violentas ao Dalai Lama.

O jornalista ao meu lado franze a testa durante o depoimento do guarda correccional. Depois, assim do nada, segura o saco de rebuçados para me oferecer alguns. Estou tão desorientada que tiro um caramelo, apesar de não gostar.

Sorri para mim. Tê-lo-ei julgado mal?

Sempre encarei as outras pessoas com dúvidas. Um cepticismo saudável. Durante toda a vida, tive medo de parecer ingénua. Uma

vez, o meu pai disse-me que só os cães submissos mostram o pescoço aos adversários. Só há pouco tempo, comecei a perceber que não precisava de considerar as outras pessoas como meus adversários.

Durante o tempo em que andei na faculdade de Direito, a minha vida foi uma gigantesca competição.

— Colecciono vintes, não amigos — dizia quando recusava um convite para um evento social.

Era como se estivesse metida numa cápsula, cuja carapaça ia ficando mais dura de dia para dia. Todas as imperfeições tinham de ficar escondidas por detrás da inteligência e do sucesso, ao mesmo tempo que ia aumentando o medo que o meu verdadeiro eu fosse revelado. Apesar disso, acabava muitas vezes sob os holofotes em todo o tipo de reuniões. Tinha dificuldade em estar numa situação sem agir, sem influenciar os outros. As pessoas sentiam-se atraídas por mim e desejosas de me conhecer, mas Adam foi o único que compreendeu realmente quem eu era, para lá dos argumentos e da superficialidade.

Agora, ele está lá fora à espera, junto à porta da sala de audiências. Daqui a pouco será a sua vez. Daqui a pouco, o escrivão irá chamá-lo através do sistema sonoro. Ainda estou insegura em relação ao que irá acontecer.

A princípio, achei que não ia resultar; não acreditei que as coisas chegassem a este ponto. Adam sempre foi inflexível em relação aos seus padrões morais. A ideia de mentir à polícia parecia-me remota, ou mesmo impensável. Mas subestimeei o significado de família. As pessoas estão preparadas para pôr tudo de lado em matéria de ética e moral para proteger as suas famílias. O princípio mais rígido pode ser facilmente pulverizado, quando se trata de defender a nossa própria filha. Mentiras, culpa e segredos. Há alguma família que não tenha este pano de fundo?

No momento em que uma pessoa vem ao mundo, há duas pessoas que são transformadas em pais. O amor pelos nossos filhos não obedece a leis.

Ontem à noite, eu e Adam sentámo-nos na cozinha, em silêncio e com uma garrafa de vinho à frente.

— Não sei se consigo, querida.

Rezo a Deus para que ele consiga. É uma sensação estranha, mas chego mesmo a juntar as mãos e a rezar uma oração. No momento seguinte, o escrivão chama Adam para a sala de audiências.

Adam atravessa a sala devagar. Nunca tira os olhos de Stella, enquanto o juiz presidente o cumprimenta e lhe diz para se sentar.

Senta-se no banco das testemunhas, de costas para a galeria. O homem das barbas olha para mim, como se estivesse a olhar para uma pessoa gravemente doente.

A seguir, o juiz dá a palavra a Michael.

— Olá, Adam. Acredito que isto seja terrivelmente difícil para si, por isso, vou tentar ser breve. Pode começar por dizer ao tribunal em que consiste o seu trabalho?

Adam continua a não tirar os olhos de Stella.

— Sou pastor da Igreja da Suécia.

Por insistência de Michael, explica que durante muitos anos foi capelão numa prisão, mas agora é pastor de uma das maiores congregações da cidade.

A sua voz soçobra ligeiramente.

— Pode descrever rapidamente a sua relação com Stella? — pergunta Michael.

Adam e Stella olham um para o outro.

— Adoro a Stella — diz Adam. — Ela é tudo para mim.

O meu coração ata-se num nó. Ao longo dos anos, por mais de uma vez, responsabilizei Adam pela minha relação com Stella. Quando ela era pequena, estava constantemente a ouvir dizer que Adam era um pai maravilhoso e eu tinha tido muita sorte em ter tido

uma filha dele. Era verdade. Adam foi e é um fantástico pai de família e adoro-o por isso. Tenho vergonha da inveja que por vezes senti. Porque reagi aos meus erros com Stella distanciando-me dela? Trabalhei demasiado em vez de lidar com a nossa relação, consumindo ainda mais tempo com aquilo em que sabia que era boa. Estava claramente a enganar-me; foi uma traição a Stella.

A seguir, Michael pede a Adam que descreva a sua relação com Stella ao longo dos anos.

— Nem sempre foi perfeita — responde Adam. — Tem tido altos e baixos. Houve alturas em que foi muito difícil.

Michael pede-lhe que explique melhor, e Adam inclina ligeiramente a cabeça.

— Não há nada tão difícil como ser pai. Naturalmente, falhei muitas vezes. Estava cheio de esperanças e expectativas sobre como seria. Que tipo de pai seria; que tipo de filha Stella seria. Como seria a nossa relação.

— Nem sempre foi como esperava? — interpela-o Michael.

— Acho que o problema não é se foi ou não como eu esperava. Tive dificuldade em aceitar algumas das escolhas que Stella faz para a sua vida. Às vezes, esquecemo-nos do que é ser adolescente.

Olho para o juiz presidente. Há um rasgo de compreensão na expressão de Göran Leijon. Ele sabe. Tem filhos adolescentes.

— Adam — diz Michael —, pode dizer-nos o que aconteceu na sexta-feira, trinta e um de Agosto?

Adam roda o corpo para voltar a olhar para Stella. Inclino-me para a frente para conseguir vislumbrar o seu rosto.

Adam não diz nada. Porque não diz ele nada?

É óbvio que devia tê-lo envolvido mais na decisão, mas tinha muito medo de que não compreendesse ou que os seus sólidos princípios morais fossem um obstáculo.

E se for tarde de mais? Se ele mudar de ideias, se desdisser tudo? Seria devastador.

— Nesse dia, trabalhei até bastante tarde — diz Adam, arrancando as palavras de dentro de si.

A sua voz está trémula, fala do funeral de um jovem. Tinha sido uma semana difícil e, na sexta-feira, Adam sentia-se bastante cansado e abatido. Quando chegou a casa fez o jantar e, depois, jogámos alguns jogos no sofá e fomos para a cama.

— Sabia onde Stella estava nessa noite? — pergunta Michael, mexendo outra vez no nó da gravata.

Adam está pálido.

— Ela tinha dito que ia ter com uma amiga. Amina Bešić.

— Muito bem — diz Michael, calmamente —, portanto, o senhor e a sua mulher foram para a cama antes de Stella ter chegado a casa?

— Correcto.

— Que horas eram, nessa altura?

Endireito-me na cadeira.

Por favor, Adam. Pensa na tua família!

— Por volta das onze. Não vi as horas.

— Adormeceu logo?

— Não, fiquei acordado algumas horas.

— Algumas horas?

— Sim.

Bebo um gole rápido de água, mas não consigo tapar bem a garrafa; cai-me água no colo e seco-a com as costas da mão. O homem de barbas olha-me de relance.

— Estava acordado quando Stella chegou a casa, nessa noite? — pergunta Michael.

Inclino-me mais para o lado. Adam levanta o queixo, e o branco do seu colarinho sacerdotal brilha em direcção aos jurados.

— Estava acordado quando ela chegou a casa — responde.

A sua voz está mais forte. Clara e firme. Afundo-me na cadeira.

— Sabe que horas eram?

— Era um quarto para a meia-noite. Vi as horas quando a ouvi entrar.

Um dos jurados põe a mão à frente da boca. O restante tribunal olha para Adam em silêncio.

— E tem a certeza absoluta de serem essas horas?

— Tenho a certeza absoluta. Juro por Deus.

— Como podes ter tanta certeza? — perguntei a Adam.

Esta era, claramente, uma das suas dificuldades emocionais: duvidava sempre. Mas, naquele momento, não havia espaço para meias-tintas. Ele tinha tomado a decisão.

— Vai ser realmente maravilhoso. Vais ser a mãe mais fantástica do mundo.

Limitou-se a afastar os meus receios. Adam achava que a minha ansiedade era uma componente natural do processo. Sermos pais implicaria grandes ajustes, que iriam mudar as nossas vidas para sempre. Não era de admirar que me sentisse mal com tantas dúvidas e hesitações que tinha.

A verdade é que éramos demasiado novos para termos um bebé. Eu tinha acabado de iniciar o estágio e Adam estava a meio do curso. Há seis meses, tínhamos estado a viver no dormitório dos estudantes, passando várias noites por semana a ir a bares, discotecas e jantares de gala de estudantes, mas, durante o Verão, de uma forma completamente inesperada, tínhamos descoberto um estúdio relativamente espaçoso, em Norra Fäladen. Além disso, Adam estava convencido de que a imobiliária aceitaria mudar-nos para um apartamento com duas divisões, se a família aumentasse.

— Adoro-te — dizia Adam várias vezes por dia, curvando-se para beijar a minha barriga cada vez maior. — E também a ti, aí dentro.

Aos poucos, a ideia que eu tinha de que era o fim do mundo foi-se atenuando, e a minha ansiedade deu lugar a umas patas de elefante, de tão inchados que tinha os pés. Havia dias em que não conseguia sair da cama e, como mulher, sentia-me um fracasso.

Adam dava-me sopa feita por ele, comprava meias elásticas e almofadas térmicas e dava-me massagens. Embora eu pusesse em questão a altura, se seria o momento certo para pormos uma criança no mundo, nunca duvidei que Adam era o homem certo para ser pai de um filho meu.

Quando Stella era pequena, passava muito tempo a trabalhar. Às vezes, pensava se haveria qualquer coisa de errado comigo, se, de alguma forma, eu era diferente das outras mães, porque não conseguia pôr o resto da minha vida em suspenso e sentir que agora a minha força vinha única e exclusivamente do facto de ser mãe de uma criança.

Não teria sido possível sem o Adam. Estava constantemente presente, um porto seguro onde podia abrigar-me. Nunca me negava nada. Apoiava-me em tudo.

Descobri, pouco depois, que as vitórias que não conseguia obter na minha vida familiar, podiam ser granjeadas na minha vida profissional. Aos vinte e nove anos, era uma advogada de pleno direito e, sendo considerada uma promessa, fui contratada por uma importante sociedade de advogados com escritórios nas três grandes áreas metropolitanas da Suécia. Enquanto Adam ensinava Stella a andar de bicicleta sem rodinhas e lhe punha pensos rápidos nos joelhos esfolados, eu vivia entre clientes importantes em Estocolmo e histórias rápidas à frente de um prato com o jantar aquecido no microondas, a ver programas infantis na televisão. Acho que dificilmente serei a única a dizer que ansiava tanto por estímulos na Carreira, como por parte da família. Apesar de, por acaso, ter nascido sem um pénis.

Sempre me pareceu que ser uma mãe dedicada colidia com o meu desejo egoísta de afirmação e sucesso noutros aspectos da minha vida, e, embora me esforçasse a sério, nunca consegui anular-me o suficiente para ser a mãe que era esperado que fosse, a mãe que eu acreditava que queria ser. Entretanto, ia assistindo constantemente ao sucesso de homens, que tinham as mesmas lacunas que eu e me faziam sentir indigna como mãe.

A princípio, achei que a ligação que se ia criando entre Adam e Stella era uma coisa muitíssimo boa. Stella era a menina do papá. Podia chegar tarde a casa com a cabeça cheia de leis e antecedentes e dava com eles aninhados num mar de almofadas, de pijama, a lerem histórias para adormecer. Stella dava a mão ao pai em todas as pequenas encruzilhadas da vida. Era um mundo da Pipi das Meias Altas, e todas as manhãs eu sentia pequenos sobressaltos de alegria quando os pés em miniatura da nossa filha apareciam de repente no chão do nosso quarto.

A transformação foi-se dando muito devagar. Não sei quando começou, mas algumas coisas que dantes me aqueciam o coração, ao fim de pouco tempo, passaram a dar-me arrepios na espinha. Estava sempre a arranjar motivos para me irritar. Quando alguém me falava do pai maravilhoso que Adam era e da relação encantadora que parecia ter com Stella, eu já não sentia orgulho; sentia-me afastada. Quando Adam fazia longas e coloridas descrições dos seus dias com Stella, no mundo de contos de fadas em que viviam, enchia-me de culpa, vergonha e inveja.

Começámos cedo a falar em aumentar a família. Acho que o nosso desejo de ter outro filho assentava numa vaga desilusão que nenhum de vós alguma vez admitiria. Contra toda a racionalidade, convenci-me de que a minha relação com Stella beneficiaria com a existência de um irmão.

Passei mais de um ano a tentar engravidar. Nunca conversámos sobre o facto de não estarmos a conseguir, provavelmente devido a uma espécie de respeito mútuo, totalmente deslocado. O teste havia de dar positivo mais cedo ou mais tarde e, até lá, a única coisa que podíamos fazer era tentar com a máxima frequência que aguentássemos e, no caso de Adam, talvez também rezar a Deus a pedir ajuda.

Na noite das Bruxas do ano em que Stella fez quatro anos, quebrámos finalmente o silêncio. Estávamos deitados na cama e, mal abri os olhos, vi tudo a girar à minha volta. O cheiro das fogueiras tinha-nos entrado na pele.

— Querida — murmurou Adam. — Deve haver um problema qualquer.

— Um problema? — repeti, embora soubesse do que estava a falar.

— O que havemos de fazer?

Não consegui dizer uma única palavra. Sentia as lágrimas a picar-me os olhos por baixo das pálpebras, mas contive-as, por mais que me custasse.

— Amo-te — disse Adam.

Não consegui responder.

— A senhora procuradora deseja interrogar a testemunha? — pergunta o juiz presidente.

— Sim, desejo.

Jenny Jansdotter troca algumas impressões breves com a sua assistente, antes de se voltar para Adam.

— Qual era o seu estado de espírito na sexta-feira em questão?

Parece-se vislumbrar Adam a encolher os ombros, mas Jansdotter não lhe dá tempo de responder e continua.

— Disse anteriormente que se sentia cansado e abatido. Tinha sido uma semana difícil. Tinha acabado de fazer o funeral de um jovem.

— Exactamente.

— No entanto, não conseguiu dormir nessa noite?

— Bem, às vezes aquele tipo de exaustão tem o efeito oposto — diz Adam, calmamente. — Não conseguimos adormecer, apesar de nos sentirmos extremamente cansados. Claro que também estava preocupado com a Stella. Terrivelmente preocupado. Não gosto de adormecer antes de ela chegar a casa.

Jenny Jansdotter pega numa caneta e roda-a entre os dedos.

— Portanto, diz que estava acordado quando Stella chegou a casa nessa noite?

— Sim, estava.

— E que horas eram?

— Já lhe disse.

— Mas gostava que repetisse.

— Um quarto para a meia-noite — responde Adam, aborrecido.

Jenny Jansdotter inclina o queixo para cima e estica a cabeça por cima da mesa, como se fosse uma ave de rapina.

— Curioso — diz ela.

Há um toque alarmante de triunfo na sua voz.

— Muito curioso — repete Jansdotter, desdobrando um papel à sua frente, em cima da mesa.

O que é aquilo? Será que nos escapou alguma coisa?

— Tenho aqui uma lista das suas mensagens, Adam. Estão incluídas todas as mensagens que foram enviadas do seu telemóvel na noite do crime e todas as mensagens que recebeu. Foram apagadas duas mensagens do seu telemóvel, mas os técnicos forenses conseguiram recuperá-las. Tenho a certeza de que sabe que os SMS apagados podem ser recuperados, não sabe?

Adam inclina a cabeça.

Porra, não pode ser verdade! Como pôde Michael esquecer-se dos registos do telemóvel? Sabíamos que a polícia tinha levado o telemóvel de Adam como prova, mas nunca me lembrei de que pudessem ter extraído informações de lá.

— Às onze e dezoito, foi enviada a seguinte mensagem do seu telemóvel para o número de Stella: *Vens dormir a casa esta noite?*

A procuradora levanta a lista e aponta com a caneta.

— E então? — questiona-a Adam.

— Lembra-se de ter mandado essa mensagem?

Os seus ombros descaem e a sua expressão revela um profundo mal-estar.

— Sim, acho que é possível que a tenha enviado. A minha mulher disse que talvez Stella dormisse em casa de Amina. Foi por isso que mandei a mensagem a perguntar.

— *Vens dormir a casa esta noite?* — repete Jansdotter. — A Stella respondeu-lhe?

Adam coça o queixo. Tento chamar a atenção de Michael, mas ele recusa-se a olhar na minha direcção. Tem o suor a escorrer-lhe pela cara e puxa a gravata, como se ela estivesse a impedi-lo de respirar.

— Não me lembro — murmura Adam.

— Tem a certeza? Não se lembra se ela respondeu? — Adam engole com dificuldade e abana rapidamente a cabeça.

— Talvez não.

Jansdotter acena com a lista. A meu lado, o homem das barbas suga o ar através dos dentes. Estou a ter uma vaga ideia para onde isto vai. Como é possível termos deixado escapar uma coisa destas?

— Na verdade, a Stella respondeu — diz a procuradora.

— Ah?

Adam está ali sentado como se estivesse à espera que lhe desfiram um golpe fatal. Queria poder gritar-lhe para não perder o pé agora — não pode desistir.

— Os técnicos também conseguiram recuperar essa mensagem. A verdade é que o senhor apagou as duas mensagens no sábado quando soube que a Stella tinha sido levada para a esquadra.

— Apaguei?

Pelo tom da sua voz, não tem muito jeito para mentir. Ninguém acredita nele.

— A Stella escreveu: *Estou a ir para casa agora*. A mensagem foi recebida pelo seu telemóvel às vinte para as duas. Quando, de acordo com a sua história, Stella já estava em casa há quase duas horas.

Adam não reage à afirmação da procuradora.

— Tem alguma explicação para esta mensagem? — pergunta Jansdotter. — Por que razão iria Stella enviar-lhe uma mensagem a dizer que estava a ir para casa às vinte para as duas, quando, segundo a sua versão, ela chegou por volta das onze e quarenta e cinco?

Adam fica em silêncio. Os segundos passam.

Uma mulher na fila atrás de mim puxa-me pela blusa e faz um gesto para eu me sentar. Mas tenho de ir ter com o Adam. Ele precisa de mim. Isto é tudo culpa minha!

— De certeza que pode haver atrasos — diz Adam, por fim.

O homem das barbas faz-me *psst* e aponta com a cabeça para o fim da fila, onde um segurança enche o peito e não tira os olhos de mim.

— Pode explicar o que quer dizer, Adam? — pede Jenny Jansdotter.

— Às vezes, as mensagens ficam presas no ciberespaço — diz Adam, com uma dúvida óbvia na voz. — Só por eu ter recebido uma mensagem a determinada hora, isso não significa necessariamente que tenha sido enviada nessa altura.

Afundo-me na cadeira, e um suspiro de alívio percorre o meu corpo. Adam tem razão. Pode não perceber nada dessas coisas técnicas, mas é inteligente e rápido. Diria o senso comum que ele

não está errado. O facto de a procuradora ter uma prova da hora a que uma mensagem chegou não significa nada, a menos que ela consiga também provar as horas a que foi enviada. E, para isso, precisava de ter acesso ao telemóvel de Stella.

Jenny Jansdotter faz uma expressão condoída.

— Não se dará o caso de Stella ter, de facto, chegado a casa muito mais tarde do que o senhor afirma?

Olho de relance para o segurança e vejo que o seu interesse em mim diminuiu.

— Não — diz Adam, com firmeza. — A Stella chegou a casa às onze e quarenta e cinco.

Michael passa as costas da mão pela testa suada. Ao lado dele, Stella está de olhos fixos na mesa, mas com um olhar vazio. Parece tão pequenina e frágil, e odeio-me por estar a sujeitá-la a tudo isto.

Nas últimas semanas, expliquei vezes sem conta a mim própria e a Michael o motivo pelo qual Stella não pode saber tudo. Senti as dúvidas a corroer-me por dentro, mas seria demasiado arriscado contar-lhe. Stella tem muita dificuldade em controlar os seus impulsos. Uma emoção demasiado forte, uma palavra ao acaso e seria o fim de tudo.

Além disso, Stella sempre adorou ser do contra. Quando os treinadores de andebol lhe diziam para lançar a bola baixo, ela fazia-a voar; quando a mãe de Adam lhe gabou os cabelos pela cintura, rapou a cabeça.

O meu peito enche-se de dor ao olhar para ela.

— Sabe onde está o telemóvel de Stella? — pergunta a procuradora.

— Não faço ideia.

— Porque é que os investigadores não conseguiram localizá-lo?

— Não sei.

Agora, a voz de Adam parece mais calma.

— Quando é que viu o telemóvel de Stella pela última vez?

— Não me lembro.

— Por acaso, não o terá encontrado, Adam?

— Não — responde, convictamente. — A Stella anda sempre com o telemóvel.

— Quer dizer que o tinha com ela no sábado em que a polícia foi buscá-la ao trabalho?

— Presumo que sim.

— Se isso fosse verdade, a polícia tê-lo-ia encontrado, não acha?

Jansdotter olha fixamente para ele, mas não consegue fazê-lo perder a calma.

— Não é verdade que encontrou o telemóvel da Stella no sábado? No dia em que foi presa.

— É rigorosamente mentira.

Adam volta a cabeça e olha por cima do ombro; por uma fracção de segundo, olhamos directamente um para o outro.

— Não sei nada sobre o telemóvel da Stella — repete.

A afirmação de Adam está mais próxima da verdade do que a procuradora imagina. Adam não sabe o que aconteceu ao telemóvel de Stella. Só eu sei.

Por um breve momento, a procuradora perde a linha de raciocínio. Disfarça-o bem, mas é uma coisa que não me escapa a mim nem aos outros advogados experientes que estão na sala de audiências. Fico um tudo-nada descontraída; inclino-me para trás e bebo alguns goles de água. O homem das barbas olha para mim, e fico com a sensação de que sabe, de que consegue ler os meus pensamentos.

Depois de se recompor e trocar umas breves palavras com a sua assistente, Jansdotter continua o interrogatório.

— Falou com a Stella quando ela chegou a casa, nessa sexta-feira à noite?

— Falei — diz Adam. — Como já afirmei.

— O que disseram um ao outro? — pergunta a procuradora.

— Abri a porta e disse boa noite. A Stella também disse boa noite.

— Quer dizer que a viu?

— Sim, vi.

— Como estava vestida?

— Estava só com a roupa interior.

— Só de roupa interior? É costume ela despir-se antes de ir para o quarto?

— Às vezes, acho eu. Se a roupa tiver de ser lavada, põe-na logo na lavandaria.

— Segundo as colegas da Stella, as que estiveram com ela nessa noite no restaurante Stortorget, a Stella estava com umas calças de ganga e uma blusa branca. A polícia encontrou as calças, quando revistou a casa, mas não conseguiu encontrar a blusa. Viu a blusa branca quando a Stella chegou a casa?

— Não — diz Adam. — Não sei nada sobre essa tal blusa.

Em certa medida, é verdade.

— Tem a certeza? Não viu a blusa branca na lavandaria?

— Não.

— Nem no sábado?

— Que me lembre, não — afirma Adam. — Mas, se a tivesse visto, provavelmente não era coisa que guardasse na memória.

— Por acaso, acho que guardava — diz Jansdotter. — Porque estou convencida de que essa blusa estava cheia de manchas. De sangue. Tem a certeza de que não viu a blusa?

— Tenho. A certeza absoluta!

Agora, Adam fala com tanta firmeza que parece estar zangado, e isso não é bom. Não é nada bom. Michael faz-lhe um sinal discreto.

Jansdotter volta a atacar.

— Tem uma salamandra em sua casa?

— E daí? — diz Adam.

— Quando a polícia andou a revistar a sua casa, repararam que a salamandra tinha sido acendida há pouco tempo. Quem é que acendeu a salamandra, nesse sábado?

Adam coça atrás da orelha.

— Posso ter sido eu. Ou a minha mulher.

É esperto. Obviamente, percebe o que está a acontecer. A única coisa que tem de fazer é manter a cabeça fria. Pensa na tua família, Adam. Pensa na Stella e em mim.

— Não sabe? — pergunta Jansdotter.

— Costumamos acendê-la muitas vezes.

— No Verão? Nos primeiros dias de Setembro? Quando estão vinte graus lá fora?

— Achamos que torna a casa mais confortável.

A procuradora solta um suspiro audível.

— Não é verdade que descobriu a blusa ensanguentada da Stella e a queimou na salamandra?

— Isso é rigorosamente falso. Não queimei blusa nenhuma.

Pois não, ele não.

Quando o juiz presidente dá por terminado o primeiro dia do julgamento, levanto-me e consigo cruzar o olhar com Stella, antes de os guardas a levarem. Olhamos uma para a outra durante um ou dois segundos. Estendo a mão; fica suspensa no ar. É neste momento que tenho de ser uma verdadeira mãe; tenho de a compensar por tudo o que nunca consegui fazer quando Stella era criança. Desta vez, estou a fazer aquilo em que sou melhor. Por favor, Stella, tens de confiar em mim.

Nos últimos anos, a nossa relação foi melhorando a pouco e pouco. Enquanto, para Adam, estava a ser cada vez mais difícil compreender várias escolhas que Stella tinha feito para a sua vida, eu fui-me aproximando dela; fiquei a conhecer cada vez melhor a minha filha. Em certa medida, tenho de agradecer isso a Amina. Foi através dela que finalmente consegui aceitar Stella tal como ela é. Através de Amina, aprendi a compreendê-la.

Como é natural, custou-me descobrir que era mais fácil conversar com Amina do que com Stella. Essa culpa manteve-se sempre no fundo da minha alma como uma camada de lama. Quando, por vezes, não conseguia perceber o sentido dos actos de Stella, do seu raciocínio ou dos seus motivos, foi através de Amina que a entendi.

— A Stella não é como eu nem como a Ulrika — disse-me ela uma vez. — A Stella é a Stella.

Foi pouco depois de Stella ter deixado o andebol. Num dia, estava na selecção nacional juvenil, onde muitas pessoas lhe vaticinavam um futuro brilhante; no dia seguinte, tinha posto as sapatilhas de andebol à venda na Internet. Eu e Adam ficámos estupefactos.

— Só vai conseguir compreender a Stella se começar a pensar como ela — acrescentou Amina.

Parece tão simples, tão óbvio — mas não é.

— A Stella não suporta que as outras pessoas tentem controlá-la. E, nesse aspecto, o andebol assenta muito em jogadas previamente planeadas, jogadas que treinamos até à exaustão. A Stella não sabe lidar com isso.

Acho que foi o Adam que sofreu mais por não termos tido mais filhos. Ele tem de aguentar as suas cruzes. Bateu-se o mais que pôde para tentar obrigar Stella a viver de acordo com as nossas expectativas, em vez de a aceitar tal como ela é. É de admirar que a nossa família não se tenha desfeito. Esforço-me por ver o que está a acontecer como uma oportunidade para começarmos de novo, uma nova oportunidade que tenciono aproveitar a qualquer preço.

— Porque é que não podes ser como Amina? — perguntei-lhe uma vez, depois de Stella ter descarrilado pela enésima vez e ter virado tudo à sua volta de pernas para o ar.

Por uma vez na vida, não teve uma reacção fulminante. Limitou-se a ficar calada. Olhou para mim e, embora os seus olhos estivessem completamente secos, era como se estivesse a chorar.

Claro que ela sabia o que eu queria dizer. As palavras saíram-me da boca — só uma vez, nunca mais —, mas Stella leu os meus pensamentos. Ela via a forma como eu olhava para Amina, como falava com ela, tantas coisas que partilhávamos. Abracei Stella e chorei no seu ombro.

— Desculpa, querida, desculpa. Não era nada disto que eu queria dizer.

Era inútil, obviamente. Ambas sabíamos exactamente o que eu queria dizer.

Saio da sala de audiências e não vejo Adam em lado nenhum. Os bancos do átrio estão ocupados por desconhecidos. Dou alguns passos pelo corredor, mas não há sinal de Adam.

Onde estará ele?

Ainda há pouco estava sentado no banco das testemunhas a jurar por Deus que a filha estava em casa, quando aquele homem estava a esvair-se em sangue num parque infantil do outro lado da cidade.

Deve estar à beira de um colapso.

Sinto o coração bater cada vez mais depressa e dou alguns passos largos no corredor seguinte. Descubro-o à porta das casas de banho. Está sentado num banco, curvado; parece que todos os ossos do seu corpo estão partidos.

— Querido — segredo-lhe —, estou tão orgulhosa de ti.

Ponho o braço à volta dele. Tem o corpo tenso e frio. Encosto-me devagar ao seu ombro, e sinto um calor suave a penetrar-me no peito. Não estou a fazer isto só por Stella e Amina.

— E se não ajudar? — O olhar de Adam é uma súplica desesperada. — O que é que eu fiz?

Afago-lhe a nuca, as costas.

— Estou aqui — murmuro. — Estamos juntos.

Não é muito, mas é a maior consolação que tenho para lhe dar. Ao longo das últimas semanas, sempre achei que compreendia o seu sofrimento e angústia; comparei-os com a minha própria aflição. Da mesma forma que Adam violou a ética da sua profissão, eu fui contra tudo aquilo em que acreditava. O Direito tem sido a minha religião. Tem os seus defeitos, alguns bem grandes, mas, ainda assim, sempre acreditei firmemente que o Direito é o pilar e a luz que guia as sociedades modernas. Sempre acreditei que as leis são o melhor meio de regular uma sociedade democrática. Agora, já não

sei em que acredito. Há valores que não podem ser explicados nem medidos através de normas. E, tal como a vida, não tem contemplações para com aquilo a que as pessoas comuns chamam justiça.

Quando olho para Adam, percebo que isto está a ser muito mais pesado para ele do que para mim. Se acontecer o pior, ele próprio será acusado de delito, de violência contra um funcionário público, de tentar exercer influências ilícitas.

Finalmente, levantamo-nos. Mantenho o braço a cingir com força a sua cintura enquanto atravessamos o tribunal, passamos pela recepção e descemos as escadas.

— Fizeste o que estava certo, querido — digo-lhe. — Amanhã é a vez de Amina.

Apanhamos um táxi para casa e Adam quer saber tudo o que aconteceu na sala de audiências antes do seu depoimento. Quando lhe falo da pegada e da análise do *spray* de gás pimenta, a preocupação fica-lhe estampada no rosto.

— Mas não há provas concretas — contrapõe.

— É ao tribunal que compete avaliar as provas. Num caso como este, baseado apenas em provas circunstanciais, as provas não podem ser analisadas individualmente; é preciso ter uma perspectiva geral. Depois disso, o tribunal vai comparar a narrativa do crime feita pela procuradora com as outras hipóteses apresentadas. Se não for possível descartar outras explicações, subsistirá apenas uma dúvida razoável, e o tribunal terá de a absolver.

— E não há sempre outras explicações?

— Normalmente, os requisitos mínimos são que o réu tenha estado no local do crime, que a pessoa em questão tenha tido oportunidade de cometer o crime e que quaisquer outros potenciais autores do crime sejam excluídos.

Adam olha pela janela, e eu pego no meu telemóvel para ver o que dizem os jornais. O *Sydsvenskan* e o *Skånskan* têm notícias curtas sobre o primeiro dia de julgamento, mas nada de especial. A secção criminal do *Aftonbladet* tem o título «Padre apertado pela procuradora.» O artigo está cheio de insinuações que põem em causa o depoimento de Adam. *Há cem anos seria completamente impensável um pastor da Igreja da Suécia mentir em tribunal, mas depois da sessão de hoje, no Tribunal da Comarca de Lund, temos todos os motivos para nos questionarmos se ainda é assim.* Não consigo acreditar no que os meus olhos estão a ver. Não posso permitir em circunstância alguma que Adam leia aquilo. No cimo da página está a assinatura e a fotografia do jornalista. É o homem das barbas que esteve todo o dia sentado ao meu lado.

O táxi vira para entrar na nossa rua. Um pequeno grupo de vizinhos está na rua a olhar na nossa direcção.

— Boa noite — diz o motorista quando pago.

— Hum.

Contorno o carro e dou a mão a Adam. Nenhum de nós olha para os vizinhos.

À entrada, Adam fica hirto.

— Foi... foi ela que o matou?

Não gosto de lhe mentir. Vai ser a última vez.

— Não sei, querido.

A sala de audiências é a minha casa e a minha fortaleza. Quase passei mais horas em vários tribunais do que em casa com a minha família. Mas nunca me senti tão perdida e tão exposta, esmagada pela angústia, atormentada pelo arrependimento, como aqui.

Adam mantém-se a meu lado, enquanto percorremos os corredores do tribunal. A princípio, quando entramos na sala de audiências, só vejo caras desconhecidas na assistência. Presumo que sejam jornalistas e aquilo a que chamamos público em geral. Procuro o jornalista das barbas, mas não o vejo em lado nenhum. Talvez hoje o *Aftonbladet* tenha mandado outra pessoa? Pelo menos, os conhecidos de Christopher Olsen, todos de fato, formam a mesma falange de ontem. Estão a sussurrar, mas fazendo muito barulho. Parece que alguns foram investigados pelo seu envolvimento na enorme teia de negócios obscuros e mão-de-obra ilegal que Michael pôs a descoberto.

Na última fila da galeria, vejo uma cara conhecida. Alexandra acabou de se baixar para tirar qualquer coisa da mala, e a franja caiu-lhe para cima dos olhos.

Por um momento, os meus olhos percorrem a sala de um lado para o outro. Depois, Alexandra afasta o cabelo e olha para mim. Cumprimentamo-nos com um rápido aceno de cabeça e expiro quando percebo que Dino não está na sala.

Sempre tive uma boa opinião de Alexandra. Em muitos aspectos, revejo-me nela. Uma mulher de força, com uma carreira de sucesso e uma atitude descontraída em relação à vida. Boa comida, alguns copos de vinho ainda melhor e uma boa gargalhada na companhia de amigos — foi o que nos uniu. Mas, ao mesmo tempo, não posso negar que houve alturas em que a invejei, quando via como era fácil lidar com Amina — houve momentos em que desejei poder trocar de lugar com ela.

O escrivão chama a primeira testemunha do dia, e a porta abre-se.

Amina encaminha-se directamente para o banco das testemunhas e senta-se, sem levantar os olhos uma única vez. Está pálida e sem maquilhagem; as suas faces foram ficando ligeiramente encovadas ao longo das últimas semanas.

Michael olha ansiosamente para mim.

— Compreende o que significa ser testemunha? — pergunta-lhe Göran Leijon.

Amina acena com a cabeça e murmura:

— Sim, compreendo.

Depois, repete a seguir a Leijon.

— Eu, Amina Bešićs, juro e afirmo pela minha honra e consciência que direi a verdade e nada mais do que a verdade.

Ponho a mão no peito e concentro-me na respiração. O mal-estar atinge todos os pontos do meu corpo. Uma sensação terrível de catástrofe iminente empurra-me contra as costas da cadeira.

— Vamos começar pelas perguntas do advogado de defesa — diz Göran Leijon.

É agora.

Michael fala devagar e num tom gentil. Stella, sentada a seu lado, levantou o queixo e olha directamente para Amina. Há já várias semanas que se viram pela última vez.

— Pode começar por nos contar onde conheceu Stella? — pergunta Michael.

Amina baixa os olhos para a mesa.

— Somos as melhores amigas uma da outra desde o infantário. Estivemos sempre na mesma turma do primeiro ao nono ano e pertencíamos à mesma equipa de andebol.

Sinto o peito a arder. Passam-me pela cabeça imagens das duas raparigas.

— Como descreveria a vossa relação hoje? — continua Michael.

Amina continua a olhar para a mesa. O tempo está a passar e sinto as dúvidas de Michael a aumentar.

— A Stella continua a ser a minha melhor amiga.

Michael acena com a cabeça. No silêncio que se segue, vislumbro um brilho cauteloso nos olhos de Stella. O que estará ela a pensar? O que terá imaginado que estava a acontecer? Por vontade de Amina, nunca teríamos deixado Stella sozinha naquela prisão, angustiada e perdida em pensamentos. Fui eu que decidi o que faríamos, e é a mim que Stella terá de exigir responsabilidades — aconteça o que acontecer.

— Como descreveria a personalidade de Stella? — pergunta Michael.

— Bem, ela... ela é como é. É a *Stella*, não há ninguém como ela.

Não consigo deixar de sorrir. No meio de tudo isto, estou aqui sentada com um sorriso na cara.

— Ela é mesmo corajosa. Diz sempre o que pensa e faz o que quer. A pressão das pessoas da idade dela... é como se nem soubesse o que isso é.

As duas melhores amigas olham uma para a outra. Os laços que unem Stella e Amina são mais fortes do que alguém nesta sala pode imaginar.

— E também é muito inteligente — acrescenta Amina. — Há muita gente que não vê isso a não ser quando já a conhece bem. E

consegue ser, com facilidade, a pessoa mais teimosa que conheço. É muito impulsiva e impaciente. Atira-se de cabeça. Há pessoas que acham que ela vai longe de mais. Acho que a Stella é daquelas pessoas que amamos ou odiamos.

Michael está prestes a fazer a pergunta seguinte quando Amina o interrompe.

— E eu adoro-a.

A sua voz esvai-se e esconde a cara com as mãos. As lágrimas correm-lhe ininterruptas pela cara abaixo. Sinto um nó na garganta. Até Michael parece comovido.

— Pode falar-me um pouco de Christopher Olsen? — pede-lhe Michael. — Como é que vocês as duas o conheceram?

Amina olha para Stella. O coração parece querer saltar-me do peito; o suor torna as minhas axilas pegajosas. É uma sensação horrível já não poder influenciar o que está a acontecer. Agora, tenho de confiar em Amina. Agora está tudo nas suas mãos.

— Fale-nos de Christopher Olsen — repete Michael. — Como é que o conheceram?

Empurra uma caixa de lenços de papel sobre a mesa, e Amina seca a cara.

— Conhecemos o Chris no Tegnér's uma noite.

Olho de relance para Adam, que parece estar profundamente concentrado. Estou aterrorizada com o que aí vem.

Amina conta a mesma história que Stella contou na véspera. Saíram as duas com Christopher Olsen algumas vezes e foram a sua casa, mas só isso.

— Poder-se-ia dizer que Stella e Christopher eram um casal? — pergunta Michael.

— Nem por sombras. A Stella e o Chris curtiram um bocado, só isso.

Michael acena com a cabeça.

— Importa-se de explicar melhor? Tinham relações sexuais?

— Fizeram sexo, mas não tinham nenhum tipo de relacionamento.

Amina parece confiante e convincente.

— Ontem, ouvimos depoimentos que alegadamente acusaram Stella de, por vezes, ter comportamentos violentos. É verdade? Alguma vez sentiu que ela tivesse sido violenta?

Amina endireita os ombros. O coração quase me salta do peito.

Não percebo por que motivo Michael está a fazer esta pergunta. Será para se antecipar à procuradora?

— Não — diz Amina.

Mas a sua voz já não parece tão convincente.

Michael limpa o suor da testa.

— A defesa tem mais perguntas a fazer? — pergunta Göran Leijon.

— Não, obrigado.

— Então, dou a palavra à acusação.

Ponho a mão no peito. Nem sinto o coração a bater. Adam está a olhar para mim, de olhos muito abertos.

Jenny Jansdotter leva o seu tempo. Fá-lo de propósito — é uma técnica para enervar Amina. Põe vários documentos em pilhas à sua frente, endireitando meticulosamente as pontas e alonga-se discretamente.

Michael e Stella observam-na com expectativa.

Quando descobri o telemóvel de Stella em cima da sua secretária, naquele sábado, fiquei imediatamente alarmada e desesperada. Como era possível que ela se tivesse esquecido do telemóvel em casa?

Nunca fui o tipo de pessoa que gosta de meter o nariz naquilo que não me diz respeito. Os mexericos e os segredos escandalosos raramente me interessam. Sou uma pessoa que se deixa atrair apenas por factos puros e duros e por provas fiáveis. Se havia alguém a espiar Stella, em certa medida quase a infringir o seu direito à privacidade, era Adam. Não sei o que teria acontecido, se tivesse sido ele a encontrar o telemóvel dela.

Como as horas iam passando sem que tivéssemos notícias dela, decidi ver o telemóvel. Não era para bisbilhotar. Era por estar terrivelmente preocupada. E, quando li as mensagens, apercebi-me de que realmente tinha acontecido qualquer coisa, algo terrível.

Tentei imediatamente contactar Amina, mas ela recusou-se a falar comigo. Tinha-se fechado no quarto, alegando que estava demasiado doente para falar. Mas eu sabia que estava a mentir.

Agora estava sentada à frente da procuradora a depor sob juramento. A voz de Jansdotter é afiada como um bisturi, e Amina encolhe-se.

— O que quer dizer ao afirmar que Christopher Olsen e Stella não eram um casal?

— Quero... quero dizer exactamente isso. Não eram um casal.

— Pode definir a relação deles? Descrever o que eram um para o outro?

Amina olha para Stella, como se estivesse a pedir autorização.

— A Stella achava que o Chris era uma paixoneta de Verão.

— E qual era a sua opinião sobre isso? — pergunta Jansdotter.

— Sobre o quê?

— Sobre a situação deles. Acerca de Stella andar a ter relações sexuais com Christopher Olsen, apesar de não estar seriamente interessada nele.

Amina inclina a cabeça. Os segundos vão passando em silêncio.

— Quais eram os seus sentimentos em relação a Christopher? — insiste Jansdotter.

— Eu gostava do Chris. Era simpático e porreiro. Era divertido estar com ele.

— Sentia-se atraída por ele?

— Talvez.

Olho para Stella. Está com uma expressão vazia. O que estará ela a pensar neste momento? Nem sei o que ela sabe.

Sinto-me mal. Que mãe obriga uma filha a passar por isto? Tem de haver qualquer coisa de profundamente errado comigo. Será uma disfunção emocional? Uma incapacidade de estabelecer laços com os outros? Vejo-me de fora, e o que vejo é uma pessoa que não quero ser.

Teria feito o mesmo, se os papéis estivessem trocados, se fosse Amina que estivesse presa? Não consigo ter a certeza, nem pouco mais ou menos. Provavelmente, teria deixado Amina decidir desde o princípio. Devia ter-lhe dado ouvidos. Devíamos ter feito o que ela sugeriu. Agora é tarde de mais.

Jenny Jansdotter pressiona Amina com o olhar.

— Houve sexo entre si e Christopher Olsen? — pergunta, por fim.

Os ombros de Amina descaem.

Estou a ver tudo a andar à roda, a ficar enevoadado.

— Houve — diz Amina. — Aconteceu.

Desde muito cedo que se tornou claro para nós que Stella gostava de mandar. Muitas vezes arranjava maneira de nos pôr um contra o outro, a Adam e a mim. Enchia de amor o primeiro que capitulasse e estava-se nas tintas para o outro. A situação podia mudar num abrir e fechar de olhos — num segundo, eu era a melhor mãe do mundo, no segundo seguinte, uma pária, sabia-se lá porquê ou desde quando.

Felizmente, Amina estava sempre presente, como força neutralizadora, como intermediária entre a nossa filha rebelde e o resto do mundo.

O andebol também era uma maneira de Stella dar largas à sua raiva. Quando estava a jogar, conseguia deitar cá para fora toda a energia que borbulhava e fermentava dentro dela; a sua teimosia e a sua natureza explosiva eram grandes vantagens na linha dos seis metros.

O andebol também era bom para Adam. Ele e Dino eram uma dupla de treinadores de quem toda a gente gostava e rapidamente começaram a ter grandes êxitos com a equipa. Às vezes, parecia que Adam se esquecia de si próprio, quando estava junto à linha lateral de um jogo emocionante. Deixava-se consumir completamente pelo jogo — gritando, dando vivas, gesticulando.

Há uns anos, num sábado, quando estava sentada nas bancadas, em Borgeby, a ver Stella marcas golos uns atrás dos outros, passei

por uma experiência que ainda hoje me afecta. Estava perdida nos meus pensamentos e, de repente, vi Amina caída no chão, a contorcer-se de dores — tinha-me escapado completamente o que tinha causado a sua lesão. Mas, como Alexandra não estava lá, era natural que fosse eu a correr para o campo e a ajudar Amina a levantar-se e a recolher ao balneário.

— Achas que é melhor irmos ao hospital? — perguntei.

Estávamos sentadas nos bancos, uma à frente da outra, a olhar para o seu joelho, que fora rapidamente ligado.

Amina abanou a cabeça.

— Não aguento mais isto.

Parecia profundamente resignada.

— O quê? — perguntei.

— Jure que não diz nada ao meu pai? Ele nunca conseguiria compreender. Nem à minha mãe! Promete?

Sem saber o que estava a fazer, dei-lhe a minha palavra.

— Não viu como lixei a defesa? Duas vezes, exactamente a mesma simulação?

Tinha de confessar que não tinha visto nada.

— E depois passei mal a bola à Stella. Viu isso, não viu?

— Mas vocês estavam a ganhar doze a quatro — objectei.

— O meu pai não quer saber disso para nada — disse Amina, olhando para o chão, enquanto tirava a ligadura do joelho, com movimentos apressados. — Não aguento ter de ser sempre a melhor em tudo. Não consigo.

As suas palavras fizeram-me sofrer. Pensei que tinha passado toda a vida a lutar para não desiludir os outros.

— Mas isto é só um jogo de andebol — disse-lhe. — Não tem importância nenhuma. Mesmo nenhuma.

— Mas não é só no andebol. — Olhou-me com as lágrimas a bailar-lhe nos olhos. — É em tudo. Na escola, com os amigos, em casa. Não aguento mais.

Sem pensar, sentei-me ao seu lado de braços abertos, e Amina aninhou-se neles como uma menina pequenina, que embalei lentamente para um lado e para o outro.

Gostava tanto de Amina, mas não sabia bem como agir em relação a ela.

Passados vários anos, num domingo infernal, no princípio de Setembro, fui confrontada com a escolha impossível entre Amina e a minha própria filha, e escolhi ambas.

Tenho medo do preço a pagar por essa escolha.

Jenny Jansdotter espera pacientemente que Amina fale. A sala de audiências em peso está à espera de Amina. Ela está prestes a revelar tudo.

— Uma noite, quando estávamos no Tegnér's, acho que foi em meados de Agosto, a Stella ficou com dores de cabeça e foi-se embora mais cedo. E eu acabei por ir para casa com o Chris.

Faz uma longa pausa e olha para Stella.

— A ideia era só partilharmos um táxi, mas... tínhamos bebido uns copos, e...

Amina engole a última palavra e baixa a cabeça. Stella olha para ela, confusa.

— Sentámo-nos no sofá a conversar. Eu tinha bebido de mais. E aconteceu.

Stella fulmina com o olhar a sua melhor amiga, que continua cabisbaixa.

— O que é que aconteceu? — pergunta Jansdotter.

— Ele tentou beijar-me.

— E o que é que a Amina fez?

Isto é doloroso. Stella e Amina são tão importantes uma para a outra. Será que a amizade delas consegue sobreviver a isto?

— Deixei-o beijar-me. — A voz de Amina é quase inaudível. — Beijou-me várias vezes, até que eu entrei em pânico e disse que

tinha de me ir embora. Saí de lá a toda a pressa e, quando ia a caminho de casa, liguei para a Stella.

— E contou à arguida que ele a tinha beijado?

— Não. Ia contar, mas depois... não tive coragem.

Stella aproxima o copo de água dos lábios, muito devagar, e deixa-o parado no ar, por um momento, antes de dar um gole. Jansdotter gira a caneta entre os dedos.

— Tornou a estar com Chris, depois disso?

— Ele ligou-me passado, para aí, uma semana. Íamos preparar uma surpresa para a Stella, porque era o seu aniversário. O Chris foi buscar-me no carro dele e comprou *sushi* para comermos no apartamento.

Pára e põe a mão na testa.

— Continue — pressiona Jansdotter. — O que aconteceu no apartamento dele?

— Tornou a beijar-me.

Vi Stella expirar e lembrei-me de como nos tínhamos abraçado naquela noite, depois do jantar de aniversário dela. Só há pouco tempo é que tínhamos começado a abraçar-nos assim. Com naturalidade e sinceridade. Adam estava a risonhar no sofá, de boca aberta, e tivemos o cuidado de não o acordar. Stella contou-me, entre lágrimas, o que tinha acontecido depois de ter saído do restaurante italiano. E foi nessa altura que percebi. Embora esteja longe de ser uma especialista em relações humanas, percebi aquilo que Stella estava a recusar-se a ver. Quanto mais coisas me ia contando, mais claro se tornava para mim. Ela tinha tido um desgosto amoroso. Estava apaixonada e tinha sido traída.

— De que falaram, a Amina e o Christopher, nessa noite? — pergunta a procuradora a Amina. — Enquanto estavam sozinhos?

Amina solta um suspiro profundo.

— O Chris disse que gostava de mim. Que tinha sido em mim que tinha reparado naquela primeira noite no Tegnér's. Disse que

também gostava da Stella, mas não da mesma maneira. Tinha começado a ver os defeitos dela. Tinha percebido que ia haver problemas, mas disse que era impossível controlarmos os nossos sentimentos.

Stella não pára de contorcer as mãos. Quem me dera poder dar-lhe um abraço.

— Acreditou nele?

— Ele foi muito convincente — responde Amina. — E eu sabia que a Stella não estava interessada nele. Não que isso tivesse importância, mas, ainda assim...

— Quer dizer que traiu a sua melhor amiga? — Amina soluça e abana a cabeça.

— Quer dizer, eu estava, tipo, apaixonada. Ou... achava que estava.

Seguro na mão de Adam e vejo a confusão que reina nos seus olhos. À nossa volta, há uma sinfonia de canetas a escrever e teclados a ser matraqueados. Olho de relance por cima do ombro para Alexandra. O rímel escorreu-lhe para a cara, e os seus olhos estão em pânico.

— Não chegou a ver Stella, nessa noite? — pergunta Jansdotter. — Disse que iam festejar o aniversário dela.

— Sim, ela ligou-me. Já era bastante tarde. Disse que estava a caminho da casa do Chris. Entrei em pânico e gritei para o Chris que a Stella estava lá em baixo na rua, e desci as escadas a correr para ir ter com ela.

— Disse à Stella o que tinha acontecido?

Amina suspirou.

— Disse-lhe que o Chris me tinha beijado. Estava sinceramente arrependida, sentia-me uma ordinária, depois, dissemos que o Chris era um porco e que não queríamos nunca mais voltar a vê-lo.

— E a Amina cumpriu esse acordo? — pergunta a procuradora.

Amina volta-se para Stella.

— Não. Não cumpri.

Acho que é sempre mais fácil preocuparmo-nos com coisas concretas. Quando não conseguimos descobrir a raiz do problema, quando não conseguimos ver o que está a deixar-nos ansiosos e irritáveis, é extremamente cómodo concentrarmo-nos em algo de tangível.

É por isso que as pessoas se viram para Deus? Um mundo incompreensível exige explicações que possamos assimilar. A imagem de um homem, um chefe absoluto.

Durante muito tempo, eu e Adam partilhávamos uma visão do mundo que girava em torno de um filho que nunca mais chegava. O óvulo que não era fecundado tornou-se o símbolo da nossa vida parada, que nunca mais se transformou na vida que tínhamos imaginado. À medida que a distância entre nós ia aumentando, senti um desejo de uma proximidade espiritual que até então desconhecia. Atingiu a sua pior fase, quando acabara de encerrar um caso. Foi como se dentro de mim se abrisse um vácuo, uma solidão infundável. Ia no avião, a caminho de casa, onde a minha família me esperava, com a sensação de que dentro de mim tudo estava a desabar.

É uma experiência terrível sermos incapazes de nos identificar com os nossos próprios filhos. Sentia-me muitas vezes impotente e resignada em relação às minhas tentativas de tocar o coração da minha filha.

— Ela é igual a ti — disse Adam, depois de uma discussão que durou um serão inteiro.

— O que queres dizer com isso?

Começou quando soubemos por uma professora de Stella que ela andava a fazer *bullying* sobre algumas raparigas da sua turma. Quando a confrontámos com isso, Stella teve um ataque de fúria e atirou com um copo de leite a Adam. Recusou-se a falar do que estava a acontecer na escola. Queríamos saber o que ela sentia, mas perdeu as estribeiras, e Adam teve de lhe prender os braços atrás das costas até ficar deitada no chão como um trapo feito de gritos e lágrimas.

Passados dois dias, Amina estava à entrada da nossa casa com as sapatilhas de andebol e meias até ao joelho e uma mochila *bordeaux* aos ombros. Enquanto Stella foi buscar as coisas de que precisava para o treino, Amina olhou para mim com uma expressão grave, que a fez parecer muito mais velha.

— A culpa não é da Stella — disse-me.

Olhei para ela, sem perceber.

— O que está a acontecer na escola. São elas que provocam a Stella. Sabem exactamente o que hão-de dizer para fazer com que ela se passe. Depois, vão-se chibar à professora.

Senti uma montanha de vergonha a esmagar-me o peito.

— As outras miúdas é que são más — acrescentou Amina.

Os seus olhos castanhos pareciam quase pretos sob a luz ténue da entrada.

Pensei no que Adam tinha dito. *Ela é igual a ti.*

No Verão em que Stella ia fazer catorze anos, fomos a um torneio de andebol na Dinamarca. As raparigas e os treinadores ficaram alojados numa escola, e eu e Alexandra partilhámos um quarto num hotel.

Uma noite, fomos a um bar e houve pessoas que nos ofereceram bebidas. Alexandra ficou terrivelmente embriaga e vomitou à porta do hotel. Depois de a obrigar a tomar um duche, deitou-se num sofá no quarto do hotel a chorar pela inutilidade da sua vida. Queixou-se de Dino, que só se interessava pelo andebol e não levantava um dedo em casa para fazer fosse o que fosse. Mas também se queixou de Amina, que nunca tinha tempo para nada a não ser estudar e ir para a porcaria dos treinos de andebol. Claro que eu não disse nada, mas comecei a ficar irritada. Eu nunca tinha tido o privilégio de sentir que os meus pais estavam completamente satisfeitos comigo. Havia sempre uma nota mais alta, alguém que era melhor, alguém que era mais inteligente e mais atraente.

Algumas semanas depois, numa manhã cheia de sol, Amina veio a nossa casa. Por uma vez na vida, estava a conseguir descansar — estava no jardim, com um café e um livro.

— A Stella não está em casa — disse-lhe. — Foi a Landskrona. Pensava que também tinhas ido.

Amina não respondeu. Ficou parada à minha frente, de calções e *T-shirt* de alças, debaixo da cerejeira, a olhar para mim com uma expressão deprimente.

— Há algum problema? — perguntei, pousando o livro.

Fez um gesto como que a dizer que não tinha bem a certeza.

— Tem um minuto? — perguntou-me.

— Claro!

Depois de lhe oferecer um refrigerante e um bolo de canela, começou a mostrar-se um pouco mais à vontade.

— Neste momento, sinto-me a pior amiga do mundo.

— Porquê? O que é que aconteceu?

Amina olhou em redor do jardim com os olhos semicerrados e disse-me, com uma voz contida, que tinha adiado aquela conversa até ao último momento. Não queria ser uma má amiga, mas o medo não podia deixá-la calada. Estava preocupada com Stella.

— Os tipos com quem ela está em Landskrona. Não prestam. Andam metidos em cenas muito más. A fumar e a beber.

— Álcool? Vocês só têm catorze anos.

— Eu sei.

— Ainda bem que me disseste, Amina.

Inclinou-se para a frente.

— Promete não dizer nada à Stella? Se ela descobre que eu... Tem de me prometer!

Prometi-lhe.

Naquele momento, não pensava muito em Stella, por mais estranho que possa parecer. Pensava sobretudo em Amina. Admirada com a sua coragem, o seu instinto natural para fazer o que estava certo.

— Fico muito contente por teres vindo ter comigo — disse-lhe.

Ficámos as duas de pé, a olhar muito tempo uma para a outra, depois, deu-me um abraço.

Na semana seguinte, eu e Adam tivemos uma conversa muito séria com Stella. Foi o princípio de um período horrível para nós, que durou muito tempo. Quanto mais tentávamos chamá-la à razão, mais ela se revoltava.

— Parem de se meter na minha vida! Viver com vocês é como estar na prisão!

No Outono desse ano, quando percebemos que Stella andava a fumar haxixe, eu e Adam percebemos, depois de muitos «ses» e muitos «mas», que precisávamos de ajuda profissional.

Era uma tortura participar naquelas reuniões com directores e professores, enfermeiros e conselheiros — já para não falar das assistentes sociais e dos psicólogos. Nunca me tinha sentido tão vulnerável, tão amesquinhada como pessoa. Não há maior fracasso no mundo do que ser uma mãe incompetente.

Michael Blomberg foi um escape, uma consolação.

Volto-me para olhar de novo para Alexandra. Vejo nela a minha própria mãe. Sinto um nó no estômago, quando penso na sua ingratidão em relação a Amina.

Alexandra cruza o seu olhar com o meu. Ela ainda não sabe. Tenho a certeza de que Amina não disse nada.

Desde que me contou o que aconteceu, tenho feito todos os possíveis para manter a informação restrita ao menor número de pessoas possível.

Nem o Adam sabe. Nem sequer Stella.

A seu tempo, todos compreenderão.

A voz de soprano de Jenny Jansdotter abre um buraco no silêncio da sala de audiências.

— Portanto, violou o seu acordo com Stella e continuou a sair com Olsen?

Amina abana a cabeça.

— Não foi exactamente isso o que aconteceu.

A procuradora mostra-se estupefacta.

— Não? Mas não foi isso que acabou de dizer?

— Só estive com o Chris uma vez, depois do aniversário de Stella. Ele contactou-me várias vezes, nessa semana, mas eu disse-lhe que não podíamos andar um com o outro. Ele foi terrivelmente persistente. Mandou-me mensagens a dizer que tinha muita

curiosidade em mim e seria uma pena não explorarmos o que poderia acontecer entre nós, e coisas desse género.

— E, então, aceitou encontrar-se com ele?

— Eu estava mesmo decidida a mandá-lo ir dar uma volta. Não me encontrei com ele por querer que continuássemos juntos nem nada disso. Só queria ver-me livre dele. Juro.

Tira outro lenço de papel e assoa-se.

— Na sexta-feira, mandou-me outra mensagem. Mas eu tinha feito um acordo com Stella. Não queria voltar a encontrar-me com Chris.

— Mas encontrou-se?

— Escreveu-me a dizer que tinha uma surpresa para mim — continua Amina. — Ia buscar-me numa limusina. Disse-lhe que o meu pai lhe dava uma carga de pancada, se ele aparecesse em nossa casa. Mas ele não desistiu e então... decidimos que ele ia buscar-me ao pavilhão desportivo depois do andebol.

— E ele foi de limusina?

— Não, foi no carro dele. Houve um problema qualquer com a reserva.

Stella observa Amina com toda a atenção. Que parte desta história saberá ela?

— E isso aconteceu a trinta e um de Agosto, na mesma noite em que Christopher Olsen foi assassinado? — pergunta Jansdotter.

— Sim.

— E depois o que é que vocês os dois fizeram, Amina? Depois de Chris a ter ido buscar no carro dele?

— Fomos até à beira-mar. Não sei exactamente como aquele sítio se chama. Mas via-se Barsebäck de lá. A central nuclear. Sentámo-nos num pequeno monte coberto de ervas, e o Chris tinha levado um cesto com vinho, pão e uma data de queijos diferentes.

Amina fica em silêncio.

— Continue — diz a procuradora.

— Comemos e bebemos o vinho. Vimos o pôr-do-sol e depois...

Amina perde-se outra vez. Um jornalista que está na fila à minha frente deixa cair a caneta e, quando bate no chão, ouve-se em toda a sala. Stella vira-se e fica a olhar directamente para mim, com aqueles seus olhos pretos.

— Depois o quê? — pergunta Jansdotter. — O que aconteceu depois?

Vejo Michael pôr a mão no braço de Stella para a tranquilizar.

— Depois, ele beijou-me. — Amina engole em seco. — Beijámo-nos.

A possibilidade de trabalhar com Michael Bloomberg era um sonho. Um dos advogados de defesa mais famosos do país. Sabia que isso implicaria muitas viagens de trabalho e muitas noites em hotéis, mas Adam apoiou-me incondicionalmente, e era uma oportunidade que eu não podia desperdiçar.

O que teria acontecido se eu tivesse recusado o convite de Michael? Sei que não vale a pena perder-me nesses pensamentos, mas é difícil evitar que eles surjam.

Ao ouvir Amina falar sobre Christopher Olsen na sala de audiências — da dificuldade de lhe resistir, de se ter deixado arrastar e sentir que estava a ficar apaixonada por ele, apesar de, na realidade, a situação ser completamente diferente — é difícil não estabelecer uma relação com o que me aconteceu.

Talvez, por vezes, seja suficiente uma pessoa sentir-se admirada e valorizada para se convencer de que está apaixonada. Ser vista tal como é, ser admirada pelo simples facto de existir e não pelos seus actos. Foi exactamente isso que me fez apaixonar-me por Adam. A sua forma natural de ver para além dos meus sucessos. A forma como cativou a minha alma com o seu olhar.

Passados quinze anos, Michael Bloomberg fez o mesmo.

A minha relação com Michael esteve sempre ligada à minha incapacidade crescente de lidar com Adam. O homem por quem um

dia me tinha apaixonado, o idealista romântico com um coração do tamanho de uma estrela e uns olhos cheios de subtilezas parecia ter deixado de existir. Eu não tinha estado presente o tempo suficiente para perceber como isso tinha acontecido, mas Adam tinha desenvolvido pouco a pouco um temperamento neurótico, que, muito provavelmente, se transformaria numa necessidade maníaca de controlar tudo.

Adam tinha imaginado para si próprio uma vida completamente diferente da que tinha agora. O futuro que tinha entrevisto para si e para a sua família era diametralmente oposto à realidade e, nesse sentido, a sua necessidade crescente de controlo era apenas um método desesperado e difícil de manter a vida com que tinha sonhado. Mas, o facto de compreender o que tinha acontecido, não significava que eu estivesse disposta a aceitá-lo.

Adam pisou a linha uma noite, quando entrou à força no quarto de Stella, depois de lhe ter cheirado a tabaco através das frinchas da porta. Eu tinha acabado de chegar de Bromma, no último voo do dia, e aterrei na cozinha da nossa casa por volta da meia-noite, completamente exausta.

— Tens de deixar a Stella fazer asneiras. Nunca foste adolescente? Estás a violar a sua privacidade.

Adam andava de um lado para o outro, a murmurar desesperadamente. Quando o vi naquele estado, tomei uma decisão.

— Adoro-te — disse-lhe, pondo os braços à volta do seu pescoço.
— Vou começar a passar mais tempo em casa convosco.

— Desculpa — retorquiu Adam. — A culpa é toda minha. Não tens de...

Estava a tentar combater o meu sentimento de culpa.

— Tenho andado a trabalhar de mais — acrescentei, prometendo diminuir o meu horário de trabalho. — Há certas coisas que posso fazer a partir de casa.

— Tenho de tentar acalmar-me — admitiu Adam. — Tenho de conseguir falar com a Stella sem perder a cabeça.

— Antes de falares com ela, conta até dez.

Ele sorriu e beijámo-nos.

*

Na segunda-feira, sentei-me, com o telemóvel na mão, assim que Adam saiu para o trabalho. Como era natural, sentia-me lisonjeada com a atenção de Michael, mas nunca me tinha iludido com a ideia de que a nossa relação fosse além de breves momentos de prazer. Conhecia Michael suficientemente bem para perceber que dificilmente teríamos um futuro a dois ou até uma relação de exclusividade.

Ele não pareceu surpreendido nem desapontado quando lhe liguei a dizer que, a partir daquele dia, a nossa relação teria de ser estritamente profissional. Tenho de confessar que me custou um bocado quando ele pôs fim à conversa e à relação, dizendo «Tudo bem.»

Quando desliguei, deixei cair a cabeça sobre a mesa da cozinha. Adam estava a ficar destroçado. As minhas lágrimas foram um banho de purificação e uma forma de libertar finalmente a tensão acumulada. Não reparei que Stella tinha entrado na cozinha. De repente, senti a sua mão no meu ombro.

— Quem era? — perguntou.

— Meu Deus, pregaste-me cá um susto! Há quanto tempo estás aqui?

Stella olhou longamente para mim.

Sabia que ela tinha ouvido tudo.

— Não é o que estás a pensar. Estava a falar de trabalho. Era o Michael, o meu patrão.

Estendi o braço para ela, mas Stella deu meia-volta, percorreu o corredor e saiu porta fora. Fui a correr atrás dela, com o coração na garganta, e, quando começava a descer as escadas, abracei-a por trás e puxei-a para mim.

— Adoro-te, Stella.

Ficámos assim muito tempo e, por muito triste que possa parecer, há anos que não me sentia tão próxima da minha filha. Tinha a cabeça cheia de palavras bonitas e grandes promessas, mas não consegui que saísse de mim um único som. E, naquele momento, a única coisa de que precisávamos, era estarmos assim agarradas uma à outra.

Alguns meses depois, saí da firma de Michael Bloomberg e comecei a trabalhar mais perto de casa. As coisas foram melhorando gradualmente entre mim e Adam, e Stella parecia mais bem adaptada. Reconciliou-se rapidamente com Amina, e comecei a pensar no que tinha acontecido como uma simples fase, uma pedra no caminho — é verdade que estivera quase a separar-nos, mas tínhamos vencido a crise e, com alguma sorte, a longo prazo a nossa família ficaria ainda mais forte.

Mal sabia eu que a verdadeira catástrofe estava para vir.

A procuradora Jansdotter roda a caneta na mão, ao mesmo tempo que espera que Amina torne a assoar-se.

— Portanto, foi até à praia com Chris Olsen e voltaram a beijar-se?

— Embora eu estivesse a começar a ter dúvidas — diz Amina. — Estava a sentir-me terrivelmente mal com o que estava a fazer.

— E isso foi na mesma noite em que Chris Olsen morreu? A que horas terá sido?

Amina encolhe os ombros.

— Stella é tudo para mim — continua, como se não tivesse ouvido a pergunta da procuradora. — Nunca deixei que nenhum tipo se intrometesse entre nós.

— Mas beijou-o? — diz Jansdotter. — Que horas eram?

— Arrependi-me logo. Era como se estivesse a ver tudo aquilo de fora, como se fosse um filme. Tive consciência do que estava a fazer e pedi ao Chris que parasse.

Jansdotter interrompe-a.

— A Amina foi interrogada duas vezes pela polícia. Porque não falou de nada disso? Durante os interrogatórios, disse sempre que não voltara a ver Christopher Olsen depois do aniversário de Stella.

— Não aguentava estar com explicações. E, além disso, achava que a Stella ia ser libertada.

Observo os jurados. O do Partido Democrático da Suécia recostou-se ligeiramente na cadeira, empurrando a barriga para fora, como se tivesse acabado de comer uma opípara refeição. Fico imediatamente com a sensação de que já tomou a sua decisão. Ao seu lado, as duas mulheres estão encostadas uma à outra, a segredar.

Jenny Jansdotter parece sinceramente curiosa, quando faz a pergunta seguinte.

— Porque havemos de acreditar agora em si, Amina? Teve muitas oportunidades de dizer à polícia o que aconteceu.

Deslizei a minha mão para a de Adam, mas não tive coragem de olhar para ele.

— Ele não parou — diz Amina. — E eu estava sempre a dizer-lhe para parar.

Jansdotter deixa cair a caneta, mas continua a rodar os dedos, como se não tivesse dado por isso.

— Ele não parava — diz Amina.

A procuradora está estupefacta. Está a começar a perceber. Abre a boca várias vezes para dizer qualquer coisa, mas, de todas elas, parece ter-se esquecido do que ia dizer e prepara-se para começar de novo.

— Eu disse-lhe que não queria — continua Amina. — Gritei com ele.

— Porque não falou disso durante o interrogatório da polícia? — pergunta a procuradora.

As palavras saem aos arrancos.

— Eu... era... virgem.

Jansdotter fica em silêncio.

— Tentei empurrá-lo, mas não consegui. Ele prendeu-me os braços ao chão. Não conseguia... debati-me, arranhei-o e gritei, mas não consegui libertar-me.

Solto a mão de Adam e, depois, volto-me e torno a olhar para Alexandra. É o suficiente para afastar qualquer dúvida que ainda restasse. Neste momento, tenho a certeza de que foi a coisa certa a fazer. Não teríamos conseguido, se não fosse assim. De qualquer forma, justiça é coisa que não existe.

Amina tem de fazer um esforço para que a sua voz aguente. Bebe um gole de água e pigarreia.

Depois, olha directamente para o juiz presidente.

— O Christopher Olsen violou-me.

Na realidade, foi uma ideia idiota desde o princípio. A atitude de Stella em relação à igreja era ostensivamente hostil. O que ia ela fazer para um retiro de preparação para o crisma?

— Acho que pode ser bom para ela — disse Adam. — Se não for, pode sentir-se excluída.

— Amina também não vai — argumentei.

— Mas ela é muçulmana.

— O pai dela é que é muçulmano. E a Stella é ateia.

Quem me dera não ter condescendido. Vou ter de viver para sempre com este terrível arrependimento. Porque é que a deixei ir?

Adam tinha começado finalmente a soltar as rédeas e a ser aos poucos mais permissivo e sensato na sua relação com Stella, e eu não queria ser um obstáculo. Por isso, apesar das minhas reservas, acabei por ceder, e, quando vi a alegria no rosto de Stella, achei que tinha tomado a decisão certa.

Mais tarde, quando Adam me ligou do retiro a explicar o que tinha acontecido, o que aquele porco tinha feito à nossa menina... A princípio, não consegui perceber. Tinha acabado de chegar de Estocolmo no último voo da noite.

— Estás no retiro? O que estás aí a fazer?

Adam divagou sobre responsabilidade e mais não sei o quê e disse que isso agora não interessava.

— Estás a perceber o que aconteceu? — gritou ao telemóvel. —
A Stella foi violada.

Senti a cabeça andar à roda. O telemóvel tremeu contra o meu ouvido.

— Tens de chamar a polícia. Tens de a levar ao hospital, Adam.

A sua resposta foi evasiva.

— Adam! É crucial que ela seja examinada por um médico.

— Falamos disso depois. Agora, vamos para casa.

Estava sentada à mesa da cozinha, quando o carro subiu a rampa de acesso à garagem. Saí a correr; tinha a cabeça prestes a rebentar.

Stella atirou-se para os meus braços, e levei-a para casa, como se tivesse outra vez cinco anos. Sentou-se na cozinha, paralisada, sem qualquer emoção no rosto.

Desatei a chorar e a bater com os punhos no peito de Adam.

— Como é que isto pôde acontecer?

— Acalma-te — disse Adam, prendendo-me os braços.

— Porque não chamaste a polícia? Porque vieste para casa?

Adam não queria olhar para mim.

— O que é que estavas a fazer lá? Foste espiar a Stella?

— Faz parte da minha função.

— Da tua função? — Ele não tinha falado uma única vez em ir visitar o retiro. — Vou chamar a polícia.

Tirei o telefone do descanso, mas Adam tirou-mo das mãos.

— Espera! Não é tão simples como pensas.

— Simples? O que é que isso quer dizer?

Ele olhou de relance para Stella e fez um gesto para eu ir com ele para o vestíbulo. Em voz baixa, disse:

— A Stella foi com o Robin para os aposentos dos conselheiros. Parece que até foi ela que o desencaminhou.

Não conseguia acreditar no que estava a ouvir.

— Desencaminhou-o?

— Alguns dos outros confirmandos dizem que ela tinha apostado que conseguia seduzi-lo.

— Seduzi-lo? Consegues ouvir bem o que estás a dizer? Ela tem quinze anos.

— Claro que não estou a querer defender o Robin.

— Então, o que estás a dizer?

Agarrou-me pelos ombros e olhou-me fixamente, com uma profunda tristeza no olhar.

— Garanto-te que ele nunca mais, nunca mais na vida, vai trabalhar para a Igreja da Suécia.

— Mas?

— Mas avançar com isto... vai servir só para nos magoar. Para magoar a Stella.

Abriu-se um vazio dentro de mim.

— Mas tem de ser, Adam. Tem de ser!

Ele abanou a cabeça.

— Toda a gente vai ficar a saber. As pessoas vão julgá-la. A Stella vai ter de viver com isto para sempre.

Tinha a cabeça à roda. Tossi com força, com medo de vomitar. Em certa medida, compreendia o ponto de vista de Adam. Eu própria tinha defendido homens acusados de violação. Tinha feito todas aquelas perguntas detestáveis às vítimas, sobre a forma como estavam vestidas, sobre o álcool, sobre experiências anteriores e preferências sexuais. Em alguns casos, duvidava realmente dos relatos das vítimas. Mas noutros, tinha feito apenas o que me competia.

— Ela é uma vítima — disse a Adam a soluçar, debruçada sobre o lava-louças. — Não tem culpa nenhuma.

— Eu sei, querida. Claro que ela não tem culpa. Mas a violação aconteceu e não há nada que possa mudar isso. A única coisa que podemos fazer agora é protegê-la, para que as coisas não piorem.

Pôs os braços à minha volta, e eu enterrei a cabeça no seu peito. Os nossos corações estavam acelerados, a bater descompassadamente.

«Foi, então, nisto que resultou a nossa vida», pensei na altura.

Mas agora acho que ainda há uma possibilidade de a mudar. Ainda há uma possibilidade de salvar a nossa família, de ser a mãe que sempre quis ser, uma mãe capaz de tudo para proteger a filha.

No domingo, dia 2 de Setembro, o mesmo dia em que os técnicos da polícia revistaram a nossa casa, Adam foi levado para a esquadra para um primeiro interrogatório. Tinha-lhe implorado que fosse forte, que pensasse bem em cada palavra que dissesse. Entretanto, eu ia tentando decidir até que ponto devia revelar-lhe o que tinha acontecido. Sem dúvida que Adam estava preparado para ir parar ao fogo do Inferno por Stella, mas, neste caso, a sua moral inflexível seria uma pesada cruz às costas.

Nessa noite, a procuradora tinha decidido manter Stella em prisão preventiva, e a única coisa positiva que eu conseguia entrever era o facto de Michael Blomberg ter sido nomeado advogado de defesa de Stella.

Pedi a um contacto que tinha na polícia que me avisasse assim que acabassem de revistar a casa. Depois, percorri as várias divisões, com as pernas a tremer, a tentar descobrir o que os técnicos tinham encontrado. Não podia ter sido grande coisa.

Antes de eu e Adam termos apanhado o táxi para a esquadra da polícia, no sábado à noite, ao contornar a esquina, eu tinha andado aos tropeções por entre os contentores do ecoponto. Fingi que vomitava, fazendo muito barulho, enquanto pisava o telemóvel de Stella até o deixar em pequenos bocados, que despejei no contentor de metais. O cartão SIM já estava em segurança, dentro da minha mala. Ainda não sabia o que tinha acontecido, mas sabia que as

mensagens de Stella podiam conter informações comprometedoras. Estava consumida pela angústia, mas acabou por ser mais fácil do que esperava. Há coisas que pensamos que somos incapazes de fazer e que, de repente, nos parecem naturais quando o que está em causa é proteger os nossos filhos.

Nessa noite, mais tarde, andei a vasculhar todos os cantos da casa e encontrei a blusa suja de sangue, escondida de qualquer maneira debaixo de uma pilha de roupa na lavandaria. Ainda estava húmida. Teria sido Stella que a escondera ali? Ou teria sido Adam que tirara a roupa lavada da máquina? Por um instante, hesitei quanto ao que devia fazer, mas, quando Michael ligou a dizer que a polícia vinha a caminho, por segurança, atirei a blusa para a salamandra e fiquei a ver as faúlhas a erguerem-se em volta do tecido crepitante.

Estava cheia de emoções contraditórias. Como advogada, era culpada da pior violação da lei que se podia imaginar. Como mãe, a minha decisão era a única que estava certa. Ainda não tinha a menor ideia do que teria acontecido na sexta-feira à noite, mas tinha a certeza absoluta de que o meu dever era proteger a minha filha.

No domingo à tarde, Adam ligou-me assim que o interrogatório terminou. Quando percebi que tinha mentido à polícia para dar um álibi a Stella, senti uma ternura sem fim. Era um acto de amor, talvez a maior prova do amor que ele tinha demonstrado por Stella e por mim. A partir desse momento, soube que ele faria tudo o que fosse preciso pela nossa família.

Disse a Adam que os técnicos da polícia ainda estavam a revistar a nossa casa, e que ele só poderia voltar daí a umas horas. Eu precisava de ganhar tempo.

Passados alguns minutos, bateram à porta. Fui às escondidas até à janela da lavandaria e espreitei.

A única coisa que consegui ver foi que a pessoa que estava à porta tinha um boné preto tão enterrado na cabeça que lhe escondia a cara e uns ténis escuros que não paravam de se mexer nervosamente nos degraus de pedra.

Abri uma nesga da porta, apenas o suficiente para a agarrar por um braço e puxá-la para dentro de casa.

— Achei melhor não telefonar — disse ela.

Espreitei pelo pequeno postigo da porta e concluí que a rua estava deserta. Ninguém a tinha visto.

— Entra — disse-lhe.

Ela foi para a cozinha sem tirar os sapatos. Passei rapidamente à sua frente e fui descer o estore da janela.

— O que é que aconteceu?

Tinha a voz a tremer.

Amina olhou-me com aqueles seus lindos olhos castanhos, que estavam avermelhados e cheios de lágrimas.

— Não acredito... A Stella... Eu...

Estava toda a tremer, quando lhe dei a mão. Abraçámo-nos com força; parecia que queria ficar colada a mim. Tive de me libertar dos seus braços ao fim de algum tempo.

— Eu sei — disse-lhe. — Li as mensagens da Stella.

— A sério?

Ficou muito tensa. Acariciei-lhe o braço e afastei-lhe uma madeixa de cabelo da cara.

— A Stella esqueceu-se do telemóvel em casa.

Amina ficou de respiração suspensa. Agarrei-lhe as duas mãos e tive dificuldade em aguentar-me sem chorar.

— Nós vamos resolver isto, querida. Vamos resolver isto.

Amina chorava como uma criança.

Amina *era* uma criança. Ela e Stella eram duas crianças.

Eu era a adulta. Eu era a mãe. Era eu que tinha de as salvar.

De repente, as lágrimas pararam. Amina suspirou em silêncio.

— Ele não devia ter morrido.

— Foi em autodefesa — disse Amina. — Não foi?

Tentei absorver o que acabara de me contar. Eram tantas coisas, de repente, tantas emoções, tantos pormenores.

— A minha intenção era desatar a correr assim que ele parasse o carro. Até tinha a mão no puxador da porta, pronta para saltar do carro. Mas ele tinha trancado as portas por dentro. Não tinha maneira de sair dali.

Olhou-me como se estivesse prestes a cair de um penhasco e eu fosse a única pessoa que podia deitar-lhe a mão.

— Devias estar com tanto medo — disse-lhe.

Amina acenou com a cabeça.

— Foi em autodefesa, não foi?

— Não sei. — Estava a dizer-lhe a verdade. Ainda não tinha conseguido formar uma imagem clara do que tinha acontecido. — Onde é que apareceu a faca?

— Estava no cesto que o Chris tinha levado para fazermos um piquenique.

Amina tinha saído com Christopher Olsen, e tinham ido algures para a beira-mar. Até aí, eu tinha percebido.

— A faca estava por cima, no cesto. Entre os bancos — disse Amina. — Vi-a e peguei nela. Nem pensei.

Ele tinha-se posto à força em cima dela. Aquele animal tinha-a violado.

— E o *spray* de gás pimenta? — perguntei.

— Ando sempre com um. E a Stella também. Compramo-los na Internet.

Eu sabia, obviamente. Tinha sido eu a sugerir a Stella que o comprasse. Até tinha sido eu quem o pagara.

— Então, primeiro, atiraste-lhe o *spray* e depois é que pegaste na faca?

Amina acenou com a cabeça, e acariciei-lhe a face inchada e pálida.

— Mas ele descobriu o que eu ia fazer antes de ter carregado no botão do *spray*. Pôs os braços no ar e virou a cara. Mas, mesmo assim, deve ter sido atingido, porque começou a rugir como um animal. Depois, tentei abrir a porta do carro, mas o botão era no lugar errado, no *tablier*. Tive de me debruçar por cima dele, mas finalmente consegui abrir a porta. Foi nessa altura que vi a faca.

— E fugiste do carro com a faca na mão?

— Fugi.

Tentei imaginar a cena.

— Ele seguiu-te?

Amina tornou a acenar com a cabeça.

— Claro que eu não queria a faca para nada. Por que raio é que fugi com ela?

— Pára — interrompi-a. — Agora, não vale a pena pensares nisso. Estavas aterrorizada. Fizeste bem. Qualquer pessoa teria levado a faca.

Amina praguejou contra si própria.

— E a Stella? — perguntei. — O que é que a Stella estava lá a fazer?

— Não sei. Estava... zangada... preocupada. Tinha-me ligado e mandado uma data de mensagens.

— Ela não sabia que estavas com o Christopher?

— Menti-lhe. Traí a minha melhor amiga.

Amina dobrou-se sobre si própria, a soluçar. E tentei reconfortá-la, abraçá-la e acariciá-la. Ao mesmo tempo que a minha cabeça não parava de pensar.

— A Stella tinha sangue na blusa, Amina.

Ela estremeceu e voltou a cara para mim.

— Ele está morto! Não percebe? Morto!

Agarrei-lhe os braços com força, segurando como se segura um bebé para que não caia no chão.

Lentamente, os meus pensamentos começaram a seguir um rumo diferente.

Ninguém faz ideia do que é capaz de fazer por outra pessoa até ser confrontado com uma ameaça real. Ainda não me tinha apercebido do que estava disposta a sacrificar para ajudar Amina.

— A Stella está presa por suspeita de ter cometido um crime — disse-lhe. — A polícia esteve cá e revistou a nossa casa.

Amina começou a soluçar.

— Desculpe! É tudo por culpa minha! Pode levar-me à esquadra para eu contar tudo à polícia? Têm de libertar a Stella.

Claro que ela tinha razão. Era isso que tínhamos de fazer. Era a coisa certa a fazer. Amina apresentaria a verdadeira versão dos factos à polícia e Stella seria libertada. Acabaria por se fazer justiça, fosse como fosse. Se é que existe justiça. De qualquer forma, havia circunstâncias atenuantes. Provavelmente, Amina seria acusada de homicídio, mas era muito nova e, por isso, a sentença seria reduzida. Não podíamos afastar a possibilidade de ela ser libertada ao fim de alguns anos.

Mas nunca seria médica. A condenação seria um fardo de que jamais se libertaria. O seu futuro brilhante tinha ficado repentinamente enevoadado.

— Temos de tirar de lá a Stella — repetiu. — Pode vir comigo? Pode dar-me boleia, por favor?

Empurrei a cadeira para trás e tirei as chaves do carro da taça de prata que estava na bancada da cozinha.

Havia outra opção?

— A polícia vai descobrir que foi uma de nós que o matou — disse Amina. — Vão descobrir isso, não vão?

Parei a meio.

Claro que havia outra opção. Há sempre outra opção.

As palavras de Amina andavam às voltas na minha cabeça. *A polícia vai descobrir que foi uma de nós que o matou.* Mas isso não chegava para uma condenação.

Olhei para Amina; pensei em Stella. Doeu-me o coração.

Uma pessoa não pode ser condenada por homicídio, se houver dois possíveis autores do crime, e se for impossível provar qual deles o cometeu ou, em alternativa, que agiram ambos em conluio.

Tornei a pousar as chaves do carro na taça.

Puxei Amina para o sofá e disse-lhe para se sentar. Os seus movimentos eram mecânicos. Estava à vista que ainda não tinha tido tempo para processar o que tinha acontecido. Eu tinha a obrigação de ser forte e racional, de pensar como uma advogada de defesa.

— Não vamos? — perguntou-me Amina.

Sentei-me ao seu lado e pousei as mãos nos seus joelhos.

— Tens de confiar em mim.

— Mas...

Tinha os joelhos a tremer. O seu lábio inferior, seco, estava caído para o queixo como um bocado de pele.

— Quando o Christopher Olsen morreu, vocês estavam lá as duas, tu e a Stella, não estavam?

— Estávamos.

— Aqui na Suécia, as provas têm de ser muito fortes — disse-lhe, ao mesmo tempo que tentava perceber aonde aquela linha de raciocínio nos levaria. — Se há duas possíveis autoras no local do crime, quando este é cometido, a procuradora terá de conseguir provar qual delas foi a assassina, sem qualquer margem para dúvidas, ou então que cometeram o crime juntas.

A pulsação forte do coração de Amina ia-se espalhando pela palma da minha mão, transformando todo o meu corpo numa espécie de objecto vibrante.

— O que está a dizer? Devo dizer à polícia que estávamos lá as duas?

— Oh, não sei.

Talvez estivesse louca e a delirar. A ideia tinha-me ocorrido por puro desespero; tinha-lhe dado corpo, sem a analisar devidamente. O que implicaria? Conseguiria salvar Stella e Amina? E estaria preparada para as sujeitar a tudo o que seria preciso fazer?

— É possível que não resulte — disse-lhe. — Se fores contar à polícia, eles farão tudo o que estiver ao seu alcance para condenar as duas. Para que isto resulte, vais ter de esperar até ao julgamento.

— Porquê?

— Temos de apanhar a procuradora de surpresa. De repente, surge a possibilidade de uma segunda autora do crime, e o tribunal não poderá negar que existe dúvida razoável. E, depois de o veredicto ser a absolvição, a procuradora terá de apresentar um grande número de novas provas para reabrir a acusação de um caso. Nenhuma procuradora quer ser derrotada duas vezes no mesmo caso.

Amina ficou a olhar para mim de boca aberta.

— Até ao julgamento? Isso não é muito tempo? Vamos ter de deixar a...?

Não, claro que não. Não podíamos fazer isso. Não podíamos deixar Stella ficar presa.

— Não sei — disse-lhe.

— É melhor se eu confessar.

— Mas o teu curso, Amina. O teu futuro...

Ao mesmo tempo, imaginava Stella numa cela miserável na prisão. Que raio de mãe é que pensa sequer na hipótese de deixar a sua filha ficar presa? A acusação podia demorar semanas, ou até talvez meses.

— Temos de ter a certeza de que a Stella não diz nada — acrescentei.

— Como assim?

— Não podemos contar-lhe. Conheces a Stella. Temos de conseguir que ela não diga nada. Mas, ao mesmo tempo, não podemos revelar-lhe demasiado.

— Está louca, Ulrika? Vamos deixar a Stella ficar na prisão sem dizer nada?

— Não há outra maneira, se queremos que fiquem as duas em liberdade. Conheço o advogado da Stella. Ele vai ajudar-nos.

— Não, não pode ser — disse Amina.

Segurei-lhe na mão.

— Adoramos a Stella e ela sabe isso. Vai ficar a sabê-lo mais do que nunca, quando tudo isto acabar.

Amina deu um soluço.

— Isto é tudo culpa minha.

Fiquei a pensar se isso seria realmente verdade. Se a verdade existe. Há algum tipo de situação em que se possa afirmar com toda a certeza que uma única pessoa é responsável pelo que acontece? Tudo na vida depende de tantos factores diferentes que interagem entre si de tantas formas diferentes.

De quem é a culpa por a nossa família se ter transformado naquilo que é?

Às vezes, gostava de acreditar num deus, num poder superior qualquer. Talvez fosse mais simples ter alguma coisa a que se pudesse atribuir a culpa. No entanto, nem os fundamentalistas mais dogmáticos parecem inclinados a culpar os seus deuses onnipotentes pela infelicidade que, mais cedo ou mais tarde, nos toca a todos. Nascer humano é carregar a culpa.

— O que achas que a Stella quereria que fizéssemos? — perguntei. — Vamos deixar que seja ela a decidir.

Amina olhou-me, desesperada. Naquele momento, agarrava-lhe as duas mãos, numa espécie de pacto, de promessa.

Não existe justiça. O que resta da justiça é aquilo que criamos juntos.

— A Stella ia convencer-nos a fazer isso — disse Amina.

Foi à entrada buscar um saco de plástico. Soube imediatamente o que estava dentro dele.

Amina enterra a cara nas mãos, e o que resta são os ombros trémulos de uma menina.

— Desejam que façamos um intervalo? — pergunta Göran Leijon.

Michael acena com a cabeça. Tanto ele como Leijon parecem ter ficado sinceramente abalados com a história que foram obrigados a ouvir.

Depois de Stella ter sido violada, eu e ela conseguimos por fim aproximar-nos mais, de uma forma que até então tinha sido impossível. Era comigo que ela vinha ter a meio da noite, quando tinha a certeza de que, se adormecesse, nunca mais acordaria. Era eu que me sentava à beira da sua cama a limpar-lhe as lágrimas da cara com as pontas dos dedos. E, à medida que se foi abrindo comigo aos poucos, apercebi-me de muitas coisas que tínhamos em comum e não eram visíveis à superfície, mas apenas indo mais fundo. Ambas tínhamos medo de mostrar fraqueza. Uma preocupação constante com o facto de podermos não ser suficientemente boas. E, pior ainda, uma sensação, que nos paralisava, de que não conseguíamos relacionar-nos — nem com outras pessoas nem com as nossas próprias emoções.

— Às vezes, gostava de ser mais parecida com a Amina — disse Stella, um dia. — Saber quem sou e o que quero, como ela. Odeio esta merda de o meu cérebro parecer uma máquina de flíperes.

— Eu não quero que sejas igual a ninguém — respondi-lhe, sempre com um nó na garganta. — És perfeita da maneira que és.

Fiz-lhe uma festa na cara, mas não consegui olhá-la nos olhos. A vergonha era tanta, a vergonha que sentia, porque também eu desejara que ela fosse mais parecida com Amina.

*

Stella segreda qualquer coisa a Michael e gesticula. Parece aborrecida e confusa. Não sei até que ponto percebe o que se está a passar.

— Não preciso de intervalo nenhum — diz Amina, amachucando mais um lenço de papel.

Adam agarra-me o braço.

— O que é que está a acontecer?

Faço-lhe sinal para se calar, sem olhar para ele.

— Nesse caso, a senhora procuradora pode continuar o interrogatório — diz Göran Leijon.

Jansdotter folheia os seus documentos. A assistente está debruçada por cima dela a apontar e a discutir.

— Não percebo, Amina — diz a procuradora. — Porque é que não disse isso à polícia?

— Porque não consegui.

— Mas agora já consegue?

— Agora, tenho de dizer tudo — responde Amina. — Pela Stella.

A procuradora torna a pegar na caneta e leva-a ao queixo.

— O que aconteceu depois de...? — Engole as últimas palavras.

— O que aconteceu depois, Amina? Voltou para Lund com o Christopher?

— Vim o caminho todo a gritar no carro. Mas não tinha alternativa.

— Porque diz que não tinha alternativa? Podia...

— Estava a morrer de medo! — interrompe Amina. — Percebi que tudo o que Linda Lokind tinha dito era verdade. O Chris *era* um psicopata. Tentei mandar uma mensagem à Stella, mas o Chris deu por isso e tirou-me o telemóvel. Pensei que, se voltasse para a cidade, podia fugir assim que tivesse uma oportunidade. Tinha um *spray* de gás pimenta na mala e achei que, se o atacasse quando ele parasse o carro, podia abrir a porta e fugir.

Jenny Jansdotter inclina-se para a frente, apoiada nos cotovelos.

— Por que razão tinha um *spray* de gás pimenta na mala?

— Ando sempre com ele. Uma rapariga tem de estar sempre preparada para se defender.

Jansdotter não parece convencida, mas não diz nada. Toma nota nos seus papéis. Depois, pede a Amina que descreva o que aconteceu, quando Christopher Olsen parou o carro junto ao prédio onde morava.

— Assim que ele desligou o carro, ataquei-o com o *spray*. Peguei no meu telemóvel e atirei-me contra a porta, mas não consegui abri-la. O Chris gritava. *Os meus olhos, os meus olhos*. Acabei por descobrir o botão que destrancava as portas e fugi o mais depressa que pude. Nunca tinha tido tanto medo na vida. Tinha a certeza de que ele ia matar-me, se me apanhasse.

— Em que direcção fugiu?

— Não faço ideia, só queria era ir para longe. Lembro-me de ver Polhem à minha frente, a escola, mas, tirando isso, via tudo desfocado.

— E o que fez o Christopher?

— Da primeira vez que olhei para trás, ainda estava no carro. Mas depois vi que já tinha saído. Tinha a certeza de que vinha atrás de mim, por isso, corri o mais depressa que pude.

Jansdotter tenta fazer outra pergunta, mas Amina não lhe dá tempo.

— Vi um grupo de rapazes no parque de estacionamento do pavilhão desportivo. Então, abrandei e fui a andar atrás deles até à estação. Estava sempre a olhar para trás, mas deixei de ver o Chris. Parecia que tinha desistido.

— Chamou a polícia?

— Claro que foi a primeira coisa que me passou pela cabeça, mas depois... — Amina abanou a cabeça. — Depois, comecei a pensar no que ia acontecer.

— Como assim? — pergunta Jansdotter.

Amina está ofegante. Vejo as suas costas a mover-se ligeiramente.

— Faltava uma semana para começar as aulas na Faculdade de Medicina. Era um sonho que tinha desde criança.

— Então, não disse a ninguém que tinha sido violada?

— Não tive coragem. Por causa do meu pai. Sei que parece uma parvoíce, mas ele ia ficar destroçado, se soubesse. Tinha medo do que pudesse fazer. Além disso, Linda Lokind já tinha apresentado queixa contra Chris e não tinha dado em nada. Os tipos como ele safam-se sempre.

Já quase não consigo obrigar-me a continuar a ouvir. Só quero que isto acabe depressa. Adam está a olhar-me com um ar furioso e não consigo imaginar como vai aguentar ouvir a verdade.

Amina fala um tudo nada mais alto.

— A Stella também foi violada.

Preciso de um momento para absorver aquelas palavras. Arquejo tão alto que o jornalista à minha frente se volta para trás.

O que estás a fazer, Amina?

— Ainda só tinha quinze anos.

A sala é percorrida por um murmúrio. Afundo-me na cadeira, desejando poder afundar-me ainda mais e mais.

— Os pais dela não apresentaram queixa — diz Amina.

Todos os olhos se voltam para mim e para Adam. Sinto que estou a desfazer-me em mil bocados.

— A mãe da Stella é advogada. Sabia o que um julgamento implicaria. Um julgamento por violação.

Por favor, Amina. Pára!

Encolho-me, tentando desaparecer. Adam está a fitar o vazio. Os seus olhos parecem feitos de porcelana.

— Eu também não ia aguentar um julgamento desses — diz Amina. — Percebi logo. Ver tudo a ser posto em questão, dizerem-me que a culpa era minha e depois ver o Chris sair em liberdade, ou passar só uns meses na prisão. Não ia aguentar. Vi como a Stella ficou quando lhe aconteceu e também vi o estado em que Linda Lokind ficou.

Sei o que Amina está a fazer. É esperta. Está a sacrificar a minha reputação para bem da Stella. Ela sabia que eu nunca aceitaria isto, por isso, não disse nada. Quando olho para Göran Leijon e vejo o nervosismo dos jurados, percebo que está a resultar.

— Quando é que contou à Stella? — pergunta Jansdotter.

Amina endireita ligeiramente os ombros.

— Não contei. Não fui capaz.

Vejo como Stella olha para ela. Está a tentar controlar uma raiva enorme que está completamente ensombrada por uma camada de tristeza.

— Não contou nada à sua melhor amiga?

Amina precisa de um momento para conseguir responder.

— Tinha traído a Stella. Como é óbvio, não havia nada que eu quisesse tanto como contar-lhe tudo, mas não podia. Era impossível. Teria de lhe dizer que tinha traído a sua confiança e que tinha agido por trás das suas costas, e não tinha estômago para isso.

— Quer, então, dizer que não teve qualquer contacto com Stella, nem durante a tarde nem na noite em que Christopher Olsen foi

assassinado?

— A Stella mandou-me montes de mensagens e ligou-me várias vezes, mas eu nunca respondi.

Enquanto Jansdotter troca impressões com a sua assistente, ganho coragem para me endireitar outra vez na cadeira. Olho de relance para Adam e, pela forma como está a olhar para mim, desconfio que está a começar a perceber.

— A arguida afirmou que tinha ido de bicicleta para casa de Christopher Olsen, nessa noite — diz a procuradora. — Tocou à campainha e bateu à porta. Viu Stella na residência de Olsen?

— Não.

— Viu Stella em algum momento durante a tarde ou a noite?

— Não.

Jansdotter suspira. A assistente aponta qualquer coisa nos seus documentos.

— Christopher Olsen levou a faca para o piquenique?

Amina responde rapidamente, sem qualquer hesitação.

— Sim, havia uma faca no cesto do piquenique.

Jansdotter pede-lhe que descreva a faca.

— Que comprimento tinha?

Amina afasta as mãos uns dez a vinte centímetros.

— Onde é que essa faca acabou depois? Quando estavam a voltar para a cidade?

— Deve ter ficado no cesto.

— Não, não ficou. A polícia não encontrou nenhuma faca.

Amina hesita por um momento. Os três jurados estão em pulgas.

— Não sei o que aconteceu à faca.

Dei comigo a acenar com a cabeça. Contra a minha vontade.

Tanto Stella como Amina estavam no local do crime, quando Christopher Olsen morreu, e ambas tinham um motivo. Mas a arma do crime não existe.

Nunca encontrarão a faca.

— Foi a Amina que matou Christopher Olsen? — pergunta Jenny Jansdotter.

Adam faz um som de surpresa. Amina olha directamente para a procuradora.

— Não o matei — responde. — Ataquei-o com gás pimenta e fugi. Não sei o que aconteceu depois disso.

A procuradora olha para a assistente. Adam olha para mim e dou-lhe a mão.

— Jamais seria capaz de matar uma pessoa — diz Amina.

Quase nem ouço o que é dito durante as alegações finais. As vozes transformam-se em ecos vazios e metálicos, ao longe. Línguas estrangeiras que desconheço.

Num momento, estou convencida de que vai correr tudo bem. No momento seguinte, receio ter cometido um erro terrível. Stella irá ficar presa, marcada para sempre como assassina, e Amina irá ser condenada pelo tribunal da opinião pública; a sua carreira como médica terminará ainda antes de ter começado.

A procuradora Jansdotter está a ter dificuldade em manter uma voz firme. Perde-se várias vezes e tem de olhar de relance para as suas notas ou discutir qualquer coisa com a assistente. De qualquer forma, afirma que conseguiu provar que Stella estava no local do crime, quando Christopher Olsen foi morto. Também considera que é evidente que Stella tinha um motivo para matar Olsen. Stella estava com ciúmes e tinha-o assassinado para se vingar de ele ter começado uma relação com Amina. Segundo a procuradora, Stella teve muito tempo para architectar um plano. Foi ao apartamento de Olsen com a intenção de o matar. Por isso, Jansdotter mantém a decisão de que Stella deve ser acusada de homicídio. Diz que subsistem muitas dúvidas em torno das informações dadas por Adam e Amina. Segundo Jansdotter, existem razões sólidas para pôr em questão toda a história da violação de Amina, em grande medida pelo facto de ela não ter informado ninguém do incidente

durante a investigação. Consequentemente, o tribunal deve considerar Stella culpada pelo crime de homicídio; a procuradora pede uma sentença de catorze anos de prisão.

Tenho a cabeça à roda. Daqui a catorze anos, Stella terá trinta e dois. Penso em todas as coisas que ela iria perder. Em catorze anos, é possível ter tantas experiências no mundo! Quando eu tinha trinta e dois anos, a minha vida ia a meio. Stella pode nunca ter a oportunidade de ser mãe, de criar uma família ou de ter uma carreira.

Catorze anos é muito tempo. Catorze anos na prisão é uma imensidade de tempo. Uma maldita eternidade.

Olho para Stella e fico admirada por ela parecer tão pequena. Ainda tem doze anos, com uns olhos azuis cheios de ansiedade, ainda é a menina de sete anos, sempre ranhosa, que acordava a meio da noite com pesadelos e ia deitar-se entre a mãe e o pai. É provável que a veja assim para sempre. Aos meus olhos, ela é uma menina. A minha menina.

A culpa vai-me consumindo. O que é que eu fiz? Porque é que não meti Amina no carro e a levei à esquadra?

Houve vários momentos em que senti que estava a pagar a minha dívida por ter negligenciado a minha família. Mas se, de facto, tiver sacrificado a minha filha para salvar Amina? Não sei se conseguirei viver com isso.

Michael ajeita o nó da gravata antes de começar a fazer as suas alegações finais. É rápido e vai directamente ao essencial, desmontando as provas da procuradora, ponto por ponto, até não sobrar nada.

— A única coisa que a senhora procuradora conseguiu provar foi que a minha cliente estava perto da residência de Christopher Olsen, na noite em que ele foi atacado. Entretanto, na sessão de hoje, ficámos a saber que Amina Bešićs também lá estava, exactamente à mesma hora.

Olha para o juiz presidente e adopta um tom confidencial, quase como se estivesse a falar pessoalmente com ele. Como se não houvesse mais ninguém na sala.

— Portanto, tanto Amina Bešićs como Stella Sandell estavam presentes quando Christopher Olsen morreu. Além disso, parece que ambas tinham um motivo para querer fazer mal a Olsen. Mas, naturalmente, isso não prova nada. Não fica provado de forma alguma, para além de qualquer dúvida razoável, de que foi a minha cliente que empunhou a faca que causou a morte de Christopher Olsen.

E, pronto, acabou. Tudo o que acontecer a partir de agora está fora do meu controlo.

Göran Leijon lança um olhar rapidíssimo aos jurados e volta-se para a galeria para declarar que a sessão está encerrada.

— O tribunal irá agora deliberar e a decisão será oportunamente comunicada.

Torno a afundar-me na cadeira. Tenho a sensação de estar pendurada num penhasco, num vazio de tempo e espaço, com os pés a pontapear desesperadamente.

Stella é levada pela porta para a cave, juntamente com Michael, para evitar ter de enfrentar a multidão de jornalistas e fotógrafos que se juntaram nos corredores do tribunal.

As pessoas que estão na galeria estão amontoadas, empurrando-se e murmurando, desejosas de sair. Entretanto, vou juntando as minhas coisas: a mala, o casaco, a écharpe.

Adam diz-me para me despachar. Não sei porque está com tanta pressa.

Quando me levanto, é como se todo o meu sangue se acumulasse nos pés. Não consigo sentir o corpo, a cabeça, os braços. Perco o equilíbrio e torno a sentar-me na cadeira.

Com a mão no peito, fico ali como se me tivesse arrependido a meio e concentro-me na respiração.

Adam dá-me a mão e ajuda-me a levantar. Conduz-me com ternura para fora da sala. Sinto as pernas pesadas; o ar está espesso. Percorremos o corredor, passando por todas as caras e vozes curiosas.

— Preciso de beber qualquer coisa fresca — digo, apontando para uma máquina automática que está num canto.

Procuro trocos na mala. Tenho a mão a tremer; remexo e torno a remexer. Tiro um pacote de pastilhas elásticas e alguns elásticos para o cabelo e atiro-os para o chão. A minha mão não pára de se mexer até tudo o que está dentro da minha mala estar a rodar como numa betoneira.

— Tem calma! — diz Adam, agarrando-me no braço.

Deixo cair a mala ao chão e fico parada à frente da máquina, perdida e a tremer. Adam dá-me duas moedas de dez coroas e apanha a mala do chão.

— O que é que aconteceu ali dentro, querida?

Sei que vou ter de explicar a Adam. Mas não sei se consigo.

— O tribunal vai deliberar — respondo, bebendo a água em pequenos goles.

— Quanto tempo vai demorar?

Olho para ele. O meu coração é uma enorme ferida a latejar. O que é que eu fiz à minha família?

— Não sei — respondo. — Tanto pode demorar cinco minutos como várias horas.

Adam olha em volta, confuso.

— Não percebo. Foi a Amina que...?

Ponho um dedo sobre os seus lábios.

— Amo-te — digo, dando-lhe a mão.

As palavras saem-me directamente no coração.

Adam e Stella são tudo para mim. Sei que eu e Stella somos tudo para ele.

— Também te amo — diz-me ele.

Dou-lhe a mão. Não, aperto-lha, abraço-a, agarro-me a ela.
Tenho de lhe contar.

Durante muito tempo tive medo de que Adam expusesse todo o plano. Nunca me autorizaria a levá-lo por diante, se soubesse o que estava a acontecer. Já tinha sido suficientemente estranho ele ter escondido a blusa ensanguentada e depois ter mentido à polícia sobre a hora a que Stella tinha chegado a casa. Não podia deixá-lo descobrir mais nenhum pormenor.

Ele tinha começado a desconfiar de Amina precisamente nesse sábado. Depois de termos almoçado em casa dos pais dela, tinha dado a entender que Amina estava a mentir sobre ter estado com Stella, na sexta-feira à noite. Tinha-me visto obrigada a desviar várias vezes a conversa.

Quando voltámos da esquadra para casa, no sábado à noite, demorei-me na rua a falar com Michael, que nos tinha dado boleia. Ele estava convencido de que Stella seria libertada em breve, mas eu tinha lido as mensagens do seu telemóvel e receava que a situação fosse um bocado mais complicada do que sabíamos. Enquanto esperávamos por mais informações, tentei dar a entender a Adam que Stella precisava de um álibi. Não podia dizer-lhe demasiado; ele não podia saber em circunstância alguma que eu sabia mais do que aquilo que dizia, mas sugeri-lhe que ele era a única pessoa que podia ilibar Stella, dizendo que ela tinha chegado a casa mais cedo do que na realidade o fizera. Claro que podia ter sido eu a mentir à polícia para dar um álibi a Stella. Mas teria muito

mais peso se fosse Adam a fazê-lo. Há alguém que se atreva a questionar a honestidade de um pastor que passou a vida inteira a advogar a verdade?

Além disso, preferia não ter de depor. Não seria nada de muito excepcional para mim mentir sob juramento, considerando tudo o que tinha feito; a minha honra profissional já deixou de existir. Ao mesmo tempo, era importante para mim assistir a todo o julgamento, mas na galeria. Queria ver tudo. Acho que tem que ver com a necessidade de controlar tudo.

Não consegui dormir, naquele sábado à noite; os pensamentos passavam-me pela cabeça como cavalos a galope, mas, ao fim de algumas horas, descobri que Adam dormia profundamente no sofá. Pestanejou algumas vezes, deixou cair a cabeça sobre o ombro, e eu fiquei absolutamente imóvel, sem fazer o mínimo som, até ele começar a risonhar em força.

Nessa altura, fui rapidamente em bicos de pés ao meu escritório e liguei para Amina. Ela estava agitada e quase não conseguia falar com coerência. Decidimos que tínhamos de nos encontrar o mais depressa possível e também que ela tinha de ligar a Adam, nessa mesma noite, a confessar que tinha mentido. Não podia continuar a dizer que tinha estado com Stella, na sexta-feira à noite.

Mas Adam não era fácil de enganar. Tinha tido sempre muito faro para mentiras e tinha a certeza de que Amina estava a esconder qualquer coisa.

Na quinta-feira a seguir ao crime, Amina voltou a telefonar-me. Até então, parecia que estava tudo a correr como esperávamos, mas, de repente, Amina começou a falar de uma forma muito nervosa e ofegante. Adam tinha ido ter com ela ao pavilhão desportivo, para tentar arrancar-lhe mais informações. Tinha a certeza de que ele sabia. Adam tinha conseguido descobrir que Stella e Amina estavam envolvidas na morte de Christopher Olsen.

Nunca fora minha intenção revelar a Adam que também estava acordada, quando Stella chegara a casa naquela noite, mas, perante o seu desespero crescente, apercebi-me de que era preciso fazer qualquer coisa. Também foi nessa altura que tive a ideia de me mudar para Estocolmo.

Adoro Adam. A nossa relação sempre foi, no mínimo, instável; desabou, fez sofrer, mas dizem que corpo doente dura para sempre. Duas pessoas que passaram por tudo aquilo por que passámos juntos, que saíram inteiras de uma tortura como a que tivemos, ficam unidas de uma forma que é difícil as outras pessoas entenderem.

Em Estocolmo, iríamos conseguir construir qualquer coisa a partir do zero. Ao mesmo tempo, a investigação preliminar estava a arrastar-se tanto que tinha de tirar Adam de Lund antes que acontecesse alguma catástrofe. Mas, apesar de acabar por ter de lhe confessar que tinha sido eu quem tinha feito desaparecer o telemóvel de Stella, apesar de ele ter percebido que tinha sido eu que me livrara da blusa ensanguentada, consegui que Adam levasse a sua mentira até ao fim e desse um álibi a Stella.

No momento em que descobri que Stella tinha deixado o telemóvel em casa, percebi que havia qualquer coisa de errado. Stella nunca se esquece do telemóvel. À medida que os minutos iam passando, eu ia ficando cada vez mais preocupada. Acabei por não ver outra saída senão ler as suas mensagens.

Li a última mensagem desesperada que Stella mandou a Amina, horrorizada. Por um breve momento, pensei em mostrá-la a Adam, mas percebi rapidamente que isso seria desastroso.

Estava sentada no sofá, com os olhos colados ao telemóvel de Stella, quando Michael ligou.

— Lamento muito, Ulrika, mas a Stella está detida na esquadra da polícia.

Foi um choque tornar a ouvir a sua voz ao fim de tantos anos.

— Ela disse que queria que eu fosse nomeado como seu advogado de defesa.

— O quê?

Fiquei desnorteada. Stella tinha pedido que Michael fosse o seu advogado?

— Ela sabe quem tu és? — perguntara-lhe quando ele nos levara a casa nessa noite.

— Claro que sim.

Era mesmo uma daquelas coisas típicas de Stella. Sabia que a minha relação com Michael não fora apenas profissional; tinha-nos ouvido a falar ao telefone, e era por isso que agora tinha pedido que ele fosse o seu advogado de defesa.

Não teria sido exactamente por ela *saber*? Por perceber que Michael ia quebrar a confidencialidade e envolver-me no caso?

Foi uma decisão angustiante deixar Stella abandonada numa cela na prisão, sem saber nada do que estava a passar-se. Sentia-me tão mal com isso que acabei por pedir a Michael que conseguisse autorização para eu a visitar, para poder explicar-lhe, mas Stella recusou-se, e não me atrevi a confiar em Michael a missão de a fazer compreender. Não havia outra saída. Para eu conseguir salvar Amina e Stella, era preciso o caso ir a tribunal. Era uma aposta terrivelmente arriscada. Arriscada para a minha filha e para a minha família.

No domingo à tarde, depois de a polícia ter revistado a nossa casa, Amina veio ter comigo. Adam estava a ser interrogado pela polícia, e, quando ele me ligou, demorei-me mais algum tempo, dizendo-lhe que os técnicos ainda estavam em nossa casa.

Depois de termos tomado a decisão, Amina foi buscar um saco de plástico que tinha escondido no blusão. Explicou-me que tinha

encontrado o saco num caixote do lixo no parque infantil, e percebi imediatamente o que estava lá dentro.

Metemo-nos no carro e fomos directamente para a pedreira de Dalby. Quando chegámos, parei e desliguei o carro numa pequena estrada de gravilha.

Olhei ansiosamente à minha volta antes de esvaziar o saco para o chão. Amina estava ao meu lado a fungar, enquanto eu desfazia o telemóvel de Christopher Olsen em mil bocados.

— O teu também — disse-lhe.

Ela olhou para mim, de olhos muito abertos, depois, deu-me o telemóvel, retirei o cartão SIM com os dedos em forma de aranha e também parti o seu telemóvel. Estava destroçada, mas não havia tempo para hesitações. Finalmente, eu sabia o que era importante, o que realmente tinha algum significado. E esta era a minha oportunidade de o provar.

Subi para o penhasco que se elevava acima da pedreira, fui até à beira, onde a parede de rocha mergulhava na água escura que, de tão imóvel, parecia um enorme buraco negro. Calcei umas luvas e atirei pelo precipício a faca que tinha matado Christopher Olsen. Descreveu uma curva enorme no ar até, por fim, o gume cortar a água silenciosa. O lago abriu-se e engoliu-a para sempre.

Adam dá um passo atrás e quase choca com a máquina automática.

— Tens consciência do que fizeste?

Sinto uma dor profunda. Naquele momento, arrependo-me de tudo. Não corro apenas o risco de perder a minha filha — também deixarei de contar com Adam.

— Fiz tudo isto por vocês. Pela minha família.

— E pela Amina?

Aceno com a cabeça.

— Mas não percebo. Eu mesmo vi que Linda Lokind tinha uns sapatos iguais aos da Stella. E ela seguiu-a naquela noite.

Bebo o resto da água, amachuco a garrafa e atiro-a para um caixote do lixo.

— Não foi Linda Lokind que matou Christopher Olsen. Tudo o que Linda disse quando andava a tentar avisar Stella era verdade. Olsen sujeitou-a a uma violência atroz.

Esforço-me por acentuar bem esta última parte. Talvez seja para convencer Adam de que fez o que estava certo. Talvez seja sobretudo para me convencer a mim própria.

Adam continua a parecer confuso.

— Então, e aquela história dos polacos?

— Os da pizaria? — confirmo, encolhendo os ombros. — Não tenho dúvidas de que são ladrões e contrabandistas, mas não

tiveram nada que ver com a morte de Olsen. A única coisa que queriam era que a pizzeria continuasse no prédio dele.

Adam abana a cabeça.

— Isto é uma loucura! — exclama. — Porque é que Amina não disse nada? Como é que a Stella conseguiu aguentar isto tudo?

Abro a boca, mas a minha voz desapareceu. Adam nunca me perdoará. Nunca conseguirá compreender.

— E tu? — acrescenta. — Tu, também?

Parece mais uma constatação do que outra coisa qualquer. Não há nenhum sinal de acusação na sua voz.

— O que é que uma pessoa não faz por um filho? — respondo.

Adam olha-me fixamente nos olhos. «Talvez», penso. «Afinal, talvez ele consiga compreender.»

— Amo-te — sussurro.

Sei, finalmente, que é verdade. Esta é a pessoa que eu sou. Amo Adam. Amo Stella. Amo a nossa família.

Depois, os altifalantes dão um estalido e somos chamados de novo para a sala de audiências número dois.

Eu e Adam estamos de mãos dadas. Os bancos da galeria estão praticamente vazios. Pelos vistos, muitos dos jornalistas acharam que a deliberação se arrastaria e foram-se embora. Outros devem ter pensado que não haveria nada de surpreendente, e que Stella ficaria presa até a sentença ser proferida mais tarde.

Está tão magra. O seu cabelo está escorrido e cheio de nós e o seu olhar é triste e vazio. Não olha para nós. Como todas as outras pessoas, está a olhar para o juiz presidente, Göran Leijon.

— O tribunal já deliberou — anuncia, olhando para os jurados. — Estamos prontos para anunciar o veredicto.

O meu coração pára. Já têm um veredicto? Ainda não passaram vinte minutos?

Adam aperta-me a mão com uma expressão confusa.

— Já decidiram?

Aceno com a cabeça e inclino-me para a frente.

A única coisa que existe no meu mundo é a voz de Göran Leijon. Não ouço tudo o que é dito, mas apanho as partes mais importantes. As palavras essenciais conseguem atravessar o burburinho na minha cabeça e atingir-me como uma bofetada na cara.

Não consigo mexer-me. É como se o meu cérebro estivesse a registar a informação, mas sem querer aceitá-la.

Passado um momento, volto-me para Adam, que está de olhos fixos no chão.

Não é verdade. Não consigo acreditar que seja verdade.

— Stella Sandell é ilibada de todas as acusações, consequentemente, o tribunal põe fim à sua prisão preventiva.

Ouve-se um burburinho na sala de audiências. A minha cabeça está um caos. É mesmo verdade?

— O que é que aconteceu? — pergunta Adam.

Olha-me com uns olhos enormes.

— A Stella foi ilibada de todas as acusações. — Só quando o digo em voz alta é que tenho consciência do que significa. — A Stella está livre!

Entretanto, Michael levantou-se para abraçar Stella. As pessoas da galeria começam a movimentar-se. De repente, toda a gente tem pressa. Um guarda corpulento incha o peito e prepara os seus olhos de águia. Só agora é que todas as partes do meu cérebro conseguem finalmente aceitar que o que está a acontecer é real.

— Stella! — grito, abrindo caminho à força por entre as cadeiras, passando sob o olhar duro do guarda e afastando Michael, que ri e chora ao mesmo tempo.

Como se se tivesse erguido uma ponte sobre todo o horror que aconteceu, por entre um túnel brilhante e cheio de luz, atiro-me para os braços de Stella.

Atrás de nós, ouço a voz espantada de Adam.

— É mesmo a sério? O que aconteceu?

— As provas não foram consistentes — diz Michael, com tanto orgulho na voz que parece que isso se deve sobretudo a ele. — Depois do seu depoimento e do de Amina, ficaram no ar demasiadas dúvidas. Foram obrigados a libertar Stella.

Adam olha longamente para Michael.

— Peço desculpa por ter questionado os seus métodos, mas não sabia o que estava a acontecer — diz-lhe. — Agora, compreendi tudo o que fez pela minha família.

Michael parece ter ficado sem palavras. Acena com a cabeça para Adam, depois, quando olha de relance para mim, vislumbro um sorriso no seu rosto. Dir-se-ia que tem prazer em fazer isto. Será por isso que continua a fazê-lo?

— Desculpa, Stella — digo, afastando-lhe uma madeira do rosto pálido.

— Desculpo o quê?

— Isto. Tudo.

Stella fica a olhar para mim durante muito tempo.

A minha menina. Fico colada ao seu corpo a tremer como um penso rápido; nunca mais quero desprender-me dela. Sinto o seu coração a bater no meu peito e a ansiedade dos nossos olhos acalma-se, fica em paz.

— Mamã — murmura.

Não interessa se tem dezoito anos ou quatro semanas. Será para sempre a minha menina.

Faria tudo por ela.

— Gosto muito de ti, mamã.

Tento responder, mas as palavras ficam presas na minha garganta. Num nó de emoções. Tantos anos de ternura acumulados formam uma barragem na minha garganta. E, quando ela rebenta, é como se todo o meu corpo se transformasse em líquido.

O tempo não existe; o espaço não tem significado. Fluímos juntas por toda a eternidade, eu e a minha menina. Inclina-se para mim, devagar, e segreda-me ao ouvido.

— Escolhi um bom advogado, não achas?

O meu corpo fica tenso. Quando Stella se afasta, vejo-me nos seus olhos. Depois, volta-se para o pai.

Adam parece um farrapo. Parece que se quebrou qualquer coisa de fundamental.

Desiludi-o muitas vezes. Se ele descobrisse que tive um caso com Michael... Essa ferida eu nunca conseguiria sarar nele.

Michael torna a sorrir para mim. Volto-me para Stella.

— Obrigada — sussurra ao pai.

Adam está a chorar como uma criança. Está a deixar sair tudo, sem qualquer inibição, de peito aberto.

Stella estende a mão para lhe tocar. Adam vê a mão mover-se, vê os dedos a esticar-se e a pousar na sua pele. Os pêlos do braço de Adam ficam todos em pé.

— Agora, sentes-te bem com isto? — pergunta-lhe Stella.

Epílogo

Depois de ter tocado à campainha da casa de Chris e ter encostado o ouvido à porta, corri escada abaixo. Peguei na bicicleta e andei pelas redondezas, sem destino, a tentar perceber o que tinha acontecido. Seria possível que Linda Lokind não me tivesse seguido e fosse tudo imaginação minha? Estaria a ficar doida?

Sempre fui diferente e nunca me vi reflectida noutras pessoas. Mas se o meu caminho estivesse destinado desde sempre: uma psicose à espera de rebentar?

Depois de algumas voltas ao acaso, estacionei a bicicleta ao pé de Polhem e sentei-me num banco. Tinha as pernas a tremer e sentia o coração a latejar-me nas têmporas. Não podia ir-me embora para casa e deixar Amina.

Li a sua mensagem pela centésima vez.

Tá tudo bem. Tou a dormir. Vemo-nos amanhã. <3

Podia aceitar o coração no fim. Mas pontuação num SMS? Não, era impossível. Revi freneticamente os milhares de mensagens que tínhamos trocado e fiquei com a certeza absoluta de que Amina nunca tinha acabado uma mensagem com um ponto final. A mensagem não tinha sido escrita por ela.

Devia ter sido Chris. Estava a recusar-se a atender as minhas chamadas ou a responder às minhas mensagens. Seria possível que Linda Lokind tivesse dito sempre a verdade? E se Chris estava a prender Amina? Ou pior ainda...?

Andei de um lado para o outro da rua, impaciente, fui ao pátio da escola, depois até à rotunda e voltei para trás. Fui ao longo dos arbustos até ao prédio onde Chris vivia. Olhei para a sua janela, mas reparei numa figura sombria na janela ao lado e tornei a correr para a escola. Sempre que parava, me sentava ou me encostava a uma árvore, voltava a ter aquela sensação terrível, como se andassem pequenos insectos a rastejar-me pela pele e os músculos contorciam-se e obrigavam-me a continuar.

Quando o silêncio se quebrou, eu ia a meio caminho entre o pátio da escola e o parque infantil, a cinquenta metros da casa de Chris. E, do nada, a noite encheu-se de passos cambaleantes e gritos abafados contra o asfalto.

Ela vinha a correr pelo meio da rua. A blusa estava puxada para baixo num ombro e o cabelo estava todo emaranhado como um anel negro caído à volta do pescoço. Os seus olhos tinham aquela expressão de guerreira. No campo de andebol, as pessoas costumavam compará-la com um *pitbull*.

— Amina! — gritei.

Quase não conseguia respirar; olhou por cima do ombro e a sua boca formou um grito mudo.

Nesse momento, Chris apareceu na esquina a correr atrás dela. Com uma mão na cara e a outra em movimento ao seu lado, como um corredor.

Vinha a persegui-la.

— Corre! — gritou-me Amina.

Mas os meus pés ficaram presos ao asfalto. Amina alcançou-me e vi a sua cara contorcer-se.

— Foge!

Tentei descobrir um caminho por onde fugir, porque Chris estava cada vez mais perto de mim.

Quando me voltei, vi a faca. Um pequeno movimento da mão de Amina fez a lâmina brilhar sob a luz dos candeeiros da rua.

Os pés de Chris continuavam a ecoar no asfalto.

— Anda! — gritei, arrastando Amina comigo.

Contornámos a sebe e entrámos na escuridão do parque infantil. A gravilha crepitava sob os nossos pés. Amina tremia e arfava, sem conseguir respirar. Cheirava a suor e a adrenalina e a outra coisa qualquer, um cheiro forte. Pimenta?

— O que se passa?

Amina não respondeu. O seu olhar parecia tapado por um nevoeiro denso. Abanei-a, tentei que fizesse qualquer coisa, mas Amina estava completamente fora de si.

Agarrei-a pelo pulso e obriguei-a a olhar para mim.

— O que é que ele te fez?

A sua boca abriu-se, e os lábios tremeram como se fosse um peixe.

— Desculpa... — gaguejou. — Quebrei o nosso acordo.

— Mas o que é que ele te fez, Amina?

— Ele... ele...

Os passos aproximavam-se. Daí a poucos segundos, estaríamos frente-a-frente com Chris.

— Ele violou-me.

A voz de Amina foi como um pontapé na minha barriga.

— Ele violou-te?

No momento seguinte, Chris contornou a esquina e apareceu à nossa frente. Estava a poucos metros de nós. Escorregou, parou e ficou ali com uma mão a tapar um olho.

Recuei. Dois passos rápidos. Tinha soltado Amina, mas partira do princípio de que ela vinha atrás de mim.

O meu corpo ficou tenso e a minha pele retesada, quase à beira de estalar. Devia ter ficado com medo, devia ter ficado aterrorizada, mas, em vez disso, todas as células do meu corpo estavam crivadas

de fúria. Odiava-o. Odiava tanto Chris Olsen que quase enlouquecia.

Estava a ser obrigada a reviver vezes sem conta a minha própria violação: a pressão na garganta, o peso em cima do meu corpo e a dor ardente quando ele me penetrou à força.

Como é que eu podia ter deixado que acontecesse o mesmo a Amina? Se, ao menos, tivesse dado ouvidos a Linda.

Chris Olsen arfava e gritava. Fez uma cara horrível e esfregou os olhos com as costas da mão. Olhei para Amina e percebi que ela não tinha vindo atrás de mim. Em vez disso, tinha dado um passo em direcção a Chris. A faca estava a tremer, ameaçadora, na mão hesitante que ela erguera sobre ele.

— As pessoas como tu não merecem viver — silvou entredentes.

— Chega — disse Chris.

Na sua voz não havia arrependimento nem medo. No seu olhar não havia qualquer expressão.

— Pára, Amina.

Agora, era a minha voz.

Não sei se ela me ouviu. Estava num outro mundo, onde só ela e Chris existiam. Ela e o seu violador. E a faca a tremer na sua mão.

— Desaparece daqui! — gritou-lhe Amina.

Chris ficou a olhar para ela.

— Desaparece daqui, porra!

Aproximei-me dela. O gume afiado da faca estremeceu no ar, mesmo ao meu lado. O ódio que crescia dentro de mim enrolava-se como uma cobra sobre si próprio, um punho cerrado prestes a saltar.

Vi a devastação nos olhos de Amina e soube que a culpa era minha, só minha. Se, ao menos, eu tivesse dado ouvidos aos avisos de Linda Lokind. Como podia ter sido tão cega?

E, nesse momento, Chris Olsen deu uma gargalhada.

Olhei para a minha melhor amiga e tirei-lhe a faca da mão.

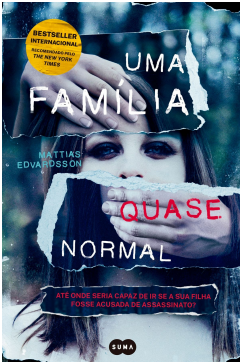
Agradecimentos

Agradeço ao pastor Markus von Martens, que não só me deu uma esposa, como também leu o manuscrito. Agradeço a Birgitta Ekstrand e a Monika Wieser pelos seus valiosos contributos. E também a Zackarias Ekman por ser tão brilhante e ter um conhecimento tão grande das leis. Agradeço a todas as pessoas do Bokförlaget Forum e do Bonnierförlagen. Agradeço a Astri, Christine, Kaisa e Marite Kajsa da Ahlander Agency. É uma honra trabalhar convosco. São todas estrelas brilhantes. Obrigado, Karin e Peter da Kult PR.

Estou imensamente grato a todas as pessoas da Celadon Books. É um enorme prazer trabalhar com a vossa maravilhosa equipa! E agradeço a Vicki da Pan Macmillan! Graças a vocês, este livro ficou ainda melhor.

Sem o meu editor, John Häggblom, este romance não seria o que é. Quero expressar a minha gratidão pela sua minúcia e sabedoria e por ter acreditado em mim desde o princípio. Sem Karin Linge Nordh da minha editora na Suécia, tudo teria sido pior. Muito obrigado por tudo. Sem a minha agente, Astri Ahlander, provavelmente este livro não existiria. Sinto-me tão feliz e grato por tudo o que ela fez por mim. Sem Kajsa, Ellen e Tove, nada disto teria valido a pena.

Uma família quase normal



Stella é uma adolescente comum, de uma família honesta. O pai, Adam, é pastor da Igreja da Suécia, respeitado e de uma moral irrepreensível, casado com Ulrika, advogada de defesa. Os Sandell são a família perfeita, até que Stella é acusada do assassinato brutal de um homem muito mais velho, Christopher Olsen. Mas que motivo poderia ela ter para conhecer um homem de negócios obscuro, quanto mais para o matar? Tudo não deve passar de um erro terrível.

Neste emocionante thriller, o magistral contador de histórias Mattias Edvardsson arquitecta uma teia na qual todos se envolvem e nada é o que parece. A história de um crime e a destruição de uma família é contada através de uma estrutura incomum de três partes que mantém o leitor a questionar tudo e todos. Tudo é virado do avesso à medida que a perspectiva muda, uma nova voz assume o controlo e novas sombras são lançadas na luz.

Mattias Edvardsson é escritor e professor na Suécia. O seu romance de suspense psicológico, Uma família quase normal, vai ser publicado em mais de 30 línguas e é um grande sucesso de vendas e da crítica em todos os países onde já foi publicado.

Edição em digital: janeiro de 2020

Título original: *En helt vanlig familj*

Publicado originalmente na Suécia, em 2018, por Forum

Copyright © Mattias Edvardsson 2018

Publicado por acordo com Ahlander Agency

Esta edição foi feita a partir da tradução em inglês,

A Nearly Normal Family, 2019, Celadon Books, Nova Iorque

© 2019 por Rachel Willson-Broyles

Todos os direitos reservados

© 2020, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

www.gostodeler.pt

Tradução: Carmo Figueira

Revisão: Isabel Andrade

Capa: Pedro Aires Pinto

ISBN: 978-989-665-980-6

Composição digital: leerendigital.com

Suma de Letras Portugal é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de

gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

Uma família quase normal

Prólogo

PRIMEIRA PARTE. O PAI

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41

SEGUNDA PARTE. A FILHA

Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

TERCEIRA PARTE. A MÃE

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Epílogo

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Mattias Edvardsson

Créditos